

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ANTONINO LIBERAL

ΜΕΤΑΜΟΡΦΟΣΕΣ
(ΜΕΤΑΜΟΡΦΩΣΕΩΝ
ΣΥΝΑΓΩΓΗ)

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO
REINA MARISOL TROCA PEREIRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

Apresentação: Esta série procura apresentar em língua portuguesa obras de autores gregos, latinos e neolatinos, em tradução feita diretamente a partir da língua original. Além da tradução, todos os volumes são também caracterizados por conterem estudos introdutórios, bibliografia crítica e notas. Reforça-se, assim, a originalidade científica e o alcance da série, cumprindo o duplo objetivo de tornar acessíveis textos clássicos, medievais e renascentistas a leitores que não dominam as línguas antigas em que foram escritos. Também do ponto de vista da reflexão académica, a coleção se reveste no panorama lusófono de particular importância, pois proporciona contributos originais numa área de investigação científica fundamental no universo geral do conhecimento e divulgação do património literário da Humanidade.

Breve nota curricular sobre o autor da tradução

2014 – Agregação em Estudos Clássicos, Universidade de Coimbra (UC); 2013 – Pós-Doutoramento em Estudos Clássicos, Universidade de Coimbra; 2013 – 2º Doutoramento, em Estudos Clássicos. Especialidade: Literatura Grega, Universidade de Coimbra; 2003 - Doutoramento em Letras (Linguística), Universidade da Beira Interior; 2000 – Mestrado em Literatura Clássica, Universidade de Coimbra; 1997 – Licenciatura em Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesa, Universidade de Coimbra. Professora Auxiliar com Agregação, na Universidade da Beira Interior (Disciplinas de Licenciatura, Mestrado e Doutoramento, nas áreas de Cultura Clássica; Literatura; Teoria da Literatura e Linguística). 2003 - presente – Orientação de teses de Licenciatura, Mestrado e Doutoramento. 2006 - presente: Direção de Cursos de Licenciatura, Mestrado e Membro de Comissões Científicas de Cursos. Membro do Centro de Investigação CECH (Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra). 1998 - presente: Traduções publicadas (Grego-Português, Latim-Português) e artigos em publicações nacionais e internacionais com avaliação de pares.

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ESTRUTURAS EDITORIAIS
SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ISSN: 2183-220X

DIRETORAS PRINCIPAIS
MAIN EDITORS

Carmen Leal Soares

Universidade de Coimbra

Maria de Fátima Silva

Universidade de Coimbra

ASSISTENTES EDITORIAIS
EDITORIAL ASSISTANTS

Pedro Gomes, Nelson Ferreira

Universidade de Coimbra

COMISSÃO CIENTÍFICA
EDITORIAL BOARD

Adriane Duarte

Universidade de São Paulo

Frederico Lourenço

Universidade de Coimbra

Aurelio Pérez Jiménez

Universidad de Málaga

Joaquim Pinheiro

Universidade da Madeira

Graciela Zeccin

Universidade de La Plata

Lucía Rodríguez-Noriega Guillen

Universidade de Oviedo

Fernanda Brasete

Universidade de Aveiro

Jorge Deserto

Universidade do Porto

Fernando Brandão dos Santos

UNESP, Campus de Araraquara

Maria José García Soler

Universidade do País Basco

Francesc Casadesús Bordoy

Universitat de les Illes Balears

Susana Marques Pereira

Universidade de Coimbra

TODOS OS VOLUMES DESTA SÉRIE SÃO SUBMETIDOS
A ARBITRAGEM CIENTÍFICA INDEPENDENTE.

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ANTONINO LIBERAL

METAMORFOSES
(ΜΕΤΑΜΟΡΦΩΣΕΩΝ
ΣΥΝΑΓΩΓΗ)

TRADUÇÃO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO

REINA MARISOL TROCA PEREIRA

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

TÍTULO TITLE

Metamorfoses (Μεταμορφώσεων Συναγωγή)

Antoninus Liberalis (Μεταμορφώσεων Συναγωγή)

AUTOR AUTHOR

Antonino Liberal Antoninus Liberalis

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO

TRANSLATION FROM THE GREEK, INTRODUCTION AND COMMENTARY

Reina Marisol Troca Pereira

EDITORES PUBLISHERS

Imprensa da Universidade de Coimbra Annablume Editora * Comunicação
Coimbra University Press

www.uc.pt/imprensa_uc

www.annablume.com.br

Contacto CONTACT

imprensa@uc.pt

Contato CONTACT

@annablume.com.br

Vendas online Online Sales

<http://livrariadaimprensa.uc.pt>

Coordenação Editorial Editorial Coordination

Imprensa da Universidade de Coimbra

Conceção Gráfica Graphics

Rodolfo Lopes, Nelson Ferreira

Infografia Infographics

Nelson Ferreira

Impressão e Acabamento Printed by

Simões e Linhares, Lda.

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E INOVAÇÃO



POCI/2010

Obra publicada no âmbito do projeto
- UID/ELT/00196/2013.

ISSN

2183-220X

ISBN

978-989-26-1430-4

ISBN Digital

978-989-26-1431-1

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-1431-1>

Depósito Legal Legal Deposit

© Junho 2017

Annablume Editora * São Paulo
Imprensa da Universidade de Coimbra
Classica Digitalia Vniversitatis
Conimbrigensis
<http://classicadigitalia.uc.pt>
Centro de Estudos Clássicos e
Humanísticos da Universidade de
Coimbra

Trabalho publicado ao abrigo da Licença This work is licensed under

Creative Commons CC-BY (<http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/pt/legalcode>)

ANTONINO LIBERAL ANTONINVS LIBERALIS

METAMORFOSES (ΜΕΤΑΜΟΡΦΩΣΕΩΝ ΣΥΝΑΓΩΓΗ)

METAMORPHOSES (ΜΕΤΑΜΟΡΦΩΣΕΩΝ ΣΥΝΑΓΩΓΗ)

TRADUÇÃO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO POR

TRANSLATION, INTRODUCTION AND COMMENTARY BY

Reina Marisol Troca Pereira

FILIAÇÃO AFFILIATION

Universidade da Beira Interior, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos
University of Beira Interior, Centre for Classical and Humanistic Studies

RESUMO

A presente obra de Antonino Liberal, espécime único deste autor grego tardio, segue o expediente tradicional das metamorfoses. Em grego simples, os quarenta e um pequenos episódios mitológicos inscrevem-se numa tendência pragmática imposta a uma literatura que supostamente se pretenderia condensada, imediatista e de leitura rápida. Pese embora a singeleza estilística, se algum material disponibilizado pelo autor segue uma vetusta tradição mitológica, noutros pontos, Antonino inova e introduz o seu génio criativo, considerando o acervo literário da Antiguidade Clássica que subsistiu até à atualidade. As pequenas renovações imprimidas ganhariam fulgor em épocas posteriores, que, para nosso contentamento, não votariam o nome do autor ao esquecimento.

PALAVRAS-CHAVE

metamorfoses; mitologia; divindades clássicas; faltas; justiça/castigo; *exempla*

ABSTRACT

This work of Antoninus Liberalis, single specimen of this Greek poet of the Late Antiquity, follows the traditional expedient of metamorphoses. In simple Greek, the forty one small mythological episodes are a pragmatic trend imposed on a literature that is supposed to preclude immediate, condensing and quick read. Despite the stylistic simplicity, if any material provided by the author follows an old mythological tradition, Antoninus innovates and introduces his creative genius, considering the literary collection of classical antiquity that survived to the present day. The small originalities introduced would glow in later times, which, to our delight, wouldn't let fall the author name in oblivion.

KEYWORDS

metamorphoses; mythology; classical divinities; crimes; justice/punishment; *exempla*

AUTORA

2014 – Agregação em Estudos Clássicos, Universidade de Coimbra (UC);
2013 – Pós-Doutoramento em Estudos Clássicos, Universidade de Coimbra;
2013 – 2º Doutoramento, em Estudos Clássicos. Especialidade: Literatura Grega, Universidade de Coimbra; 2003 - Doutoramento em Letras (Linguística), Universidade da Beira Interior; 2000 – Mestrado em Literatura Clássica, Universidade de Coimbra; 1997 – Licenciatura em Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesa, Universidade de Coimbra. Professora Auxiliar com Agregação, na Universidade da Beira Interior (Disciplinas de Licenciatura, Mestrado e Doutoramento, nas áreas de Cultura Clássica; Literatura; Teoria da Literatura e Linguística). 2003 - presente – Orientação de teses de Licenciatura, Mestrado e Doutoramento. 2006 - presente: Direção de Cursos de Licenciatura, Mestrado e Membro de Comissões Científicas de Cursos. Membro do Centro de Investigação CECH (Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra). 1998 - presente: Traduções publicadas (Grego-Português, Latim-Português) e artigos em publicações nacionais e internacionais com avaliação de pares.

AUTHOR

2014 – Aggregation in Classical Studies, University of Coimbra (UC);
2013 - Post-Doctoral Degree in Classical Studies, University of Coimbra;
2013 - 2nd Ph.D. in Classical Studies. Speciality: Greek Literature, University of Coimbra; 2003 - Ph.D. in Letters (Linguistics), University of Beira Interior; 2000 – M.A. in Classical Literature, University of Coimbra; 1997 – B.A. in Classical and Portuguese Languages and Literatures, University of Coimbra. Auxiliary Professor with Aggregation at the University of Beira Interior (teaching disciplines of B.A., M.A. and Ph.D. courses, concerning the areas of Classical Culture; Literature; Theory of Literature and Linguistics). 2003-present - Advisor on undergraduate student theses in B.A., M.A. and Ph.D. courses. 2006-present: Director of B.A. and M.A. Courses and Member of Scientific Commissions. Member of the Investigation Center CECH (Center of Classical and Humanistic Studies of the University of Coimbra). 1998-present: Published translations (Greek-Portuguese, Latin-Portuguese) and research publications in national and international peer-reviewed publications.

SUMÁRIO

NOTA DE AGRADECIMENTO	9
ANTONINO LIBERAL	
A. Referências Biográficas	11
B. Coleção de Metamorfoses (Μεταμορφώσεων Συναγωγή)	16
. Cod. <i>Pal. Graec.</i> 398	20
. Edições	22
C. Cabeçalhos de Fontes	24
D. Estilo	28
E. Metamorfoses	30
. Origem de cultos	33
. Origem de manifestações naturais	36
. Geografia	46
. Resistências	56
F. Linhas Temáticas	58
. Afetos	61
. Ira Divina	68
. <i>Topoi</i> diversos	73
ANTONINO LIBERAL, <i>METAMORFOSES</i>	77
BIBLIOGRAFIA	201
INDEX NOMINVM	237

Parentibus meis optimis

οὐδὲν ἄρα οὔτε ἔστιν οὔτε γίγνεται οὔτε ἀπὸ τύχης οὔθ' ὀπότερ' ἔτυχεν, οὐδ' ἔσται ἢ οὐκ ἔσται, ἀλλ' ἐξ ἀνάγκης ἅπαντα καὶ οὐχ ὀπότερ' ἔτυχεν.

“Nada existe ou sucede por acidente, tanto no presente como no futuro, e não há alternativas: tudo ocorre a partir da necessidade e está determinado.”

(Arist. *Int.* 9)

NOTA DE AGRADECIMENTO

Servem estas linhas para gravar o devido reconhecimento a todos quantos, no âmbito do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, inspiraram, aconselharam e avaliaram o presente trabalho.

A corrente obra reflete sobre Antonino Liberal, um autor clássico tardio, cujo texto restante, espécime único, segue um expediente tradicional - o das metamorfoses. Em grego simples, os pequenos episódios mitológicos inscrevem-se numa tendência pragmática imposta a uma literatura que supostamente se pretenderia condensada, imediatista e de leitura rápida. Pese embora a singeleza estilística, se algum material disponibilizado pelo autor segue uma vetusta tradição mitológica, noutros pontos o literato inova e introduz o seu génio criativo, considerando o acervo literário que subsistiu até à atualidade. As pequenas renovações imprimidas ganhariam fulgor em épocas posteriores, que não votariam o nome do autor ao esquecimento.

O apontamento contextualizador que de imediato se apresenta procura filtrar os dados possíveis de uma caterva de especulações em redor do núbio escritor e da sua obra. Seguidamente, a tradução de *Metamorfoses* de Antonino Liberal anotada, com introdução e bibliografia vem colmatar um vazio que importava preencher.

Agradece-se aos leitores pela seleção da obra, desejando-se momentos de reflexão, esclarecimento e lazer.

Coimbra, 18 de abril de 2016

(Página deixada propositadamente em branco)

ANTONINO LIBERAL

A. REFERÊNCIAS BIOGRÁFICAS

Ilustre desconhecido, M. Antonino Liberal deixa escassa informação a seu respeito. Contrariamente ao que uma dedução superficial poderia suscitar nos primeiros instantes, a designação ‘Antoninus Liberalis’ nomeia um autor de literatura grega.

Malogradamente, não é citado por nenhum escritor seu contemporâneo. Face a uma biografia de contornos incertos, posiciona-se este *rhetor latinus et mythographus graecus*, “retórico latino e mitógrafo grego” (Saxius 1775: 308), entre 100 d.C. e 300 d.C., com maior probabilidade para os séculos II/III d.C. Quaisquer outros dados de cariz vivencial são meramente especulativos.

Desde logo, o antropónimo encontrava-se envolto em dúvidas, variando entre ‘Antonius’ e ‘Antoninus’, ambas as formas correntes na época dos Cláudios (27 a.C. - 68 d.C.)¹, dos Antoninos (138-193 d.C.)² ou mesmo dos Severos (193-235 d.C.). Com efeito, são diversos os indivíduos com o nome de Antonino arrolados de forma absurda (*Magis etiam ridiculum est*) por diversos autores, conforme manifesta Koch (1832:

¹ Cf. *temporum Claudianorum* (Hironym. p. 262. Cf. Saxius 1775: 308 - *apud Hieron, in Chron. Euseb. ad olymp. CCVI, p. 160*). De forma similar, Koch estima que Antonino vivera na época do Imperador Cláudio ou sob o governo de Nero (LV): *Claudius Imperator (circa eius aetatem Antoninus Liberalis floruisse existimatur)*.

² Cf. Saxius 1775: 308-309. O comentador em causa data as narrativas da época de Antonino Pio (*ad tempora Antonini Pii imp. eumque Antoninorum sive Pii sive Marci libertum fuisse credidit.*).

XVI). Na generalidade, uns (e.g. Maussaco) falam de Antonino como autor do opúsculo *Sobre os Rios*, que costuma atribuir-se a Plutarco; outros mencionam Antoninum Aebutio Liberali; Fabrício (*Bibl. Graec.* t. IV) refere M. Arrius Antoninus, a quem Séneca deixou os seus *de Beneficiis*; Heumanno (*apud Fabricium*) alude a Antonino, para o qual restam três epístolas de Plínio (4.3, 18; 5.10). Importa, pois, considerar M. Arrius Antoninus, avô materno de Antonino Pio. Saxius, por seu turno, fala de um autor do tempo do imperador Antonino Pio, c. 147 d.C.: *Marcus libertus*. Quanto à tradução de Jerónimo respeitante a *Eusebii Chronicon* CCVI Olymp. 50.VIII, considera Antonino Liberal por ocasião da ducentésima sexta Olimpíada (45 d.C.). Com efeito, recorda um tal António Liberal, desafeto (cf. ano de 48 d.C.) de Palémon³, seu rival e insigne gramático, que existia em Roma (*f Palaemon Vicetinus insignis grammaticus Romae habetur*)⁴: *g Marcus Antonius Liberalis Latinus rhetor grauissimas*

³ Vd. outrossim, neste sentido, a informação remanescente numa fonte do século I/II - Suet. *Rhet.* 14, que remata a mesma inscrição com a nota temporal (*a. 801. 802*). Considerando que as datas em apreço correspondem a uma contagem *ab Vrbe condita*, retirando os 753 anos da fundação, chega-se a 43/42 d.C.

⁴ Acerca do gramático Palémon, vd. Suet. *Gram.* 23, com uma descrição do seu processo de instrução, ainda na qualidade de escravo doméstico de uma mulher, e observações críticas e nada abonatórias, respeitantes ao seu carácter: *Q. Remmius Palaemon, Vicetinus, mulieris verna, primo, ut ferunt, traxit, deinde herilem filium dum comitatur in scholam, litteras didicit. Postea manumissus docuit Romae ac principem locum inter grammaticos tenuit, quanquam infamis omnibus vitiis, palamque et Tiberio et mox Claudio praeidicantibus, nemini minus institutionem puerorum vel inuenum committendam. Sed capiebat homines cum memoria rerum, tum facilitate sermonis; nec non etiam poemata faciebat ex tempore. Scripsit vero variis, nec vulgaribus metris. Arrogantia fuit tanta, ut M. Varronem porcum appellaret; secum et natas et morituras litteras iactaret; nomen suum in Bucolicis non temere positum, sed praesagante Virgilio, fore quandoque omnium poetarum ac poematum Palaemonem iudicem. Gloriabatur etiam, latrones quondam sibi propter nominis celebritatem parsisse. Luxuriae ita indulisit, ut saepius in die lavaret, nec sufficeret sumptibus, quanquam ex*

inimicitias cum Palaemone exercet. Contudo, tais informações têm gerado discussão. Autores vários (Bast – Berkelius – Gale – Koch – Munckerus – Verheyk 1832: XV) reiteram estas

schola quadringena annua caperet, ac non multo minus ex re familiari; cuius diligentissimus erat, cum et officinas promercalium vestium exerceret, et agros adeo coleret, ut vitem manu eins insitam satis constet CCCLX uvas edidisse. Sed maxime flagrabat libidinibus in mulieres, usque ad infamiam oris; dicto quoque non infaceto notatum fernut cuiusdam, qui cum in turba osculum sibi ingerentem quanquam refugiens devitare non posset. Vis tu, inquit, magister, quotiens festinantem aliquem vides, abligurire? “Quinto Rémio Palémon, de Vicécia era escravo doméstico de uma mulher. Diz-se que, primeiramente, se aplicou no comércio do tear; depois recebeu instrução quando acompanhava o filho do senhor na escola. De seguida, foi libertado e tornou-se professor em Roma, onde conservava um grande estatuto entre os gramáticos, não obstante ser reconhecido por toda a espécie de vícios, e Tibério, assim como mais tarde Cláudio, afirmarem não existir ninguém menos confiável para a educação de crianças ou de jovens. Contudo, ele cativava os homens com a sua memória, assim como pela prontidão do seu discurso, pois também fazia poemas de improviso. Escrevia, de igual maneira, em diversos metros invulgares. Era de tal modo presunçoso, que designava Marco Varrão de porco; dizia que as letras haviam nascido consigo e iriam morrer com ele; e que não era um acaso o seu nome surgir nas *Bucólicas* [3.50], mas Virgílio previa que um dia Palémon haveria de julgar todos os poetas e poemas. Também apregoava que os ladrões o tinham poupado devido à fama do seu nome. Assim, entregou-se a uma vida de luxúria, tomando banho várias vezes ao dia. Não conseguia sustentar-se com o que auferia, embora recebesse quatrocentos mil sestércios por ano da sua escola e quase outro tanto da sua propriedade privada. Neste último domínio, foi muito diligente, mantendo lojas para a venda de trajes feitos, e cultivava os seus campos com tal esmero, que era comum dizer-se que o vinho que ele próprio fazia continha trezentos e sessenta bagos de uva. Contudo, era particularmente conhecido por comportamentos dissolutos com mulheres, que ele conduzia até ao cúmulo da profanação da sua boca. Conta-se que ele foi criticado por uma afirmação humorística de um homem que o encontrou numa multidão e que, não conseguindo evitar o seu ósculo, por mais que tentasse, gritou: “Mestre, desejas lamber rapidamente toda a gente que vês?” Cf., consequentemente, sexo oral e a prática de *cunnilingus* (Juv. 9.35; Sen. *Nat.* 1.16.47; Mart. 7.67.1317; Catul. 16). Vd. Suet. *Tib.* 45: *ligurire*. Proeminente e controverso professor (cf. Juv. 6.452-455), Palémon terá ensinado Quintiliano. Cf Beck 1927: 728-730; Simcox 1883: X.

informações - designadamente, que Antonino Liberal era um retórico/gramático latino (*rhetorem Latinum*); que detinha ocupação similar à de Palémon (*Palaemonis aemulum*); que constava numa obra perdida de Suetónio (*in libri de claris rhetoribus parte deperdita Suetonis, ut ex indice capitum residuo videmus*); que Jerónimo (2064) o situava no governo de Cláudio (*sub Claudii imperatoribus floruisse dicit S. Hieronymus*)⁵. Porém, quais as causas de tamanha animosidade; seria Antonino Liberal um professor a exercer em Roma Antiga; por que razão não redigiu a sua obra em latim - eis apenas algumas questões no imediato. De facto, Koch recupera críticos anteriores, designadamente Vóssio, à semelhança de Scaligero, entre outros⁶, ao afirmar que o referido António Liberal que mantinha uma rivalidade assumida com Palémon pudesse tratar-se de um outro sujeito com o mesmo nome do mitógrafo ora em apreço (Koch 1832: XV - *alii Antonium, alii Antoninum eum*

⁵ Cf. Suet. *Rhet.* 6: *Hieronimus numero MMLXIV in anno Claudii nono: M. Antonius Liberalis Latinus Rhetor, grauissimas inimicitias cum Palaemone exercet. Cur non possit hic ille esse, cuius hodie exstat Μεταμορφώσεων συναγωγή, causam equidem uideo nullam.* Vd. Vóssio 1838: 893.

⁶ Cf. Gale-Scott (ed.) 1675: 55-56: *Scaligero. Movet me, quod hic Antoninus, ille Antonius dictus; hic Graece scripserit neque nisi Graecos citet scriptores, ille Latinus fuisse rhetor disertim ab Hieronymo ex Suetonio dicitur*”. *Saxius Onom.* 308: *Nam quum nonnulli eundem esse opinatur atque M. Antoninum Liberalem, rhetorem temporum Claudianorum, apud Hieronym. In Chron. Euseb. Ad Olymp. CCVI pag. 160 ad discrimen, quod interest inter Antonium et Antoninum, item rhetorem Latinum et mythographum Graecum, animum advertisse non videntur.* “Segundo Scaligero. Perturba-me que este Antonino, dito António, tenha escrito em grego e que nunca cite escritores que não sejam gregos, fosse o retórico latino claramente referido por Jerónimo a partir de Suetónio. *Saxius Onom.* 308: Com efeito, alguns julgam que é o mesmo e que M. Antonino Liberal, retórico do tempo dos Cláudios, segundo Jerónimo, na *Crónica de Eusébio*, nas 206^{as} Olimpíadas pag. 160, para separar o que distingue entre *António* e *Antonino*, de igual modo retórico latino e mitógrafo grego, não parecem chamar a atenção.”

dici velint.)⁷. Mais ainda, porque não escreve em latim nem cita fontes latinas? Tratar-se-ia de um extremismo de helenização linguística? Tal facto parece ter sido recorrente⁸, sobretudo após o domínio de Roma sobre a Hélade e, em particular, nos séculos II e III da Era Cristã⁹. Com efeito, à semelhança de reputados escritores latinos, os seus modelos poderiam ter sido helénicos,

⁷ Cf. Vóssio 1838: 893-894 (3.326): *Antoninus Liberalis innotuit Metamorphoseon collectaneis. Sed narrationes istae ut philologo utiles, ita historicum nihil iuvant nisi quatenus historia subest, ut fere in fabulis solet. Putabat vir magnus, hunc esse illum Liberalem, de quo Suetonium libro de claris rhetoribus egisse, ex indice residuo liquet: item de quo Hieronymus in chronico Eusebiano ad a. MMLXIV ait, M Antoninus Liberalis Latinus Rhetor gravissimas inimicitias cum Palaemone exercet. Hoc si est, Claudii imperatoris ac fortasse etiam Neronis tempore [54-68 d. C.] vixerit. Sed malo credere Scaligero, qui ad eum Hieronymi locum monet, esse alterius Liberalis μεταμορφώσεις istas. Movet me, quod hic Antonius dictus, hic graece scripserit, neque nisi graecos citet scriptores, ille latinus fuisse rhetor disertim ab Hieronymo ex Suetonio dicatur.* “Antonino Liberal ficou conhecido pela recolha de Metamorfoses. Contudo, estas narrativas, úteis para o filólogo, em nada ajudam a história, a não ser na medida em que a história está subjacente, como costuma acontecer nas fábulas. Um homem estimaria que esse era o Liberal acerca de quem Suetónio se pronunciou no livro respeitante a ilustres retóricos, conforme transparece no índice remanescente; também acerca de quem Jerónimo, na crónica de Eusébio, 2064, afirma: *M. Antonino Liberal, retórico latino, tinha seriíssimas inimizades com Palémon*. A ser esse, vivera no tempo do imperador Cláudio e, provavelmente, também de Nero. Contudo, prefiro acreditar em Scaligero, que, quanto àquele passo de Jerónimo, adverte que essas μεταμορφώσεις [*Metamorfoses*] são de outro Liberal. Perturba-me que este António, que escreveu em grego e que nunca cita escritores que não sejam gregos, fosse o retórico latino expressamente referido por Jerónimo, a partir de Suetónio.”

⁸ Vd. Blum 1892.

⁹ Cf. Época dos Antoninos (96-192 d.C. Cf. Blum 27: *Antoninorum temporibus*), viz. Nerva (96-98), Trajano (98-117), Adriano (117-138), Antonino Pio (138-161), Marco Aurélio (161-180. Cf. Lúcio Vero - 161-169, Cómodo - 180-192) e dos Severos (193-235), viz. Septímio Severo (193-211), Caracala (198-217), Geta (209-211), Macrino (217-218), Elagábalo (218-222), Alexandre Severo (222-235). Vd. Chacon - Camusat 1731: 177-178; Gibbon 1776-1788; Bongioanni 1928; Rostoutzeff 1926; Gabucci 2002.

o que, mesmo assim, não justifica que tenha deixado de aludir a autores de obras congéneres, tal como Ovídio.

Poderia também julgar-se um escravo liberto, o que permitiria aproximá-lo de figuras como Parténio, quer por uma pretensa história de vida, quer por alguma similitude com a única obra conhecida da sua autoria, que poderia incluir-se no âmbito da Segunda Sofística¹⁰ Romana. De facto, a obra de Antonino inscreve-se num padrão literário mitológico, *mutatis mutandis*, à semelhança de Parténio para um domínio mais restrito (relacionamentos amorosos conturbados). Assim, depreende-se um conhecimento generalizado de aspetos da mitologia tradicional conservados culturalmente, em função da(s) helenização(-ões) da Cultura Romana. Remanesce, todavia, a incógnita de esclarecer qual a motivação e o objetivo do seu escrito.

Não de somenos importância, há que considerar Antonino num contexto marcado por um paradigma judaico-cristão, com crenças e valores perspetivados e avaliados mediante cânones distintos dos clássicos. Contudo, não se constata aproximações ao legado linguístico-literário romano, nem tampouco o mínimo de alusões ao novo paradigma (credo, religião, costumes, celebrações) nem ao avolumar de situações que haveriam de conduzir à queda do Império Romano em período medieval (primeiramente no Ocidente, em 476 d.C.).

B. COLEÇÃO DE METAMORFOSES (ΜΕΤΑΜΟΡΦΩΣΕΩΝ ΣΥΝΑΓΩΓΗ)

. Cod. Pal. Graec. 398

Antoninus Liberalis é o nome que encabeça e finaliza a obra

¹⁰ Período de desenvolvimento de obras literárias por autores gregos, desde Nero até c. 250. Cf. Whitmarsh 2013.

conservada no *Codex Palatinus Graecus* (*Cod. Pal. Graec.*) 398 (P)¹¹,

¹¹ O códice em questão integra-se na categoria de *codices uetustissimi* (até ao século X. Cf. *uetusti*, até meados séc. XIII; *recentiores*, até à queda de Constantinopla; *nouelli*, manuscritos neogregos). Códice constituído por 321 folhas de pergaminho (25x17cm), com tipo de letra '*collezione filosofica*' / '*minuscola libraria*' (Longo – Perria – Luzzi 1997: 205; Mioni 1973: 63. Cf. Leroy 1961. Cf. Kavrus-Hoffmann – Bravo García 2010, acerca da letra *pre-bouletée*, estilo entre o séc. IX (*minuscola libraria*) e a 'coleção filosófica'; *bouletée*, no séc. X. Vd. Glénisson – Bompaire – Irigoien 1977. Com 33 linhas, 48 cadernos com adendas nas margens. Do mesmo grupo de manuscritos reunido por Ragusa, no século XV, constata-se a existência de três tipos de formato, sendo o *Palatinus Graecus* 398 mediano (255mm x 175mm. Cf. *Parisinus gr.* 1807: 350mm x 255mm; *Marcianus gr.* 258: 188 mm.x 135 mm). Para grande parte do material, trata-se da fonte única (*viz.* Ps. Plutarco, Antonino Liberal e Parténio), contando apenas com citações por terceiros. Na realidade, o *codex* reúne obras de diversos autores de épocas diferentes. Caso se vislumbre alguma lógica na ordenação das obras, a de Antonino segue, naturalmente, as fábulas mitológicas de Parténio. Assim, Anónimo, *Periplus Ponti Euxini* (11r-16v); Flávio Arriano, *Kynegetikos* (17r-30r), *Periplus Ponti Euxini* (30v-40r); Ps. Flávio Arriano, *Periplus maris Erythraei* (40v-54v); Hanão de Cartago, *Periplus* (55r-56r); Filo de Bizâncio, *De septem orbis spectaculis* (56v-59v); *Chrestomathia ex libris geographicis Strabonis* (60r-156v); Ps. Plutarco, *De fluviorum et montium nominibus* (157r-173r); Parténio, *Narrationes amatoriae* (173v-188v); Antonino Liberal, *Transformationum congeries* (189r-208v); Hesíquio Milésio, *Res patriae Constantinopolis* (209r-215v); Flégon Traliano, *Mirabilia* (216r-236r); Apolónio, *Historiae mirabiles* (236v-243r); Antígono Carístio, *Historiarum mirabilium collectanea* (243v-261v); Hipócrates, *Epistulae* (262r-282v); Temístocles, *Epistulae* (283r-302r); Diógenes, *Epistulae* (302v-321v); Bruto, *Epistulae* (322r-331r). Os fólhos 1-10v; 331v-333v são folhas em branco. O *codex* A (390 fols., dos quais restam 321) do documento terá resultado, segundo Holsten 1628: 43-46, da compilação ordenada por Constantino Porfirogéneto (séc. X). Cf., contudo, Diller 1952: 5, a propósito da datação do *codex* A, nos primórdios do séc. IX. Já Bast 1805: z136 julgava que o *codex* se encontrava em Paris, tendo resultado da mesma mão que o *Parisinus* 1807 de Platão. Kramer 1844 estimava que se devia a dois indivíduos. Hermann von Gutschmid 1881 distinguiu seis (Diller 1952: 83 - sete) partes diferentes, todas grafadas pelo mesmo autor, em diferentes períodos de tempo. Aly 1927 referia partes diferentes, conjugadas tardiamente. O *codex* A terá sido arquétipo do *codex* B (*Vatopedi*, em Constantinopla, séc. XIV). Regra geral, as correções consistiam em apagamentos, acrescentos acima ou abaixo da linha, indicação de erros (ortográficos) através de pontos acima das palavras; variantes nas margens (e.g. Eux. 12V32);

fols. 189r e 208v (*Indicem a Leone Allatio*¹² *ut dicerunt conscriptum reperies fol. 3*) com o título Μεταμορφώσεων Συναγωγή¹³, *Coleção de Metamorfoses*. A obra logrou chegar à atualidade através de um *codex unicus*¹⁴ da segunda metade do século IX/X (c. séc. IX d.C. – c. 850?-880?)¹⁵. Há quem distinga apenas um copista¹⁶. Outros, porém, mencionam até três copistas¹⁷, tendo sido o principal um profissional rígido do século X, fiel aos modelos/manuscritos, que terá trabalhado em Constantinopla, na oficina de Constantino Porfirogéneto.

O Papiro acabaria por migrar de Constantinopla para o Convento Dominicano, em Basel, às mãos do Cardeal João Stojkovič de Ragusa, em 1437. Ainda antes da queda de

preenchimento de omissões. Cf. Temporini 1982; Calderón Dorda 1986; Diller 1952; Sellheim 1930.

¹² Leão Alácio, teólogo grego e guardião da Biblioteca do Vaticano, séc. XVI/XVII (<http://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/Data/tmp/pdf/cpgraec398.pdf>).

¹³ Sobre συναγωγή (σύν- ἄγω), ‘recompilação’, enquanto designação corrente, em particular entre os paradoxógrafos (e.g. Antig., Ἱστοριῶν παραδόξων συναγωγή; Mónimo, Θαυμασιῶν συναγωγή; Heraclid. Lemb., Ἱστοριῶν παραδόξων συναγωγή; Nic. Dam, Παραδόξων ἐθῶν συναγωγή; Alexandre, Θαυμασιῶν συναγωγή. Vd. Antig. *Mir.* 26, a propósito do seu trabalho de ἐκλογή, ‘seleção’, sobre Ἀριστοτέλους συναγωγῆς, ‘Recompilação de Aristóteles’ – vd. Arist. *HA* 9. Cf. também Antig. *Mir.* 60. Porém, a distinção entre ambos os termos parece ter-se dissipado, pois, apesar de poder referir-se a obra como ἐκλογή, o título constante no manuscrito *Pal. Gr.* 398 assume-se como συναγωγή.

¹⁴ Cf. Xilandro 1568: *Praef.* LXXV.

¹⁵ Cf. Diller 1954: 32; Allen 1893. Vd. Bravo García 1984: 850-880; Wilson 1983: 85-88.

¹⁶ Cf. Holsten 1817: esp. IX (41-51); Bekker 1823: IX, mencionando o mesmo copista que grafou o *Codex Parisinus* 1807, no século IX. Devreese 1954 atribui a cópia dos manuscritos *Parisinus* 1807, *Palatinus* 398, *Laurentianus* LXXX, 9, *Vaticanus* 2197, *Marcianus* 246 ao mesmo copista. Vd. Alline 1915: 210. Não obstante a uniformidade reconhecida ao Códice, Diller 1952: 4 supõe a existência de dois escribas do mesmo período, à semelhança de Kramer 1844: XLII, ou de duas ocasiões distintas de cópia.

¹⁷ Cf. Mathew 1971.

Constantinopla (1453), J. de Ragusa¹⁸ reuniu uma coleção manuscritos, mormente de literatura cristã (e.g. *opera* de Cirilo de Alexandria, perdida em Weilder-Stadt, incêndio, 1648; *corpus* de apologistas gregos, desaparecido em Estrasburgo, 1870), mas onde se incluía também o Códice de Heidelberg, com escritos sobre geografia e mitologia clássica. Já no século seguinte (1553), seria doado à Biblioteca Palatina (Heidelberg) por Ottheinrich, Eleitor do Palatinato, que o recebera de Jerónimo Froeben, o qual havia utilizado até então a Biblioteca de J. de Ragusa. Até regressar ao mesmo destino, em 1816, passou ainda por Roma (1623), acompanhando o acervo da Biblioteca Palatina, em virtude da conquista de Maximiliano I sobre o Palatinado, o que suscitou a oferta do Duque de Baviera ao papa Gregório XV; e Paris - Biblioteca Nacional de Paris (1798), juntamente com outros espólios napoleónicos, acompanhando cerca de quinhentos outros manuscritos vaticanos (cf. Tratado Torentino, 1797, com território papal sob poder francês). Desde 1816, é conservado na Biblioteca Palatina de Heidelberg.

Todavia, falta a transcrição de algumas histórias, na versão acessível na atualidade¹⁹. Por certo perderam-se arquétipos que

¹⁸ Vd. Vernet 1961.

¹⁹ Vd. A - *Codex Palat. Graec.* 398 (saec. IX): A^a - *scriptura prima, ante correctionem, in cod.*; A^c - *scriptura per corr. manu prima uel coaeva facta in cod.*; A^m - *in margine codicis*; A^t - *in textu codicis*; A¹ - *prima. manus in cod.*; A² - *manus recentior in cod.* A. Cf. α'. Κτήσυλλα (190v-191r); β'. Μελεαγρίδες (191r-191v); γ'. Ίέραξ (191v); δ'. Κραγαλεύς (191v-192v); ε'. Αἰγυπῖος (192v-?); ζ'(?); ζ' (?); η'(?-193r); θ'. Ἡμαθίαδες (193r); ι'. Μινυάδες (193r-193v); ια'. Πανδάρειος (193v-194v); ιβ'. Κύκνος (194v-195v); ιγ'. Ἀσπαλῖς (195v-196r); ιδ'. Μούνηχος (196r-196v); ιε'. Μεροπίς (196v-197r); ις'. Οἰνόη (197r); ιζ'. Λεύκιππος (197v-198r); ιη'. Ἡέροπος (198r); ιθ'. Φῶρες (198r-198v); κ'. Κλεῖνις (198v-199r); κά'. Πολυφόντη (199r-200r); κβ'. Κέραμβος (200r-200v); κγ'. Βάττος (200v-201r); κδ'. Ἀσκαλαβός (201r-201v); κε'. Μητιόχη καὶ Μενίππη (201v-202r); κς'. Ὑλας (202r-202v); κζ'. Ἰφιγένεια (202v-?); κη' (?-203r); κθ'. Γαλίθιας (203r-203v); λ'. Βιβλίς (203v-204r); λα'. Μεσσίαπιοι

continham a obra. Xilandro, no século XVI, terá tido acesso a lições mais completas do que P, com 324 fols., na altura, pois a sua edição e tradução possui secções de texto e informações de fólhos perdidos, conforme manifesta Koch 1832: XI-XII²⁰. Depois terão desaparecido três fólhos e, após a adição de 10 fólhos em branco, realizou-se a numeração (1-331).

. Edições

A *editio princeps* pertence a Wilhelm Holzmann (Guilielmus Xylander), que publicou a obra de Antonino Liberal, acompanhada por outros opúsculos de variados autores (*viz.* Flégon de Trales; Apolónio; Antígono; Marco Antonino), em 1568, com a seguinte referência: *Antonini Liberalis Transformationum Congeries. Phlegontis Tralliani de Mirabilibus et Longaeuis Libellus. Eiusdem de Olympiis Fragmentum. Apollonii Historiae Mirabiles. Antigoni mirabilium narrationum congeries. M. Antonini Philosphi Imp. Romani, de uita sua Libri XII. ab innumeris quibus antea scatebant mendis repurgati, et nunc demum uere editi.* Graece Latineque omnia, Guil. Xylandro Augustano interprete: cum Anotationibus et Indice. Basileae, per Thomam Guarinum, MDLXVIII chartis octonis min. [*Antonini Liberalis Μεταμορφώσεων Συναγωγήν. Phlegontis Tralliani Ἐπὶ Θαυμασίων καὶ Μακροβίων,*

(204r-204v); λβ'. Δρυόπη (204v-205r); λγ'. Ἀλκμήνη (205r-205v); λδ'. Σμύρνα (205v-206r); λε'. Βουκόλοι (206r-206v); λς'. Πανδάρως (206v); λζ'. Δωριεῖς (206v-?); λη' (?); λθ' (?-207r); μ'. Βριτόμαρτις (207r-207v); μα'. Ἀλώπηξ (207v-208v).

²⁰ Vd. Koch 1832: XI-XII, registando a falta de fólhos do Códice e congratulando-se pelo facto de Xilandro ter acedido à versão completa para elaborar a *editio princeps*: *Quattuor folia hodie resecta sunt, ut deficiant Graeca a pag. 10, 25 inde a verbis ἦν εἰώθει παρὰ Τιμάνδρην etc. et incipiant demum cap. VIII. pag. 15, 9. Item esciderunt pag. 47, 16. verba Ἐπεὶ δὲ παραγενόμενον κ. τ. λ. ad pag. 49, 25. ubi demum pergitur: πλεῖστα δῶρα πέμψας. Itaque gratulemur nobis, quod Xylandro integro Codice uti licuit.* Cf. Wendel 1932.

Eiusdem 'Επί τῶν Ὀλυμπίων Fragmentum: Apollonii Ἱστορίας Θαυμασίας et Antigoni Ἱστοριῶν Πραδόξων Συναγωγὴν *continentem, eosque Graece, et Latinitate a se donatos, addito, quem decennio ante ediderat, Marco Antonino, de Vita sua, in unum corpusculum redactos typis descripsit*, Basileae, A. MDLXVIII. *Sed Adnotationes, uti ad reliquos scriptores rarae, sic Antoninum, septanarium numerum non superant, quia adnotando omnia persequi noluerat, neque erat otium, sed uere, quia, ut Thuani uerbis utar, non famae scriberat, sed fami*²¹.

Ora, a primeira edição de Xilandro contempla também a versão do texto em latim (cf. cap. XII, 316: *Ego, in vertendo [Interpretatio Latina ex Codice]*), bem como correções (e.g. Adnotat. ad cap. VII, X), a partir do *Codex Palatinus*.

Desde então, a obra de Antonino parece ter recolhido apreço, o que justifica diversas edições, acompanhadas frequentemente de comentários e traduções, que se multiplicaram, denunciando quiçá o reconhecimento, gosto e utilidade do tipo de obra, a partir do Humanismo²². Concomitantemente, desenvolveram-se diversos estudos e traduções. Quanto a estas, desde a inicial, para latim, que figurava na *editio princeps* da responsabilidade de Xilandro (1568), destacam-se outras, para alemão, castelhano, francês, inglês²³:

²¹ Koch 1832: VII alude à edição de 1568, com a obra de Antonino Liberal apresentada juntamente com Partênio. Vd. Almirall i Sardà 2012.

²² Ainda no século XVII, Berkel 1674, 1677; Gale 1675a (Vd. Gale 1675b: 403-480, segundo o registo de 1864, em *Alphabetical catalogue of the Library of Congress. Authors*, Washington, Government Printing Office: 41); Muncker 1675. No século XVIII, Verheyk 1754, 1774; Walch – Berkel 1768; Muncker 1775 [a partir da *editio princeps*]; Mellmann 1786; [edição anónima] 1790; Teucher 1791. No século XIX, Koch 1832; Wetermann 1843; Oder 1886; Blum 1892; Martini 1896. No século XX, Cazzaniga 1962; Papathomopoulos 1968.

²³ Vd. traduções para várias línguas europeias. Para alemão: Jacobs 1838; Mader – Rüegg 1963. Para castelhano: Ozaeta 1989; Canto Nieto 2003. Para francês: Papathomopoulos 1968. Para inglês: Celoria 1992.

Desenvolvem-se, outrossim, considerações filológicas e comentários, sobretudo a partir do século XIX²⁴.

C. CABEÇALHOS DE FONTES

Nos mitos selecionados por Antonino Liberal verifica-se uma alusão ou referência sumária a outros mitos, enquanto base tradicional por certo do conhecimento generalizado, ou para clarificar alguma questão relativa à história em apreço. Tal facto denota uma cultura mitológica pré-existente da parte do leitor, bem como a preocupação de inserir mitos porventura menos recorrentes numa tradição já explorada noutros mitos, apagando assim possíveis notas de falsa singularidade, excepcionalidade e dificuldade. Na realidade, tais informações constituem apontamentos marginais, que complementam a ação primária destacada por Antonino no mito em causa. A exemplo disso, a referência a Acôncio / Cidipe, um mito paralelo aos amores de Hermócares e Ctésila (#1); mitos relativos a Hércules - e.g. nascimento (#29), o terror dos Dríopes, face a Hércules (#4), Hércules e os Argonautas (#26); a alusão a Pégaso (#9); a oferta do machado de Politecno por Hefesto (#11); os tradicionais ciúmes de Hera (#13, 29); a infertilidade de Minos (#41); os Pigmeus

²⁴ Vd., a título de exemplo, alguns estudos, tais como, seguindo uma listagem cronológica, Bast 1805; Schaefer 1809 (cf. Koch 1832: XI); Jacobs 1837; Meineke 1855; Nauck 1863; Hercher 1877; Oder 1886; Knaack 1890; Wulff 1892; Meyer 1897; Blum 1892. No século XX, Holland 1900; Eitrem 1900; Knaack 1900; Bethe 1903; Vollgraff 1905; Castiglioni 1911; Pasquali 1913; Costanzi 1920; Cessi 1921-1922; Sellheim 1930; Charitonidos 1950; Cazzaniga 1960; Lasso de la Vega 1960; Cazzaniga 1959, 1960; Paphomopoulos 1962; Mader – Rüegg 1963; Cazzaniga 1963; Mihailov 1963; Paphomopoulos 1963; Kenney 1969; Luck 1971; Renner 1978: 278; Ellsworth 1979; Blum 1982; Calderón Dorda 1986; Giangrande 1987; Davidson 1997. Por vezes ainda algumas menções esparsas e sem desenvolvimento, como em Clausen 1981: 265.

(#16); um indício alusivo a Fénix (#14); casos de travestismo (#17: Leucipo, face a Cénis/Ceneu, descendente de Átrax); o nascimento de Zeus (#19); as vacas de Argos (#23); o desaparecimento de Perséfone (#24); o ‘rpto’ de Helena (#27); a Guerra de Troia (#27, 39); Diomedes (#37); a titanomaquia (#28). Por vezes, ainda que não haja uma alusão explícita, a abordagem de alguns *topoi* paradigmáticos sugerem certos mitos (e.g. #4, a decisão de Cragaleu relembra, *mutatis mutandis*, o juízo de Páris²⁵; #10, o castigo da crítica às Bacantes traz à memória o mito de Penteu).

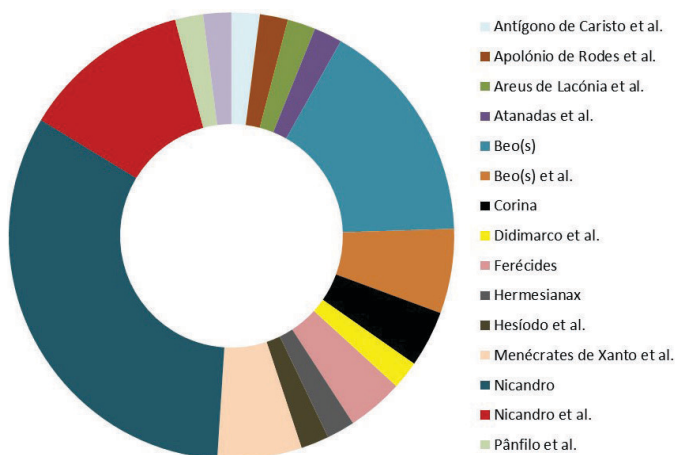
À semelhança de outros autores (e.g. Parténio)²⁶, Antonino faz acompanhar as suas histórias mitológicas de informações de

²⁵ A propósito do julgamento de Páris, vd. E. *IA* 1302, 1298; Paus. 5.19.1.

²⁶ Cabeçalhos de Antonino Liberal e Parténio, dois autores de certa forma representativos de época (cf. Rohde; Cessi; Bartoletti. Vd. *Papiro de Trax*, de Eufóron), no respeitante à sua autoria, semelhança, autenticidade e exatidão. Ambos os autores são recuperados no mesmo códice, encontrando o *topos* dos infortúnios amorosos, explorado em Parténio, *Erotika Pathemata*, *Sofrimentos de Amor*, também expressão em Antonino. De facto, Hercher 1877 atribui a sua autoria, nos dois casos, a um mesmo indivíduo (gramático do século III). Já Oder imputa os cabeçalhos a Pânfilo. Blum 1892: 51 sq. (cf., no mesmo sentido, Wendel 1932), por seu turno, contempla dois escoliastas (cf. Martini, considerando apenas um escoliasta). Se talvez se devesse a Hermeniasax a redação, posteriormente, um gramático do século IV/V, diante de ambos os documentos, terá lavrado os cabeçalhos de ambos, com estrutura idêntica. Cf. Bethé; Pasquali, a respeito de alguma contaminação com escólios homéricos. Vd. Eitrem; Knaack, em sentido diferente. Deve considerar-se, outrossim, o facto de nem todas as episódios deterem cabeçalhos. Na realidade, as fábulas #14, 34, 36, 37 apresentam um signo (Ⲫ-Ⲛ) no lugar de informações textuais. Atribuem-lhe estudiosos como Hercher, Martini, Cazzaniga o valor de οὐ, οὐχ, οὐδὲν (‘não’, ‘nada’) ἔχω, οὐχ εὔπορ. Já Wende interpreta como οὐτω (‘neste sentido’). Outras histórias não possuem quaisquer indicações (e.g. # 6, 40, 41. Cf. adespota). Segundo Wulff, devem atribuir-se as indicações de # 6, 14 a Beos; # 33 a Ferécides.

interesse literário e mitográfico²⁷ relativas a obras de escritores precedentes que teriam abordado os mesmos episódios e que poderão ter constituído fonte literária²⁸ para o presente escrito. Porém, tais considerações não surgem no início, nem no final de cada entrada (cf. escólios homéricos), mas na margem inferior do documento ou na margem superior, no caso de o primeiro episódio num fólio com mais do que um, todos iniciando com ἵστορεῖ. A propósito dos cabeçalhos de fontes, colocam-se questões de autenticidade e de exatidão²⁹.

FONTES



A crer nas informações fornecidas, a fonte primacial foi o escritor helenístico Nicandro de Cólofon (séc. II a.C.)³⁰

²⁷ Cf. mitografia como género de prosa helenística.

²⁸ Cf. Castiglioni 1906; Irving 1990.

²⁹ Cf. autoria de Antonino Liberal ou de um escoliasta? Seriam porventura escólios do séc. III, segundo Hercher 1877, quizá de Pânfilo, segundo Oder 1892: 42. Vd. Papatomopoulos 1968: XV-XIX.

³⁰ Cf. Gow – Scholfield 2010.

- *Heteroioumena*, a alusão mais vetusta. É referido como base única por dezasseis ocasiões (*Metamorfoses* I - #22, 32, 38; *Metamorfoses* II - #13, 14S, 17, 26, 30, 31; *Metamorfoses* III #1, 2; *Metamorfoses* IV - #8, 9, 24, 27, 28, 29), das 22 em que o autor é arrolado em conjunto, por vezes mediante a anotação [Οὔ(τως)]: *sic* (cf. *sine opus*: #35, 36*sic*, 37*sic*; *Metamorfoses*: #2; *Metamorfoses* I: #4, 23; *Metamorfoses* II: #14; *Metamorfoses* III: #12; *Metamorfoses* IV: #10, 25). E mesmo quando acompanhado de outras referências, aparece em primeiro lugar, ainda que o outro autor possa ser mais antigo (cf. #10, 13, 25)³¹. Malgradadamente, a obra de Nicandro não se preserva na atualidade, mas a sua profusa menção enquanto fonte poderá denotar, por um lado, o seu destaque no contexto da literatura Imperial Romana, em particular para a obra de Antonino, à semelhança de outros autores, como Ovídio (séc. I a.C./I d.C.)³², *Metamorfoses*, de uma forma mais extensa do que os sumários dos poetas helenísticos (cf. Parténio). Por outro, quiçá, o reconhecimento público generalizado do autor de Cóloufon (Ásia Menor), do século II a.C.

Seguem-se Beo(s), séc. II a.C. (onze vezes, algumas de forma isolada - *Ornitogonia* [*Origem das Aves*]³³ #3, 7, 11, *Ornitogonia* I: #15; *Ornitogonia* II: #16, 18, 19, 21; outras em conjunto - *Ornitogonia* I: #5, 16; *Ornitogonia* II: #20); Corina, séc. VI a.C. (2 ocasiões - *sine opus*: 4 #10; *Geroia* I: #25); doze outros autores (poetas, gramáticos; mitógrafos) não muito recuados, nem com obras de grande extensão, quiçá mesmo resumos (epítomes), contemplados uma única vez, a saber: como fonte única, Hermesíanax (séc. IV/III a.C.), *Leôncio* II (#39); com outros autores, Antígono de Caristo o Jovem (séc. III a.C.), *Mudanças* (#23); Apolónio de Rodes

³¹ Apenas na história # 35 surge referido em segunda posição.

³² Cf. Galinsky 1975: 2.

³³ *Ornithogonia*.

(séc. III a.C.), *Epigramas* (#23); Areu de Lacónia (séc. IV/III a.C.), *Ode a Cicno* (#12); Didímarco, *Metamorfoses* III (#23); Hesíodo (séc. VIII/VII a.C.?), *Grandes Eoeae* (#23); Atanadas, *Ambracica* (#4); Síimias de Rodes (séc. III a.C.), *Apolo* (#20); Menécrates de Xanto (séc. IV/III a.C.), *Lyciaca* (#35, 36*sic*, 37*sic*); Pânfilo I, séc. I d.C.? (#23). Autores e criações, uns mais antigos, outros mais recentes, certamente reputados e de obra por certo conhecida na generalidade, donde referências bibliográficas muito incompletas. Também um conjunto de autores apenas indicados pelo nome. Poder-se-á especular se a obra seguida seria do conhecimento generalizado e porventura quase que naturalmente atribuída ao autor designado. Assim, Ferécides, séc. VI a.C. (#33, 34*sic*). No total, são referidos catorze autores gregos.

Na generalidade, poder-se-á questionar o motivo da escolha das fontes indicadas, em detrimento de outras que haviam explorado mitos similares. Com efeito, se o mérito garantiu a sobrevivência do escrito na atualidade, através da preservação de manuscritos e (ou) da sua repetida publicação; noutras casos de certos autores referenciados, para além de escassos dados biográficos, pouco ou nada resta da sua obra. Tal facto impede a perceção da forma como Antonino se teria servido das fontes que refere.

Em termos globais, quando não menciona apenas uma fonte, são indicados grupos de dois modelos. Embora diversas fontes não estejam disponíveis na hodiernidade, pelo que consegue verificar-se, Antonino não se limitou a imitar os seus modelos. Na realidade, introduziu alterações e inovações na tradição que circulava noutras obras literárias. Somente a história #23 possui um grande número de fontes, designadamente Nicandro *Metamorfoses* I; Hesíodo, *Eoeae*; Didímarco, *Metamorfoses* III; Antígono, *Epigramas*; Pânfilo, I. Os autores não seguem uma ordem cronológica e abrangem um vasto âmbito cronológico. A escolha parece residir num único *topos*, relativo às metamorfoses.

Importa constatar que designadamente no caso de Didímarco, a obra de Antonino constitui um testemunho relevante para atestar a existência de um autor provavelmente alexandrino, à semelhança do gramático Pânfilo, com obra versada na mitologia.

Sem fonte denunciada, #6, 40, 41. A autoria das histórias poderia ficar a dever-se a Antonino, autor capaz de afastar-se suficientemente de modelos indicados, ao ponto de introduzir novidades. Assim, poderia registar histórias tradicionais que não haviam antes sido anotadas, o que na realidade condiz com o espólio que chegou à atualidade. Não obstante, certamente que as histórias não seriam inteira e unicamente da sua lavra.

O acervo de fontes destacadas por Antonino Liberal não será por certo exaustivo. Por um lado, há que considerar uma tradição folclórica de conhecimento comum, relativamente a aspetos de alguns episódios. Por outro, a indicação de diversos outros autores e obras de relevo, de tradição e conhecimento generalizados (e.g. *Iliada*, *Odisseia*; tragédias) foi certamente considerada supérflua, ainda que seguramente um *poeta doctus* tivesse contactado com elas. Sendo, todavia, a biografia de Antonino desconhecida, outro cenário possível será ponderar sobre o acesso às fontes originais que o autor poderá ter possuído, ou se simplesmente terá consumido esses produtos literários na versão de resumos, sùmulas, epítomes, mais disponíveis, em termos de acesso e a nível económico.

Os autores seleccionados inscrevem-se em períodos cronológicos distintos e diversificados. De igual modo, o teor das obras mencionadas, assim como o seu género literário primam pela variedade, ainda que os conteúdos sejam encaminhados e aplicados no registo das metamorfoses.

A ordenação das obras seleccionadas não será totalmente arbitrária, assim como os autores reportados como fontes literárias, o que poderá relacionar-se com a zona de onde Antonino provinha e (ou) com o gosto literário generalizado do seu público.

D. ESTILO

Na generalidade, o estilo³⁴ da prosa é simples (cf. grego da *koine*: ἡ κοινή διάλεκτος). Constatam-se casos de flexão nominal e verbal fora do habitual (*non raro formas adhibuit Antoninus ab Atticorum usu aliena*)³⁵; abolição de casos, como o dual (modo ἀμφότεροι)³⁶, seguindo o procedimento comum após a morte de Alexandre Magno, ainda que haja sido reintroduzido na Época Imperial; especificidade no uso de artigos (erradicação) e pronomes; particularidades sintáticas, verbais, com algumas proximidades a Heródoto³⁷. O vocabulário recorrente contempla termos do âmbito das transformações, como μεταβολή; μεταμορφώω (μετεμόρφωσεν); ποιέω (ἐποίησεν - 35 ocorrências); ῥαπίζω (ἐρράπισεν); μεταβάλλω (μεταβαλών).

Em termos gerais, verifica-se uma estrutura tripartida em cada história, com uma apresentação sumária do cenário de desenvolvimento do mito, com informações respeitantes às figuras principais, situadas geograficamente e apresentadas através dos progenitores e (ou) mediante patronímicos, bem como indicação da sua atividade. Sem nome próprio, diversas personagens são referidas através de laços que as ligam a figuras consideradas principais na história. Eis, neste sentido, a ‘esposa de Périfas’ (#6); as ‘filhas de Píero’ (#9); o ‘irmão de Aédon’ (#11). Num segundo momento, desenvolve-se a ação, cuja trama se coaduna com o título, por norma extraído da personagem

³⁴ Cf. Martini 1896; Oder 1886; Mellmann: 68-91; Koch 1832: XXVII-XL; Blum; Mayer-G'Schrey; Thumb 1901.

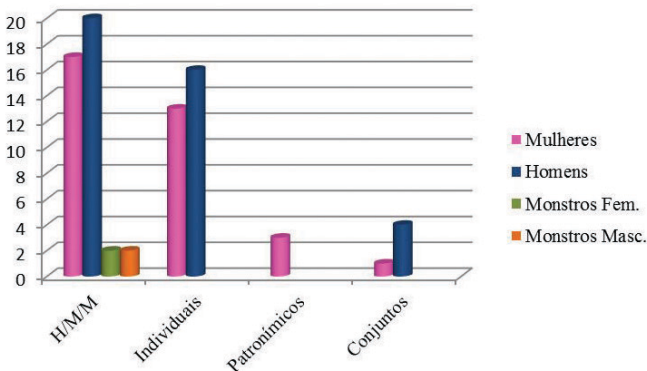
³⁵ Cf. Blum 1892: 2. E.g. εἶδοθέην (#15); θυρίη (#27); θυρίης (#17); χέρες (#26).

³⁶ Cf. Blum 1892: 6 - *De nomine: Dualem numerum proprium Attici sermonis ideoque Atticistarum non habet Antoninus*. “Do substantivo: Antonino não possui o número dual, próprio dos discursos áticos, por coseguinte dos aticistas.”

³⁷ Cf. Hdt. (Halicarnasso, séc. IV) #36 / Ant. Lib. # 25; Hdt. # 48 / Ant. Lib. # 24.

destacada como principal. Por fim, a fase relativa à metamorfose.

Quanto aos títulos, das 41 histórias, 19 são encabeçadas por nomes femininos, incluindo o sexo original de Leucipo (#17). Se casos havia em que as personagens surgiam de forma isolada (#1, 11, 13, 15, 16, 27, 29, 30, 32, 33, 34, 40), noutros são referidas por patronímicos (#2, 9, 10) e em conjunto (#25). As esposas por vezes aparecem identificadas com nome próprio (e família): #2 - Alteia, Cleópatra; #7 - Hipodamia; #14 - Lelante; #20 - Heripe; #37 - Egíale; #41 - Pasífae. Hipólita é a única ama nomeada (#34). Na realidade, tratava-se de uma cultura predominantemente misógina, onde o relevo das figuras femininas provinha, na maioria dos casos, de faltas e (ou) comportamentos censuráveis cometidos, já que as ações advinham do poder e controlo masculinos. Contudo, o título escolhido nem sempre se aplica à personagem que protagoniza o episódio a que o autor confere maior relevo. De facto, diversas são as histórias que divergem em múltiplas cenas ou episódios. No reverso, *mutatis mutandis*, títulos de personagens masculinas, umas individualizadas (# 3, 4, 5, 6, 7, 12, 14, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 36, 39), outras em conjunto (# 19, 31, 35, 37). De igual modo, várias figuras monstruosas, umas de género masculino (# 28, 38), outras onomasticamente femininas (# 8, 41).



Desprovidos de longos desenvolvimentos, pormenorizações e particularidades, os recontos não comportam muita adjetivação. Ainda assim, algumas variações proporcionam o recurso a informações secundárias, contudo necessárias para a linha mitológica em apreço. Outrossim, pequenos alargamentos explicativos (cf. metamorfoses etiológicas³⁸; observação de culto, *viz.* instituição de festivais, cerimónias, sacrifícios, construção de templos).

E. METAMORFOSES

O conceito de metamorfose inscreve-se na normal mudança que se atesta na vida, com os naturais processos de transformação, entre o nascimento > crescimento > degeneração > morte³⁹, transformando a alteração temporal na intemporalidade, quando se trata de metamorfoses permanentes. Embora já utilizado na

³⁸ Cf., a propósito de Ovídio, o cariz explicativo das metamorfoses, também aplicável em Myers 1994.

³⁹ Considerando uma matriz órfica e princípios dualistas, donde a imortalidade da alma (Pl. *Men.* 81b: φασὶ γὰρ τὴν ψυχὴν τοῦ ἀνθρώπου εἶναι ἀθάνατον, καὶ τοτὲ μὲν τελευτᾶν—ὃ δὲ ἀποθνήσκειν καλοῦσι—τοτὲ δὲ πάλιν γίνεσθαι, ἀπόλλυσθαι δ' οὐδέποτε. “Dizem que a alma do homem é imortal e que, numa dada altura, chega ao seu fim, o que é chamado de morte, e noutra nasce novamente, mas nunca morre.”), a morte pode entender-se como uma mudança de espaço e condição (qual ‘metamorfose’) rumo à verdadeira ‘vida’ (cf. Pl. *Grg.* 493a: καὶ ἡμεῖς τῷ ὄντι ἴσως τέθναμεν ἤδη γὰρ του ἔγωγε καὶ ἦκουσα τῶν σοφῶν ὡς νῦν ἡμεῖς τέθναμεν καὶ τὸ μὲν σῶμά ἐστιν ἡμῖν σῆμα. “E na realidade, pode ser que estejamos mortos. De facto, ouvi um dos nossos sábios dizer que agora estamos mortos e o corpo é o nosso túmulo.”; E. fr. 638 Kannicht: τίς δ' οἶδεν εἰ τὸ ζῆν μὲν ἐστι κατθανεῖν, | τὸ κατθανεῖν δὲ ζῆν κάτω νομίζεται, “Quem pode dizer se ‘vida’ é realmente ‘morte’, ou se ‘morte’ é, na realidade, ‘vida’?”; fr. 833 Kannicht: τίς δ' οἶδεν εἰ ζῆν τοῦθ' ὃ κέκληται θανεῖν, | τὸ ζῆν δὲ θνήσκειν ἐστί; “Quem sabe se aquilo a que se chama vida é morte, ou se, no mundo ctónico, a morte é vida?”), donde o retomar regenerado do ciclo - OF 463: βίος, θάνατος, βίος | ἀλήθεια | Διόνυσος) Ὀρφικοί, “vida, morte, vida | verdade | Dionísio”.

épica dita homérica⁴⁰, chega a afigurar-se como um motivo recorrente no Período Helenístico. Interpretado como factual, o desenvolvimento científico justifica um enquadramento racionalizador envergado pela paradoxografia, mormente após o século IV a.C. O *topos*, ainda que de proveito clássico, adquire um especial fulgor quando entendido metaforicamente no panorama judaico-cristão⁴¹, após o episódio da morte e ressurreição de Cristo (cf. a transmigração da alma, no âmbito do Pitagorismo e do Platonismo. Vd., a respeito, metáforas didáticas da moral cristã e alegorias cristãs, na obra medieval anónima *O Fisiólogo*)⁴². Consequentemente, as metamorfoses

⁴⁰ Cf., a título ilustrativo, a metamorfose dos companheiros de Ulisses, operada pela feiticeira Circe (*Od.* 10.198-250). O ato de manutenção da consciência (νοῦς) de cada um, encerrada em corpo suíno (*Od.* 10.239-240: οἱ δὲ σωῶν μὲν ἔχον κεφαλὰς φωνήν τε τρίχας τε | καὶ δέμας, αὐτὰρ νοῦς ἦν ἔμπεδος, ὡς τὸ πάρος περ, “E eles ficaram com cabeça, voz e forma de porco, porém as suas mentes permaneceram inalteradas como dantes”) é apelidada de θέλις, ‘encantamento’, resultante da preparação e administração de φάμακα λυγρὰ, ‘poções perniciosas’.

⁴¹ Sobre a problemática inerente à admissão de um paradigma judaico e cristão, face a uma Antiguidade pagã tardia, vd. Dodds 1965.

⁴² Cf. Tilg 2014: 134. Sobre a crucificação enquanto procedimento punitivo particularmente severo (Júlio Paulo 5.17.2, jurista romano e prefeito pretoriano, séc. II/III; Isid. *Orig.* 5.27.33-34), aplicado entre civilizações do paganismo clássico, importa cf. autores como Sen. *Ad Marciam De Consolatione* 3.20.3, com referência a vários tipos de cruces. Vd., a respeito, Cook 2014, donde, *mutatis mutandis*, o *topos* da crucificação na literatura medieval latina tardia, como demonstra Ausônio, *Cupidus Cruciatu*, onde a penalização imputada a Cupido pela justiça vingadora das *heroides* vitimizadas na sequência de amores desafortunados parece, de certa forma, parodiar elementos de um vetusto suplício - *crucificare* (cf. σταυρικός - *stā-: ἴστημι/stare. Na Antiguidade Clássica, σταυρός; e.g. *Od.* 14.11, Hdt. 5.6; no grego dos cristãos, σταυρός, com sentido de ‘cruz’, base e *patibulum*: σταυρίον; e.g. *Luc.* 23:26; *Jo.* 19:19, 19:25, σταυρικός - e, no latim dos cristãos, *crucifigo*, *crucifixor*), funcionando também como marco basilar na simbologia e imagética do contexto judaico-cristão, pela paixão/crucificação de Cristo. Também a respeito, vd. as conferências de Dodds 1965, relativamente aos conflitos humanos resultantes de aspetos que ora harmonizavam ora afastavam o paganismo

passam a ser encaradas para além de frutos de imaginação pagã ou efeitos sobrenaturais de índole demoníaca, decorrentes da magia⁴³. Por último, nos últimos séculos, o desenvolvimento

e a cristandade. Vd. Hofmann 1999; Samuelsson 2013; Troca Pereira 2015; Finney 2016.

⁴³ Vd. Chevitaresh – Cornelli 2007; Harrison 1999: 151. Na realidade, obras como *Metamorfoses*, de Ovídio permaneceram após a queda do Império Romano do Ocidente (476), pese embora o desconforto que os casos de mitologia tradicional pagã relativa a episódios de bestialidade - alteração das formas humanas por deuses enquanto castigos colidisse, à partida, com o novo credo monoteísta e o princípio de que a humanidade fora criada à imagem e semelhança de Deus (cf., no inverso, demonologia neoplatónica, mediante a qual os deuses são conceções humanas, a partir de si próprios - Xenoph. fr. 11 Diels). Ora, o convívio com tradições mitológicas pagãs, enquanto adornos literários e reflexos de erudição estilística, conservariam tais tradições. Cf., a propósito, no Renascimento literário, o Parecer do censor do Santo Ofício, Frei Bertholameu Ferreira, na edição de 1572: “Vi por mandado da santa & geral inquisição estes dez Cantos dos Lusíadas de Luis de Camões, dos valerosos feitos em armas que os Portugueses fizerão em Asia & Europa, e não achey nelles cousa algũa escandalosa nem contrária à fe & bós costumes, somente me pareceo que era necessario aduertir os Lectores que o Autor pera encarecer a difficultade da naugação & entrada dos Portugueses na India, usa de hũa fição dos Deoses dos Gentios. E ainda que sancto Augustinho nas sas Retractações se retracte de ter chamado nos liuros que compos de Ordine, aas Musas Deosas. Toda via como isto he Poesia & fingimento, & o Autor como poeta, não pretende mais que ornar o estilo Poetico não tiuemos por inconueniente yr esta fábula dos Deoses na obra, conhecendoa por tal, & ficando sempre salua a verdade de nossa sancta fe, que todos os Deoses dos Gentios sam Demonios. E por isso me pareceo o liuro digno de se imprimir, & o Autor mostra nelle muito engenho & muita erudição nas sciencias humanas. Em fe do qual assiney aqui.” Também, no correr dos séculos, assiste-se a uma preocupação de reinterpretar os mitos clássicos como alegorias, o mesmo é dizer, não apenas meras figuras estilísticas, mas também considerando a contemplação das divindades pagãs enquanto símbolos, recuperando, aliás, de certa forma, uma vetusta tradição estoíca. Assim, pois, a interpretação de portentos/milagres na esfera sacra do paradigma cristão, em metamorfoses na cena sacra e na hagiografia. De facto, constata-se uma teatralização de transformações físicas/materiais (cf. dialética maéria/forma) que refletem simbolicamente transformações internas, de cariz filosófico e moral, assumindo tais fenómenos um carácter positivo, porquanto decorrentes da vontade divina. Em termos gerais, perscruta-se,

tecnológico aproximaria as metamorfoses à ficção científica (robôs, andróides, ciborgues)⁴⁴.

O vocábulo que serve de título à obra de Antonino (μεταμόρφωσις: : μετά, ‘mudança’ - μορφή, ‘forma’) é linguisticamente tardio, utilizado sobretudo após o Império Romano (*post* 1533), sobrepondo-se, por altura do Império Romano, a *heteroioumena* (ἑτεροιούμενα), com sentido similar de ‘transformação’. Não obstante a transversalidade do motivo literário, na realidade, importa distinguir κτίσεις ὀνομασίαι, ‘nomes de criaturas’ / μετονομασίαι, ‘mudanças de nome’ (#8, 12, 13, 23, 30, 31, 35, 37), ἀφανισμός, ‘ocultação’ (#8, 12, 13, 25, 26, 30, 32, 37, 40), justificando a deturpação da ordem natural com imortalizações (#27, 30, 32, 33); arquétipos, designadamente a origem de cultos (#1, 4, 13, 17, 25, 26, 29, 32), origem de aspetos naturais (fenómenos/circunstâncias/espécies/geografia).

. *Origem de cultos*

Considere-se, a propósito da relação das metamorfoses com a esfera divina, o início do culto a Afrodite Ctésila /

na exposição de motivos relativos à transformação, no cristianismo, a adaptação do *topos* clássico/pagão à ideia de redenção, pela procura, por parte da teologia cristã, da aproximação/contacto entre a esfera natural e esfera sobrenatural/da graça. Cf. Tobar 2006; Leite 2006; Dias 2007; Seznec 1981; Charme 1904. Vd., nesse mesmo sentido, numa lógica de desclassização / alegada ‘cura’ da patologia mitológica através de uma explicação ética, Fulgêncio (séc. V/VI), *Mitologias*; Anónimo (Mateus de Éfeso: Manuel Gabalas ?), *Dos Errores de Ulisses*: interpretação ética de um mito homérico; Pierre Bersuire, *Ovide moralisé* (1340). Vd. Økland – Seim 2009. Importa considerar outrossim recorrentes testemunhos na esfera cristã do âmbito do maravilhoso, inexplicável, mágico, sobrenatural, já nos primeiros tempos do Cristianismo, ainda que fosse sempre evidente a preocupação de enquadrar e contextualizar devidamente tais ocorrências, por forma a separar culturas, crenças, políticas/políticos, agentes de fé. Vd. Dunlap 2008: 2. Sobre a distinção entre as categorias de mágica e religião, vd. Klutz 2004.

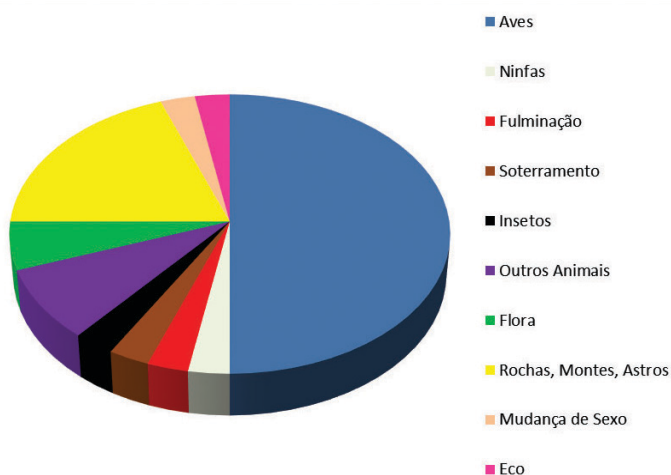
⁴⁴ Vd. Gildenhard 2013; Seim – Økland 2009.

Ctésila *Hecaerge*; um templo em Iúlis, em nome de Ctésila, erigido por determinação oracular; e a oferta de sacrifícios pelo povo de Iúlis (#1). Também os sacrifícios a Apolo Salvador (Salvador Pítio) realizados pelos Ambraciotas, em festivais e cerimónias, não obstante reconhecerem que a cidade era de Hércules e dos seus filhos; bem como a realização de sacrifícios em honra de Cragaleu, depois do festival de Hércules; e o culto a Ártemis Hegémone, também recordado em #4. De igual forma, a explicação do culto popular a Périfas, como Zeus Sóter (*Soter*), *Epopios* e *Meilichios*, em conformidade com #6. Outrossim, um santuário para as ninfas por Ânfito, para homenageá-las pelo favorecimento da sua mãe, juntamente com a instituição de uma corrida pedonal, local desfavorável para as jovens (#32). Além disso, a denominação da fonte Síbaris e da cidade lócica de Síbaris, erguida na Itália (#8). Assim também a designação das cidades da Cária, Cauno e Bíblis, conforme o episódio #30, bem como as chamadas ‘lágrimas de Bíblis’. De igual modo, a causa do local apelidado ‘Observadores de Bato’ pelos viajantes, a partir de Bato, cuja traição lhe valeu ficar permanentemente isento de frio e de calor (#23). Eis, de similar forma, até então, a causa de ouvir-se à noite o som de gemidos provenientes dos troncos, no local chamado ‘Sítio das Ninfas e dos jovens’ (#31). Da mesma índole, a referência à denominação da ilha de Diomedea, a partir de Diomedes (#37). Também os sacrifícios em honra de Leto efetuados na altura de Antonino por cidadãos de Festo, ou ainda, com base no mesmo mito, o festival de Ecdísias [cf. ἐκδίδωμι: ‘retirar’], porque a jovem se despiu do seu peplu de donzela, donde ainda então o costume de, nos matrimónios, a jovem deitar-se junto da estátua de Leucipo (#17). De igual modo contemporâneos do coletor, sacrifícios em honra de Hilas, na

primavera, no âmbito dos quais os sacerdotes chamam pelo nome do jovem três vezes e um eco reproduz (#26). Atuais eram igualmente os sacrifícios oferecidos inicialmente por Hércules à imagem que elaborou, para homenagear Galíntias (#29), depois retomados pelos Tebanos, antes do festival de Hércules. Explica a história #40 os sacrifícios oferecidos pelos Cefalenes em honra de Láfrica, homenageada pelos Cretenses como Dictina e pelos Eginetas como *Afaia*. Outrossim, a justificação de certos elementos, como a presença de uma rocha que permaneceu por longo tempo entre Lócride e a região dos Fócios, correspondente à metamorfose do lobo da história #39. Refere-se igualmente a constituição de Mélite, uma cidade na Ftia, denominada a partir de Meliteu, onde se realizavam, por determinação oracular, sacrifícios em honra a Áspalis, donde, com periodicidade anual, sucedia raparigas suspenderem uma jovem cabra, sem ter mantido contacto com o macho, já que Áspalis era virgem quando se enforcou (#13). Com igual frequência são as ofertas propiciatórias apresentadas por rapazes e raparigas às chamadas Raparigas Corónidas, na Etólia, onde os Aónios erigiram em Orcómeno, na Beócia, um célebre templo às jovens (#25). Também se conta que todos os anos brotam lágrimas da árvore, através da madeira da esmirna (#34). Justificativa do nome dos Tauros é a aparição de um touro no altar, em vez de Ifigénia (#27). No mesmo sentido, o motivo do coaxar de batráquios em rios e lagoas (#35); ou o ódio de deuses e homens à lagartixa multicolor, a partir da metamorfose de Ascálabo (#24). E a aproximação das aves da metamorfose #37 a embarcações gregas, contrariamente a navios Ilírios. Uma alusão a um costume tradicional desenvolvido pelos Cadmeus surge a propósito do hábito de a cada trinta anos se apresentar uma criança que a raposa tomava e comia (#41).

. *Origem de manifestações naturais*

A seleção de histórias sumarizadas, sem elo que justifique a sua sucessão, utiliza metamorfoses⁴⁵ de variados tipos como fio condutor: de homens, mulheres e ninfas (em animais: aves, insetos, outros animais, plantas/vegetais, aves, astros, rochas, montanhas, fontes, mudança de sexo, eco), enquanto expediente literário.



Assim, uns metamorfoseados em animais: aves, ὄρνιθες, maioritariamente e sobretudo na primeira metade da coletânea (#2 - Meleágrides > aves; #3 - Híerax > falcão - ἰέραξ; #5 - aves: Egípcio e Néofron > abutres - αἰγυπιοί, sendo Néofron mais pequeno - ἐλάττων ὄρνις αἰγυπιός, Búlis > garça-real - πῶυγξ, Timandra > chapim - αἰγίθαλλος; #6 - Périfas > águia - ἀετός, esposa de Périfas > abutre - φήνη; #7 - Αυτόνοο > oknos - ὄκνος⁴⁶, mãe de Anto > cotovia - κορυδός, Eródio,

⁴⁵ Cf. Silvia 1953; Vial 2010; Lafaye 1904: 24-45.

⁴⁶ Interpretação metafórica de ὄκνος: ‘encolhimento, hesitação’, em virtude da hesitação (ὠκνησεν) de Αυτόνοο em afastar os cavalos. Vd. suplício de Ocnó, homem trabalhador, que fabricava continuamente uma

Anto, Esquineu, Acanto, Acantilis > aves a partir dos nomes: garça - ἔρωδιός, ἄνθος⁴⁷, σχοινεύς⁴⁸, ἄκανθος⁴⁹, ἀκανθ[υλλ]ίδα⁵⁰, respetivamente, criado > garça, ἔρωδιός; #9 - nove filhas de Píero⁵¹ > mergulhão - κολυμβάς, torcicolo - ἴνυξ / *inyx torquilla*⁵², hortelão - κεγχρίς⁵³, gaio - κίσσα⁵⁴, verdelhão - χλωρίς⁵⁵, pintassilgo - ἀκαλανθίς⁵⁶, pato - νῆσσα, tarambola - πιπώ⁵⁷, pombo - δρακοντίς⁵⁸; #10 filhas de Mínia⁵⁹ > morcego - νυκτερίς, coruja - γλαῦξ, *coruja*-águia - βύξα⁶⁰; #11 Pandáreo, Aédon, mãe de Aédon, Politecno, irmão de Aédon > aves: águia do mar - ἀλιαιέτος⁶¹, alcião - ἀλκυών⁶², pica-pau - πελεκάν, roupa - ἔποψ, respetivamente⁶³; #12 - Filio, Tíria

corda, nos Infernos, devorada por um burro - a sua esposa perdulária (cf. pintura de Polignoto, Paus. 10.29.1-2; Plin. *HN* 35.137), D.S. 1.97. No contexto das metamorfoses em aves, vd. variante de ἀστερίας, ave de prece / ominosa (Arist. *HA* 617a5; Ael. *NA* 5.36) e do maior e mais belo tipo de garça (ὁ ὄκνος μέγιστος μὲν καὶ κάλλιστος ἔρωδιῶν, Paus. 10.29.2), usado em profecias. Para outros tipos, πελλὸς ἔρωδιός - Arist. *HA* 609b22; λευκερωδιός - Arist. *HA* 593b2. Cf. Arnott 2007: 155.

⁴⁷ Ave. Cf. Arist. *HA* 592b25, 609b14; Ael. *NA* 5.48.

⁴⁸ Ave não identificada. Cf. σχοῖνος, ‘cana’, ‘junco’.

⁴⁹ Ave não identificada. Vd. Ael. *NA* 10.32.

⁵⁰ Cf. ἀκανθίς / ἀκανθ[υλλ]ίδα, *fringilla carduelis*, espécie de ave (Arist. *HA* 616b31).

⁵¹ Não individualizadas através de nomes próprios.

⁵² Vd. Arist. *HA* 504a12, *PA* 695a23, Ael. *NA* 6.19.

⁵³ Vd. Ael. *NA* 13.25.

⁵⁴ Vd. *garrulus glandarius*.

⁵⁵ Vd. Arist. *HA* 592b17, 615b32; Ael. *NA* 4.47. Cf. *carduelis chloris*.

⁵⁶ Cf. ἀκανθίς, *fringilla carduelis*, espécie de ave.

⁵⁷ Vd. Arist. *HA* 609a30, 617a28.

⁵⁸ Cf. tipo de pombo doméstico, Nic. fr. 73 Schneider; Ath. 395c. Vd. Arnott 2007: 38.

⁵⁹ Ainda que nomeadas, não é apresentada a correspondência.

⁶⁰ Cf. quizá βύσσα (#15). Vd. ‘pardela’, Ael. *NA* 15.23; ‘corvo’, Ael. *NA* 3.9; Ov. *Met.* 4.389-415, a respeito das metamorfoses das Miníades em aves notívagas, *uespertiliones*.

⁶¹ Cf. αἰετός, ἀλιαιέτος (Arist. *HA* 619a4).

⁶² Vd. Arist. *HA* 542b4.

⁶³ Porque se refere que Zeus transformou todos os intervenientes no

> aves - ὄρνιθες; #14 - Hiperipe > pardela - αἴθουα, Múnico > falcão *buteo uulgaris* - τριόρχης⁶⁴, Alcandro > carriça ὄρχίλος, Megaletor⁶⁵ > *icneumone* - ἰχνεύμων⁶⁶, Fileu⁶⁷ > *kynis* [‘cão’] - κύων, Lelante (mãe) > tarambola insetívora - κνιπολόγος πιπώ⁶⁸; #15 - Mérops > pequena coruja - ὀρνίθιον γλαῦκα, Bissa > ave de Leucótea - Λευκοθέας ὄρνις⁶⁹, Ágron > tarambola - χαράδριον⁷⁰, Eumelo > corvo⁷¹ - νυκτικόρακα; #16 - Énoe > grou - γέρανος⁷²; #18 - Botres > merópida - ἠέροπος; #19 - ladrões (e.g. Laio, Celeu, Cérbero, Ególio) > aves ominosas - οἰωνοί: tordos azuis - λάιοι⁷³, pica-paus verdes - κελεοί⁷⁴, *kerberoi* - κέρβεροι⁷⁵, *aigoloi* - αἰγωλιοί⁷⁶; #20 - Harpe >

episódio em aves, embora não nomeie as criaturas relativas às transformações de Aédon e Quélidon, define-se o comportamento lamentoso da primeira, junto a correntes de água e nos bosques; e o convívio com a humanidade, no tocante à segunda.

⁶⁴ Vd. Arist. *HA* 592b3, 609a24, 620a17.

⁶⁵ *Rhyssa persuasoria?* *Pelopaeus spirifex?* (Arist. *HA* 552b26, 609a5) ‘tipo de vespa’; *Herpestes ichneumon?* ‘mamífero egípcio’. Porém, Antonino Liberal é claro ao afirmar a metamorfose num género de pássaro não identificado. Vd. n.r. seguintes.

⁶⁶ Vd. Ov. *Met.* 13.717-718.

⁶⁷ Vd. κυῶν, ‘cão’. Todavia, Megaletor e Fineu > μικροὶ δύο ὄρνιθες, “dois pequenos pássaros”. Por conseguinte, seriam ἰχνεύμων e κυῶν aves desaparecidas ou cuja denominação foi alterada?

⁶⁸ *Pluialis apricaria*: ave insetívora. Cf. *Tipo de pica-pau*, Arist. *HA* 593a12.

⁶⁹ Gaiivota - βύζα, βῦζα (βύας: ‘coruja-água’, Nic. fr. 55 Schneider).

⁷⁰ Ave proverbial da ganância e da gluttonia (Pl. *Grg.* 494b). Vd. *Charadrius oedipnemus* (Arist. *HA* 593b15, 615a1).

⁷¹ Tipo de coruja, Papatomopoulos 1968: 105 n. 15.

⁷² *Grus cinerea*, Arist. *HA* 614b18.

⁷³ Vd. *petrocichla cyanus*, Arist. *HA* 617a15.

⁷⁴ *Picus uiridis*.

⁷⁵ Ave sem correspondência.

⁷⁶ Vd. Arist. *HA* 616b25. Cf. κελεός, ‘pica-pau verde’, Arist. *HA* 592b11.

ἄρπη⁷⁷, Hárpaso > ἄρπασος⁷⁸, Clínis > ὑπαίετος⁷⁹, Ortígio > abelharuco - αἰγιθαλλός⁸⁰, Lício > corvo branco - κόραξ τὸ χρώμα λευκός⁸¹, Artemique > cotovia - πίφιγξ⁸²; #21 - Polifontes > coruja, Ágrio > abutre - γῦπα, Polifontes > coruja - στῦξ⁸³, criada feminina > pica-pau - ἴπνη).

Relativamente aos diversos tipos de animais resultantes das metamorfoses, constata-se o cariz explicativo/etiológico presente na tradição mitológica, justificando a correspondência das espécies com as figuras transformadas, em consonância com o seu carácter e (ou) comportamento(s)⁸⁴. Designadamente, no âmbito das aves, as noturnas (#10: morcego, coruja, coruja-águia); as lamuriosas⁸⁵ (#2); as que degustam olhos de outros animais, designadamente de peixes, aves e cobras - ἰχθύος ἢ ὄρνιθος ἢ ὄφρεως (#5); as de longos pescoços e altos voos (#16); umas de bom presságio (#5: abutre); outras ominosas (#15, 16, 19: pequena coruja; corvo; grou; tordos azuis, pica-paus, *kerberoi* e *aigolioi*); as equinofóbicas (#6); as conflituosas (#14: águia e a garça-real); outras ainda perniciosas para com homens e outras aves (#3).

A recorrência de transformações em aves não constitui exemplo único na literatura que explora as metamorfoses

⁷⁷ Ave ominosa, ave marinha. Cf. Arist. *HA* 609a24.

⁷⁸ Ave ominosa.

⁷⁹ Ave distinta da 'águia' - αἰετός, pois, como refere Antonino Liberal (#20) é mais pequena e mais negra. Vd. Arist. *HA* 618b20, 32; Plin. *HN* 10.3.

⁸⁰ Vd. Arist. *HA* 592b17, 616b3.

⁸¹ *Coruus corax*. Por ordem de Apolo tornar-se-ia negro (*cygnus niger*).

⁸² Cf. Arist. *HA* 610a10-12. Vd. κορυδαλλίς. Considere-se, outrossim, *Piphinx* Hsch. Π 2403; *Piphix*: *Etymologicum Magnum* 673.56-57, Cramer 2.249-250; *Piplix*: *Suda* Π 1672.

⁸³ Cf. σκώψ, 'coruja'.

⁸⁴ Cf. Arist. *Phgn*.

⁸⁵ Vd. Relativamente aos lamentos emitidos pelas aves em que se tornaram as Meleágridas - λέγονται πένθος, "lamentar".

de humanos em animais (vd. *Ov. Met.*). Assim, importa reconhecer o sentido dessa opção por divinas criaturas aladas, complementando o *topos* do ‘desaparecimento’⁸⁶, segundo uma

⁸⁶ De facto, o princípio das metamorfoses pode ser também encarado como castigo, mediante a teoria da transmigração das almas e metempsicose, numa lógica de reincarnações sucessivas até ao grau de purificação plena, remontando às Essências originais (cf. Pl. *Men.* 81c: καὶ πάντα χρήματα, οὐκ ἔστιν ὅτι οὐ μεμάθηκεν: ὥστε οὐδὲν θαυμαστὸν καὶ περὶ ἀρετῆς καὶ περὶ ἄλλων οἷόν τ’ εἶναι αὐτὴν ἀναμνησθῆναι, ἃ γὰρ καὶ πρότερον ἠπίστατο, “[a alma] adquiriu conhecimento de tudo, pelo que não é de surpreender que consiga ser capaz de relembrar o que outrora conhecia, acerca da virtude e de outras questões”). Desta forma, considerando uma certa relação entre a iniciação dionisíaca e o culto órfico, bem como o pressuposto pitagórico da transmigração (cf. Hdt. 4.79, D.S. 5.75.4), nada consegue garantir, segundo uma demonologia (neo)platónica (cf. Porfírio, *De Abstinencia* e o vegetarianismo) que um acto de sarcofagia não se traduza numa experiência antropófaga, vindo uma alma humana, porventura até de amigos e familiares, residir num corpo animal. Vd. *Od.* 10.239-240, onde os companheiros de Ulisses vêem o seu *noos* confinado em corpos suínos. No mesmo sentido, também Macareu fora deixado na ilha de Circe (*Od.* 10.431-435; *Ov. Met.* 14.159 sq.), feiticeira capaz de transformar homens em animais. Cf. Circe e a transformação de humanos em animais. Desta forma, torna-se possível entender o ‘desaparecimento’ de algumas figuras (cf., para além da mitologia pagã, o ‘desaparecimento do corpo de Jesus’, Mc. 16:6 - *nolite expavescere Iesum quaeritis Nazarenum crucifixum surrexit non est hic ecce locus ubi posuerunt eum* “Não se assustem. Estais a procurar pelo crucificado Jesus de Nazaré. Ele elevou-se, não está aqui. Eis o sítio onde o depositaram.”). Assim, nessa lógica, conforme aponta Platão, a alma, sendo imortal (*Men.* 81b. Cf. n.r.39), parece ter-se esvanecido metaforicamente, abandonando a sua prisão corporal, após a morte física, qual justiça primitiva (cf. Pl. *Cra.* 400c: καὶ γὰρ σῆμά τινές φασιν αὐτὸ εἶναι τῆς ψυχῆς (sc. σῶμα), ὡς τεθαμμένης ἐν τῶι νῦν παρόντι: [...] δοκοῦσι μέντοι μοι μάλιστα θέσθαι οἱ ἀμφὶ Ὀρφέα τοῦτο τὸ ὄνομα, ὡς δίκην διδούσης τῆς ψυχῆς ὧν δὴ ἔνεκα δίδωσιν, τοῦτον δὲ περίβολον ἔχειν, ἵνα σώζηται, δεσμωτηρίου εἰκόνα, “De facto, alguns afirmam que este último (isto é, o corpo), é o túmulo da alma, como se estivesse enterrada na presente condição [...] Todavia, parece-me que Orfeu e os seus seguidores lhe deram este nome sobretudo devido à alma, que paga o preço pelo que deve pagar-se, pelo que se mantém numa espécie e clausura, como uma prisão.”). Não será, pois, ocasional, serem avistados pássaros em histórias como Ctésila. Associam-se, assim, a imagens ornitológicas sentidos como a comunicação entre dois

demonologia (neo)platônica⁸⁷ e partindo do princípio de que a escolha dos episódios não fora totalmente arbitrária e aleatória, pretendendo quiçá o autor veicular concomitantemente outros sentidos⁸⁸.

mundos (humano/terreno e divino/celeste), o abandono do corpo inane (cf. metamorfose, qual ‘ressurreição’ (vd. Finney 2016; Seim – Økland 2009); a fertilidade (cf. alusões fálicas).

⁸⁷ Cf. gênese das aves enquanto resultado da união de Eros com Caos (Ar. *Av.* 798-799. Vd. formas assumidas por deuses, como Zeus, no seu relacionamento com Leto. Cf., na esfera cristã, o batismo de Jesus, *Matt.* 3:16; Espírito Santo, *Luc.* 3:22). Vd. Woodard 2007: 195. Consequentemente, o aproveitamento destes veículos privilegiados de comunicação com as esferas superiores, designadamente o uso de aves ominosas (vd. voo, gritos, entranhas para vaticínios de profetas. Cf. Calcas Testórida, *Il.* 1.68-72. Vd. *Od.* 2.299-332; *A. Ag.* 104-159), a nível pessoal e político (cf. *topos* em redor do sacrifício de Ifigênia). Vd. Heath 2001; Johansson 2012; Mylonas 1946; Heath 1999; West 1979; Peradotto 1969.

⁸⁸ Ora, os pássaros denotam o divino. *Vide*, a propósito, a demonologia de Apuleio, *De Dogmate Platonis* cit. Arist. fr. 19 Rose (cf. Pinheiro – Montiglio 2015), porquanto as aves apresentam capacidade de se afastarem da terra. Contrariamente, a postura asinina assumida por Lúcio manifesta uma inferioridade ética e moral própria de corpos humanos que confinam e poluem almas divinas com desejos animalescos (cf. *símile* em *Il.* 11.558-562). Metaforicamente, a ave (vd. Campbell 2014: 390. Cf. filósofos a todo o tempo, contrariamente a certas aves - umas notívagas, outras matinais, Apul. *Fl.* 13) representa a postura humana de um filósofo, capaz de contemplar o superior (céu), viajar mentalmente pelos ares e olhar para baixo (terra). Cf., ironicamente, alusões a Pégaso (e.g. 6.30.5, 7.26.3, 8.16.3, 11.8.4). Ora, em termos gerais, importa considerar, na obra, o desejo inicial, expresso por Lúcio e Pânfilo, de contrair uma metamorfose em pássaro. Os seus anseios, todavia, ficavam aquém do trajeto do *philosophus Platonicus* - Apul. *Apol.* 10.6 (cf. Plu. 517a), pois Pânfilo pretende voar até à sua amada (desejo carnal, ‘amor vulgar’) e Lúcio dar aso à sua curiosidade. Na realidade, Platão (vd. *Ti.* 90a-b, acerca da parte superior da alma. Cf. Sócrates-personagem, *Cra.* 399c; *R.* 586a-b) e Xenofonte (*Mem.* 1.4.11) definem o ser humano como especialmente apto para reverenciar o divino. A sua postura natural ereta (cf. *topos* ‘*pronus*’, Apul. *Met.* 3.25.1, numa tensão dualista - *Ac dum salutis inopia cuncta corporis mei considerans non avem me sed asinum video*, “e eu, na minha condição pobre, vendo a totalidade do meu corpo, observo que não sou uma ave, mas um asno”. Acerca da ligação forma corporal-alma, vd.,

Destacam-se, igualmente, metamorfoses em insetos (#22 - Cerambo > besouro *cerambyx* - κεράμβυξ); outros animais (#21 - Orio > lebre - λαγῶς; #24 - Ascálabo > lagartixa multicolor - ἀσκάλαβος⁸⁹; #29 - Galíntias > doninha - γαλήη; #35 - Boieiros > rãs - βάτραχοι); plantas/vegetais (#31 - jovens messápios > árvores - δένδρα; #34 - Esmirna > esmirna - δένδρον συμύρναν); astros (#25 - Metíoque, Menipe > cometas - ἀστέρες)⁹⁰; rocha/pedra - πέτρον, λίθος (#4 - Cragaleu > rochedo; #23 - Bato > rocha; #36 - Pandáreo > rocha; #38 - Lobo > rocha; #39 - Arsínoe > rocha; #41 - Céfalο, [raposa, cão > ἀμφοτέρους: ‘ambos’] > pedras); montanhas; fontes; mudança de sexo (#17: μετέβαλε τὴν φύσιν τῆς παιδὸς εἰς κόρον, “mudou o sexo da criança para o de um rapaz”); eco - ἦχώ (# 26). As metamorfoses configuram

recuando ao séc. IV a.C., Arist. *Phgn* (cf. Gregorić 2005). Vd., de igual modo, 5.23.3: *prona in eum*, a propósito de Psique e Cupido. Cf. sobre *pronus* e o *topos* da postura corporal, Sal. *Cat.* 1.1; Vitruv. 2.1.2; Ov. *Met.* 1.84; Juv. 15.147) proporciona-lhe a contemplação, contrariamente aos quadrúpedes, com maior suscetibilidade para comportamentos e desejos inferiores (cf. Mitras em Apul. *Met.* 11.15.1: *ad serviles delapsus voluptates*, “tendo descido a desejos servis”) próprios da bestialidade: comida, sexo (cf. Pl. *Ti.* 91e. Vd. metáfora da posição sexual, *mulier equitans*, Ov. *Ars* 3.777–778. Cf. Hor. *S.* 2.7.50; Mart. 11.104.1314). Tal princípio permite uma ligação imediata ao Cristianismo (Lact. *Divinae Institutiones* 2.1, *De Ira* 14, 20). Vd. DeFilippo 1990; Fletcher 2014; Moreschini2016; Bailleul-LeSuer 2004; Papaioannou 2003; Armstrong 1967. Cf. Miller 2009; Ramos Jurado 1981. Acerca da influência platónica exercida na Era Bizantina, na altura em que o Cristianismo se eleva sobre o ‘paganismo’ (terceira sofística, c. séc. III-VI), vd. Fowler 2014. Noutros contextos, reconhecer-se-ão ainda, nas metáforas, sentidos de cariz político, ao sobreviverem determinados comportamentos dos humanos metamorfoseados nas aves correspondentes, quais projeções metafóricas de cariz etiológico. Cf. associação entre deuses e aves na epopeia homérica. Cf. simbologia de pássaros na cristandade. Vd. Johansson 2012; Mylonas 1946.

⁸⁹ Vd. Nic. *Th.* 484.

⁹⁰ Vd. Hes. *Astronomia*; Ps. Eratosth. *Cat.*, na prosa Alexandrina; Arat. *Phaenomena*; Hyg. *Astr.*, para veicular a origem mitológica de corpos celestes.

uma medida aplicada, ora como castigo, a par de outras providências (e.g. Tífon, sepultado sob o Etna, em #28; Tântalo fulminado, em #36), ora como agraciamento (cf. #32, Dríope é transformada em ninfa - νύμφη, pelas Ninfas - divinização), misericórdia (e.g. #14, 20, 21) e até reconhecimento (e.g. #12).

Outrossim, mudanças de forma temporárias, designadamente a recordação da mudança de sexo transitória, a propósito de Tirésias # 17; as de divindades, em #28, recordando, de certa forma, vetustos traços de teriomorfismo⁹¹: Apolo > falcão - *ιέραξ*; Hermes > íbis - *ἴβις* > peixe escamoso - *λεπιδωτὸς ἰχθύς*; Ártemis > gato - *αἴλουρος*; Dionísio > cabra - *τράγος*; Hércules > cervo - *έλλός*; Hefesto > boi - *βοῦς*; Leto > rato do campo - *μυγαλιῆ*, entre outros.

Porém, o recurso literário a metamorfoses não constitui uma invenção nem tampouco uma inovação introduzida por Antonino. Com efeito, conta-se a presença de metamorfoses de forma mais recorrente, explorando uma multifuncionalidade superior ao mero adorno, em autores como *Homero, Heródoto, Parténio, Apolodoro, Cónon, Pausânias, Plutarco, Luciano, Eliano, entre outros escritores também helenísticos, e também em latinos, a exemplo de Ovídio (*Metamorfoses*)⁹², Apuleio, Higino.

No seu conjunto, se certos mitos se encontram deveras difundidos, outros poderão ter sido analisados e transmitidos literariamente, em primeira instância, pelo autor em apreço. Claro está que uma afirmação como a tecida no período anterior deve ser tomada com todas as cautelas, pois é extremamente redutor e falacioso afirmar que um autor tenha sido único ou o primeiro

⁹¹ Vd. epítetos teriomórficos, como se constata na fórmula *βοῶπις πότνια Ἥρη*, “Hera de olhos bovinos” (*Il.* 8.471). Cf. Xenoph. frs. 1, 5, 6, 16 Diels. *Vide* O’Brien 1993: 113-166.

⁹² Considerem-se Myers 1994; Condos 1997.

a apresentar qualquer temática/motivo literário, em virtude da exiguidade de um espólio de obras clássicas disponíveis na atualidade e em permanente mudança (descobertas, perdas).

Constata-se também que a obra, não obstante o título que a encabeça, não reúne somente episódios relativos a metamorfoses. Na realidade, há casos que se inscrevem no âmbito da obscuridade e da incerteza (ἀφάνεια), como os que reportam desaparecimentos (e.g. #1 - desaparecimento de Ctésila e a simbologia da pomba, πέλεια; #12 - desaparecimento de Cicno, após suicídio; #40 - ausência de Britomártis); substituições (e.g. #8 - Síbaris e o surgimento de uma fonte, πηγή; #13 - Áspalis e o surgimento de uma estátua, ξόανον; #33 - Alcmena substituída por uma rocha); raptos (e.g. #26 - Hilas, pelas Ninfas); castigos (*viz.* #28 - Tífon; #36 - Tântalo); divinizações (e.g. #27 - Ifigénia; #30 - Bíblis; #32 - Dríope). A narrativa #37 acumula dois expedientes: por um lado, os “corpos dos Gregos” somem (τὰ σώματα μὲν ἠφανίσθη τῶν Ἑλλήνων); por outro, perfazendo a dicotomia ontológica corpo/alma, as “almas dos Gregos” são metamorfoseadas em aves (αἱ ψυχὰὶ δὲ μετέβαλον εἰς ὄρνιθας).

A lição de cada episódio expressa uma funcionalidade justiceira das diversas transformações, o mesmo é dizer, punições aplicadas por juízes superiores sobre comportamentos⁹³ faltosos humanos. Na realidade, muitos destes mitos possuem

⁹³ Cf. o mito como revelador de impulsos e comportamentos instintivos mentais e sociais reprimidos. Vd. Kanzer 1964. Cf. Rank – Richter – Lieberman 2004 XII; Boyer – Boyer – Sonnenberg 1993: 389; Slochower 1970; Carroll 2009. Cf. também o material onírico apresenta-se, assim, como expressão de desejos contidos, com uma simbologia similar à dos mitos, que constituiria objeto dos estudos de autores como Freud e Jung. A propósito dos mitos enquanto material simbólico, vd. Loemker 1962 122. Cf., a respeito da percepção do Homem enquanto *animal symbolicum*, ‘animal simbólico’, Cassirer 1994; Creuzer 1836.

um carácter justiceiro, ilustrativo (cf. o carácter epónimo de diversas figuras, mormente após a sua metamorfose - e.g. #22), didático, evidenciando comportamentos humanos e divinos, valores, vícios, defeitos, justiça e religião, numa lógica de causa-consequência.

As mudanças de forma são da responsabilidade divina, em conformidade com as atribuições tradicionais reconhecidas às várias entidades. Eis, pois, a intervenção de divindades, quer individualmente, como Zeus (#5, 6, 11, 14, 19, 28, 34, 36, 37, 41), Hera (#16), Ártemis (#2, 27), Posídon (#3, 20), Deméter (#24), Leto (#17, 35), Hermes (#23), Apolo (#4, 18), Afrodite (#39), Atena (#15), Hermes (#10, 33); quer em conjunto, no mesmo mito, a saber, Zeus e Apolo (#7), Ártemis – Leto – Apolo (#20), Hermes – Ares (#21), Perséfone – Hades (#25). De referir também divindades menores⁹⁴, a exemplo de Musas (#9) e Ninfas (#22, 30. Ninfas do Rio Ascânio: #26, Ninfas Epimélides: #31, Ninfas Hamadriadas: #32), Fados (#29). De mencionar, de igual modo, a vontade divina, enquanto generalização (#38). Não raro, a metamorfose enquanto castigo divino efetuava-se através do toque da divindade (#4), por vezes com a mão (e.g. Apolo, em #4; #6: Zeus, estrangulamento de Périfas) ou com uma vara/bastão (ῥάβδος), qual elemento mágico, conforme se regista em #2: metamorfose em pássaros aplicada por Ártemis às irmãs de Meleagro, posteriormente colocadas em Leros; #10, por Hermes). Neste sentido, a metamorfose surge como uma medida maléfica, donde o elogio a situações de misericórdia divina, que evitam a aplicação da medida (e.g. #2: Dionísio, com o acordo de Ártemis, poupa duas irmãs Meleágrides - Gorge e Dejanira, da metamorfose infligida pela deusa). Decorrente da

⁹⁴ Cf. traços de bucolismo, com a alusão a elementos como pastores/boieiros, siringes, divindades rurais (e.g. Pá, Ninfas, Dínon).

justiça divina sobre condutas humanas perniciosas, casos havia em que a metamorfose era solicitada (e.g. #5, respondendo ao pedido de morte de Timandra).

Por vezes, a metamorfose assume-se como um recurso defensivo. Assim, a história #28, na qual Apolo se tornou um falcão (ἰέραξ); Hermes, um íbis (ἰβίς); Ares, um peixe lepidoto (λεπιδωτὸς ἰχθύς); Ártemis, um gato (αἴλουρος); Dionísio, uma cabra (τράγος)⁹⁵; Héracles, um cervo (ἐλλός); Hefesto, um boi (βοῦς); Leto, um rato (μυγαλῆ), entre outros.

Próximo da metamorfose encontra-se o *topos* do travestismo, como o de Cénis (#17), filha de Átrax, por influência de Posídon, tornada Ceneu de Lápita, à semelhança de outras ocorrências referidas no mesmo episódio, a saber, travestismo reversível do adivinho Tirésias, como castigo (homem > mulher); a prostituição de Hipermnestra e o travestismo por *philia* paterna; Cretense Sipretes (homem > mulher), por castigo de Ártemis. Não tão profundo, o disfarce é o expediente escolhido em #10, onde Dionísio, irado, numa atitude didática perante a insolente crítica de mulheres às Bacantes, se disfarça de rapariga, touro, leão, leopardo; #15, denotando o disfarce de Atena, Ártemis (deusas > raparigas), Hermes, trajado de pastor, ao colocarem à prova a arrogância e impiedade dos filhos de Eumelo (Bissa, Mérops e Ágron); #23, reportando o disfarce assumido por Hermes para verificar se Bato permaneceria fiel ao seu juramento de segredo.

. Geografia

São múltiplos os espaços geográficos constantes em

⁹⁵ Cf. Dionísio, origem do teatro (τραγωδία: τράγος, ‘cabra’ - ᾠδή, ‘canto’), festivais dionisiacos e concursos. Vd. E. *Cyc.* 80: τράγου χλαίνᾳ, a propósito do Coro Satírico (Σάτυρος . Cf. Τίτυρος) que se apresenta trajado com ‘vestes de cabra’. Vd. Smith 1875: 1140-1148.

Metamorfoses, de Antonino Liberal. Recorrente é a alusão a locais sagrados, como o santuário de Ártemis, para o interior do qual Hermócares atira a maçã com o juramento (#1). Assim também o bosque sagrado de Atena e Ártemis (#15), o templo de Leto (#17), o templo de Apolo (#19).

De igual forma, a multiplicidade de povos referenciados: *Aigolioi* (#19); Ambraciotas (#4); Aqueus (#27); Argivos (#33); Atenienses (#33); Ausónios (#31); Borístenes (#27); Cadmeus (#41); Calcedónios (#2); Calidónios (#2); Caónios (#4); Coríntios (#4); Cretenses (#17, 40); Curetes (#2); Dáunios (#31, 37); Dórios (#37); Dríopes (#4); Eginetas (#40); Emátides (#9); Aónios (#25); Epirotas (#4); Etólios (#12); Fenícios (#39); Gregos (#37); Hiperbóreos (#20); Ilírios (#31, 37); Locros (38); Mariandinos (#3); Meliteus (#13); Messápios (#31); Miníades (#10), Miníides (#39); Molossos (#14); Peucécios (#31); Pigmeus (#16); Povo de Cadmo (#41); Povo de Egina (#40); Sipretes (#17); Sisífidas (#4); Tauros (#27); Teléboas (#41); Tesprotos (#4); Tessálios (#22); Teucros (#3, 39).

Os locais não são meramente helênicos, o que poderá indiciar uma proximidade com a Ásia Menor e o Egito⁹⁶. Não sendo profícuas alusões geográficas a domínios de Itália, o que seria mais natural para habitantes ou escritores beneficiários de beneméritos/Mecenato latinos, fica a dúvida do público a quem se dirigia particularmente a obra e porque não interrogar a origem de Antonino Liberal, equacionando a sua relação com a predominância dos territórios aludidos.

Se grande parte dos locais surge referido uma única vez, outros há que cativam a atenção em duas histórias (Corinto; Grécia; Itália; Lócride; Mélite; Tessália; Troia) e alguns, de grande e generalizada abrangência, em mais, designadamente

⁹⁶ Cf. Bryce 2009.

Ática (4); Beócia (3); Creta (6). Um dos episódios mais ricos em termos geográficos é a história #23.

De entre os topónimos, destacam-se colónias; localidades; regiões/zonas/distritos; demos/divisões administrativas/distritos/municípios; costas promontórios; portos; montes; penínsulas; planícies; ilhas e locais hidrográficos.

Diminutas as referências a cenários a ocidente da Grécia, facto que poderá eventualmente relacionar-se com o tipo de mitos seleccionados pelo compilador e quiçá ser indicativo da sua proveniência, gosto pessoal e preferência do seu público.

. Colónias

Ambrácia (colónia de Corinto⁹⁷, no Epiro, fundada por Gorgo, filho de Cípselo): #4

. Localidades

Gregas

Argos (no Peloponeso, capital da Argólida, na zona oriental, fazendo fronteira a norte com Corinto; a oeste, com a Arcádia; a sul, com a Cinúria): #37, 40

Atenas (na Ática, com protecção de Atena)⁹⁸: #33

Cálidon (em Évinos): #2, 12

Carteia (na costa sul de Céos): #1

Corinto (no Ístmo de Corinto, no Peloponeso): #4, 23

Crisa (na Fócida): #8

Delfos (na Fócida): #8

Éfeso (na Íónia): #11

Eta (a sul da Tessália, fundada por Anfisso, filho de Apolo e Dríope): #32

⁹⁷ Cf. Paus. 10.11.6.

⁹⁸ Relativamente à sua fundação, cf. Hdt. 8.55; Apollod. *Epit.* 3.14.

Festo (em Creta): #17

Gortina (na ilha de Creta, próximo do Monte Ida): #25

Iúlis (na ilha de Ceos, nas Cíclades⁹⁹): #1

Larissa (na região da Tessália): #23

Orcómeno (no norte da Beócia): #25

Plêuron (cidade na Etólia, zona norte do Golfo de Corinto. Habitavam esta região povos Curetes e Léleges): #12

Sálamis (na zona leste de Chipre): #39

Tebas (cidade da Beócia, na região central da Grécia): #18, 29, 33, 41

Teumeso (cidade entre Tebas e Cálcis, no Estreito de Euripo. Cf. Paus. 9.19.1): #41

Leste da Grécia

Bábilon (localidade na Mesopotâmia, fundada no III milénio a.C., por Belo): #20

Bíblis (na Fenícia): #30

Cauno (cidade da Cária, na Anatólia): #30

Cólofon (cidade da Iónia): #11

Dríope (cidade Dórica): #32

Mileto (cidade da Ásia Menor): #30

Síbaris (cidade da Ásia Menor, na costa ocidental do Golfo de Tarento): #8

Troia (cidade do atual território turco, palco tradicional do Conflito Troiano. Cf. colina de Hisarlik, no noroeste da Turquia): #37, 39

Xanto (cidade da Lícia, banhada pelo rio com a mesma designação): #35

⁹⁹ Ilhas do Mar Egeu, situadas entre o sul de Ática e Eubeia, em torno - ἐν κύκλω de Delos.

Ocidente da Grécia

Tarento (cidade no sul de Itália): #31

. Regiões/zonas/distritos

Gregos

Grécia (região situada a sul da Europa, na confluência deste continente com a Ásia Menor e a África): #2, 27

Aqueia (região grega, a nordeste do Peloponeso): #23

Ática (região administrativa continental grega, entre o Mar Egeu e o Golfo Sarónico): #6, 24, 33, 41

Beócia (região da Grécia, que compreende cidades como Tebas e faz fronteira, a nordeste, com a Cálcia; com Lócride, a norte; com Fócida, a oeste; com Ática, a sudeste; com Mégaris, a sul): #18, 23, 25

Curetis (distrito oriental de Plêuron, junto a Cálcis e Calidon): #8

Emátia (cf. Macedónia, região limitada a norte pela Peónia e pela Trácia): #9

Epiro (região do sudeste da Europa, entre o Mar Iónico e o Pindo): #4

Etólia (na zona norte do Golfo de Corinto, espaço entre o Peloponeso e a Grécia ocidental. Habitavam esta região povos Curetes e Léleges): #37

Fria (região sul de Magnésia, na Grécia. Tradicionalmente, reino de Aquiles): #13

Ftiótide (região do centro da Grécia continental): #23

Lócride (Lócride, região na Grécia Central, junto a Parnasso): #23, 38

Magnésia (zona sudeste da Tessália, na região central da Grécia): #23

Megárida (zona geográfica, a oeste de Ática, incluindo parte oriental do Istmo de Corinto): #23

Tessália (região a norte da Grécia. Cf. Eólia): #5, 23

Leste da Grécia

Cária (região montanhosa ocidental do atual território turco): #30

Egito (região do Vale do Nilo, entre Filas e Elefantine e o Mar Mediterrâneo): #28

Fenícia (região nas costas do Mediterrâneo, englobando zonas dos atuais Síria, Líbano e Israel): #39, 40

Lícia (região da zona sul da Ásia Menor, limitada, a norte, pela Frígia e Psídia, a sul, pelo Mar Mediterrâneo - cf. Mar Lício; a (nord)Este por Panfília; a oeste, pela Cária): #35

Lídia (região da parte ocidental da Ásia Menor): #11

Mesopotâmia (região entre os rios Tigre e o Eufrates): #20

Píeria (região da costa norte da Síria): #9

Tremelis (Tremili, antiga designação da Lícia¹⁰⁰): #35

Ocidente da Grécia

Itália (território peninsular, de confluência mediterrânica): #8, 31

. Demos/divisões administrativas/distritos/municípios

Artemísio (demo da ilha Eubeia): #1

Aónia (distrito da Beócia): #25

Tégea (município do Peloponeso, na Arcádia): #23

Torico (demo do sudeste de Ática): #41

. **Costas**

Costa Adriática (margens do Mar Adriático e Golfo Adriático - extensão de água que separa a Península Itálica - ocupada, na secção oriental, em termos gerais, pelos Etruscos -, da

¹⁰⁰ Antes de Belerofonte, segundo Alex. Polyh. FGrH 273F. De acordo com Hdt. 1.173, 7.92, a designação prendia-se com o nome do ateniense Lico, filho de Pandión. Antonino Liberal recorda a alteração de nomenclatura por Leto (35). Vd. Bryce – Zahle (1986): 23.

Península Balcá, cuja região ocidental começou por ser habitada pelos Ilírios: #31

. **Promontórios**

Promontório de Argantone (Itália): #26

. **Portos**

Áulis (porto de Tenagra, na Beócia): #27

. **Orologia**

Montanhas

Grécia

Círfis (montanha Grega no Golfo de Corinto): #8

Monte Eta (na zona central da Grécia): #32

Monte Hélicon (na Beócia): #9

Monte Liceu (na Arcádia, Península do Peloponeso, onde se celebravam os *Lycaea*, festivais em honra de Liceu): #23

Monte Ménalo (na Arcádia): #23

Monte Ótris (na parte central da Hélade, a nordeste de Ftiótide e sul de Magnésia): #22

Monte Pélion (na Tessália, região a norte da Grécia): #38

Oriente da Grécia

Monte Líbano (na atual região do Líbano, paralelamente ao mar Mediterrâneo): #34

Monte Sípilo (no atual território turco): #36

Ocidente da Grécia

Montanha Etna (vulcão da costa oriental da Sicília, na Itália): #28

Cadeias Montanhosas

Parnasso (na parte central da Grécia): #8

. Penínsulas

Peloponeso: #23

. Planícies

Planície de Tebas (zona plana de Tebas, na Beócia): #41

. Ilhas

A Este da Grécia

Ceos (ilha do arquipélago das Cíclades, no Mar Egeu): #1

Chipre (ilha localizada no Mar Mediterrâneo, a oeste da Turquia e a este da Grécia): #39

Cós (ilha grega do Dodecaneso, no mar Egeu): #15

Creta (no Mar Mediterrâneo, era a maior ilha grega, tradicionalmente localidade da civilização Minoica, governada por Minos): #17, 19, 30, 36, 40, 41

Egina (ilha Grega do Golfo Sarónico, no mar Egeu): #38, 40

Ilha de Leros (ilha a Sudeste do Mar Egeu, no Dodecaneso, arquipélago de 12 ilhas de maior dimensão): #2

Ilha de Sálamis (ilha de maiores dimensões do Golfo Sarónico): #38

Ilha Merópide (ilha habitada por Cários, provenientes da Ásia Menor, Minoicos, Cretenses, Dórios, altura em que foi denominada Merópide, habitada por Meropes. Cf. Cós, ilha grega do Dodecaneso): #15

Sálamis (maior ilha do Golfo Sarónico - Egina, mar Egeu): #39

A Ocidente da Grécia

Cefalénia (maior ilha do Mar Iónico): #40

Ilha de Astéria (cf. Ortígia, 'ilha da codorniz' na Sicília): #35

Ilha Diomedea (uma das ilhas Tremiti, no Adriático): #37

Mélite (ilha do mar Mediterrâneo, a sul da Sicília. Cf. Malta): #13, 35

. Locais específicos próprios de cada história

Banhos de Héracles: #4

Banhos públicos de Xanto: #35

Bosques sagrados: #15

‘Lago dos Cisnes’: #12

‘Observadores de Bato’: #23

Portão de Eletra: #33

Rochas Sagradas: #31

‘Sítio das Ninfas e dos jovens’¹⁰¹: #31

. Locais de foro religioso

Post mortem

Ilha Branca: #27

Ilhas dos Bem-Aventurados: #33

Tártaro: #13

Santuários

Santuário de Apolo (em Dríope): #32

Santuário de Artemis (em Éfeso): #40

Templos

Templo [geral]: #25

Templo de Apolo (cf. oráculo de Apolo em Delos; oráculo de Apolo em Delfos; santuário de Apolo, em Tebas¹⁰². Vd. Apolônio (Ἀπολλώνιον): Templo dórico de Apolo, do séc. VI a.C., em Ortígia, na Sicília): #20

Templo de Ártemis (Artemísio, em localidades como Éfeso, nas costas da Jónia; Corcira, cidade no mar Egeu): #1, 40

Templo de Leto (*Letoon*, em Delos, ilha do mar Egeu): #17

¹⁰¹ Vd. τόπος Νυμφῶν τε καὶ Παίδων.

¹⁰² Vd. Paus. 9.10.5.

. Mares

Mar do Ponto (Mar Negro): #27

Mar Iónico (zona marítima entre Sicília e Sul de Itália e a Grécia. Conflui, a norte, com o Mar Adriático; a sul, com o Mar Mediterrâneo): #37

Mar Negro (zona marítima que separa o sudeste da Europa, da Ásia Menor): #26

Ponto Euxino (mar Euxino/Mar Negro): #27

. Fontes

Fonte de Mélite (cf. Malta): #35

Fonte Síbaris: #8

. Lagos

Lago Conope (cf. Rio Cíato, que corria para o Aqueloo/lago Híria, junto à cidade de Conope, na Etólia): #12

. Rios

A Oriente da Grécia

Rio Ascânio (deus rio/lago/rio, a oeste da Bitínia, na Anatólia -Turquia): #26

Rio Áxio (rio na Macedónia): #8

Rio Xanto (na Lícia): #35

Hélicon (rio, na cidade macedónia de Dion): #9

. Locais mencionados

por figuras

terras de Hércules (cf. Argos): #33

pelos povos habitantes

Grécia

região dos Fócios (Fócios: habitantes da Fócida, na parte central do território Grego): #38

região dos Mélios (Mélios: habitantes da colônia espartana de Melos, ilha do sul de Egeias): #22

zona dos Iapígios (Iapígios: povo da colônia espartana de Taras/Tarento): #31

A Oriente

terras dos Dáunios (Dáunia: região da Apúlia, no sul de Itália): #37

A Ocidente

terras dos Pelasgos (Pelasgos¹⁰³: habitantes do mar Egeu): #23

. Resistências

As metamorfoses inscrevem-se no âmbito dos ἀδύνατα/*impossibilia* e de coleções de αἰτία, com tradição na literatura grega, por vultos literários como Lucrécio; Vitruvius (cf. 8.3.4, 12, 14, 17). Este padrão folclórico de exotismo de consumo/popular constitui um expediente básico de cariz explicativo de realidades circundantes e potenciador de verosimilhança relativamente a mitos/tradições/ritos/costumes que caracterizam a cultura grega¹⁰⁴. Com efeito, embora recorrente, trata-se de uma continuidade, face a recontos do âmbito do ‘maravilhoso’ da

¹⁰³ Cf. etimologia: (πελασ)γός, denunciando um povo nómada proveniente do Egito. Vd. *Il.* 2.840, 843 10.429, 17.288; *Od.* 19.177; Hes. fr. 212; Hdt. 1.57; E. *Or.* 857 (com o sentido de ‘Grego/Aqueu’).

¹⁰⁴ Cf. distanciamento de Hecat. fr. 1 *FGrHist* : τὰδε γράφω ὥς μοι δοκεῖ ἀληθέα εἶναι· οἱ γὰρ Ἑλλήνων λόγοι πολλοί τε καὶ γελοῖοι, ὥς ἐμοὶ φαίνονται, εἰσὶν. “Escrevo o que considero ser a verdade, pois os Gregos têm muitas histórias que, na minha opinião, são absurdas.”

literatura paradoxográfica, cujo dealbar remontava aos séc. IV/III a.C. (cf. παραδοξολογία. Vd. Tz. *H.* 2.151)¹⁰⁵. Todavia, Antonino transcreve e(ou) reescreve a tradição, nunca assumindo

¹⁰⁵ A paradoxografia segue a tradição conservada nas obras ditas homéricas e em Hesíodo, afinal considerados no limiar da moral divina (cf. Xenoph. fr.11 Diels). Contribuem também para o desenvolvimento do gênero a colonização grega desenvolvida no Mediterrâneo, c. VIII a.C. e a historiografia jônia. No respeitante ao gênero propriamente dito, importa julgar, em primeiro lugar, a origem (e.g. Teopompo de Quios, Θαυμάσια, *Thaumasias*; Estratão de Lâmpsaco, Περὶ τῶν μυθολογουμένων ζώων, *Sobre animais em mitos*); o século III a. C. (e.g. Calímaco de Cirene, Παραδόξων ἐκλογή/Θαυμάσια, *Seleção de Estranhos Eventos/Maravilhas*; Antígono de Caristo, Θαυμάσια, *Maravilhas*; Ἱστοριῶν παραδόξων συναγωγή, *Compilação de Histórias Admiráveis*; Fílon de Heracleia, Περὶ θαυμασιῶν, *Sobre Maravilhas*); depois, o período dos séculos III/II a. C. (e.g. Aristandro, Παράδοξα γεωργίας, *Campos Incríveis*; Ἱστορίαι θαυμασίου, *Recontos Maravilhosos*; Lisímaco, Θηβαικὰ παράδοξα, *Maravilhas Tebanas*); também os séculos II/I a.C. (e.g. Heraclides Lembos, Ἱστοριῶν παραδόξων συναγωγή, *Histórias Admiráveis*; Isígono, Ἄπιστα, *Coisas Inacreditáveis*); e ainda o período Imperial - 27 a.C. - 565 d.C. (e.g. Flégon de Trales, Περὶ θαυμασιῶν, *Fenómenos Assombrosos*). Entretanto, todavia, manifestam-se posições de ceticismo e racionalização (logografia), como a de Paléfato (séc. IV a.C., Περὶ Ἀπίστων, *Sobre Contos Inacreditáveis*), na tradição do evemerismo, sobre alguns recontos mitológicos, compondo uma obra no âmbito da recomposição do *topos* (gênero?) literário da paradoxografia, destinado a retratar situações e (ou) objetos do fantástico e inacreditável. Justifica-se, então, numa lógica de um certo elitismo de (pseudo-)cientificidade, que acompanha novos conhecimentos, com expressões adversativas similares, introduzidas por δὲ e ἀλλά, ‘mas’, com o sentido de ‘mas a verdade é esta’ (e.g. Palaeph. τὸ δὲ [δ'] ἀληθὲς ἔχει ᾧδε, #1-2, 6-9, 23, 28, 30, 41-42; τὸ δὲ ἀληθὲς οὖν ἐστὶ τοῦτο, #3; [ἔχει οὖν] ἡ ἀλήθεια ᾧδε, #4, 18; ἐγένετο δέ τι τοιοῦτον, #5; ἡ δὲ ἀλήθεια [ἔχει ᾧδε] αὕτη, #10, 16, 20, 22; ἡ δὲ ἀλήθεια ἦδε, #45; τὸ [ἦν] δὲ ἀληθὲς τοιοῦτον, #13, 21; τὸ δὲ ἀληθὲς [ἔχει ᾧδε] οὕτως, #15, 19; ἦν δὲ τοιοῦτον, #24; [ἀλλ'] ἐγένετο [δέ] [τι] τοιόνδε τι, #26, 39, 40; ἔχει δὲ ᾧδε τὸ ἀληθὲς οὕτως, #27; ἐγένετο οὖν τοιοῦτόν τι, #31; ἐγένετο δέ τι οὖν τοιοῦτόν, #43. Cf. anotações, como μάταιον, “ridículo”, #4, 27, 38; ἐστὶ δὲ εὐηθες, “isto é uma tolice”, #5; τοῦτο δὲ ψευδές, “isso é falso”, #9, a título ilustrativo). As causas apontadas para repor a verdade (cf. plausibilidade) dos acontecimentos varia na introdução de cada fenómeno retratado (e.g. #37: ἀλλ' ἦν τοῦτο, “Eis como aconteceu”; #38: ἦν οὖν τοιοῦτον, “Eis o que sucedeu”).

um discurso como autores da índole de Paléfato. Mais do que um exercício de racionalização sobre matéria mitológica, retratam-se com Antonino Liberal reminiscências historiográficas e etnográficas ainda presentes na população mais antiga, mas quase votadas ao esquecimento e à deturpação de generalizações tradicionalmente preservadas pelo fantástico mitológico. A obra de Antonino preserva estórias tradicionais frequentemente envoltas de um didatismo explicativo.

F. LINHAS TEMÁTICAS

O rol de quarenta e uma histórias mitológicas não abarca o panorama mitológico helénico. Ainda assim, afirmam-se como episódios representativos da multifuncionalidade da mitologia, abrangendo áreas tão díspares como faltas (insolência, traição; incumprimento de juramentos), justiça, religião, cerimónias, deveres, com evidente teor explicativo e didático, numa lógica *post hoc ergo propter hoc*.

Seguindo o costume de época em que se estima a sua elaboração, a obra afigura-se como sumária e ilustrativa. Facilmente manuseável, afasta-se do volume epopeico de composições mais antigas.

O acervo de fábulas retratado por Antonino reveste-se de claros aspetos folclóricos, de cariz tradicional (e.g. #27), heroico, com algumas alusões de pendor social (cf. #28: interpretação política) e evemerista¹⁰⁶, explicações facilmente memorizadas,

¹⁰⁶ A dúvida existencial da humanidade parece percorrer, de forma transversal, a Antiguidade, aliando-se ao *topos* da 'culpa ancestral', com prossecução no paradigma judaico-cristão. Assim se reflete sobre a criação das divindades: se ficara a dever-se ao Homem (cf. evemerismo desenvolvido no séc. IV a.C., supondo os deuses enquanto representações de figuras com existência histórica, reverenciadas pelos seus feitos), enquanto abstrações hiperbolizadas (cf. antropomorfismo, Xenoph. frs. 14, 15, 16 Diels) ou o inverso. Dio Crisóstomo (80.10) reproduz

passíveis de constituir material¹⁰⁷ a ser utilizado por estudantes e (ou) outros autores. Importará até, neste sentido, imaginar o público consumidor desta obra composta, quando o Império Romano abarcava, na sua maior extensão, uma considerável vastidão étnica, ainda que começassem a desenhar-se prenúncios da derrocada a Ocidente (476 d.C.): quicá uma audiência popular? Pouco ilustrada? Mormente do Oriente (sob o Império Romano tardiamente, 1453 d.C.), ou talvez os cenários de diversas histórias mitológicas pretendessem ilustrar atos de ‘bárbaros’ a evitar, donde os cenários dos episódios mitológicos, regra geral, estarem

indicação genética similar à expressa por D.Chr. 30.10-11: ὅτι τοῦ τῶν Τιτάνων αἵματός ἐσμεν ἡμεῖς ἅπαντες οἱ ἄνθρωποι. ὡς οὖν ἐκείνων ἐχθρῶν ὄντων τοῖς θεοῖς καὶ πολεμησάντων οὐδὲ ἡμεῖς φίλοι ἐσμέν “nós homens somos do sangue dos Titãs; e uma vez que eles são hostis para com os deuses, nós também não somos amigos destes últimos”. Já Opiano transmite informação generalizada (5.4-7), recuperando, por um lado, a gênese da raça humana moldada a partir do barro (Xenoph. frs. 8-10 Diels. Cf., no paradigma judaico-cristão, *Génesis*, 2:7), à imagem e semelhança dos deuses; por outro, a disposição teofágica dos Titãs, ao desmembrarem (σπαραγμός) e devorarem a carne de Zagreu/Dionísio: ἀλλὰ τις ἀτρεκέως ἰκέλην μακάρεσσι γενέθλην, | ἀνθρώπους ἀνέφρσε, χερεῖονα δ’ ὤπασεν ἀλκίην, | εἴτ’ οὖν Ἰαπετοῖο γένος, πολυμήτα Προμηθεύς, | ἀντωπὸν μακάρεσσι κάμεν γένος, ὕδατι γαῖαν | ξυνώσας [...] εἴτ’ ἄρα καὶ λύθροιο θεορρύτου ἐκγενόμεσθα | Τιτήνων. “Alguém criou os homens para constituir uma raça similar aos deuses abençoados, embora lhes tenha dado uma força inferior - quer tenha sido o filho de Jápeto, Prometeu, de muitos artifícios a criar o homem, à semelhança das divindades, misturando terra com água [...], quer tenhamos nascido do sangue divino que fluiu dos Titãs.” Vd. um outro exemplo do comportamento repetido dos Titãs, D.S. 4.6.1, a propósito do dilaceramento de Osíris. Cf. Edmonds 1999; Spyridakis 1968, acerca do everimerismo; Murdock 2009: esp. 11.

¹⁰⁷ Considere-se a elaboração de escritos literários a serem usufruídos pelo seu valor intrínseco e sobretudo utilizados enquanto material utilitário de consulta / apoio mnemónico para diversas produções literárias (e.g. épica, elegia, novela). A título ilustrativo de um sentido pragmático e instrumental, *Erotika Pathemata*, de Parténio, como um ὑπόμνημα (*breuiarium*, forma de anotação peripatética seguida na poesia Helenística), respondendo à solicitação de Galo. Vd. Troca Pereira 2015; Steinbock 2012: 324; Tarn 1921.

geográfica e etnicamente arredados do solo itálico? Transmissão de cenas mitológicas enquanto sociofactos, facilmente passíveis de interpretação política e moral? Expressar uma linha de raciocínio típica de uma continuidade, *mutatis mutandis*, ao invés de uma dicotomia simplista entre paradigmas religiosos?

Em termos gerais, o material mitológico empregue nas histórias apresentadas reveste-se de uma dinâmica tripartida - social¹⁰⁸ / ritual¹⁰⁹, didática, de pendor moral. Consequentemente, o final que pode julgar-se infeliz¹¹⁰ para as figuras que protagonizam os episódios, enquanto resultado de uma aliança δίκη-πάθος, qual ascendente sobre a existência humana marcada por πάθει μάθος, “aprendizagem pelo sofrimento” (cf. A. Ag. 177).

No conjunto, as temáticas são diversificadas, manifestando-se simultaneamente em cada uma das histórias, o que enriquece o espólio e evita a monotonia. Assim, assuntos como afetividade; sofrimento; desaparecimento (ἀφανισμός, e.g. #1, 8, 12, 13, 25, 26, 30, 32, 37; ἀφανής, ‘invisibilidade’, e.g. #3, 5, 8, 12, 13, 25, 26, 32, 37, 40)¹¹¹; insolência; falta a juramentos; dolo; traição;

¹⁰⁸ Vd. James 1998: 156; Segal 1998; James 1948.

¹⁰⁹ De considerar o mito como αἰτία, ou seja, como causa de determinado ritual, instituição ou facto. Vd. festivais; cortejos; rituais (e.g. rituais propiciatórios / de retribuição / de purificação; rituais de passagem / rituais que se incluem em cerimónias de magia). Assim acontece na apresentação de metamorfoses na seleção mitológica de Antonino Liberal, sublinhando o cariz explicativo de certos cultos (e.g. #1, 4, 13, 17, 25, 26, 29, 32). Vd. Kirk 1973; Burkert 1966. Cf., ainda assim, estudiosos preocupados em demonstrar que grande parte dos mitos se encontrava separada de rituais (Boas 1916: 565 sq.).

¹¹⁰ As escolhas mitológicas de Antonino Liberal pautam-se pelo carácter negativo e patológico (cf. *Pathos*, ‘sofrimento’) reconhecido ao *eros* presente nos relacionamentos amorosos matizados por perversidade, abordados por Parténio, Ἐρωτικά Παθήματα, *Sofrimentos de Amor*, obra que antecede Antonino no *Códice*.

¹¹¹ Vd. a percepção de que se tenha tornado uma divindade. Cf. desaparecimento de Empédocles, D.L. 8.51-75.

inveja divina (φθόνος θεών); imolação (e.g # 27, 30, 32, 33).

. Afetos

São vários os tipos de relacionamentos e afetos apresentados transversalmente entre as diversas histórias. E se uns aparecem retratados de forma positiva, outros recebem notas condenatórias. Manifestam-se, assim, no plano sentimental, traços de ἀγών ('luta'), ὕβρις ('insolência'), δόλος ('dolo'), φθόνος ('inveja') e βία ('força'). Importa, por conseguinte, delimitar, quer os diversos relacionamentos decorrentes da complexa esfera de emoções retratada, quer as afeições reinantes nesses contactos.

Relações de amizade, de carinho ou de amor, teoricamente recíprocas e desinteressadas¹¹², entre companheiros, familiares¹¹³, à margem de benefícios, utilidade, prazer erótico, configuravam laços de *philia*¹¹⁴.

As paixões retratadas evidenciam estados de desejo incontrolláveis e até patológicos, contraídos por deuses e homens, ora instigadas por deuses (e.g. #1), ora a partir de um olhar cativado pela beleza juvenil da figura amada, o que reflete uma regularidade manifestada no panorama literário da Antiguidade¹¹⁵. O início das paixões radica usualmente na

¹¹² Cf. Plu. *De amore prolis* 2: φιλεῖν ἄνευ χρείας, “um amor gratuito”. Vd., no inverso, Plutarco, a propósito de outros tipos de amor materialista, motivados pelo poder (*Lucullus* 33: φιλαρχία)

¹¹³ Vd. Antipho Soph. 1.26: καὶ φίλους καὶ ἀναγκαίους, “amigos e familiares”.

¹¹⁴ Cf. φιλεῖν; φιλότης (Hes. *Tb.* 125: φιλότητι μιγεῖσα, “união com afeto”. Cf. *Il.* 6.25: φιλότης). No oposto, considere-se a oposição expressa por Arist. *EN* 9.1.2- [1164a1], quando o maior afeto se depara com uma completa falta de afeto: ὑπερφιλῶν οὐκ ἀντιφιλεῖται.

¹¹⁵ A título ilustrativo, vd. X. *Cyr.* 5.1.16: καὶ πυρὸς γάρ τοι ἔστι θιγόντα μὴ εὐθὺς καίεσθαι καὶ τὰ ξύλα οὐκ εὐθὺς ἀναλάμπει: ὅμως δ' ἔγωγε οὔτε πυρὸς ἐκὼν εἶναι ἄπτομαι οὔτε τοὺς καλοὺς εἰσορῶ.

contemplação de elementos como a beleza e a dança, regra geral, por parte de um jovem perante uma donzela.

Frequentemente, as paixões retratadas envolvem divindades, jovens de elevado estatuto social e (ou) heróis. Algumas figuras que se destacam em alguns mitos correspondem ao ideal de καλοκάγαθία (καλὸς καὶ ἀγαθός, 'belo e bom'), mediante o qual existiria uma correspondência direta entre a beleza física e a virtude moral. Assim, Híerax - homem justo e distinto, o qual fundou templos em honra de Deméter (#3), à semelhança de Nicodamo, homem bom e sensível (#16) e Éaco, garboso e valeroso (#38); a generosidade e justiça de Egípcio, que justificavam a piedade divina e o gosto humano (#5); Périfas (#6); Múnico, adivinho e um homem justo, com filhos bons e justos (#14), tal como Eumelo (#15); Eumelo e a reverência de Apolo (#18), à semelhança de Clínis (#19).

Na realidade, embora a obra seja constituída por um conjunto de pequenas narrativas, aproxima-se, por um lado, da tragédia, na medida em que o estatuto social de muitos intervenientes é elevado e o término dos assuntos é trágico. Porém, possui igualmente marcados traços idílicos, pois os cenários bucólicos e a presença de figuras como pastores e boieiros é também recorrente. Por outro ainda, constata-se um avizinhamiento relativamente ao que viria a corolar-se como um estilo literário

οὐδέ γε σοὶ συμβουλεύω, ἔφη, ὦ Ἀράσπα, ἐν τοῖς καλοῖς ἔαν τὴν ὄψιν ἐνδιατρίβειν: ὡς τὸ μὲν πῦρ τοὺς ἀπτομένους καίει, οἱ δὲ καλοὶ καὶ τοὺς ἄπρωθεν θεωμένους ὑφάπτουσιν, ὥστε αἰθεσθαι τῷ ἔρωτι. “Pois, como sabes, é possível para um homem colocar o seu dedo no fogo e não se queimar logo, e a madeira não fica logo em chamas; ainda assim, pela minha parte, eu não ponho a minha mão no fogo, nem contemplo a beleza, desde que consiga evitá-lo. E aconselho-te também a ti, Araspas - disse ele - não deixes que os teus olhos se demorem sobre o belo, pois o fogo, por certo, queima apenas os que o tocam, mas a beleza, insidiosamente, provoca um fogo até nos que a miram de longe, pelo que ficam inflamados com paixão.”

do Período Helenístico, também construído sobre a mitologia tradicional, a saber, à novela¹¹⁶. Com efeito, as histórias de amor, com aproveitamento em coleções de metamorfoses, nem sempre com ‘final feliz’¹¹⁷, viriam a ter desenvolvimento e reconstrução enquanto material literário da Época Imperial latina, designadamente de epílios, elegias e épica. Além disso,

¹¹⁶ Embora principiado de forma algo titubeante e de fraca expressão, face a consagrados géneros literários, como a épica e a lírica, este género de início ‘menor’ (cf. sinédoque crítica, a partir do autor mais antigo, com representatividade, Pers. 1.134: *his mane edictum, post prandia Callirhoen do*, “a estes [incultos], dou-lhes, pela manhã, um edito e, depois da refeição, Calíroé”; Philostr. *Ep.* 1.66: Χαρίτωνι. μεμνήσεσθαι τῶν σῶν λόγων οἷοι τοὺς Ἑλληνας, ἐπειδὴν τελευτήσης: οἱ δὲ μηδὲν ὄντες, ὅποτε εἰσίν, τίνας ἂν εἶεν, ὅποτε οὐκ εἰσίν; “A Cáriton. Julgas que os Gregos vão guardar na memória as tuas histórias após a tua morte, mas os que nada são enquanto vivem, o que serão quando já não existirem?”) cativou interesse e público, gerando empatia popular, ao apresentar uma flexibilidade estrutural aliada a temáticas que envolviam afeto, aventura e um ‘final feliz’. Vd. tradições anteriores, como a semítica (séc. V a.C.). Cf., a título ilustrativo, Cáriton (séc. I: *Callirhoe*); no século seguinte, Aquiles Tácio (*Leucipo e Clitofon*), Longo (*Daphnis e Chloe*), Xenofonte de Éfeso (*Anthia, Habrocomes*); no séc. III, Heliodoro de Emesa (*Charileia e Theagenes*). Vd. novelas latinas, com Petrónio (*Satyrice*), Apuleio (*Metamorfoses*). Cf. outrossim, ainda que de modo afastado, Luciano, *Histórias Verdícas*; Filóstrato, *Vida de Apolónio de Tiana*. Considerem-se, no mesmo sentido, recontos de viagens maravilhosas (e.g., Evémero, no séc. III, Antífanos, século IV), Ctésias, Hegesianax. Vd., outrossim, Loliano, Iâmblico, já com motivos literários distintos e até grotescos, como o sacrifício, relacionamentos homoeróticos, aparições fantasmagóricas. Sobre a hipótese de as novelas, entendidas como alegorias (cf. Harrison – Paschalis – Frangoulidis 2005), refletirem, de certa forma, cerimónias de iniciação, vd. Kerényi 1927; Merkelbach 1962; Bianchi – Vermaseren 1982; Versnel 1990: 71. Importa, de igual modo, referir a relação entre a novela e a cristandade (vd. Gospel cristão. Cf. críticas do Imperador Juliano, séc. IV, 89B Bidez-Cumont), já que autores como Aquiles Tácio e Heliodoro terão composto as suas obras novelescas na juventude, antes de se terem assumido no bispado cristão. Cf. Silva 1996; Oliveira – Fedeli – Leão 2005; Perry 1930; Lafaye 1904; Schmeling 1996; Whitmarsh 2008; Starner 2011; Reardon 2014.

¹¹⁷ Cf., a título ilustrativo, Parténio, Ἐρωτικά Παθήματα, enquanto colêtânea mitológica em torno de relacionamentos sentimentais irregulares/transgressivos e desafortunados. Vd. Lightfoot 1999; Troca Pereira 2015.

nos pequenos episódios, verifica-se a apresentação de forma despreziosa e por certo alargada em termos de público, de tramas (cf. πλάσμα, *argumentum*) com desenvolvimento deveras sucinto, espelhando o intuito explicativo e o carácter didático das mesmas. Outrossim, perscruta-se uma aproximação às fábulas, porquanto os mitos em causa manifestam um claro didatismo, aplicado através das metamorfoses enquanto expediente de justiça, e até à exploração do carácter dramático de algumas histórias mitológicas, bem como o aproveitamento da alegoria dos mitos¹¹⁸ e a exploração de rituais expostos.

Por vezes, festivais e recintos religiosos serviam de cenário, conforme ocorre no caso de Hermócares, face a Ctésila, aquando da realização do festival Pítico (#1). Ctésila dançava em torno do altar de Apolo, o que desperta o desejo masculino, mais tarde retribuído, por influência divina. No mesmo âmbito, Arceofonte, ao ver a filha de Nicocreonte (#39).

Constatam-se também paixões que ultrapassam a generalidade de jovens pares, compostos por um elemento masculino e outro feminino.

Relacionamentos homoeróticos são retratados, uns de forma sugerida, outros de modo claro. Eis, pois, no primeiro caso, Euríbates e o afeto inspirado pelo jovem Alcioneu (#8); Hércules por Hilas (#26). De um modo mais assumido, na exposição de Antonino, amores de divindades por humanos, regra geral, mal sucedidos e não retribuídos pelos mortais, designadamente, de Apolo por Magnes (#23); das Ninfas por Hilas (#26); de Apolo por Dríope (#32)¹¹⁹; de Afrodite por Adónis (#34). Com uma

¹¹⁸ Cf. a hermenêutica da alegoria e a exegese não literal dos mitos. Vd. Pérez-Jean 2004; Copeland – Struck 2010.

¹¹⁹ Não raro, o furor acompanha o domínio do *eros*. Quando o desejo não encontra retribuição, registam-se episódios de fuga, por vezes com contornos de força e ímpeto (cf. rapto, suicídio, assassinato,

tonalidade perturbadora da ordem e dos laços supervisionados por Hera, a paixão do esbelto e corajoso Céfalo, casado com Prócris, e a deusa Aurora (#41).

De igual modo aproximados por um olhar inicial, Egípio, pela viúva Timandra (#5), uma paixão mal entendida, que

metamorfose, sacrifícios, exílio, expulsão). *Eros* é, de facto, percecionado negativamente como uma afeção tirânica (cf. Sófocles em resposta a Céfalo que o indagava a respeito do seu desempenho varonil com o sexo oposto, tendo em conta a sua idade, Pl. *R.* 329c: καὶ ὅς, ‘εὐφήμει,’ ἔφη, ‘ὦ ἄνθρωπε: ἀσμενέστατα μέντοι αὐτὸ ἀπέφυγον, ὡςπερ λυττῶντά τινα καὶ ἄγριον δεσπότην ἀποδράς. “E ele [Sófocles] respondeu: “Calate lá! Escapei, com muito gosto, desse assunto a que te referes, como se tivesse fugido da fera violenta e selvagem de um senhor.” Em Platão, constata-se a valorização erótica em termos filosóficos, o que equivale a dizer, enquanto encontro de almas e essências. Tomando por princípio o *eros* como predisposição (cf. Lâmprias, Plu. *De communibus notitiis aduersus Stoicos* 324: Θήρα γάρ τις, φασίν, ἔστιν ὁ ἔρως ἀτελοῦς μὲν εὐφυοῦς δὲ μεираκίου πρὸς ἀρετήν, “Dizem que o amor é a busca de uma pessoa jovem que ainda não está perfeita, mas encontra-se naturalmente disposta para a virtude”), numa lógica de *kalokagathia*, de modo a partir-se da beleza física (cf. Pl. *Smp.* 204d: ὁ Ἔρως, ἔστι δὲ τῶν καλῶν, “é o amor das coisas belas”) para, através do encaminhamento do ‘desejo’ (ἐπιθυμία), o encontro de almas atingiria a virtude moral e a Essência do Belo e do Bom. Esta matriz de *eros* patente no elogio socrático de Platão (ἐγκωμιαζέτω τὸν ἔρωτα. Vd. Pl. *Smp.* 177e), associado a um outro tipo afrodisíaco (cf. por oposição a Afrodite *Pandemos*, Afrodite Urânia, gerada à margem de um relacionamento sexual. Cf. Procl. *in Cra.* 183.23: παράγει οὖν αὐτὴν [Ἀφροδίτην] ὁ Οὐρανὸς ἐκ τοῦ ἀφροῦ τῶν γονίμων ἑαυτοῦ μορίων ριφέντος εἰς τὴν θάλασσαν, “Agora Úrano origina-a [Afrodite], a partir da espuma, graças às suas partes genitais fecundas caídas no mar”) anterior a Zeus, reflete uma união casta (*AG* 5 *Epiqr.* 78). Qual *eros* superior, providencia, desta forma, um percurso ascendente, expansivo, no sentido do valor, e unificador. De facto, o entendimento platónico (*Smp.* 189d-193e) do amor expressa-o alegoricamente (vd. Pérez-Jean 2004) enquanto princípio unificador, num processo de procura individual pela ‘cara-metade’, fendida e afastada por um desígnio punitivo de Zeus. Assim, a fugacidade da beleza juvenil e a degeneração física da velhice tornam-se mais suportáveis quando se associam tranquilidade e temperança (σωφροσύνη. Vd. Pl. *R.* 329d: ἄν μὲν γὰρ κόσμοιο καὶ εὐκόλοιο ὄσιν, καὶ τὸ γῆρας μετρίως ἔστιν ἐπίπονον, “Ora, se os homens mostrarem temperança e contentamento, até a velhice constitui um fardo moderado”).

unia um elemento mais jovem e uma mulher mais adulta, face à intolerância de um filho do malogrado matrimônio anterior, de idade similar à do apaixonado. A situação mostra-se deveras atual, acarretando sentimentos de intolerância, crise de gerações e vingança.

Unições escusas mereceram, outrossim, a escolha de Antoino. Exemplificam a situação desejos incestuosos nutridos por Minos, face a Mileto, e Bíblis, pelo seu irmão Cauno (#30). O tema do incesto surge também praticado de forma inconsciente com recurso a um logro urdido por Néofron, filho de Timandra, colocado a Egípio e à mãe deste (#5). Também, mas de forma consciente, o desejo erótico arrebatador e incontrollável da semidivina Esmirna pelo seu pai (#34). Assim, contam-se figuras femininas enquanto protagonistas, fator representativo em sociedades misóginas, como desencadeadoras do mal¹²⁰.

¹²⁰ Instigado pela ira (χολούμενος), Zeus vingá-se, tornando as mulheres um mal, por natureza, para os mortais: ἄνδρεςσι κακὸν θνητοῖσι γυναῖκας | Ζεὺς [...] θῆκεν, “Zeus criou as mulheres como um mal para os homens mortais” (Hes. *Th.* 600-601). A informação repete-se com um cariz simbólico e representativo, por referência à primeira das mulheres, concretizando e individualizando essa dádiva (δῶρον), com uma nítida diferenciação entre o masculino ἄνηρ e o feminino γυνή, na figura de Pandora, tão bela quanto nefasta - καλὸν κακὸν, “belo mal” (Hes. *Th.* 585). No plano divino, é Afrodite que dá corpo ao desejo sexual, ou não a tivessem acompanhado, quais aias submissas, desde o seu nascimento, Ἔρος e Ἴμερος. Afirma-se como concretização desse impulso erótico que afeta ambas as esferas e teria, no plano humano, continuidade com Pandora, que consubstancia o retrato do Amor referente à esfera humana, apresentado por Hesíodo. A graciosidade perniciosa de Pandora torna-se paradigmática do género feminino (*Th.* 590-592): ἐκ τῆς γὰρ γένος ἐστὶ γυναικῶν θηλυτεράων, | τῆς γὰρ ὀλώϊόν ἐστι γένος καὶ φύλα γυναικῶν, | πῆμα μέγ’ αἰ θνητοῖσι μετ’ ἀνδράσι ναιετάουσιν, “A partir dela, está a raça das mulheres e o tipo feminino; a partir dela está a raça mortal e a tribo das mulheres, as quais vivem entre os homens mortais, para sua grande desgraça”. Mas a esse primeiro castigo seguir-se-ia um segundo mal (ἕτερον κακόν) - o casamento (γάμον μοῖρα), como denota Hesíodo (*Th.* 607). Porém, aquele que evitar o matrimônio (γάμον φεύγων), não terá quem cuide dele, na velhice (ἐπι

A fuga, o segredo facultado pela escuridão e pela falta de conhecimento, bem como o recurso a auxílios externos (vd. figura da ama) juntam-se a esta temática.

Ora, os sinais da paixão são inequívocos e de fácil reconhecimento exterior, por amas (*nutrices*). Por vezes nomeadas, tais figuras surgem também apenas referenciadas pela sua ocupação. Na generalidade, são entidades presentes nas

γέρας), nem descendência a quem deixar os seus bens. Trata-se de punir a misoginia masculina que procura evitar o enlace matrimonial (γάμος), enquanto legitimação do relacionamento com o sexo feminino, como se constituísse uma obrigatoriedade estabelecida pelo destino (μοῖρα), pois, embora a escolha fosse sua, as consequências pelo seu ato encontravam-se definidas. Por outro lado, porém, aquele que optar pelo casamento (cf. *Th.* 607: γάμου μετὰ μοῖρα γένηται) poderá ter uma descendência perniciosa e viver em constante perturbação (ἀνήκεστον κακόν), donde conclui o autor (*Th.* 612), fazendo recordar Prometeu, não ser possível de toda a forma enganar (κλεψεῖν) Zeus impunemente. Ora, seguindo Afrodite, ninguém (cf. Hera a Atena, *Il.*14.198-199: δὸς νῦν μοι φιλότητα καὶ ἴμερον, ᾧ τε σὺ πάντας | δαμνᾷ ἀθανάτους ἠδὲ θνητοὺς ἀνθρώπους, “Concede-me agora amor e desejo, com que tu costumias subjugar todos os imortais, assim como os humanos”), humano ou divino (Pl. *Smp.* 186b: κατ’ ἀνθρώπινα καὶ κατὰ θεῖα) pode julgar-se eximido da afeição/afeção imposta pela Cípria ou por Eros, nem a divindade suprema - Zeus (cf. Zeus, embora casado com Hera, *h.Ven.* 5.36-37; Mel. *AP.*12.101). Nem tampouco os próprios instigadores se excluem: Afrodite (cf. afeto imposto no seu espírito, face a um mortal - Anquises, por Zeus, *h.Ven.* 5.45: αὐτῇ Ζεὺς γλυκὺν ἴμερον ἔμβαλε θυμῷ | ἀνδρὶ καταθητῶ μιχθήμεναι, ὄφρα τάχιστα | μηδ’ αὐτὴ βροτέης εὐνῆς ἀποεργμένη εἶη, “Sobre ela própria [Afrodite] Zeus lançou doce desejo para se unir a um mortal, de modo a que, no fim, nem ela pudesse estar livre de um amor mortal”. Vd. Ares, Adónis, entre outros) e Eros (Eros/Psique - *Ov. Ep.* 11). Não obstante, a exceção impõe-se à regra, dada a existência de três entidades impossíveis de submeter ao jugo do amor (*h.Ven.* 5.7: τρισσὰς δ’ οὐ δύναται πεπιθεῖν φρένας οὐδ’ ἀπατήσαι, “Contudo, há três corações que ela não consegue persuadir nem enganar”), a saber, Ártemis, Héstia e Atena, por pedido a Zeus, aquando do seu nascimento, à semelhança da sua tia Héstia, segundo relata Creúsa a Ío, em *E. Io* 269, pois brotara de Gaia (Terra). Cf. Atena, sob o epíteto ‘Palas’, porventura decorrente do étimo πάλλαξ, ‘juventude’ (*Tz. ad Lyc.* 355), ou quizá obtido quando o gigante Palas tentou violá-la, havendo a deusa matado, esfolado e retirado as asas do agressor (cf. *Apollod.* 1.6.2).

idades iniciais da vida de pequenos infantes (e.g. #36, cabra, ama de criação de Zeus). Mais adiante, aquando dos episódios de apaixonamento, afiguram-se como elementos facilitadores da relação amorosa (e.g. #1, onde a ama auxilia a fuga do pai de Ctésila e facilita o matrimónio clandestino da jovem; #34, ama de Esmirna - Hipólita, proporcionadora do encontro secreto da jovem com Tias), um posicionamento nem sempre bem entendido, como se constata no episódio #39, com a ama da filha de Nicocreonte, castigada por procurar proporcionar o namoro da jovem, contrariando a vontade da sua protegida. Na realidade, depreende-se que, enquanto elemento facilitador de relacionamentos eróticos, o seu entendimento pessoal deveria extinguir-se, cingindo-se, de forma exclusiva, à vontade da figura que cuidava.

. Ira Divina

Com contornos de justiça (primitiva / retributiva), a cólera divina representava a causa natural para que se aplicasse a reposição da ordem natural perturbada. Se as metamorfoses por norma determinadas pelos deuses corrigiam anomalias, em casos específicos há referência à ira divina, frequentemente causada por negligência de culto, ofensa (e.g. #4, 15: falta de reverência dos filhos de Eumelo a Atena, Ártemis, Hermes; #16: falta de culto a Ártemis e Hera, por Énoe); desconsideração; insolência (ὑβρις. E.g. #11, Zeus e Hera, perante Aédon / Politecno; #22, ninfas, a respeito da insolência de Cerambo); logro (e.g. #29: ira dos Fados por engano de Galíntias); roubo (e.g. #19); gozo (e.g. #24, Deméter sobre a crítica de Acálabo) e autogloriação. Eis, no #2, o esquecimento de Ártemis, aquando da oferta de primícias para bem do seu Estado, o que justifica o castigo divino - o envio de um javali selvagem, que arrasou a

região e causou a morte de muitos. Uma segunda ira deve-se a Ártemis, pela morte do javali. De igual modo desconsiderado pelos Teucros, Posídon (#3), lançando um monstro e instigando a fome; #7, onde a ira divina pela negligência do culto da terra¹²¹ por Autónoo causa o envio de cavalos antropófagos; #10, por Dionísio, perante a crítica das mulheres às Bacantes; #15, falta de honras a Atena, Ártemis, Hermes; #25, por parte da deusas ctónicas, face às honras recebidas por Atena e Afrodite. Assim também desafios e competições insolentes, como se demonstra pelas nove filhas de Píero e as nove Musas, numa competição de canto (#9); ou os Messápios com as ninfas Epimélides, numa prova de dança (#31).

Importa, neste âmbito, considerar, quer a justificada ira divina, quer a piedade dos deuses (e.g. #5: Apolo, ao provocar o acordar de Egípcio, evitando a sua mote; #14: piedade de Zeus; #30: piedade das ninfas sobre Bíblis), em algumas situações demonstrando maior moderação ou revelando notória parcialidade, atendendo à reverência (#6, a piedade de Apolo, face à vingança de Zeus; #7, Zeus e Apolo) ou a laços de familiaridade (e.g. #12: Apolo, pai de Cicno; #21), face a atitudes mais imediatistas e explosivas de outras divindades; e até comparativamente a certos juízos humanos. Importa ainda registar a misericórdia divina conjugada com o *topos* do desaparecimento enquanto derradeira atitude salvadora, à semelhança de #25, graças à piedade demonstrada por Perséfone e Hades perante o altruísmo evidenciado pelas jovens Metíoque e Menipe. Perante exemplos

¹²¹ Cf., em sentido idêntico, Deméter, pela negligência do seu culto (Paus. 8.42.6): νοσφισθεῖσα γέρα προτέρων τιμάς τε παλαιάς. καί σ' ἀλληλοφάγον θήσει τάχα καὶ τεκνοδαίτην, “Porque ficou privada de privilégios e de honras antigas prestadas pelos homens, em tempos antigos. E em breve far-vos-á comerem-se uns aos outros e alimentarem-se dos vossos filhos”.

de misericórdia divina, acentua-se a crueldade de casos de justiça humana (#11, 18). Constata-se, todavia, a existência de quinze histórias com favorecimento divino.

Não obstante, são muitas as divindades referenciadas - umas maiores, outras menores (designadamente rurais, como ninfas, Musas, Pã), por vezes intervenientes na ação, por vezes até assumindo as metamorfoses, noutros casos somente aludidas, noutros ainda enquanto designações de altares, festividades e (ou) monumentos. Pertencem ao cânone mitológico grego e, pese embora o paradigma judaico-cristão, não se explora a figura de um Deus único, que reúne de forma harmoniosa toda as qualidades. Considerando a dispersão das entidades pelos diversos episódios, é possível concluir que esse não terá sido o aspeto considerado por Antonino para ordenar as histórias selecionadas. Se certos deuses são a única referência divina do episódio (e.g. Afrodite, #39), regra geral, há outras indicações de diversas divindades a considerar. Outrossim, figuras mortais divinizadas e objeto de referência, sobretudo femininas, após metamorfose (e.g. Orsilóquia - #27; Britomártis - #40; Sol - #41; Pasífae - #41; Ctésila - #1). De igual forma, heróis, nomeadamente, Hércules, ora referenciado como herói, pelas suas qualidades bélicas, ora divinizado. Por fim, alusões generalistas a deuses ou divindades. Embora se verifique a presença divina em quase todas as entradas, registam-se também casos de ausência divina (e.g. #8) e do recurso a metamorfoses, assim como nem sempre fica clarificada a transformação sugerida (e.g. #1).

Eis Afrodite - #21, 25, 34, 37, 39; Apolo - #4, 6, 7, 12, 13 - divindade oracular, 18, 20, 23, 25 - 'deus' [em contexto] 28, 30, 32; Ares - #21, 28; Ártemis - #2, 4, 11, 13, 15, 16, 17, 20, 21, 25, 27, 28, 35, 40; Atena - #15, 25, 28; Aurora - #41; Britomártis - #40; Cronos - #36; Ctésila - #1; Díonon - #22; Deméter - #3, 11, 15 - deusa das colheitas, 24; Deuses ctónicos/

Divindades do submundo - #25; Deuses/Divindades - #1, 5, 7, 20, 21, 28, 38;¹²² Dionísio - #2, 10, 28; Discórdia¹²³ - #11; Divinizados - Hércules - #4, 12; Ilitia - #29; Fados /Moiras - #2, 19, 29; Hades - #25; Hécate - #29; Hefesto - #28; Hera - #11, 13, 16, 29; Hércules - #28, 31 - herói; Hermes - #10, 15, 21, 23, 28, 33; Leto - #17, 20, 28, 35; Musas - #9, 32; Ninfas - #22, 26, 30, 31, 32 - Ninfas Hamadriadas; Pá - #22; Pasífae - #41; Perséfone - #24 - 'filha de Deméter', 25; Posídon - #3, 9, 17, 20, 22; Reia - #19, 36; Rio Esperqueu - #22; (filiação) Sol - #41; Témis - #19; Terra - #28; (monstro) Tífon - #28; Titãs - #36; Zeus - #5, 6, 7, 11, 12, 13, 14, 19, 21, 22, 27, 28, 29, 33, 34, 36, 37, 40, 41.

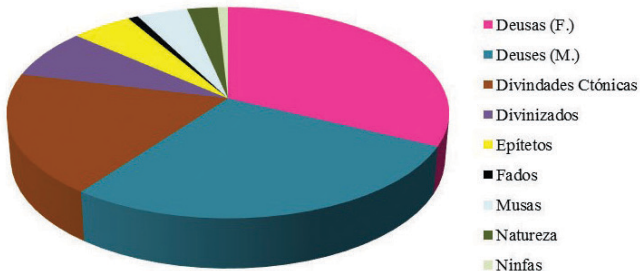
Em termos absolutos, Zeus é a divindade mais presente, contando com 44 ocorrências, o que denota a sua posição basililar no cenário divino clássico, manifestando atitudes de poder, ira/impulsividade, ordem/justiça, na esfera pública, e questões relativas ao foro pessoal (infância, amores, matrimônio).

¹²² Naiada, filha de Oceano.

¹²³ Ἔρις.



* Algumas divindades partilham a esfera Olímpica e Crónica (e.g. Hefesto)



. *Topoi diversos*

Transversal a toda a obra, figura o *topos* dos sofrimentos. Fator comum a deuses e homens, junta-se às metamorfoses, enquanto castigo humano e (ou) expediente divino. Na sequência dos amores que marcam uma parte considerável dos mitos, esses amores provocam sofrimento, tanto mais que o seu desenlace nunca prefigura a felicidade eterna. Lamentos (#2, 7) e sofrimentos divinos infligidos (#1, morte de Ctésila, no parto) são igualmente constantes no *corpus* mitológico.

Entre os diversos motivos literários que emanam da obra no seu conjunto destaca-se o *topos* relativo a ritos de casamento. No seguimento das etapas relativas à paixão, destacam-se presentes de sedução à amada, como os oferecidos por Egípio a Timandra (#5).

Algumas histórias expõem elementos correntes e rituais relativos ao casamento. Assim se constata designadamente no #1, com um pedido de casamento ao pai da amada, a sua dádiva, em juramento e a celebração de sacrifícios pré-nupciais, no templo de Ártemis.

Entre o acolhimento e a expulsão, constata-se, no âmbito do primeiro, a hospitalidade, designadamente na história #23, que

apresenta o acolhimento de Apolo por Magnes (#23) e o abuso de hospitalidade, com ligação ao foro do homoerotismo. Em #24, enuncia-se um episódio com a hospitalidade a Deméter. No inverso, o *topos* da exposição, evidenciado em #13, com alusão aos tradicionais e justificados¹²⁴ ciúmes Hera, no caso, motivadores da exposição de Meliteu, filho de Zeus. Por seu turno, a exposição de Mileto é contemplada em #29. Particularmente relacionado com a infância de Zeus em Creta, o mel e as abelhas constam no mito #13, sendo o cenário aproveitado para expor o caso do mel roubado de uma gruta sagrada de Zeus, em #19. O mel, enquanto castigo a Politecno, surge em #11. Embora não maculasse as mãos de sangue, a exposição em tenra idade equivalia a um infanticídio, caso não se verificasse a intercessão de terceiros, designadamente pastores, ninfas, animais. De facto, nem homicídio nem suicídio pareciam reunir o agrado divino (e.g. #5). Ainda assim, a morte surge requerida como salvação.

Outro *topos* incontornável refere-se a assombros. Não explorando o assombro relatado pela literatura paradoxográfica,

¹²⁴ Zeus protagonizava diversos relacionamentos extramatrimoniais, em plúrimos casos conseguidos com recurso a expedientes (cf. Luc. *DDe-or.* 6 Macleod: Ζεύς - Σκόπει, ὧ κατάρατε, εἰ μικρά, ὅς ἐμοὶ μὲν οὕτως ἐντροφᾶς, ὥστε οὐδέν ἐστιν ὃ μὴ πεποίηκάς με, σάτυρον, ταῦρον, χρυσόν, κύκνον, ἀετόν· ἐμοῦ δὲ ὅλως οὐδεμίαν ἦντινα ἐρασθῆναι πεποίηκας, οὐδὲ συνῆκα ἡδὺς γυναικὶ διὰ σὲ γεγενημένος, ἀλλὰ με δεῖ μαγγανεύειν ἐπ' αὐτάς καὶ κρύπτειν ἐμαυτόν· αἱ δὲ τὸν μὲν ταῦρον ἢ κύκνον φιλοῦσιν, ἐμὲ δὲ ἦν ἴδωσι, τεθναῖσιν ὑπὸ τοῦ δέους. “ZEUS - Ó maldito, vê lá se foi pouco aquilo que me arranjaste! Andas a gozar-me de uma tal maneira, que não há nada em que tu não me tenhas feito transformar: sátiro, touro, ouro, cisne, águia! E no entanto nunca fizeste com que alguém se apaixonasse por mim, nem nunca fui considerado atraente por nenhuma mulher, por causa de ti! Antes pelo contrário, tenho de recorrer a sortilégios para com elas e ainda utilizar disfarces. Consequentemente, elas apaixonam-se pelo touro ou pelo cisne, mas se me veem em pessoa, morrem de medo.”). Zeus agia em conformidade com os naturais desejos sexuais.

os mitos selecionados por Antonino contêm alguns elementos fantásticos.

Por um lado, o desaparecimento de certas figuras é recorrentemente aludido (*viz.* #1, Ctésila; #8, monstro Lâmia ou Síbaris; #3, Híerax; #12, Cicno; #13, Áspalis; #25, Oríon). No caso particular da história #26, o desaparecimento de Hilas é utilizado como subterfúgio das Ninfas, à semelhança do que ocorre com Dríope, escondida pelas Ninfas, em #32. Também um pescador esconde Camia de Minos, fazendo-a desaparecer da vista de todos (#40) Com Ifigénia (#27), trata-se de um fenómeno assombroso, mediante o qual a jovem é substituída no sacrifício por um animal, ao passo que Ifigénia volta a surgir numa nova condição, num cenário distinto. Certamente que a alusão a ‘desaparecer a vida humana’ pode entender-se como ‘morte’ (e.g. #33, com Hércules e Alcmena), o que irá ao encontro do pedido de Esmirna, em #34, precedendo a metamorfose, no caso de Metíoque e Menipe (#25), ou dos corpos dos Gregos (#37).

Contam-se, igualmente figuras monstruosas, designadamente um javali (#2); um monstro prodigioso, que emergiu do mar (#3); Lâmia ou Síbaris (#7); Leão devorador de homens e de rebanhos (#12); raposa (#41). Quanto à divindade Tífon (#28), afigura-se uma criatura monstruosa, representando a faceta temerosa dos deuses. De igual modo, a fome (#3, 39) e a cólera (#25) integram o espólio monstruoso.

Aproximado a regimes políticos como a democracia, o recurso à argumentação adquire particular pertinência, conforme ilustra a história #4, com as exposições de Apolo, Ártemis e Hércules, a respeito de Ambrácia.

(Página deixada propositadamente em branco)

ANTONINO LIBERAL

METAMORFOSES

A partir de Xilandro (1568) *apud* Papathomopoulos, M. (1968), *Antoninus Liberalis: les Métamorphoses*, Paris, Les Belles Lettres.

As 41 histórias são apresentadas no *Codex Palatinus* (fols. 189v-190r), encontrando-se indexadas de um modo sucinto. De uma forma mais alargada, resumindo o teor fundamental de cada fábula, que seguidamente se reproduz com tradução:

TABVLA PRIMA

1. Ctésila
2. As Meleágrides
3. Híerax
4. Cragaleu
5. Egípio
6. Périfas
7. Anto
8. Lâmia ou Síbaris
9. Emátides
10. Miníades
11. Aédon
12. Cicno
13. Áspalis
14. Múnico
15. Mérops
16. Énoe
17. Leucipo
18. Eéropo
19. Os Ladrões
20. Clínis
21. Polifontes
22. Cerambo
23. Bato
24. Ascálabo
25. Metíoque e Menipe

26. Hílas
27. Ifigénia
28. Tífon
29. Galíntias
30. Bíblis
31. Os Messápios
32. Dríope
33. Alcmena
34. Esmirna
35. Os Pastores
36. Pandáreo
37. Os Dórios
38. Lobo
39. Arceofonte
40. Britomártis
41. Raposa

[TABVLA FABVLARVM ALTERA]¹²⁵

α'. Κτήσυλα εἰς πελειάδα¹²⁶ μετὰ θάνατον.

1. Ctésila, transformada em pomba, depois da sua morte.

β'. Αἱ Μελεάγρου ἀδεφαὶ εἰς μελεαγρίδας.

2. As Meleágrides, irmãs de Meleagro, em aves.

γ'. Ἴραξ εἰς ἰέρακα.

3. Ηἰέραξ, [metamorfoseado] em falcão.

δ'. Κραγαλεὺς εἰς πέτρον.

4. Cragaleu [metamorfoseado] em pedra.

ε'. Αἰγυπιὸς καὶ Νεόφρων εἰς αἰγυπιούς· Βουλὶς εἰς Πῶϋγγα· Τιμάνδρη εἰς αἰγίθαλλον.

5. Egípio e Néofron [metamorfoseados] em abutres; Βύλις, em garça-real; Τιμάνδρα, em chapim.

ζ'. Περίφας εἰς αἰετόν· ἡ γυνὴ αὐτοῦ εἰς φήνην.

6. Périfas [metamorfoseado] em águia; a sua mulher, em abutre.

ζ'. Ἴανθος, Ἐρώδιος, Σχοινεὺς, Ἴακανθος, Ἴακανθὺλις εἰς ὄρνεα ὁμώνυμα· Αὐτόνοος εἰς ὄκνον· Ἴπποδάμεια εἰς κορυδόν· ὁ ἀκόλουθος Ἴανθου εἰς ἔρωδιὸν ἕτερον.

7. Anto, Eródio, Esquineu, Acanto, Acantilis [metamorfoseados] nos pássaros de igual denominação: Αυτόνοο, em ave (*oknos*); Hipodamia, em cotovia; a prole de Anto, cada um em garça-real.

η'. Λαμία ἢ Σύβαρις εἰς πηγὴν ὁμώνυμον Σύβαριν.

8. Lâmia ou Síbaris [metamorfoseada] em ave Síbaris, com o mesmo nome.

¹²⁵ Cf. Koch 1832: 74-75. Bast 1805: 64 refere que provavelmente este índice não será da responsabilidade do autor. Alude, outrossim, a um segundo índice (67).

¹²⁶ πελιάδα] *Codex* Paris.

θ'. Αἱ Πίερος¹²⁷ θυγατέρες εἰς ὄρνιθας ὁμωνύμους ἡμαθίδας· ἔστι δ' αὐτῶν ὀνόματα τάδε· κολυμβίς, ἴϋγξ, κεγχιρίς, κίσσα, χλωρίς, ἀκαλανθίς, νῆσσα, πιτώ, δρακοντίς.

9. As filhas de Píero [metamorfoseadas] em aves com os nomes deles: mergulhão, torcicolo, hortelão, gaio, verdelhão, pintassilgo, pato, tarambola, pombo.

ι'. Λευκίππη, Ἀρσίππη, Ἀλκαθόη, Μινύου θυγατέρες, εἰς νυκτερίδα, γλαῦκα, βύζαν.

10. Leucipe, Arsipe, Alcátœe, filhas de Míniã, [metamorfoseadas] em morcego, coruja, coruja-águia.

ια'. Πανδάρεος εἰς ἀλιαίετον· Ἀηδών καὶ Χελιδωνίς εἰς τὰ ὁμώνυμα ὄρνεα· ἡ μήτηρ τῆς Ἀηδόνας εἰς ἀλκυόνα· ἀδελφὸς Ἀηδόνας εἰς ἔποπα· Πολύτεχνος ὁ ἀνὴρ αὐτῆς εἰς πελεκᾶνα.

11. Pandáreo [metamorfoseado] em gaivota; Aédon e Quélidon [metamorfoseadas] em aves do mesmo nome¹²⁸; a mãe de Aédon [metamorfoseada] em alcão; o irmão de Aédon [metamorfoseado] em roupa; Politecno, o homem dela, [metamorfoseado] em pica-pau.

ιβ'. Κύκνος Ἀπόλλωνος, καὶ Θυρίη ἡ μήτηρ αὐτοῦ, εἰς κύκνους.

12. Cicno Apolono e Tíria, a mãe dele, [metamorfoseados] em cisnes.

ιγ'. Ἀσπαλίς εἰς ξόανον μετὰ θάνατον.

13. Áspalis [metamorfoseada] em estátua, depois da sua morte.

ιδ'. Μούνιχος εἰς τριόρχην, καὶ Ληλάντη ἡ γυνὴ αὐτοῦ εἰς πιπώ· τῶν παίδων αὐτοῦ Ἄλκανδρος εἰς ὀρχίλον· Μεγαλήτωρ εἰς ἰχνεύμονα· Φίλαιος εἰς κύνα· Ὑπερίππη εἰς αἴθυϊαν.

¹²⁷ πίερος] *Codex* Paris.

¹²⁸ I.e. 'rouxinol' e 'andorinha', respetivamente.

14. Μύνικο [metamorfoseado] em falcão (*buteo uulgaris*), e Lelante, a mulher dele, numa tarambola. Os filhos dele, Alcandro, [metamorfoseado] em carriça; Megaletor [metamorfoseado] em *icneumone*; Fileu [metamorfoseado] em cão; Hiperipe, em pardela.

ιε'. Μεροπὶς εἰς γλαῦκα· Βύσσα εἰς ὄρνιθάριον· Ἄγρων εἰς χαραδριὸν· Εὔμηλος εἰς νυκτικόρακα.

15. Μέροψ [metamorfoseado] em coruja; Bissa, em pequeno pássaro; Άγρον, em tarambola; Eumelo, em corvo.

ις'. Οἰνόη εἰς γέρανον.

16. Ἐνοε [metamorfoseada] em grou.

ιζ'. Λεύκιππος ἐκ θηλείας εἰς ἄρρενα.

17. Leucipro [transformou-se] de mulher em homem.

ιη'. Ἡέροπος εἰς ὄρνιθαδώννυμον.

18. Εέροπο [metamorfoseado] numa ave com o mesmo nome [ἄέροψ / μέροψ, ion. ἤέροψ].

ιθ'. Λαίῶς, Κελεὸς, Κέρβερος, Αἰγωλιὸς εἰς ὁμωνύμους οἰώνους.

19. Laio, Celeu, Cέρbero, Egόlio [metamorfoseados] em aves ominosas.

κ'. Κλεινὶς εἰς ὑψιαίετον¹²⁹. Λύκιος εἰς κόρακα· Ἄρτεμίχη εἰς πίφιγγα· Ὀρτύγιος εἰς αἰγίθαλλον· Ἄρπη καὶ Ἄρπασος εἰς ὁμωνύμους ὄρνιθας.

20. Clίνis [metamorfoseado] em *hypaietos*; Lúcio, em corvo; Artemique, em cotovia; Ortίgio, em abelharuco; Harpe e Hάρ-paso, em aves homόnimas.

κα'. Πολυφόντη εἰς στύγα¹³⁰. Ὅρειος εἰς λαγών· Ἄγριος εἰς γυπά· ἢ θεράπαινα αὐτῶν εἰς ἴπνην.

21. Polifontes [metamorfoseado] numa pequena coruja;

¹²⁹ Κλεινὶς εἰς ὑπαίετον] *Codex Paris*.

¹³⁰ *Corruptum* - στριγγά.

Orio, em lebre; Ágrio, em abutre; a criada deles, em pica-pau.

κβ'. Τέραμβος εἰς κεράμβυκα.

22. Terambo [metamorfoseado] num besouro *cerambyx*.

κγ'. Βάττος εἰς πέτρον.

23. Bato [metamorfoseado] em pedra.

κδ'. Ἀσκαλαβὸς εἰς ζῶον ὁμώνυμον.

24. Acálabo [*metamorfoseado*] num animal com o mesmo nome.

κε'. Μητιόχη καὶ Μενίπη εἰς ἀστέρας κομήτας.

25. Metíoque e Menipe, em cometas.

κς'. Ὑλας εἰς ἠχώ.

26. Hilas, em eco.

κζ'. Ἰφιγένεια εἰς δαίμονα καλούμενον Ὀρσιλόχην.

27. Ifigénia transformada numa divindade, de nome Orsí-loco.

κη'. Τυφὼν εἰς διάπυρον μύδρον· Ἀπόλλων εἰς ἰέρακα· Ἑρμῆς εἰς ἴβιν· Ἄρης εἰς λεπιδωτὸν ἰχθύν· Ἄρτεμις εἰς αἴλουρον¹³¹. Διόνυσος εἰς τράγον· Ἡρακλῆς εἰς ἔλλον· Ἕφαιστος εἰς βοῦν· Λητώ εἰς μυγαλῆν.

28. Tífon [metamorfoseado] numa bigorna incandescente; Apolo, num falcão; Hermes, num íbis; Ares, num peixe escamoso; Ártemis, em gato; Dionísio, em cabra; Hércules, em veado; Hefesto, em touro; Leto, em rato do campo.

κθ'. Γαλινθιάς εἰς γαλῆν.

29. Galíntias, em doninha.

λ'. Βιβλῖς εἰς Ἀμαδρυάδα νύμφην ὁμώνυμον.

30. Bíblis, numa ninfa Hamadríada.

λα'. Μεσάπιοι παῖδες εἰς δένδρα.

31. As crianças Messápias [metamorfoseadas] em árvores.

λβ'. Δρυόπη εἰς αἴγειον.

¹³¹ αἴλουρον] *Codex Paris*.

32. Δρίοψ, em cabra.

λγ'. Ἀλκμήνη εἰς λίθον μετὰ θάνατον.

33. Alcmena [metamorfoseada] numa rocha, após a morte.

λδ'. Σμύρνα εἰς δένδρον ὁμώνυμον.

34. Esmirna [metamorfoseada] numa árvore com igual denominação.

λε'. Βουκόλοι εἰς βατράχους.

35. Os Boiadeiros, em rãs.

λς'. Πανδάρεος εἰς πέτρον.

36. Pandáreo, em pedra.

λζ'. Δωριεῖς οἱ μετὰ Διομήδους εἰς ὄρνιθας μετὰ θάνατον.

37. Os [cavalos] Dórios de Diomedes [metamorfoseados] em pássaros, em vez da morte.

λη'. Λύκος εἰς πέτρον.

38. Lico, em pedra.

λθ'. Ἀρσίνοη εἰς λίθον.

39. Arsínoe, em pedra.

μ'. Βριτόμαρτις εἰς ξόανον Ἴαφαιαν.

40. Britomártis, na imagem de *Afaía*.

μα'. Ἀλώπηξ καὶ κύων εἰς λίθους.

41. Alopex e o cão [metamorfoseados] em pedras.

1. CTÉSILA

(Nicandro¹³² conta este episódio, no terceiro livro de *Metamorfoses*)

Ctésila¹³³, nascida na ilha de Ceos¹³⁴, era filha de Alcídamas

¹³² A partir da maçã de Sido (zona de Corinto. Cf. Eufórior; Arquitas, fr. 44 Meineke). Vd., pela ordem subsequente, Ath. 3.82a, Nic. fr. 50 Schneider (αὐτίχ' ὃ γ' ἦ Σιδόεντος ἢ ἐ Πλείστου ἀπὸ κήπων | μῆλα ταμῶν χνοάοντα τύπους ἐνεμάσσετο Κάδμου. “Depois arpanhou maçãs dos jardins de Sido ou Pleisto e gravou nelas as marcas de Cadmo [Καδμεῖα γράμματα, “sinais alfabéticos”].”); Rhian. *Heracleia* 178 Meineke; Apollod. *Catálogo das Naus* 5 (F. G. H. 1.457). Cf. Ath. 3.82b: Antig. *Antipater*, 170 Wilamowitz, numa alusão que combina amor, maçãs e Éfira. Importa considerar, outrossim, na funcionalidade da maçã, o fruto entregue por Éris, aquando do enlace de Peleu e Tétis (Tz. *ad Lyc.* 93; Serv. *ad A.* 1.27. Cf. Luc. *DDeor.* 20 Macleod). Cf. a simbologia da maçã, nas culturas da Antiguidade Clássica, prémio denotativo da beleza, que a tradição conserva no ‘julgamento de Páris’, bem como a sua representatividade no panorama judaico-cristão (cf. Johnson Jr. 2004: 14-15, relativamente à aproximação do Jardim das Hespérides ao Jardim do Éden. Cf. Pintura em vaso London E224, com as Hespérides, em redor de uma macieira com uma serpente. Vd. E. *Hipp.* 742: ‘Ἐσπερίδων δ’ ἐπὶ μῆλόςπορον ἀκτῶν, “ao promontório de macieiras das Hespérides”, acerca da macieira das Hespérides). De comum, a discórdia que promove. Fruto da desarmonia (ἡ καλὴ λαβέτω, Luc. *DMar.* 5. *Malum discordiae*, Justino 12.15.11. Cf. Hyg. *Fab.* 92; Tz. *ad Lyc.* 93), desencadeava dúvidas face ao carácter dos júris avaliadores e, teoricamente, lançaria a base do conflito bélico troiano. A apelidada ‘maçã do amor’, ἀνθρωπομόρφος ou *semihomo* (mandrágoras, dada a forma do tubérculo. Vd. Dsc. 4.76. Cf. Hor. *Epod.* 5.37; Verg. *A.* 5.513-516, *Ecl.* 3.64; Theoc. 5.88, 6.6, 11.10) parece ter justificado estudos como o de Paracelso (Paracelsus: Philippus Aureolus Theophrastus Bombastus von Hohenheim), ao apresentar a doutrina das assinaturas, mediante a qual existe uma relação entre a morfologia das plantas, órgãos e doenças. Cf. Pagel 1982; Laursen 1989; Lawson 2012.

¹³³ Sobre os amores de Cidipe e Hermócares, vd. Ov. *Met.* 7.368-370. Cf. Ov. *Ep.* 20, 21. De igual modo, Call. fr. 67-75 Pfeiffer, Prop. 1.18. Vd. aproximação mitológica a Acôncio e Cidipe. Também, semelhanças entre Ctésila (#1) e Áspalis (#13). Vd. Cairns 1969; Lang 2009; Rosenmeyer 1996: 17-20, 2001: 118-120; McCartney 1925; Littlewood 1968.

¹³⁴ Ilha das Cíclades, nas proximidades de Ática.

e provinha de uma família de Íulis¹³⁵.

No festival Pítico¹³⁶, o Ateniense Hermócares¹³⁷ viu-a a dançar

¹³⁵ Cidade de Ceos. Cf. Call. 749: ΤΟΥ ΑΥΤΟΥ (cf. Jacobs – Bosch – Edwards 1825: 339: nr. 749: *Julis autem erat ut docet Cesaubonus antiqua urbs insulae Ceo, patria Simonidis*).

¹³⁶ Cf. Designação que recupera o episódio que retrata o epíteto de Pio atribuído a Apolo, a partir da morte que a divindade infligiu na serpente Pitão. Considere-se a origem dos Jogos Píticos, fundados por Apolo, para compensar a morte da serpente (Clem. Al. *Protr.* 1.2, 2.1. Cf., numa outra versão, a fundação dos mesmos Jogos por Diomedes, em honra de Apolo, Paus. 2.32.2); dos Jogos Ístmicos, por Sísifo, pela morte de Palémon, em Pi. frs. 5, 6 Bergk; Paus. 2.1.3; Clem. Al. *Protr.* 2.29; dos Jogos Nemeus, pelos Sete contra Tebas, na sequência da morte de Ofeltes, em E. *Hyps.* 97-103; Apollod. 3.6.4; Clem. Al. *Protr.* 2.29. Cf. B. fr. 8.12 Jebb. Observe-se, aliás, o costume de se celebrarem jogos aquando da morte de um herói, na épica, como os promovidos em honra de Pátroclo, *Il.* 23. A propósito do erotismo dos jogos, vd. Carne-Ross 1985.

¹³⁷ Cf. Uma variante, sobre mitemas estruturantes similares, com Acôncio e Cidipe. O carácter estruturante dos mitos proporciona a sua análise como um sistema linguístico, composto de unidades menores, a que se atribui a denominação de mitemas, cuja combinação produz significações distintas. *Mutatis mutandis*, ponderam os estruturalistas sobre a equivalência estrutural entre histórias que se multiplicam ao longo dos tempos, como as que denotam os amores entre Acôncio e Cidipe, por um lado, ou Hermócares de Atenas e Ctésila de Ceos. Assim, compete ter presente que nem as ideias nem as estruturas detêm autoria. Poderão, pois, utilizar-se os mesmos mitemas (reutilização/reformulação/acrescento/resumo de *topoi*) e aplicá-los a diversas figuras e situações, sem que tal constitua ‘plágio’ (cf. Marcial, no século I a.C., manifesta-se a respeito do furto literário. A partir da interpretação metafórica de um tipo de roubo, esse sim punido pela *Fabia Lex ex plagiariis*, instituída por Q. Fábio Verrucoso, em 209 a.C. – o *plagium*, critica a usurpação literária. Vd., anteriormente, σφραγίς, ‘selo de autoridade’, como forma de preservação da memória, Thgn. 19; Pl. *Euthd.* 301e, *Lg.* 673d; *Tht.* 153c. Cf. Pi. *N.* 3.80-82, *P.* 3.114-115). A este respeito, vd. Kranz 1961. Cf. Jaeger 1959). Neste domínio, o mito afigura-se como uma estrutura herdada e um espólio cultural de maior complexidade e, simultaneamente, de maior altruísmo, porque passível de ser utilizado, modificado e difundido por todos, de acordo com os intuitos de cada autor, sem necessidade de creditação da sua autoria. Vd. Lévi-Strauss 1955; Csapo 2005: 222; Putnam 1986; Bowra 1961; Troca Pereira 2009; Farnell 1921. Cf. Muckelbauer 2003; Faraone 1999; Lévi-Strauss 1955.

em torno do altar de Apolo, em Carteia¹³⁸, e ficou apaixonado por ela. Gravou algumas palavras numa maçã¹³⁹ e atirou-a¹⁴⁰ para o interior do santuário de Ártemis. Ctésila apanhou-a e leu o que se encontrava inscrito nela. Estava aí registada uma promessa: “Juro, por Ártemis, que irei desposar a Ateniese Hermócares”¹⁴¹.

¹³⁸ Cidade de Ceos. Sobre o culto de Apolo em Carteia, a existência de um arcaico Templo de Apolo (530 BC) e a celebração anual de festividades píticas, vd. Graindor 1905.

¹³⁹ Cf., similarmente, a respeito da maçã (*melon*), Cratino, face à maçã como um presente de amor; Atalanta / Milanion. Considere-se Serv. *ad* Verg. *G.* 8.37, sobre a árvore de onde Adónis se suicida, depois transformada numa macieira, por Vénus. Numa outra tradição, *melos* está associado ao filho de Melos, regressado a Delos, que ensina a tosquia aos Délíos. Cf. Trumpf 1960; Littlewood 1993. Em termos gerais, μήλον designa todos os frutos, à exceção de frutos secos, como nozes. Cf. Afrodite Urânia e a ligação a frutos, Foster 1968. Na literatura da Antiguidade, cf. Paus. 2.10.4-5, a propósito da representação de uma estátua de culto de Afrodite, realizada pelo siciónio Canaco. Sobre a relação simbólica entre a maçã e o matrimónio, considere-se Stesich. fr. 10 Page; Sapph. fr. 105 Lobel-Page; Str. 15.3.17; Plu. *Mor.* 138D; Long. 1.19; Him. *Or.* 9.16, comparando-se a noiva com uma maçã. Atentem-se Dafne e Cloe; Jardins das Hespérides. Vd. Littlewood 1968; Foster 1968; McCartney 1925; Dalby 2003: 19-20, a propósito da utilização da maçã em encantamentos amorosos; Miller 1997: 182-3, a respeito da maçã enquanto símbolo erótico, numa imagética representativa de seios e do desejo feminino. Cf. sementes, símbolo de fecundidade.

¹⁴⁰ Sobre o ato de atirar a maçã correspondendo a ‘ser atingido por amor’, vd. Stesich. fr. 29 Bergk (epitalâmio de Helena); *schol.* Ar. *Nu.* 997. Cf. Pl. *AP* 5.79-80 Dübner. 79: Τῷ μήλῳ βάλλω σε· σὺ δ’ εἰ μὲν ἔκοῦσα φιλεῖς με, / δεξαμένη τῆς σῆς παρθενίης μετάδος, / εἰ δ’ ἄρ’ ὁ μὴ γίγνοιτο νοεῖς, τοῦτ’ αὐτὸ λαβοῦσα / σκέψαι τὴν ὥρην ὡς ὀλιγοχρόνιος / 80: μήλον ἐγὼ· βάλλει με φιλῶν σέ τις, ἀλλ’ ἐπίνευσον, / Ξανθίππη: κἀγὼ καὶ σὺ μαραινόμεθα. “79: Eu atiro-te uma maçã e, se de facto tiveres o propósito de amar-me, recebe-a e deixa-me provar os teus encantos virginiais. Porém, caso tenhas outros propósitos (espero que não), fica com ela e reflete sobre o quão breve é toda a beleza. 80: Sou uma maçã. Alguém que te ama atira-me para ti. Mas consente, Xantipo: tanto tu como eu degeneramos.”

¹⁴¹ Sobre fórmulas de juramentos, vd. Aubriot-Sévin 1991; Bollack 1958; Ziebarth 1892; Ott 1896; Hirzel 1902; Stengel 1898: 85-88; Crawley 1917; Benveniste 1948; Rudhardt 1958: 202; Priest 1964; Plescia 1970.

Consequentemente, Ctésila, corando, atirou para longe a maçã, deusas consternada por estar a ser defraudada da mesma forma como Acôncio havia enganado Cidipe¹⁴².

Hermócares procurou o pai dela para pedir a sua mão e obteve aprovação para o casamento. O progenitor da jovem, agarrando num loureiro¹⁴³, efetuou um juramento a Apolo, relativo a este assunto.

Porém, quando o festival Pítico passou, Alcídamas esqueceu¹⁴⁴ o voto que havia efetuado e prometeu a sua filha a outro¹⁴⁵. A rapariga encontrava-se já a participar nos sacrifícios pré-nupciais¹⁴⁶, no templo de Ártemis¹⁴⁷.

Aborrecido pelo facto de o seu matrimónio ter sido frustrado, Hermócares apressou-se rumo ao Artemísio¹⁴⁸. Logo que

¹⁴² Cf. falta de Cidipe e os repetidos episódios de doença explicados pela ira de Ártemis, mediante o Oráculo de Delfos. Vd. *Ov. Ep.* 20, 21, comp. *Tr.* 3.10.73.

¹⁴³ Árvore consagrada a Apolo, presente nas imediações de templos, lembrando a metamorfose de Dafne no episódio de repulsa pela paixão de Apolo (*Ov. Met.* 1.452-567). Cf. *Call. Ap.* I. Cf. *Ath.* 9.370a-c, acerca de juramentos iónicos sobre a couve.

¹⁴⁴ Sobre ‘esquecimento’ de votos divinos, cf. Atreu (*Apollod. Epit.* 2.10); Agamémnon (*E. IT* 20-23).

¹⁴⁵ O ato constitui uma falta suscetível de desencadear justiça divina. Acerca de incumprimentos fruto de impiedade e insolência, cf., *mutatis mutandis*, *Hdt.* 6.86. (οὐ δικαιοῦν: ‘injustiça’).

¹⁴⁶ Tratava-se de um costume ritual pré-matrimonial, conforme reportam as palavras de Agamémnon dirigidas a Clitemnestra, em *E. IA* 1110-1114: ἔκπεμπε παῖδα δωμάτων πατρός μετὰ: / ὡς χέρνιβες πάρεισιν εὐτρεπισμένοι, / προχύται τε βάλλειν πῦρ καθάρσιον χεροῖν, / μόσχοι τε, πρὸ γάμων ἄς θεᾶ πεσεῖν χρεῶν. / Ἀρτέμιδι, μέλανος αἵματος φουσήματα. “Envia a jovem ao encontro do seu pai, pois a água lustral está pronta aí, assim como cevada, para espalhar com a mão sobre a chama purificadora, e as vitelas para serem sacrificadas antes do matrimónio, em honra da deusa Ártemis, com o negro sangue a jorrar a partir delas.” Cf. Avagianou 1991; Blundell 1998; Oakley 1993; Mason 2006.

¹⁴⁷ Entre outras áreas, deusa da virgindade. Cf. Sissa 1990; King 1983; Blundell – Williamson 1998; Lefkowitz 1995.

¹⁴⁸ Cf. Artemísio de Iúlis, *IG* 12.5.617: Ἀρτέμιδο- / *IG* 12.5.618:

o avistou, a jovem ficou tomada de amores por ele, conforme determinação divina. Com auxílio da sua ama¹⁴⁹, chegou a um entendimento com ele e, fugindo do seu pai, navegou, durante a noite, até Atenas, onde casou com Hermócares.

Quando Ctésila deu à luz um filho, sofreu, por vontade celestial, complicações no parto e morreu, em virtude de o seu pai ter faltado ao juramento que fizera a respeito dela. Pegaram no seu corpo e levaram-no por forma a ser preparado para o funeral. Contudo, uma pomba¹⁵⁰ levantou voo de uma embarcação e o corpo de Ctésila desapareceu¹⁵¹.

Hermócares consultou um oráculo e a divindade declarou que ele deveria erguer um templo em Iúlis, em nome de Ctésila. Ele instruiu o mesmo à população de Ceos. Até à atualidade, o povo de Iúlis oferece sacrifícios, designando-a uns Afrodite

.....ς Ἐπίφρονος καὶ οἱ παῖδες Ἀρτέμι[δ]ι.

¹⁴⁹ Vd. τροφός, ‘ama’. Importa considerar a funcionalidade das amas, quer no crescimento de pequenos infantes, quer em uniões afetivas pervertidas / não permitidas, que dependiam estruturalmente do recurso à falsidade, ao dolo, à ocultação e (ou) a confidentes e (ou) à visão encorajadora/misericordiosa ou sensata e racionalizante das amas (*nutrices*). Vd. *Ov. Ep.* 11.27-30. Cf. *Parth.* 6, a propósito de Palene.

¹⁵⁰ Simbologia da pomba, ave de Afrodite (cf. Região de Dodone, Cíclades). Cf. *Ov. Met.* 7.368-370.

¹⁵¹ Cf. *topos* do desaparecimento (ἀφανισμός, ἀφανίζειν). Em termos linguísticos, a terminologia grega refere tanto a ‘evanescência’ (desaparecimento visual, físico), como o ‘esquecimento’ (desaparecimento mental). Cf. ἠφάνισεν, *Il.* 20.300-306; Arist. fr. 162 Rose (ὁ δὲ πλάσας ποιητῆς ἠφάνισεν, “que o poeta fabrica e depois destrói”). Cf. mito enquanto πλάσμα, afastando-o da história - ἱστορία, Crates, fr. 18 Mette: μῦθος δὲ πραγμάτων ἀγενήτων καὶ ψευδῶν ἔκθεσις, “o mito é uma representação do que não sucedeu e das coisas falsas”; Xenoph. fr. 1.22 DK. Vd. Asmis 1992; Broggiato 2001); Str. 13.1.36. Vd. Scodel 1984. Cf., outrossim, o desaparecimento como ‘assombro divino’ (e.g. salvação de Ifigénia *in extremis*, referida em E. *IT* 27-29, *IA* 1581: θαῦμα δ’ ἦν αἴφνης ὄρᾶν | πληγῆς κτύπον γὰρ πᾶς τις ἦσθετ’ ἄν σαφῶς, | τὴν παρθένον δ’ οὐκ εἶδεν οὐ γῆς εἰσέδου. “Eis que ocorreu um milagre súbito! Cada um de nós, distintamente, ouviu o som de um estrondo, mas ninguém viu o local onde a jovem desapareceu.”).

Ctésila; outros, Ctésila *Hecaeerge*¹⁵².

[Seguindo a tradição, a bela Ctésila desperta a paixão de Hermócares, ao contemplar a sua dança, em festividades Píticas. Consequentemente, em conformidade com uma prática generalizada (e.g. *Acôncio / Cidipe*); após a declaração do jovem, inscrita numa maçã, verifica-se o pedido formal da mão de Ctésila ao seu progenitor Alcídamas. Porém, constata-se um confronto de juramentos. Por um lado, o amor do jovem, firmado sobre Ártemis. Do outro, o esquecimento de Alcídamas da anuência cedida com o testemunho de Apolo, pelo que a prometera a outro. Após o enlace secreto da paixão juvenil, a justiça divina pela quebra de juramento far-se-ia sentir, não sobre o elemento faltoso, mas sobre o objeto da jura - a jovem Ctésila, no momento do parto do descendente fruto do relacionamento com Hermócares. Porém, pese embora a necessidade de uma justiça ordeira, os deuses manifestavam-se misericordiosos¹⁵³, pelo que se substitui a notícia da morte da rapariga pelo seu desaparecimento e, simultaneamente, o surgimento de uma pomba. Por fim, a instituição de um culto em Iúlis (a Afrodite Ctésila ou Ctésila *Hecaeerge*), em conformidade com a declaração oracular. Conclui-se, pois, o respeito de Hermócares pelo divino, contrariamente a Alcídamas e a instrumentalização de Ctésila, utilizada como lição a deter numa sociedade também misógina.]

¹⁵² Cf. #13. O culto a Afrodite Ctésila é referido unicamente neste passo de Antonino Liberal.

¹⁵³ Cf. a realização de sacrifícios humanos, como se estes fossem exigidos ou sequer correspondessem ao agrado dos deuses. Contudo, os deuses não são maus, ainda que os homens 'os considerem causadores dos seus comportamentos perniciosos'. Tal posição devolveria à esfera humana o sentido de culpa e responsabilidade pelos seus males, tantas vezes atribuídos erradamente aos deuses (vd. *Od.* 1.32-34; *E. IT.* 385-391).

2. AS MELEÁGRIDES

(Nicandro aborda o episódio, no terceiro livro de *Metamorfoses*)¹⁵⁴

Eneu¹⁵⁵, filho de Porteu¹⁵⁶, o descendente de Ares, era

¹⁵⁴ Convém, face à repetição de Nicandro enquanto fonte de tratamento do mito e, quiçá, modelo seguido por Antonino Liberal, realçar que as *Metamorfoses* antoninas não se reduzem a uma mera imitação de Nicandro. Na realidade, o autor não refere outros escritores, designadamente as versões homérica e sofocliana, entre outras fontes de influência, a que poderia ter acedido, seguido e combinado. Vd., outrossim, a propósito da morte de Meleagro com uma flecha de Apolo, Paus. 10.31.3, Apollod. 1.8.2-3 (Cf. *Eoeae*; Miníades e o auxílio de Apolo aos Curetes). Acerca da versão que contempla a sua morte devido a Alteia, *Il.* 9.555; Paus. 10.31. Tradicionalmente, a lição homérica reporta a morte de Meleagro na sequência das maldições de Alteia ouvidas pelas Erinias (*Il.* 1.566). Ainda a respeito da morte de Meleagro, cf. versão eurípidiana e o *topos* de pendor mágico respeitante ao sinal exterior de invulnerabilidade e a inconstância de afetos e emoções, Phryn. fr. 6 Nauck (Paus. 10.31.4), provavelmente reproduzindo uma tradição já conhecida: τὸν δὲ ἐπὶ τῷ δαλῶ λόγον, ὡς δοθείη μὲν ὑπὸ Μοιρῶν τῇ Ἀλθαίᾳ, Μελεάγρῳ δὲ οὐ πρότερον ἔδει τὴν τελευτὴν συμβῆναι πρὶν ἢ ὑπὸ πυρὸς ἀφανισθῆναι τὸν δαλὸν καὶ ὡς ὑπὸ τοῦ θυμοῦ καταπρήσειεν αὐτὸν ἢ Ἀλθαία, τοῦτον τὸν λόγον Φρύνιχος ὁ Πολυφράδμονος πρῶτος ἐν δράματι ἔδειξε Πλευρωνίαίς: “κρυερὸν γὰρ οὐκ ἤλυξεν μόρον, ὡκεῖα δὲ νιν φλόξ κατεδαίσατο, δαλοῦ περθομένου ματρὸς ὑπ’ αἰνᾶς κακομηχάνου.” “A história respeitante à marca, à forma como foi legada pelas Moiras a Alteia, a condição de Meleagro não morrer antes que a marca fosse consumida pelo fogo e o modo como Alteia a queimou em fúria, tudo isto foi primeiramente retratado numa peça graças a Frínico, filho de Polifrásmon, em *Pleuronianas*: “De um destino gélido ele não escapou, mas a célere chama consumiu-o, em virtude da horrível vingança sobre a marca pela mãe, urdidora do mal””. Cf. Arrigoni 1970; Lai 1994; Segal 1999; Eitrem 1900.

¹⁵⁵ Nome próximo de οἶνος, ‘vinho’, o que se coaduna com a sua imagem enquanto adorador de Baco, Ceres, Minerva, em detrimento de Diana, *Ov. Met.* 8.277-278. Cf. Dejanira como filha de Dionísio, ‘deus do vinho’, Hyg. *Fab.* 129.

¹⁵⁶ Cf., Porteu, segundo uma lógica de *nomen omen*, mediante a qual os nomes próprios indiciam caracteres e comportamentos. Assim, πορθέω/πέρθω, ‘destruir’, em comunhão com Ares, deus da guerra.

rei de Cálidon. A sua esposa Alteia, filha de Téstio, gerou os descendentes Meleagro¹⁵⁷, Fereu¹⁵⁸, Agelau, Toxeu, Clímeno e Périfas¹⁵⁹; e as filhas Gorge, Eurimede, Dejanira¹⁶⁰ e Melanipe.

Certa vez, quando oferecia primícias para bem do seu Estado, esqueceu-se¹⁶¹ de Ártemis. Irada, ela lançou sobre eles um javali selvagem¹⁶², que arrasou a região e causou a morte de muitos. Então, Meleagro e os filhos de Téstio convocaram os mais valentes da Grécia¹⁶³ contra o javali. Quando chegaram, mataram o animal.

Meleagro atribuiu a carne do javali aos heróis, ficando com a cabeça e a pele para si. Porque haviam matado um javali sagrado¹⁶⁴, Ártemis ficou ainda mais encolerizada e despertou a discórdia entre eles. Como tal, os filhos de Téstio e os outros Curetes tomaram a pele, alegando que correspondia à metade das gratificações que lhes eram devidas. Meleagro resgatou-a de volta pela força e matou os filhos de Téstio¹⁶⁵. Por este motivo, despoletou uma guerra entre os Curetes e os Calcedónios.

¹⁵⁷ Cf. *Il.* 2.642, 9.553-564; E. **Meleagro*; Plu. *Parallela Minora* 26; *Ov. Met.* 8.437; *Hyg. Fab.* 14, 171, filho de Ares e Alteia. Distinguiu-se como um dos Argonautas, hábil no manejo da lança, com que matou o javali Calidónio (cf. *Il.* 9.533, 567).

¹⁵⁸ Cf. Tereu (*Apollod. Epit.* 3.14).

¹⁵⁹ Cf. Périfas #6, entidade distinta.

¹⁶⁰ Cf. episódio enquanto esposa de Hércules, B. 5.10.

¹⁶¹ Cf. *Topos* do insolente esquecimento de veneração: ὕβρις, ἀμάρτημα, ἄτη. Cf. Ártemis e os tantáidas.

¹⁶² Cf. Figura monstruosa do javali, noutros contextos, designadamente Hércules e o javali Erimanto; Teseu e o javali de Crómion. Cf. *Paus.* 8.47.1.

¹⁶³ As identidades e o número dos heróis envolvidos nesta empresa divergem consoante as fontes. Vd. *Apollod.* 1.8.2; *Ov. Met.* 8.300; *Hyg. Fab.* 174; *Paus.* 8.45.4.

¹⁶⁴ Cf., em sentido similar, a falta de Agamémnon, que “matou um cervo na caçada” (θήρας βαλὼν ἔλαφον), no bosque sagrado de Ártemis (*Cypria* fr. 1 Goold. Cf. *Procl. Chr.* 1).

¹⁶⁵ Cf. *D.S.* 4.34; *Apollod.* 1.8.2.

Porém, Meleagro não seguiu para a luta. Estava queixoso, em virtude da maldição que a sua mãe lhe lançou por ter assassinado os irmãos dela. Na ocasião em que os Curetes se encontravam prestes a tomar a cidade, Cleópatra, a sua esposa, convenceu Meleagro a defender os Calcedónios. Ele afrontou o exército de Curetes¹⁶⁶ e morreu¹⁶⁷, pois a sua mãe havia queimado a marca que lhe havia sido outorgada pelos Fados¹⁶⁸. Na realidade, haviam-lhe facultado a extensão da sua vida durante o tempo em que durasse o sinal.

Os outros filhos de Eneu também faleceram na luta.

Abateu-se uma enorme consternação sobre os Calidónios, devido a Meleagro. As suas irmãs lamentaram-se profusamente sobre o seu túmulo¹⁶⁹, até Ártemis as ter tocado com a sua vara, transformando-as em aves¹⁷⁰, que colocou na ilha de Leros¹⁷¹, apelidando-as de Meleágrides¹⁷². Conta-se que até agora elas

¹⁶⁶ Habitantes da zona de Cálidon e Pléuron. Cf. Str. 10.3.1-8.

¹⁶⁷ Vd. a intervenção das Moiras, na sequência da maldição lançada pela mãe de Meleagro, apesar de ter-se superiorizado aos Curetes (Il. 9.527-600).

¹⁶⁸ Cf. Apollod. 1.8.2, sobre a invulnerabilidade de Meleagro, desde os “sete dias de idade” (τούτου δ’ ὄντος ἡμερῶν ἑπτὰ παραγενομένης). Cf. A. *Eu.* 604; B. 5.136; D.S. 4.34; Ov. *Met.* 8.445-525, 531; Hyg. *Fab.* 171, 174; Paus. 10.31.4.

¹⁶⁹ Vd. atitude similar, *mutatis mutandis*, com as Heliades, face a Fáeton, Ov. *Met.* 2.340-366.

¹⁷⁰ Cf. Ov. *Met.* 8.450-524; Apollod. 1.8.2-3, com diferenças.

¹⁷¹ Cf. Ilha de Leros (Ael. *NA* 4.42, 5.27; Ath. 655b); África (Mnáseas fr. 4. Vd. Erídano - Str. 9.1).

¹⁷² Patronímico. Eis a notícia transmitida por Plin. *HN* 37.11., a respeito do âmbar (*glaesum*), comentando, de forma racionalizante, Sófocles, as Meleágrides, talvez invenção de Sófocles, próximo de Il. 1.519-599: *super omnes est Sophocles poeta tragicus, quod equidem miror, cum tanta grauitas ei cothurni sit, praeterea uitae fama alias principi loco genito Athenis et rebus gestis et exercitu ducto. hic ultra Indiam fieri dixit e lacrimis Meleagridum auium Meleagrum deflentium. quod credidisse eum aut sperasse aliis persuaderi posse quis non miretur quamue pueritiam tam imperitam posse reperiri, quae auium ploratus annuos credat lacrimasue tam grandes auesue, quae a Graecia, ubi Meleager periiit, ploratum adierint Indos*

continuam a deplorar Meleagro, quando chega a estação do ano em causa.

Duas das filhas de Alteia - Gorge e Dejanira - não foram metamorfoseadas¹⁷³, segundo se diz, graças à bonomia de Dionísio, dado que Ártemis¹⁷⁴ concedeu este favor.

[O episódio inicia-se com o exemplo de Eneu, que, de certo modo, no seguimento da história anterior, protagoniza o esquecimento de celebração de uma divindade - Ártemis¹⁷⁵, impiedade que despole-

“Porém, o único que os ultrapassou foi o poeta trágico Sófocles, algo que de facto me surpreende, quando apenas considero a suprema gravidade do seu estilo requintado, a alta reputação de que gozou em vida, a sua elevada posição por nascimento em Atenas, os seus vários proveitos e o seu grandioso comando militar. Na sua opinião, [o âmbar] é produzido nas regiões para além da Índia, a partir das lágrimas derramadas por Meleagro pelas aves denominadas ‘Meleágrides’. Quem poderá deixar de estar surpreso que ele tenha acreditado em tais coisas, ou tenha desejado persuadir outras pessoas disso? Mais ainda, que criança poderia ser tão ignorante ao ponto de acreditar que as aves choram uma vez por ano, que as lágrimas deles são assim tão prolíficas ou que eles viajam da Grécia, onde Meleagro faleceu, para a Índia, para chorar?” Vd. Jebb – Headlam – Pearson 2010: 65-66. Cf. Meleagro (μελέαγρος), ‘perdiz’, referência que se coaduna com a metamorfose das suas irmãs (cf. deturpação de μελεαγρίς). Considere-se, de igual modo, o *topos* da ‘alma externa’, aliada a uma criatura da natureza. Cf. Chantraine 1956: 681. Outrossim, acerca das Meleágrides, vd. Surber 1880; Valgiglio 1956.

¹⁷³ Vd., no mesmo sentido, Ov. *Met.* 8.532; Apollod. 1.8.3.

¹⁷⁴ Sobre a proximidade entre Ártemis e Dionísio, cf. Jeanmaire 1991; Borgeaud 1943.

¹⁷⁵ De facto, o pelópida Atreu havia de mostrar negligência quanto ao sacrifício a Ártemis do melhor dos seus carneiros (Apollod. *Epit.* 2.10: ὁ δὲ Ἄτρεὺς εὐξάμενός ποτε τῶν αὐτοῦ ποιμνίων, ὅπερ ἂν κάλλιστον γένηται, τοῦτο θῆσαι Ἀρτέμιδι, λέγουσιν ἄρνος φανείσης χρυσοῦς ὅτι κατημέλησε τῆς εὐχῆς. “Com efeito, Atreu outrora prometera sacrificar a Ártemis o melhor dos seus cordeiros, mas quando um carneiro de ouro apareceu, dizem que negligenciou cumprir este voto.”), fortalecendo o antagonismo que ligaria Ártemis aos tantálidas, até Agamémnon. Assim, Hermes haveria de facultar um carneiro de pele de ouro, símbolo de dissídio, a título de retaliação da morte do seu filho Mírtilo. Por seu turno, a casa de Mínos, que viria a juntar-se com a dos tantálidas, pelo casamento

tou a sua ira, na forma de um javali selvagem. A falta prossegue sob a forma de propensão genética manifestada com a luta de Meleagro contra o animal sagrado. O agravo da deusa manifestar-se-ia nos confrontos que viriam a opor Meleagro e Téstio, seu tio e filhos, e, na generalidade, Curetes e os Calcedónios. A morte de Meleagro vem conjugar a ira divina e a maldição da mãe do jovem. Por fim, a misericórdia de Ártemis para com as lastimosas irmãs de Meleagro, à exceção de Gorge e Dejanira¹⁷⁶, transformando-as nos pássaros que habitam Leros.]

de Aérope com Atreu, deveria a sua insaciabilidade sexual à falta de Minos em imolar o alvo bovino a Posídon (Apollod. 2.5.7). Esta atitude refletiria a 'avareza', φιλαργυρία, no caso de Minos, mas igualmente reconhecida a outras figuras, como Laomedonte, que se recusa a pagar os serviços de Apolo, na construção da muralha de Troia (*Il.* 21.445-455); ou Tântalo, cujo suplício tradicional da água e dos frutos é interpretado como uma ironia aplicada a um eterno faminto (Isoc. *Ep.* 1.50).

¹⁷⁶ Cf. intercessão de Dionísio (Apollod. 1.8.1; Hyg. *Fab.* 31, 33) e a importância de Gorge (Vd. Ov. *Met.* 8.532; Apollod. 1.8.1, 3, 5) e Dejanira (D.S. 4.34; Apollod. 2.7.5, 6.7), noutros episódios mitológicos. Cf. Gorge e o amor incestuoso com Eneu (cf. o descendente Tideu); Dejanira e os amores de Aqueloo e Hércules.

3. HÍERAX

(Beos narra esta história, em *Ornitogonia*)

Na região dos Mariandinos¹⁷⁷, vivia Híerax¹⁷⁸, um homem justo e distinto. Fundou templos em honra de Deméter e recebeu muitas colheitas proporcionadas por ela.

Contudo, quando os Teucros¹⁷⁹ negligenciaram apresentar sacrifícios¹⁸⁰ em honra de Posídon, na época devida, o deus ficou irritado. Destruiu as colheitas da deusa e lançou sobre elas um monstro prodigioso, que emergiu do mar. Incapazes de suportar o monstro e a fome, os Teucros enviaram uma mensagem a Híerax, pedindo-lhe que os salvasse da fome. Ele mandou-lhes cevada, trigo e outros alimentos.

Posídon, furioso com Híerax por desconsiderar as suas prerrogativas, transformou-o numa ave designada até ao presente como *hierax*¹⁸¹. Ao fazê-lo desaparecer, também mudou o seu carácter. Ele, que havia sido deveras amado pela humanidade, tornou-se no mais odiado pelas aves. Aquele que tinha salvado da morte muitos humanos deu lugar ao chacinador de muitas aves.

[*Continuando casos de impiedade divina e as necessárias consequências, desta feita é Híerax que negligencia a celebração do deus*

¹⁷⁷ População da Bitínia, Ásia Menor, costa do Mar Negro (Euxino). Cf. Str. 12.3.4. Vd. #26, Apoll. 2.1.3.

¹⁷⁸ Outra personagem Híerax, transformado em falcão pelas suas dores. Episódio apenas conhecido através de Antonino Liberal.

¹⁷⁹ Teucros ou Troianos, descendentes de Teucro.

¹⁸⁰ Cf. antepassado Laomedonte, que recusou pagar os trabalhos divinos na construção das muralhas troianas, na sequência de um castigo aplicado por Zeus a duas divindades que se haviam revoltado - Posídon e Apolo (*Il.* 7.452-453, 21.441-449).

¹⁸¹ Vd. 'falcão' (ἰέραξ).

Posídon e se imiscui nas suas deliberações, denotando solidariedade para com os seus pares e salientando a crueza da justiça divina. Por tal motivo, as benesses da deusa que mais celebrava são destruídas e é metamorfoseado numa ave com o mesmo nome, porém, com um carácter distinto do que detinha enquanto humano, qual ironia.]

4. CRAGALEU

(Nicandro conta esta história, no primeiro livro das suas *Metamorfoses*, tal como Atanadas, em *Ambracica*)

Cragaleu¹⁸², filho de Dríops¹⁸³, viveu na terra dos Dríopes, próximo dos Banhos de Hércules¹⁸⁴, que, segundo contam os mitógrafos, Hércules aterrorizou, ao fazer recair a sua clava sobre o sopé da montanha¹⁸⁵. Cragaleu era, nessa altura, um homem já idoso, considerado pelos seus concidadãos um indivíduo justo e sábio. Enquanto apascentava o seu gado, Apolo, Ártemis e Hércules apresentaram-se diante dele, pretendendo uma decisão a respeito de Ambrácia, em Epiro¹⁸⁶.

Apolo afirmava que a cidade lhe pertencia, porque o seu filho Melaneu se tinha tornado rei dos Dríopes, tendo-se apoderado de todo o Epiro na guerra. Melaneu tinha como filhos Êurito¹⁸⁷ e Ambrácia, cujo nome serviu para apelidar a cidade de Ambrácia. O próprio Apolo mostrava-se extremamente favorável a esta cidade. A seu pedido, os Sisífidas¹⁸⁸ acorreram para auxiliar os

¹⁸² Referência única a esta personagem, mencionada apenas por Antoino Liberal. Sobre o mito, vd. Oberhummer 1887: 62-63.

¹⁸³ Vd. δρύοψ, 'pica-pau'. Cf. Ar. Av. 304.

¹⁸⁴ Cf. Ibyc. fr. 46, 300, a propósito dos banhos quentes preparados por Hefesto oferecidos a Hércules.

¹⁸⁵ Cf. πλάξ.

¹⁸⁶ Noroeste da Grécia.

¹⁸⁷ Cf. *Il.* 2.591-602, a propósito do confronto entre as Musas, filhas de Ζεὺς αἰγίοχος e Tamiris, que acabara de vir da casa de Êurito de Ecália. Considere-se uma aproximação entre os caracteres insolentes e transgressores de Tamiris e de Êurito, que desafia Apolo para uma competição de tiro de arco (*Od.* 8.226-228). Em Ecália (Messénia), ofereciam-se vítimas a Êurito. Cf. Paus. 4.33.5. Trata-se, porém, de uma figura diferente da personagem com o mesmo nome, em #30.

¹⁸⁸ Cf. Sísifo, rei de Efiro (Corinto), e o suplício da rocha. Designa os Coríntios.

Ambraciotas a ganhar o conflito que haviam encetado contra os Epirotas. Foi graças às suas respostas oraculares que Gorgo, irmão de Cípselo¹⁸⁹, conduziu um grupo de colonos desde Corinto até Ambrácia. De igual modo, também devido aos seus oráculos os Ambraciotas ergueram-se contra Faleco¹⁹⁰, tirano da cidade. Em resultado disto, Faleco perdeu muitos dos seus homens. No conjunto, Apolo instigou diversas vezes guerras intestinas, discórdias e fações na cidade. No oposto, também instaurou ordem, lei e justiça, pelo que até ao presente foi celebrado pelos Ambraciotas como Salvador Pítio, em festivais e cerimónias.

Ártemis, por seu turno, pretendia relevar o seu diferendo com Apolo, mas reclamava ter adquirido Ambrácia com o seu consentimento. Desejava ter a cidade pelo seguinte motivo: quando Faleco governou a urbe como um tirano, ninguém conseguiu matá-lo, pois tinha medo dele. Todavia, foi ela que, certo dia, fez uma clava de leão aparecer diante de Faleco, na altura em que andava a caçar. Quando pegou nela, a progenitora do animal saiu de entre a floresta, saltou sobre ele e despedaçou o seu peito. Os Ambraciotas, tendo escapado da sua subjugação, apresentaram-lhe oferendas expiatórias, enquanto Ártemis¹⁹¹ Hegémone¹⁹², e ergueram uma imagem da Caçadora¹⁹³, junto à

¹⁸⁹ Imprecisão de Antonino Liberal, já que Gorgo era filho de Cípselo, tirano de Corinto, no séc. VII a.C.

¹⁹⁰ Faleco, tirano de Ambrácia, morto por uma leoa enviada por Ártemis. Cf. *Ov. Ib.* 504, sobre uma morte similar.

¹⁹¹ Cf. Templo de Ártemis Hegémone (vd. Despoina). Vd. Paus. 8.37.1, com uma descrição.

¹⁹² 'A autoridade'.

¹⁹³ Cf. Epíteto homérico de Ártemis (*Il.* 21.470), πόντια θηρῶν, 'rainha das feras' (cf. Ἄρτημις ἀγροτέρη), Anacr. fr. 348 *PMG*: γουνοῦμαί σ' ἔλαφῆβόλε | ξανθὴ παῖ Διὸς ἀγρίων | δέσποινα Ἄρτεμι θηρῶν | ἢ κου νῦν ἐπὶ Ληθαίου | δίνησι θρασυκαρδίων | ἀνδρῶν ἔσκατοραῖς πόλιν | χαίρους', οὐ γὰρ ἀνημέρους | ποιμαίνεις πολίητας. 'Imploro-te, caçadora de veados, Ártemis, filha de Zeus de cor clara, senhora dos

qual colocaram uma estátua de bronze do animal¹⁹⁴.

Por fim, Hércules apresentou o argumento de que Ambrácia e todo o Epiro lhe pertenciam. Todos os povos que haviam lutado com ele (Celtas, Caónios, Tesprotos e todos os Epirotas tinham sido derrotados, depois de terem formado uma aliança para roubar o gado de Gérion¹⁹⁵. Algum tempo depois, um grupo de colonos de Corinto expulsou os habitantes originais e fundou Ambrácia. Todos os Coríntios¹⁹⁶ descendiam de Hércules¹⁹⁷.

animais selvagens, que agora, algures junto dos redemoinhos de Letaios, olhas sobre uma cidade de varões bravos e te alegras, pois pastoreias cidadãos que não são selvagens.”

¹⁹⁴ Cf. estátua de leão, frente ao santuário de Ártemis Eucleia, em Tebas. Cf. Tera. Paus. 9.17.2: τοῦ ναοῦ δὲ τῆς Εὐκλείας Ἀρτέμιδος λέων ἐστὶν ἔμπροσθε λίθου πεποιημένος; ἀναθεῖναι δὲ ἐλέγετο Ἡρακλῆς Ὀρχομενίους καὶ τὸν βασιλέα αὐτῶν Ἐργῖνον τὸν Κλυμένου νικήσας τῇ μάχῃ. “Diante do Templo de Ártemis de Boa Glória existe um leão feito de pedra, que se diz ter sido consagrado por Hércules, após ter vencido na batalha dos Orcoménios e do seu rei Erígono, filho de Clímene.”

¹⁹⁵ Cf. as vacas do Epiro (e dos Caónios), tidas como grandes vacas leiteiras, porque descendiam das vacas de Gérion (Ael. *NA*. 3.33, 12.11). A propósito desse episódio, vd. Celtina, jovem filha de Bretano, que escondeu de Hércules o gado de Gérion (monstro do oeste, com três cabeças ou três corpos. Arist. *Met.* 2.359a25-33. Cf. Élio 3.33, 12.11), recusando devolvê-lo, a menos que o herói a desposasse (Parth. 30).

¹⁹⁶ Cf. Dórios, invasores de Corinto, alegadamente descendentes de Hércules.

¹⁹⁷ Note-se que autores havia, na Antiguidade Clássica, como Xenoph. frs. 11, 14, 15, 16 Diels ou E. *IT* 385-391, que postulavam a conceção dos deuses pelo Homem, mediante a sua imagem hiperbolizada (sobre o antropomorfismo divino, cf. Xenoph. frs. 14-16 Diels) e não o inverso, o que justificaria, desde logo, a recorrência de motivos e comportamentos comuns entre a esfera divina e a humana, bem como a existência de uma linha condutora, aproveitada antagónica ou sequencialmente entre diversas culturas civilizacionais. Vd., a este respeito, Mead 2002; Burkert 1992: 96-99, a propósito da comparação entre as figuras de Gilgamés e Ulisses; Hocart 1998, sobre a origem aqueia dos mitos homéricos. Mantendo a coesão da obra e evidenciando a ligação entre ambos os domínios, o autor articula histórias, quer da esfera divina, quer envolvendo também seres humanos. A continuação desta estratégia de considerar o humano como adveniente do divino tivera repercussão, em termos sociais, com o aproveitamento da genealogia divina como um processo justificativo de

Cragaleu ouviu estes argumentos por inteiro e reconheceu que a cidade pertencia a Héracles. Apolo ficou enfurecido, tocou Cragaleu com a sua mão e metamorfoseou-o num rochedo¹⁹⁸, no preciso local onde se encontrava. Os Ambraciotas efetuam sacrifícios a Apolo como Salvador, porém, reconheceram que a cidade era de Héracles e dos seus filhos. Até hoje efetuam sacrifícios em honra de Cragaleu, depois do festival de Héracles.

[O mito de Cragaleu denota uma preocupação de atualidade por parte de Antonino Liberal, ao evidenciar uma função explicativa dos sacrifícios em honra de Cragaleu, ainda realizados à época. Em

atributos humanos, hierarquias sociais (Cf. *eugenes*) e, por extensão, de alianças ou dissídios territoriais, o que, verificando-se já na Antiguidade, veio a ter repercussão na Europa Medieval, como atesta Geary 2003. A origem heróico-divina de uma *gens* ou dos seus reis, divulgada pela educação e reconhecida socialmente, não sendo de natureza biológica, tem de ser constantemente renovada através do culto religioso, na forma de honras divinas, como desenvolvem, entre outros, Bryant 1986; Wolfram 1997. Tal genealogia legitimava, igualmente, o poder político. Se os Egípcios consideravam que os seus faraós descenderiam dos deuses (cf., metaforicamente, Clem. Al. *Protr.* 4, com base nos *Salmos* 82.6. Vd. Roberts – Donaldson 1979: 174; Russel 2004: esp. 16-52; Lattey 1916), notem-se, outrossim, casos concretos como o da dinastia de Ptolemeu, alegadamente descendente de Dionísio (vd. Vaillant 1701; Smith 1870: 564-598); ou de figuras romanas objeto de veneração e de divinização, como o *diuus Iulius* (vd. D.Chr. 44.51.1); ou exemplos como o de Argos, região governada, nos seus primórdios, por um rei descendente de Zeus e Níobe (Apollod. 2.1.1); ou ainda a circunstância de algumas famílias da nobreza intitulem os seus como descendentes de divindades, designadamente Dionísio, conforme ilustram as casas estafilina (de Estáfílo), toantiana (de Toas), maroniana (de Máron). No sentido inverso, o evemerismo desenvolvido no séc. IV a.C. não atribui à ascendência divina a nobilitação de famílias ou de cidades, mas considera os deuses como representações de figuras com existência histórica, reverenciados pelos seus feitos. Vd. Songe-Möller 2002: esp. 4-5, onde denota o orgulho dos cidadãos de Atenas, ao afirmarem-se descendentes do ‘rico’ Ericciónio (*Il.* 20.220-221). Vd. Spyridakis 1968, a propósito do evemerismo; Murdock 2009: esp. 11.

¹⁹⁸ Cf. Vernant 1965, sobre a metamorfose em pedra.

termos gerais, salienta-se uma estrutura que permite aproximar este mito a outros episódios de julgamento humano, designadamente ao 'julgamento de Páris'. A capacidade de deliberação é reconhecida ao provector idoso Cragaleu, na região dos Dríopes, a propósito da atribuição de Ambrácia a um dos três candidatos. Apolo, Atena e Hércules apresentaram os seus argumentos. Porém, a decisão de Cragaleu conferiu preferência a Hércules, o que constituiu fator da ira de Apolo, que aplicou o mecanismo da metamorfose como castigo. Na realidade, é possível constatar alguma insolência na decisão de Cragaleu, que, ao considerar os benefícios atribuídos à cidade por parte dos três interessados, valoriza os feitos de um herói sobre tradições históricas, dádivas, favorecimentos, proteção e culto divinos, em particular de Apolo. A solidariedade e um certo facciosismo fazem-se seguir de uma justiça divina toldada de sentimentos mundanos de inveja, vingança.]

5. EGÍPIO

(Beos retrata este caso, no primeiro livro de *Ornitogonia*)

Anteu, filho de Nomíon, tinha um filho, Egípio¹⁹⁹, que habitava nos confins da Tessália²⁰⁰. Os deuses gostavam dele pela sua piedade, e os mortais pela sua generosidade e justiça.

Quando avistou Timandra²⁰¹, ficou apaixonado por ela. Tomando conhecimento de que se tratava de uma viúva, sem nenhum homem na sua vida, persuadiu-a com bens e visitava a sua casa com regularidade para relacionar-se sexualmente com ela. Néofron, filho de Timandra (com a mesma idade de Egípio), não concordava com este relacionamento e preparou-lhe uma armadilha. Oferecendo muitos presentes a Búlis, mãe de Egípio, sedu-la e leva-a para casa, para dormir com ele. Tendo previamente sabido da hora em que Egípio costumava visitar Timandra, encontrou um pretexto para manter a sua mãe longe da sua casa. Em seu lugar, levou para dentro da casa a mãe de Egípio, alegando que regressaria mais tarde, enganando assim ambos.

Egípio, sem desconfiar do que Néofron estava a tramar contra si, teve relações sexuais com a sua mãe, julgando que se tratava de Timandra. Quando o sono se abateu sobre ele, Búlis reconheceu²⁰² o seu filho. Pegou numa espada e

¹⁹⁹ Vd. αἰγυπιός (γύψ), ‘abutre’. Cf. Ael. *NA* 2.46, definição de *aegyptius* com meio abutre e meio águia (τοὺς δὲ αἰγυπιούς, ἐν μεθορίῳ γυπῶν ὄντας καὶ ἀετῶν). Antonino Liberal foi o único a abordar este mito.

²⁰⁰ Região selvagem a nordeste da Grécia, tradicionalmente terra de bruxas, Centauros, Lápitas.

²⁰¹ Nome de irmã de Clitemnestra. Apolodoro (3.10.6) reporta a existência de três filhas de Tíndaro e Leda, a saber, Timandra, Clitemnestra e Filónoe. Cf. Paus. 8.5.1.

²⁰² Considere-se a ἀναγνώρισις (‘reconhecimento’) trágica (Arist. *Po.* 1452a30-32). Vd. Stuart 1918; MacFarlane 2000.

preparava-se para extrair-lhe os olhos²⁰³ e depois suicidar-se, quando, por vontade de Apolo, o sono abandonou Egípio. Apercebendo-se do que Néofron havia feito contra si, olhou para o céu e pediu para desaparecer, juntamente com todos os outros. Zeus transformou-os em aves. Egípio e Néofron tornaram-se abutres, cada um com o mesmo nome, mas distintos em tamanho e cor²⁰⁴. Néofron tornou-se o tipo de abutre mais pequeno. Búlis tomou a forma de uma garça-real²⁰⁵ e Zeus ordenou que não se alimentasse de nada que brotasse do solo e que, em vez disso, ingerisse olhos de peixes, aves e cobras, já que estivera prestes a retirar os olhos do seu filho Egípio. Quanto a Timandra, metamorfoseou-a num chapim. E desde então, tais aves nunca apareceram juntas no mesmo local.

[O presente episódio demonstra uma delicada questão doméstica, cujos contornos preservam atualidade até aos dias de hoje. Ora, a paixão de Egípio por Timandra, uma viúva, venceu a diferença de idades de uma geração, já que Egípio era da mesma idade que o seu enteado Néofron. A tragicidade da história advém da cilada urdida por Néofron. Descontente com o relacionamento que unia Egípio à sua mãe, Néofron proporciona o incesto entre Egípio e a sua mãe, Búlis. O momento de anagnorisis não é simultâneo. Primeiramente, o horror cabe a Búlis, que equaciona engeguecer o filho (cf. Édipo) e suicidar-se de seguida. Contudo, por vontade de Apolo, Egípio ganhava consciência e pediu a Zeus

²⁰³ Cf. reação de Édipo após a *anagnorisis* incestuosa (vd. cegueira, Apollod. 3.5.8; S. *OT* 1268-1278). Vd. Ahl 2008. Cf. Sen. *Oed.* 960-970). Cf. #34; Parth. #17 ('História de Periandro e da sua Mãe'); Ov. *Met.* 7.386-387 (incesto de Ménefron com a sua mãe); Hyg. *Fab.* 253 (vd. mãe também chamada Búlis, como nesta história).

²⁰⁴ Sobre diferentes tipos de abutres, Vd. Arist., *HA* 8.529b7.

²⁰⁵ Cf. Arist. *HA* 9.617a8.

a metamorfose de todos os intervenientes no episódio. Assim foi e nenhum dos elementos tornou a partilhar o mesmo espaço com os demais.]

6. ΠÉΡΙΦΑΣ

Existiu, a certa altura, na Ática, um tal Périfas, descendente da terra, que aí viveu ainda antes de Cécrops²⁰⁶, filho da Terra. Governou homens vetustos e revelou-se justo, rico e piedoso. Realizou muitos sacrifícios a Apolo e arbitrou múltiplos julgamentos. Ninguém tinha nada a apontar-lhe. A sua liderança recolhia o consenso de todos. Em virtude da distinção das suas boas obras, a população retirou honras que eram devidas a Zeus e decidiram atribuí-las a Périfas. Ergueram santuários e templos em sua honra e dirigiam-se-lhe apelidando-o de Zeus Sóter (*Soter*)²⁰⁷, *Epopisios*²⁰⁸ e *Meilichios*²⁰⁹.

Zeus, irritado, fazia tentativas de incinerar²¹⁰ todos os pertencentes de Périfas com um raio, contudo Apolo intercedeu para que não procedesse à sua aniquilação total, pois havia sido honrado por Périfas com regularidade. Zeus concedeu isso a Apolo e dirigiu-se até à casa de Périfas, surpreendendo-o na altura em

²⁰⁶ Tradicionalmente, o primeiro rei de Atenas. Segundo Apollod. 3.14.1, emergiu do solo da Ática, com corpo de cobra, em vez de membros (ofiomórfico). Cf. outros heróis que brotaram do solo, designadamente Ericciónio (cf. Apollod. 3.14.6), Erecteu.

²⁰⁷ Cf. σωτήρ: ‘o salvador’.

²⁰⁸ Cf. ἐπόπιος: ‘supervisor’.

²⁰⁹ Cf. μιλίχιος: ‘gracioso’.

²¹⁰ Sobre a inveja divina (φθόνος θεῶν), cf. Walcot 1978; Vallozza 1989; Hoofst 2002; Tov-Ruach 1980; Spielman 1971; Ranulf 1934; Duran Lopez 1996; Konstan 2003; Kirkwood 1984; Sanders 2014; Fisher 2003. Cf. *Il.* 4.55-56, *Od.* 1.346, 6.68, 11.381, 17.400, 18.16, 19.348; Pl. *Phlb.* 48a8-50a9. Vd. apoftegma fr. 7.4 Mullach: ὡςπερ ἡ ἐρυσίβη ἴδιόν ἐστι τοῦ σίτου νόσημα, οὕτως ὁ φθόνος φιλίας ἐστὶν ἀρρώστημα. “Assim como a ferrugem é uma afeição peculiar da comida, assim a inveja é uma doença da alma.” Cf. sentido de ‘recusa’/‘inveja’, relativamente a divindades e heróis, *Od.* 11.149. Vd. *Od.* 18.18, a propósito de Iro, pedinte de Ítaca; Pl. *I.* 7.39-39b: ἀθανάτων φθόνος, “inveja dos Imortais”.

que este se encontrava a ter relações sexuais com a sua esposa²¹¹. Apertou-o com ambas as mãos e transformou-o numa ave - numa águia²¹². A esposa rogou a Zeus para torná-la também uma ave, por forma a servir de companhia a Périfas. Então ele metamorfoseou-a num abutre. Zeus concedeu a Périfas algumas honras, em virtude da piedade que demonstrara enquanto humano. Tornou-o rei de todas as aves e deu-lhe a tarefa de guardar o seu cetro sagrado, juntamente com o direito de aceder ao seu trono. À esposa de Périfas, que havia tornado um abutre, atribuiu o privilégio de constituir um presságio favorável em todos os aspetos da humanidade.

[O mito de Périfas constitui um exemplo típico do φθόνος θεῶν, ‘inveja dos deuses’. Evidencia-se, de facto, alguma proximidade entre deuses e homens, ao caracterizar-se a divindade suprema com atitudes pouco louváveis, desde o confronto com os seus pares, a inveja e a vingança. Já o habitante da Ática, mostrava um comportamento excelso e prestimoso, para com os deuses e os seus concidadãos. Contudo, ressaltam também a misericórdia e a piedade divinas demonstradas por Zeus, no âmbito da sua ira, pelos privilégios conferidos ao casal metamorfoseado.]

²¹¹ Esposa de Périfas referida, em *Ov. Met.* 7.398-401, como Fene.

²¹² Cf. castigo infligido por Júpiter (*Ov. Met.* 7.400).

7. ANTO

(Beos refere-se a isto, no primeiro livro de *Ornitogonia*)

Autónoo, filho de Melaneu²¹³ e Hipodamia²¹⁴, teve como descendentes Anto, Esquineu e Acanto e ainda uma filha - Acântis, a quem as divindades concederam grande beleza.

Autónoo adquiriu grandes quantidades de cavalos, que eram apascentados pela sua esposa Hipodamia e pelos seus filhos.

Ora, porque negligenciou a terra, não se produziram colheitas nas extensas terras de Autónoo, onde apenas cresciam juncos e cardos. Por este motivo, deu o nome de tais plantas aos seus filhos: Acanto, Esquineu e Acântis e Eródio, o seu filho mais velho, pois as suas terras haviam sido desgastadas.

Eródio apreciava deveras os grupos de cavalos que ele colocava a pastar nos prados. Porém, quando Anto, filho de Autónoo retirou os machos dos pastos, mantendo-os afastados das pastagens, eles ficaram enfurecidos e atacaram Anto. Começaram por devorá-lo²¹⁵, apesar da quantidade de brados com que apelava às divindades para que o salvassem. O seu pai, aterrorizado com a aflição, hesitou - tal como o criado do jovem - e não conseguiu afastar os machos. A mãe continuava a lutar contra os cavalos, mas devido à fragilidade do seu corpo²¹⁶, não conseguiu fazer nada que evitasse a chacina. Quando estas

²¹³ Cf. personagem com o mesmo nome, #4

²¹⁴ Nome irónico: Ἴπποδάμεια (ἵππος - δάμεια: ‘a que controla os cavalos’). Cf. festival, em honra de Dameia, em Tarento, sob administração Romana desde 272 a.C. Vd. *Il.* 2.740.

²¹⁵ De notar um *topos* profícuo, de cavalos a devorarem humanos. Cf. Diomedes e o oitavo trabalho de Hércules, #20.

²¹⁶ Cf. Agaton *apud* Ath. 13.46: γυνή τοι σώματος δι’ ἀργίαν | ψυχῆς φρόνησιν ἐντὸς οὐκ ἀργὸν φορεῖ. “Não sucede, porque o corpo de uma mulher não tem força e a sua mente é também fraca.”

pessoas se encontravam a deplorar o óbito de Anto, Zeus e Apolo sentiram misericórdia deles e transformaram-nos todos em aves. Autónoo tornou-se um *oknos*²¹⁷, porquanto, ainda que fosse progenitor de Anto, fraquejou²¹⁸ em afastar os cavalos. A mãe tornou-se uma cotovia com uma crista na cabeça, pois avançara sobre os machos, lutando contra eles pelo seu filho. Tornaram o próprio Anto²¹⁹, bem como Eródio²²⁰, Esquineu²²¹, Acanto e Acantilis²²² em aves apelidadas a partir dos nomes que eles tinham antes das metamorfoses. Transformaram o criado que servira Anto numa garça-real²²³, à semelhança do irmão [Eródio] do jovem [Anto] - mas sem ser o mesmo tipo de garça-real, pois é distintamente mais pequena²²⁴ do que a variedade negra. E a garça-real²²⁵ não se aproxima da ave *anthos*²²⁶, da mesma forma que a ave *anthos* não se aproxima de cavalos, pois Anto sofrera deveras com cavalos. Até hoje, quando ouve o relinchar de um cavalo²²⁷, esta ave voa para longe, imitando os seus ruídos.

²¹⁷ Vd. Arist. *HA* 617a5.

²¹⁸ Jogo palavras: ὀκνέω, ‘encolher’ e ὄκνος, ‘hesitação’.

²¹⁹ Cf. Arist. *HA* 9.609b14; Plin. *HN*. 10.57, metamorfose.

²²⁰ Vd. motivo de Atena e da ave ἔρωδιός, ‘garça’ (*Il.* 10.272-282). Cf. ὁ πέλλος (*ardea cinerea*), ὁ λευκός (*ardea alba*), ὁ ἀστερίας (*ardea stellaris*).

²²¹ Cf. Arist. *HA* 9.610a8.

²²² Cf. paralelismo lexicográfico #11: Quélidon/Quelídonis, após metamorfose; Acântio/Acantilis, em particular a inimizade entre Acantilis e o burro (Arist. *HA* 610a4-8).

²²³ A propósito da consideração do princípio *nomen omen*, vd. Ar. *Nu.* 60-77; Pl. *Cra.* 435e.

²²⁴ Cf. Arist. *HA* 593b2, *leukerodius*.

²²⁵ Cf. ἔρωδιός, *erodios*.

²²⁶ Cf. ἄνθος.

²²⁷ Vd. Arist. *HA* 9.609b14.

[O corrente episódio retrata os efeitos decorrentes da negligência de cultos divinos. Fora o caso de Autónoo. O castigo assume-se de forma bipartida. De início, a raridade de plantas num terreno tornado infértil. Depois, o assombro de cavalos que atacam a prole de Autónoo. E, se os jovens ostentavam nomes de plantas que brotavam nesse local, as aves correspondentes às suas metamorfoses conservam as mesmas designações. De novo, o castigo recai sobre os filhos (e sobre o criado), evitando o prosseguimento de uma propensão comportamental.]

8. LÂMIA OU SÍBARIS

(Beos conta-nos isto, no quarto livro de *Ornitogonia*)²²⁸

Nas proximidades do Parnasso²²⁹, na direção do sul, existe uma montanha chamada Círfis²³⁰. No seu interior existe ainda hoje uma grande gruta onde habitava uma enorme e prodigiosa criatura. Alguns designavam-na Lâmia²³¹, ao passo que outros a apelidavam Síbaris.

Todos os dias este monstro avançava, arrebatando rebanhos nos campos, assim como pessoas²³². Os habitantes de Delfos haviam, durante algum tempo, considerado emigrar e questionaram o oráculo²³³ a propósito da região para onde deveriam dirigir-se. A divindade disse-lhes que ficariam livres dessa ameaça, caso permanecessem e aceitassem deixar junto à caverna um jovem escolhido de entre os cidadãos. Eles procederam da forma que o deus lhes anunciou.

Por sorteio, Alcioneu, filho de Diomo e Meganira, foi escolhido²³⁴. Filho único do seu pai, era belo, quer em termos de

²²⁸ Cf. Celoria 1992: 40 refere ter seguido as versões de Martini 1968: 18; Cazzaniga 1962; Papatomopoulos 1968. Porém, Xilandro: 54 menciona Nicandro Na realidade, o *codex* digitalizado e disponível para consulta, em <http://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglitData/tmp/pdf/cpgraec398.pdf>, não comporta, entre 189r e 208v, todas as histórias listadas no índice (fols. 189r-190r). Vd. Anton – Martini – Edgar – Sakolowski – Paul – Olivieri – Festa eds. 1894.

²²⁹ Fócida. Montanha com diversas grutas (cf. Str. 9.3.1).

²³⁰ Cf. Str. 9.3.3.

²³¹ Monstro, figura feminina antropofágica. Cf. Paus. 10.12.1, a propósito de Λάμια, rainha da Líbia (D.S. 20.41), mãe da Sibila da Líbia, a partir de um relacionamento com Zeus.

²³² Cf. Paus. 9.26.7-8.

²³³ Vd. Parke – Wormell 1956: xxiii, xxvi. 25; Amandry 1950a; Amandry 1950b; Broad 2007.

²³⁴ Cf. Paus. 9.26.5, com história paralela.

aparência, quer no tocante à natureza do seu carácter. Os sacerdotes coroaram Alcioneu e levaram-no até à caverna de Síbaris.

Por inspiração divina, Euríbrates, filho de Eufemo²³⁵, descendente do Rio Áxio, um homem jovem, mas bravo, estava a chegar de Curetis²³⁶ e deparou-se com o rapaz, na altura ele estava a ser levado. Ficando apaixonado por ele, perguntou por que razão estavam a proceder daquela forma e julgou que seria horrível não ir em defesa de um jovem no melhor das suas forças e simplesmente deixar que o rapaz morresse de forma desprezível. Retirou as grinaldas de Alcioneu, colocou-as sobre a sua cabeça e ordenou que o apresentassem a ele mesmo, em vez do jovem. Logo que os sacerdotes o levaram até à caverna, ele irrompeu para o seu interior e expulsou Síbaris do seu covil, transportando-a para fora e arremessando-a dos penhascos. Ao cair, bateu com a cabeça nos confins de Crisa. Devido a esta ferida, desapareceu da vista. A partir dessa rocha brotou uma fonte, que os locais denominam de Síbaris. Outrossim, os Locros ergueram uma cidade na Itália, chamada Síbaris²³⁷, a partir dela.

[A história com contornos novelescos reproduz traços de crítica social, mediante o seguimento de um oráculo, que exigia a apresentação de uma criança em sacrifício a um monstro ameaçador. O verdadeiro altruísmo, porém, pertence ao recém-chegado Euríbrates. A sua heroicidade provoca a morte do monstro. Desta feita, a metamorfose e o carácter explicativo deste mito recaem sobre a figura monstruosa, donde os nomes de uma fonte e de uma cidade.]

²³⁵ Cf. Εὐφάμος, *IG IX 1*¹, 335.

²³⁶ Acarnasia (Etólia).

²³⁷ Colónia de Aqueus, não de Locros.

9. EMÁTIDES²³⁸

(Nicandro relata isto, no quarto livro das suas *Metamorfoses*)

Zeus relacionou-se com Mnemósine na Piéria²³⁹ e tornou-se pai das Musas²⁴⁰. Nessa altura, Píero, um autóctone, era suserano de Emátia²⁴¹. Teve nove filhas, que formaram um coro a competir com as Musas. Houve uma competição musical no Hélicon²⁴² e, quando as filhas de Píero começaram a entoar, toda a criação escureceu e ninguém prestou atenção ao seu desempenho coral. Todavia, quando as Musas cantaram, o céu, as estrelas, o mar e os rios detiveram-se, ao passo que o Monte Hélicon, iludido pelo prazer de tudo, começou a inchar na direção do céu²⁴³, até ao ponto de, por vontade de Posídon, Pégaso²⁴⁴ ter corrigido a situação, golpeando o cume com o seu casco.

Uma vez que tais mortais decidiram desafiar as deusas²⁴⁵, as

²³⁸ Cf. *Ov. Met.* 5.669. Compare-se, *mutatis mutandis*, com as nove musas.

²³⁹ Entre Monte Olimpo e Salónica.

²⁴⁰ Cf. tradição das nove musas: Calíope, Clio, Érato, Euterpe, Mel-pómene, Poliímnia, Terpsicore, Talia, Urânia. Vd. *Hes. Op.* 25 sq., 915 sq.

²⁴¹ Região próxima (c. 40 km) a noroeste da Piéria. Cf. Macedónia.

²⁴² Beócia.

²⁴³ Descrição de um assombro.

²⁴⁴ Cavallo alado, filho de Posídon *Hippios* e de Medusa *Hippia*.

²⁴⁵ Sobre o *topos* do desafio de deuses De notar casos de insolência para com as divindades, no seu conjunto: metamorfose num grou, porque Gérana desprezava as divindades; Ájax dizia não necessitar da ajuda dos deuses; revelando grande insolência, Ícaro não atendeu às recomendações de seu pai Dédalo; Énoe desprezava os deuses e, em especial, o culto de Ártemis e Hera. Vd. atos de insolência e de autogloriação: Anquises (Afrodite); Mársias (Apolo); Miseno (melhor timoneiro); Terambo (negligência conselho de Pá); Salmoneu de Élide (imitar Zeus); Acrísio, afirmando-se igual a Zeus; Êurito de Ecália, filho de Melaneu, excelente arqueiro, desafia Apolo. Também de salientar é o caso do par Alcione/

Musas metamorfosearam-nas em nove aves. Até ao presente, as pessoas referem-se a elas como mergulhão²⁴⁶, torcicolo²⁴⁷, hortelão, gaio, verdelhão, pintassilgo, pato, tarambola, pombo²⁴⁸.

[*Metamorfoses explicativas de castigos sobre a insolência e a presunção humanas.*]

Céix, que se diziam tão felizes no seu matrimónio como Zeus e Hera. Também Périfas, venerado como um deus na Ática, onde lhe ergueram um templo, qual Zeus. Notem-se também os pastores da Messápia, os quais avistaram as ninfas Epimélides a dançar. Desconhecendo a sua verdadeira identidade, fizeram troça delas e desafiaram-nas, dizendo que seriam capazes de dançar melhor do que elas. Considere-se, além do mais, o orgulho desmedido de Gorgo, pela sua beleza, o que a levou a rivalizar com Atena; e, similarmente, Side, esposa de Oríon, porque pretendeu competir com a beleza de Hera; Quíone, em termos de beleza, arrogava-se superior a Ártemis; Cassiopeia disputou a sua aparência com a de Hera e a das Nereides; Níobe pleiteia com Leto a beleza dos seus filhos (cf. Aracne/Atena). No que respeita a colocar à prova a sabedoria divina, vejam-se, a título de exemplo, a insolência de Licáon, ao colocar à prova Zeus; Tântalo; Comatas. Cf. *Ov. Met.* 5.250-678.

²⁴⁶ *Kolumbas* (cf. Κολυμβάκις).

²⁴⁷ Cf. *ixnx torquilla*.

²⁴⁸ Sobre este tipo de animal, vd. Ath. 3.74b, reproduzindo Nicandro.

10. MINÍADES

(Nicandro refere isto, no quarto livro das suas *Metamorfoses*, à semelhança de Corina)

As filhas de Míniás²⁴⁹, filho de Orcómeno²⁵⁰, eram Leucipe, Arsipe e Alcátœ²⁵¹. Começaram por revelar-se extremamente diligentes. Criticavam deveras outras mulheres, porquanto haviam deixado a cidade para seguirem como Bacantes²⁵² nos montes, até que Dionísio assumiu a forma de uma jovem e instou as Miníades a não descurarem os ritos ou os mistérios do deus. Porém, elas não o tiveram em conta. Perante isto, sem surpresa, Dionísio manifestou a sua ira e, em vez de uma rapariga, tornou-se um touro, depois um leão²⁵³, em seguida, um leopardo²⁵⁴. Mais ainda, a partir dos seus teares extraiu leite e néctar para ele. Face a estes portentos, o terror apoderou-se das jovens. Prontamente, colocaram os seus lotes num vaso e misturaram-nos²⁵⁵. A sorte distinguiu Leucipe, que prometeu oferecer em sacrifício em honra da divindade o seu próprio filho²⁵⁶ Hípasso,

²⁴⁹ Cf. Alcítœ, E. *Ba.*; Ov. *Met.* 4.1-140, 390-415. Miníades, Paus. 9.36.3, 9.38.2.

²⁵⁰ Filho de Zeus. Vd. Orcómeno, enquanto cidade da Beócia, junto ao lago Copais.

²⁵¹ Cf. três filhas de Míniás, Plu. *Quaestiones Graecae* 299e-f; Apollod. 2.2.2. Cf. Paus. 2.26.6. Registam-se algumas variantes, face às escolhas de Antonino Liberal, na designação das Miníades - Aristipa, Ἀρσίππη (Ael. *VH* 3.42) ou Arsínoe, Ἀρσινόη (Plu. 299e), por Arsipe; Alcítœ, Ἀλκιθή (Ov. *Met.* 4.1), por Alcátœ, Ἀλκαθή.

²⁵² Cf. E. *Ba.*; Nonn. *D.* 45.42-51.

²⁵³ Cf. *h.Bacch.* 1.

²⁵⁴ *Topos* da tríade na tripla metamorfose. Sobre a tríplice essência de Dionísio *Triterikos* (trienal, “de três naturezas”, τριτύξ, Orph. *H.* 52.5). Vd. Faulkner – Hodkinson 2015.

²⁵⁵ Sobre a mistura de lotes num vaso, antes de um sorteio, cf. *Il.* 3.316, 23.861; *Od.* 10.206.

²⁵⁶ Cf. Paralelismo com #11: Aédon.

que ela despedaçou²⁵⁷ com o auxílio das suas irmãs. Saindo da casa paterna, seguiram como Bacantes para as montanhas, em busca de hera, madressilva e louro, até que Hermes as tocou com o seu bastão e as transformou em criaturas aladas. Uma

²⁵⁷ *Diaspasmós* (διασπασμός) seguida de homofagia ritual. Vd. mito de Zagreu e o vegetarianismo órfico. Cf. o episódio dos Titãs ao desmembrar Dionísio (*sparagmos*), servindo como imagética ilustrativa da origem da culpa e dos sofrimentos humanos (vd. Pl. *Lg.* 701c; Procl. in Pl *R.* 2.338; Olymp. *OF* 220, contrastando com Plu. *OF* 210). Este episódio místico, quicá tardio (note-se Onomácritos. Cf. Hdt. 6.5.3; Paus. 1.22.7, 8.31.3, 9.35.5), comporta, na sua estrutura, o desmembramento da divindade; a teofagia; a reconstrução/renascimento, pela terceira vez (enquanto Fanes, diversas vezes chamado Dionísio; enquanto Zagreu e na qualidade de Dionísio), bem como o castigo dos Titãs e o seu encarceramento sob forma humana. Embora concebida a partir dos ímpios Titãs, também parte do corpo de Dionísio por eles despedaçada e degustada encontra-se presente na raça humana. Ao longo das suas sucessivas existências (vd. transmigração), deveria almejar pela redenção e por afastar-se da falta original dos seus ancestrais titânicos, apelando, para tal, para o imortal Dionísio *Liberator* renascido, parcialmente existente em cada ser humano. O mito de Zagreu/Dionísio reporta-se ao orfismo, conforme comprovou a análise das tabuinhas de ouro de Túrios, por parte de Comparetti, em 1879. Aliás, Apollod. 1.3.2 referira que Orfeu criara os mistérios de Dionísio, o que permite relacionar o mito de Zagreu com o da divindade e associá-lo ao seu culto. Vd., a propósito do mito de Zagreu e da sua antiguidade, Comparetti 1873; Rose 1936, sobre a consciência de uma falta original desde a época arcaica, baseando-se numa análise de Pi. fr.133 Bergk, a partir de Pl. *Men.* 81b-c; Linforth. 1941: 330, 342-344; Bianchi 1966; Alderink 1981: 70-71; Flaumenhaft 1994: esp. 57-84; Brisson 1992, acerca da referência a uma alquimia alegórica da parte de Olimpíodoro; Edmonds 1999; Bernabé 2002; Rudhardt 2002; Morford – Bos 2003: 315-357; Lenardon 2003: 293-294, 324, 362-363; Edmonds 2009. Cf. despedaçamento ritual, o desmembramento de Dionísio e o início dos Mistérios Dionisíacos, por Orfeu, posteriormente despedaçado pelas Ménades, a julgar pelo escrito de Apollod. 1.3.2), o rito báquico e ao estado de ἐνθουσιάζειν e a sua crítica (e.g. pelos Citas, Hdt. 4.79.3: Σκύθαι δὲ τοῦ βακχεύειν πέρι “Ἑλλησι ὀνειδίζουσι: οὐ γὰρ φασὶ οἰκὸς εἶναι θεὸν ἐξευρίσκειν τοῦτον ὅστις μαίνεσθαι ἐνάγει ἀνθρώπους. “Mas os Citas censuram os Gregos por esta revelação báquica, dizendo não ser razoável colocar um deus a conduzir homens à loucura”. Vd. Clem. Al. *Protr.* 5.17.2: Τὰ γὰρ Διονύσου μυστήρια τέλεον ἀπάνθρωπα; “Os mistérios de Dionísio são absolutamente desumanos”).

tornou-se um morcego²⁵⁸; outra, uma coruja; e a terceira, uma coruja-águia²⁵⁹. E as três evitavam permanentemente a luz do sol.

[Na sequência de episódios anteriores, a metamorfose como castigo divino é, desta feita, aplicada pela negligência do culto de Dionísio, face ao afastamento voluntário da vida comunitária (cf. Ártemis), caso que constitui um topos comum a outras figuras mitológicas²⁶⁰.]

²⁵⁸ Ainda que não se trate de um pássaro (ὄρνις).

²⁵⁹ Cf. βύας, 'grande coruja'.

²⁶⁰ Vd. Penteu, Licurgo, Icário, entre outros casos de teoxenia falhada. Cf. o conceito de teoxenia, em Clay 1996.

11. ΑÉDON

(Beos menciona, em *Ornitogonia*)²⁶¹

Pandáreo²⁶² habitou na região de Éfeso²⁶³, no promontório escarpado²⁶⁴ das imediações da cidade. A ele Deméter²⁶⁵ concedeu-lhe o dom de nunca sentir-se saciado após comer²⁶⁶, qualquer que fosse a quantidade que ingerisse.

Pandáreo tinha uma filha de nome Aédon²⁶⁷. Politecno, o

²⁶¹ Cf. mito de Tereu, Procne e Filomela, em Apollod. 3.14.8. Veja-se a confusão de Pandáreo com Pandíon de Atenas, filho de Ericτόνιο (Apollod. 3.14. 6; Paus. 1.5.3; Th. 2.29). Segundo Paus. 10.30.2, tratava-se de um cretense, natural de Mileto. Vd. Murray 2010: 355.

²⁶² Cf. personagem com o mesmo nome, filho de Mérops (ave comedora de abelhas). Cf. #36, mas com a personagem com o mesmo nome apresentada como natural de Mileto.

²⁶³ Cf. área fundada por Lisímaco, filho de Alexandre Magno, c.294 a.C. Vd. Paus. 10.30.1, a propósito da cidade com o mesmo nome, na Ásia Menor e também a urbe de Éfeso, em Creta.

²⁶⁴ Cf. Str. 14.1.4: ἐκαλεῖτο γὰρ Λεπρὴ μὲν ἀκτὴ ὁ πρῆων ὁ ὑπερκείμενος τῆς νῦν πόλεως, ἔχων μέρος τοῦ τείχους αὐτῆς, “Ora, o nome de Lepra Acte foi atribuído ao Monte Prion, que se situa acima da cidade atual e comporta uma parte da muralha da cidade.”

²⁶⁵ Cf. Str. 14.1.3, sobre o culto de Deméter Eleusiana, em Éfeso.

²⁶⁶ Cf. templo de Deméter *Adephagia*, na Sicília. Vd. Call. *Dian.* 159-160, Ath. 10, acerca da ἀδηφαγία, ‘gula’. Considere-se Erisícton. O estado de gula decorre da sua atitude ímpia e insolente de derrubar as árvores do bosque sagrado de Deméter. Incapaz de controlar a fome avassaladora que se abateu sobre si, não obstante os esforços da sua filha, que aproveitara o seu dom de metamorfosear-se para conseguir providenciar uma quantidade suficiente de alimentos, acabou por, num acesso de loucura, devorar-se a si mesmo. Vd. Call. *h. Dem.* 24 sq.; Ath. 10.416. *Ov. Met.* 8.738-878.

²⁶⁷ Aédon, símbolo de desespero, heroína epónimo (ἀηδονίς). Motivo usado em novelas, séc. II. Vd. Ach.Tat. 5.3 (paixão de Quéreas por Leucipe), acerca da imagem utilizada por Filomela para comunicar com Procne, com base no *omen* nefasto de uma andorinha perseguida por um falcão; andorinha cuja asa atacou a cabeça de Leucipe (χελιδόνα κίρκος διώκων τὴν Λευκίπην ποτάσσει τῷ πτερῷ εἰς τὴν κεφαλὴν). Vd. *Od.* 19.518-529; Pherecy. 3 F 124. Cf. Hes. fr. 312 MW; S.**Tereu*;

carpinteiro, que vivia em Cólofon²⁶⁸, na Lídia, desposou-a²⁶⁹. Durante um longo período de tempo, a sua vida de casados foi idílica. Tiveram apenas um filho - Ítis²⁷⁰. Enquanto celebraram os deuses, foram felizes. Contudo, certo dia, expressaram o inusitado comentário de que se amavam mais do que Zeus e Hera²⁷¹. Hera

Apollod. 3.14.9 sq. Considerem-se #19, 29. Importa atender a diferenciações na genealogia reportada. Assim, segundo Antonino Liberal, Aédon, filha de Pandáreo (águia marinha) e Alcíone (alcíone), irmã da jovem Quélidon (andorinha) e da jovem poupa, esposa de Polícteno (pica-pau). Já para escritores gregos: Procne (rouxinol), Filomela (irmã), andorinha, Tereu, poupa (marido). Quanto a escritores latinos, mencionam Filomela (rouxinol), Procne, irmã (andorinha). No respeitante a outras filhas de Pandáreo, filho de Mérops de Mileto, autor do roubo do cão de Zeus (#36). Cf. Mérops e Cleodora (Cameiro e Clítia, Paus. 10.30.2) retratadas na pintura de Polignoto Tasiano, *Lesque de Delfos* (vd. *Od.* 19.518, 20.66-78). Cf. Thuc. 2.29: πολλοῖς δὲ καὶ τῶν ποιητῶν ἐν ἀήδονος μνήμῃ Δαυλιᾶς ἢ ὄρνις ἐπωνόμασται, “Muitos poetas, quando mencionam o rouxinol, atribuem à ave o epíteto ‘Dauliana’”. Vd. Liapis 2008; Fitzpatrick 2001; Gantz 1996; Lenormant 1864; Gebhardt 1873; Celoria 1992: 6-7, acerca da simbologia das aves do episódio.

²⁶⁸ Sul de Esmirna.

²⁶⁹ Segundo *Od.* 19.517 sq., Aédon casou-se com o rei de Tebas, Zeto, irmão de Anfíon, que, na versão de Apollod. 3.5.6, desposara Tebe, figura epónima de Tebas. Ora, desde logo, a afirmação de um amor superior ao do relacionamento matrimonial de Zeus manifesta um pendor irónico, na medida em que o próprio Zeto é fruto de um relacionamento extra-conjugal de Zeus. Ainda assim, Antonino opta por Politecno, uma figura que surge tardiamente, a partir deste autor, sem uma nota biográfica expressa.

²⁷⁰ Cf. Ítilo.

²⁷¹ A história assume contornos distintos em versões anteriores, *Od.* 19.518-523: Aédon, invejosa de Níobe, esposa do cunhado Anfíon, que gerara uma prole numerosa (*Il.* 24.603, doze filhos; cf. Apollod. 3.5.6, reportando a visão de Hesíodo – dez rapazes e dez raparigas. Porém, Ael. *VH* 12.36 menciona que Hesíodo atribuiu a Níobe nove filhos e dez filhas. Os autores trágicos, por seu turno, avançam com o número de catorze descendentes. Vd. *schol.* E. *Ph.* 159, para informações respeitantes a outros autores, como Álcman (dezoito), Safo (seis) ou Heródoto (quatro), a título ilustrativo, planeava matar o seu sobrinho primogénito, Amaleu. Todavia, por um fatídico engano, assassinou o seu filho Ítis (Ítilo). Cf. Harrison 1887. Também Níobe seria castigada, na sequência de uma atitude hubrística, reveladora de um orgulho desmedido, qual Tântalo,

julgou que aquilo que haviam dito era intolerável²⁷² e lançou a Discórdia²⁷³ entre eles, de forma a criar desavenças nas suas atividades. Politecno encontrava-se prestes a finalizar uma carruagem e Aédon a completar uma peça que estava a tecer. Concordaram que aquele que acabasse primeiramente o seu trabalho arranjaria uma auxiliar para o outro.

Aédon foi mais rápida a finalizar a sua tecelagem, pois Hera ajudara-a na tarefa. Politecno ficou irritado com a vitória de Aédon e dirigiu-se a Pandáreo, simulando ter sido enviado por Aédon para ir buscar a irmã dela, Quélidon. Pandáreo, sem supor nenhuma má intenção, entregou-lha para seguir consigo.

Politecno, assim que se viu em posse da jovem, abusou dela, de forma vergonhosa, num matagal. Depois, deu-lhe roupas diferentes, cortou a sua cabeleira de forma curta e ameaçou-a de morte, caso contasse alguma vez o incidente a Aédon. Ao regressar ao lar, entregou a irmã a Aédon como criada, em conformidade com o acordo. Aédon sobrecarregou-a de trabalho,

face a Leto, ao vangloriar-se da superioridade da sua descendência. Vd. outrossim, com contornos idênticos, o repasto vingativo de Procne, face ao esposo, Pandión de Atenas, incapaz de corresponder à hospitalidade do seu sogro; de retribuir a *philia* conjugal e de refrear o seu desejo sexual perante a jovem cunhada Filomela. A vingança, qual infanticídio de Medeia, colocava a ira defronte da *philia* parental (Apollod. 3.14.8: ἡ [Πρόκνη] δὲ ὑφήνασα ἐν πέπλῳ γράμματα διὰ τούτων ἐμήνυσε Πρόκνη τὰς ἰδίας συμφορὰς. “Ela [Procne] matou o seu filho Ítis, cozinhou-o e serviu-o a Tereu, que nada sabia”. Cf. Ov. *Met.* 6.655: *intus habes, quem poscis*, “Tens dentro de ti aquele que procuras”). Vd. A. *Supp.* 58; Th. 2.29.3; Paus. 1.41.8, 10.4.8. sq.; Apollod. 3.14.8; Ov. *Met.* 6.426 sq.; Nonn. D. 44.266; Hyg. *Fab.* 45, entre outros. Cf. a recorrência do *topos* do ‘manjar ímpio’, presente no mito dos tantálidias, Θυέστεια δεῖπνα, o banquete oferecido por Atreu ao seu irmão Tiestes, concretizando uma apetência familiar para o dolo, a ousadia e a impiedade (A. *Ag.* 1598; S. *Aj.* 1266; Sen. *Thy.*; Hygin. *Fab.* 246: *Qui filios suos in epulis consumpserunt*, “Os quais degustaram os seus no banquete”).

²⁷² Cf. φθονερὸν τὸ θεῖον, ‘inveja divina’.

²⁷³ Cf. ἐρίς.

até ao dia em que Quélidon, segurando um jarro, proferiu muitos lamentos junto a uma fonte e Aédon ouviu o que ela dizia.

Após o reconhecimento²⁷⁴ mútuo, abraçaram-se e planearam vingar-se de Politecno. Dilaceraram o filho de Aédon, depositaram as suas carnes num caldeirão e cozinharam-no. De seguida, Aédon chamou um vizinho para que este convidasse Politecno para o repasto. Então, ela seguiu com a irmã ao encontro do seu pai Pandáreo e descreveram os sofrimentos por que haviam passado.

Quando Politecno descobriu que tinha comido a carne do seu filho, partiu ao encalce delas, nos domínios do pai. Os criados de Pandáreo detiveram-no e aprisionaram-no com firmeza, em virtude do ato que cometera contra a casa de Pandáreo. Untaram o seu corpo com mel e atiraram-no para um redil. Acercaram-se moscas²⁷⁵ e atacaram o seu corpo. Aédon teve misericórdia dele, em virtude do amor que anteriormente nutrira por ele, e afastou as moscas de Politecno. Quando os progenitores e o irmão dela contemplaram o que estava a fazer, encheram-se de ódio dela e resolveram matá-la.

Zeus, antes que um mal maior viesse a abater-se sobre a casa de Pandáreo, apiedou-se deles e transformou-os todos em aves. Umav voavam para o mar, enquanto outras, em direção ao céu. Pandáreo tornou-se uma gaivota e a mãe de Aédon, um alcião. Procuraram de imediato atirar-se ao mar, mas Zeus impediu. Estas aves tornaram-se auspiciosas para quem navegava no mar. Politecno, quando foi metamorfoseado, tornou-se um pica-pau, já que Hefesto lhe havia oferecido um machado²⁷⁶, pelo seu trabalho como carpinteiro. Esta ave constitui um bom presságio

²⁷⁴ Nota de tragicidade, pela ἀναγνώρισις.

²⁷⁵ Cf. Cazzaniga 1949.

²⁷⁶ Cf. associação do 'machado' com a figura de Hefesto. Vd. nascimento de Atena: Luc. DDeor. 8 Jacobitz.

para os carpinteiros. O irmão de Aédon assumiu a forma de uma poupa, uma ave de bom presságio sempre que aparece, quer para navegantes, quer para trabalhadores do campo, em particular quando acompanhada da gaivota e mais ainda, se juntamente com a alcíone. Quanto a Aédon²⁷⁷ e Quélidon, a primeira chora o seu filho Ítis, junto a correntes de água e nos bosques, ao passo que a última partilha, por vontade de Ártemis, os espaços de habitação da humanidade. É que ela perdeu a virgindade pela força e gritou muito pela ajuda de Ártemis.

[As personagens que participam deste episódio são todas metamorfoseadas. O reconto mitológico reveste-se, desde logo, de uma certa ironia acrescida de imponderada insolência. De facto, por um lado, o matrimónio de Zeus com Hera não constitui, tradicionalmente, um ícone de felicidade. Por outro lado há uma manifesta desconsideração dos limites da raça humana, face aos superiores divinos (vd. máxima gravada em Delfos - μηδὲν ἄγαν, “nada em excesso”), atitude imodesta, desrespeitosa e também apelativa à inveja dos deuses (φθόνος θεῶν). A transformação afigura-se como um castigo justiceiro de Zeus, ainda que as faltas cometidas se desencadeiem numa sequência de causa-efeito. Assim, a falta para com os deveres de hóspede-suplicante e a violação praticados por Politecno; a vingança excessiva de Aédon e Quélidon. Como motor impulsionador da história, o dissídio secretismo / comunicação, uma barreira ultrapassada. De resto, não sendo apenas paradigmático, o mito é etiológico.]

²⁷⁷ Cf. rouxinol.

12. CICNO

(Nicandro relata, no terceiro livro das suas *Metamorfoses*, assim como também Areu, o Lacônio, na sua *Ode a Cicno*)²⁷⁸

Apolo e Tíria²⁷⁹, filha de Anfínome, tiveram um filho, de nome Cicno²⁸⁰. Ele tinha boa aparência, porém, faltava-lhe graça e era pobre de carácter. Manifestava, outrossim, um extremo interesse pela caça. Vivia no campo²⁸¹, entre Plêuron e Cálidon. Teve muitos amores, em virtude da sua beleza. Devido ao seu desdém, Cicno não acedeu a ninguém. Rapidamente começou a ser detestado e quem o admirava abandonou-o. Apenas Fílio se conservou junto de si. Porém, Cicno tratava-o com extrema arrogância.

Nessa altura, apareceu entre os Etólios um monstruoso leão que devastava os habitantes e os seus rebanhos. Cicno ordenou a Fílio que matasse o leão sem recorrer ao uso de nenhuma arma. Ele prometeu fazê-lo e deu um fim ao animal, usando o seguinte expediente: sabendo a que horas o leão costumava rondar a zona, encheu o seu estômago com grande quantidade de comida e vinho. Quando a fera apareceu, Fílio regurgitou a comida. O leão, faminto, aproveitou esse alimento e foi tombado pelo vinho. Fílio, lançando o seu braço em torno do leão, bloqueou a sua garganta com as roupas que trazia vestidas. Após matar a fera, colocou-a sobre os seus ombros e levou-a a Cicno. Ganhou grande renome, graças a este feito.

²⁷⁸ Cf. *Ov. Met.* 7.371-381.

²⁷⁹ Cf. Híria.

²⁸⁰ Cf. Cisne (*Ov. Met.* 3.367-377). Vd. *Ov. Met.* 7.371-381, tendo por mãe Híria. Sobre diferentes personagens com este nome, vd. Adler 1922.

²⁸¹ Cf. *Str.* 10.4.12, 10.2.22.

Então Cicno requereu uma façanha ainda mais estranha. Tinham aparecido na região alguns abutres monstruosos e enormes, os quais matavam muita gente. Cicno ordenou-lhe que os capturasse vivos e lhos trouxesse, de qualquer forma. Fílio estava a ponderar acerca da maneira de conseguir ultrapassar esta prova, quando, por intervenção divina, uma águia, que arrebatara uma lebre, a deixou cair meio-morta, antes de conseguir levá-la para o seu ninho. Fílio abriu a lebre, untou-se com o sangue dela e deitou-se no solo. As aves atiraram-se sobre ele como se se tratasse de um cadáver. Fílio apanhou duas aves pelas patas e, segurando-as com firmeza, levou-as até Cicno.

De seguida, Cicno impôs-lhe uma prova ainda mais difícil. Ordenou que retirasse um touro da sua manada, utilizando apenas as suas mãos, e o arrastasse até ao altar de Zeus. Fílio, sem saber como haveria de conseguir realizar tal tarefa, suplicou a Hércules que o ajudasse. Como resposta ao seu pedido, apareceram dois touros a guerrear por uma vaca. Embatiam com os seus chifres, deitando-se ao chão. Vendo os touros a tombar, Fílio apanhou um pela perna e arrastou-o até ao altar. Hércules <...> ordenou que não mais prestasse atenção às demandas daquele jovem.

Cicno sentiu-se temeroso e desonrado. Na sua depressão, atirou-se ao lago²⁸² chamado Conope e nunca mais foi visto. Após a sua morte, a sua mãe, Tíria, também se precipitou para o mesmo lago. Por vontade de Apolo²⁸³, tornaram-se ambas aves. Depois do seu desaparecimento, o nome do lago mudou

²⁸² Cf. versão ovidiana, com *katapontismos* a partir do alto de um rochedo.

²⁸³ Considerem-se Ath. 9.393e; Cónon 16. Ateneu reporta a versão de Beos, *Ornitologia F.H.G.* I.417, mediante a qual a metamorfose de Cicno ficou a dever-se a Ares.

e passou a ser ‘Lago dos Cisnes’²⁸⁴. Surgem aí muitos cisnes, na altura em que se ara a terra. O túmulo de Fílio fica próximo.

[O afeto homoerótico de Fílio pelo belo e presunçoso Cicno sujeitou-se a três provas, que conseguiu ultrapassar, causando a desonra de Cicno. O final desta história de contornos repetidos noutros mitos é, no imediato, o καταποντισμός, ‘afogamento’ e, seguidamente, a metamorfose. Por influência divina, a valentia manifestada por Fílio não tem um seguimento favorável. Contrariamente ao que sucede noutras histórias, a atitude arrogante de Cicno para com os seus pares e, em particular, face a enlances amorosos não recebe castigo. A metamorfose surge, neste caso, como uma manifestação laudatória.]

²⁸⁴ Ov. *Met.* 7.371 refere o lago Cicno a brotar a partir de Ilíria, numa sinédoque das lágrimas derramadas pela morte do filho.

13. ÁSPALIS

(Nicandro narra no segundo livro das suas *Metamorfoses*)

Zeus e a ninfa Otrei geraram um filho - Meliteu. Com receio de Hera, em virtude do relacionamento que mantinha com Zeus, a sua mãe expôs a criança no bosque²⁸⁵. Por vontade de Zeus, o recém-nascido não ficou perdido de vista. Foi alimentado por abelhas e assim começou a crescer. Enquanto pastoreava as suas ovelhas, acabou por cruzar-se com ele Fagro, filho de Apolo e da ninfa Otrei, a mesma que havia gerado o jovem Meliteu, naqueles bosques. Maravilhado com a forma como a criança estava bem nutrida, e ainda mais com as abelhas, pegou nele e levou-o para casa. Ele criou-o com muito cuidado e deu-lhe o nome de Meliteu, em virtude de ter sido alimentado por abelhas²⁸⁶. Também recordou o oráculo mediante o qual certa vez a divindade lhe anunciara que ele iria salvar alguém da mesma família, que fora alimentado por abelhas.

A criança, assim que atingiu a idade, tornou-se um homem nobre, que governou muitas pessoas da região e fundou uma cidade na Ftia, que apelidou Mélite. Porém, surgiu aí um tirano violento e arrogante, que os habitantes não conseguiam denominar. Pelos estrangeiros, era tratado como Tártaro. Sempre que uma jovem das redondezas começava a ser afamada pela sua beleza, ele apossava-se dela e mantinha relações sexuais forçadas, antes do casamento²⁸⁷.

²⁸⁵ Motivo recorrente - jovem perseguida por uma divindade. Cf. *topos* em Evadne Pi. O. 3.44. A propósito da prática da exposição na Antiguidade, vd. Hook 1920; Redford 1967; Bennett 1923; Cameron 1932; Milner 2000: esp. 208; Soren – Soren 1999: esp. 484-485; Radin 1925. Sobre a bastardia, Ebbot 2003; Ogden 1996.

²⁸⁶ Cf. μέλισσα, ‘abelha’.

²⁸⁷ Cf. Parth. 28; Heraclid. Pont. *FHG* 2.222, fr. 32 M.

Então, certo dia, encarregou os seus homens de irem buscar Áspalis, filha de Argeu, um dos notáveis da região. Quando a rapariga soube desta ordem, enforcou-se antes da chegada daqueles que deveriam ir buscá-la. Esta notícia ainda não tinha sido difundida, quando o seu irmão, Astígites, jurou matar o tirano antes de o corpo da sua irmã ser descido. Rapidamente, vestiu as roupas de Áspalis, escondendo uma espada no seu lado esquerdo e passou despercebido, na medida em que era ainda jovem. Ao entrar na casa, matou o tirano, que se encontrava desarmado e sem guarda.

Os Meliteus colocaram uma coroa festiva sobre Astígites e levaram-no em procissão com péanes. O corpo do tirano foi atirado para um rio, desde essa altura denominado Tártaro. Fizeram todos os esforços para encontrar o corpo de Áspalis para oferecer esplêndidas obséquias, porém, não conseguiram encontrá-lo. Na realidade, havia desaparecido por vontade divina. Em vez do corpo, apareceu a sua estátua ao lado da de Ártemis. Esta estátua é chamada pelos locais de Áspalis *Amei-lete Hecaerge*²⁸⁸. Todos os anos, raparigas suspendem nela uma jovem cabra, sem ter mantido contacto com o macho, já que Áspalis era virgem quando se enforcou.

[A presente história divide-se em dois momentos. De início, o caso de Militeu, conjugado com temas como a exposição, a nutrição por animais, a simbologia das abelhas, em mitos relacionados com Zeus; os ciúmes de Hera; a adoção por um pastor; a recompensa/reconhecimento divinos. De seguida, aspetos como a tirania; a violação; a autotanásia por uma questão de honra (de Áspalis) sobrevêm a partir do tirano da região.]

²⁸⁸ Ἀσπαλῖς Ἀμειλήτη Ἐκαέργη. Culto difundido no arquipélago das Cíclades (ilhas do Mar Egeu, situadas entre o sul de Ática e Eubeia, em torno - ἐν κύκλωι de Delos). Cf. a possibilidade de ter existido um templo em honra de Afrodite, em Carteia (vd. IG 12.5.551, 552; SEG 19:563).

14. MÚNICO

[Nicandro narra, no segundo livro das suas *Metamorfoses*]

Múnico²⁸⁹, filho de Drias e rei dos Molossos, era um fantástico adivinho e um homem justo. Da sua esposa Lelante, teve os filhos Alcandro, um adivinho melhor do que ele próprio, Megaletor e Fileu, assim como uma filha - Hiperipe. Eram todos bons, justos e os deuses gostavam deles. Quando certa noite se encontravam nos campos, surgiram alguns atacantes, que tentaram capturá-los. Eles atiraram sobre os invasores, a partir do alto das torres²⁹⁰, pois não conseguiriam equiparar-se a eles na luta corpo-a-corpo. Contudo, os assaltantes lançaram setas com fogo para o interior dos edifícios. Zeus, movido pela sua piedade, não poderia deixar de considerar que as suas²⁹¹ vidas estavam prestes a chegar ao fim, de uma forma miserável. Metamorfoseou-os todos em aves.

Hiperipe, que ultrapassou as chamas, mergulhado na água, tornou-se uma pardela. Os outros, que se ergueram das chamas, foram Múnico, que se tornou um falcão, e Alcandro, que foi transformado em carriça. Megaletor e Fileu, escapando do fogo através de uma paliçada no piso térreo, transformaram-se em dois pequenos pássaros. O primeiro deles tornou-se um icnêumone²⁹², ao passo que Fileu tomou o nome de *cão*²⁹³. A sua mãe metamorfoseou-se numa tarambola insetívora. A águia e a garça-real encontram-se em permanente conflito com ela, que

²⁸⁹ Ou Múnito. Cf. *Ov. Met.* 13.713-718.

²⁹⁰ Cf. torres rurais em ilhas do Mar Egeu, entre outros locais (c. VI a.C.). Vd. *Hdt.* 4.164. Cf. *Parth.* 28.

²⁹¹ Cf. *Ov. Met.* 13.717, numa alusão aos filhos do Rei molosso (*nati rege Molosso*).

²⁹² Cf. ἰχνεύμων.

²⁹³ Cf. κύων.

lhes parte os ovos ao golpear os carvalhos à procura de insetos. As restantes aves²⁹⁴ deste lote alimentam-se juntas nas madeiras e nas concavidades, à exceção da pardela, a qual vive junto aos lagos e ao mar.

[O processo de metamorfose surge, neste caso, como reflexo da misericórdia divina face à resistência de indivíduos justos - Múnico e a sua família -, perante um dilema social corrente: piratas e vilhalpandos.]

²⁹⁴ Cf. Arist. *HA* 8.593a5, 9.614a35.

15. MÉROPS

(Beos conta isto, no primeiro livro da sua obra *Ornitogonia*)

Eumelo, filho de Mérops gerou filhos que eram altivos e arrogantes: Bissa, Mérops²⁹⁵ e Ágron. Habitavam em Cós²⁹⁶, a ilha Merópide²⁹⁷. A sua terra²⁹⁸ providenciava-lhes lautas colheitas, pois reverenciavam, por excelência, a sua deusa e cultivavam o seu solo de forma diligente.

Eles não ligavam às pessoas e não iam à cidade para participar em banquetes e festivais divinos. Em vez disso, se alguém se prestasse a sacrificar a Atena e convidasse as jovens, o seu irmão recusava o convite. Ele dizia não ter nenhum gosto pela deusa de olhos cinza²⁹⁹, porquanto aquelas raparigas possuíam olhos negros, e, além disso, ele não gostava nada da coruja³⁰⁰. Caso existissem convites para um banquete em honra de Ártemis, ele afirmava detestar uma deusa que deambulava pela noite fora. Se chamado para libações a Hermes, dizia não respeitar um deus que era ladrão³⁰¹.

Frequentemente, praticavam neste tipo de insulto. Hermes,

²⁹⁵ História análoga, com paralelos em Hyg. *Astr.* 2.16; St. Byz., s. v. Kos. e *scholia* (e.g. *schol.* Il. 24.293; Eust. Il. 24.278). Ant. Lib. constitui a fonte mais antiga deste episódio. Mérops desposou a ninfa Etémea, morta por negligência do culto de Ártemis. O desgosto de Mérops motivou a metamorfose aplicada por Hera (cf. E. *Hel.* 384.). Cf. Kruse 1931.

²⁹⁶ Ilha denominada por Mérops, rei da região, a partir da sua filha Cós. Ilha do sul Esporades (Cós Merópide).

²⁹⁷ Não confundir com Cós *Astypalaia* (Κῶς ἢ Ἀστυπάλαια), ilha do Dedecaneso. Cf. Mackenzie 1897/1898; Ramat 1960.

²⁹⁸ Cf. γῆ, 'terra' e Γῆ 'Gaia'.

²⁹⁹ Cf. epíteto de Atena: γλαυκῶπις (e.g. Il. 1.206: θεὰ γλαυκῶπις Ἀθήνη). Cf. 'coruja', ἡ γλαύξ). Vd. Mitchell 2010; Burham 2015: 46-61.

³⁰⁰ Cf. Pottier 1924.

³⁰¹ Vd. *h.Merc.* 513-520; Luc. *DDeor.* 7 Jacobitz, a propósito da cleptomania de Hermes.

Atena e Ártemis estavam furiosos. Certa noite, foram a casa deles. Atena³⁰² e Ártemis³⁰³ assumiam a forma de raparigas, ao passo que Hermes envergava um traje de pastor. Dirigiu-se a Eumelo³⁰⁴ e a Ágron, convidando-os para ir a um banquete e, na realidade, a oferecer sacrifícios a Hermes, juntamente com outros pastores. De igual forma, instou-os a enviarem Bissa e Mérops, para se juntarem a outras raparigas da sua idade, no bosque sagrado de Atena e Ártemis. Assim falou Hermes.

Mérops, no momento em que ouviu o nome de Atena, tratou de desprezá-la. A deusa metamorfoseou-a numa pequena coruja. Bissa é agora a ave de Leucótea³⁰⁵, chamada pelo mesmo nome que anteriormente³⁰⁶. Quando Ágron se apercebeu disto, cuspiu e colocou-se em fuga, mas Hermes transformou-o numa tarambola. Eumelo insultou Hermes por ter metamorfoseado o seu filho, pelo que o deus o transformou num corvo³⁰⁷, presságio de mal.

[*O corrente episódio mitológico retoma um topos vulgar, designadamente a insolência dos descendentes de Mérops perante divindades (Atena, Ártemis, Hermes), castigada com a metamorfose.*]

³⁰² Vd. *Athene noctua*.

³⁰³ Vd. associação de Ártemis à noite (Hécate) e assombração.

³⁰⁴ Vd. mesmo nome, em #18.

³⁰⁵ Gaivota. Cf. *Od.* 5.337, 352.

³⁰⁶ Cf. Βύσσα.

³⁰⁷ Cf. Horap. 2.25; Nicarch. *AP* 11.186; Verg. *A.* 4.462.

16. ÉNOE

(Beos relata esta história, no primeiro livro de *Ornitogonia*)

Entre o povo apelidado Pigmeu³⁰⁸, nasceu uma rapariga chamada Énoe³⁰⁹, possuidora de uma beleza sem falha, porém desprovida de graça e presunçosa. Não manifestava nenhuma consideração por Ártemis e Hera³¹⁰. Estava casada com um dos cidadãos, Nicodamo, homem bom e sensível e gerou uma criança de nome Mopso. Todos os Pigmeus, amantes de mostrar bondade, trouxeram-lhe muitos presentes para celebrar o nascimento da criança. Contudo, Hera aborreceu-se com Énoe por esta não a celebrar e transformou-a num grou, alongando o seu pescoço e determinando que fosse uma ave que voasse alto. Além disso, suscitou um conflito entre ela e os Pigmeus.

Ansiando a sua filha Mopso, Énoe sobrevoava as casas e não se ia embora. Porém, todos os Pigmeus armaram-se e expulsaram-na. Por este motivo, gerou-se então um ‘clima de guerra’, à semelhança daquele que se sente agora entre Pigmeus e grou.

[*De novo, o mito em causa evidencia uma atitude arrogante, perante Ártemis e Hera, de uma jovem do povo Pigmeu.*]

³⁰⁸ Cf. Ath. 9.393e-f, sobre uma mulher Pigmeia, Gérana. Vd. Ael. NA 15.29. Cf. Wüst 1959.

³⁰⁹ Cf. Gérana (γέρανοϋ: ‘grou’), rainha africana, vítima da ira de Hera (Lâmia, enquanto variante do mesmo mito, segundo Fontenrose 1959: 100-101, entre outros. Vd. Ael. NA. 25.29; Ath. 9.393e. Antonino altera algumas vezes o nome de certas personagens tradicionais, o que não constituía caso único (viz. Ov. Met. 9.666-797 - Ant.Lib. #17; Ov. Met. 14. 698 - Ant.Lib. #39). Cf. Plähn 1882. Cf. Parth. 8

³¹⁰ Cf. Ov. Met. 6.90-93.

17. LEUCIPO

(Nicandro reporta este episódio, no segundo livro de *Metamorfoses*)

Galateia, filha de Euritio, descendente de Esparto, casou em Festo (Creta) com um filho de Pandión - Lampro, homem de boa família, mas sem meios.

Quando Galateia engravidou, Lampro desejou que nascesse um filho e manifestou de forma cabal à sua esposa que esta deveria expor a criança, caso fosse uma menina. Quando Lampro se ausentou para apascentar os seus rebanhos, Galateia deu à luz uma menina. Sentindo pena do seu bebé, confiou na localização remota da sua casa e, apoiada em sonhos e adivinhos que lhe diziam para criar a criança como se fosse um rapaz, enganou Lampro, dizendo que tinha dado à luz um menino e criou-o como um rapaz³¹¹, dando-lhe o nome de Leucipo³¹².

³¹¹ Sobre este tipo de dolo, vd. Aquiles na corte de Licomedes de Ciro, assumindo uma figura feminina (ὡς κόρην), enquanto Pirra, disfarce revelado por Ulisses (Apollod. 3.4.3, 3.13.8; Hyg. *Fab.* 96; Stat. *Ach.* 2.200). Vd. Frazer – Lang 1893.

³¹² Cf. episódio similar em Ov. *Met.* 9.665-796. Ífis, nome masculino e feminino. Cf. contraste entre o esplendor sugerido pela luminosidade inscrita no nome e a pobreza de uma família, que necessitava de um apoio extralaboral, que garantisse, simultaneamente, a prossecução do nome familiar, numa sociedade misógina e passiva, em geral atributo do género feminino na Grécia antiga, desde o sistema educativo, ao desempenho e consideração sociais. Hesíodo não apenas apresenta a mulher, concretizada, em *Trabalhos e Dias*, na figura de Pandora, como um castigo e uma afetação para o homem, mas também o matrimónio como um processo de instrução, onde a figura dominante é masculina. Este dissídio de cariz sexual, com implicações ao nível do poder e da dominação, abarcava a esfera divina. Cf. outra versão, Plu. *Thes.* 35; Philostr. *Her.* 19.3; Parth. 15; Paus. 8.20.2-4. Vd. Ach.Tat. 1.260. Considere-se o carácter doloso da figura feminina, enquanto afirmação de poder, donde a atmosfera de desconfiança face ao género feminino (vd. Hes. *Th.* 585: καλὸν κακὸν, “belo mal”; E. fr. 463 Kannicht : οὐ γάρ ποτ’ ἄνδρα τὸν σοφὸν

Ao crescer, a menina ficou imensamente bela. Porque já não era possível esconder isto, Galateia, temendo Lampro, dirigiu-se ao templo de Leto³¹³ e fez-lhe muitas preces, no sentido de que a criança se tornasse um rapaz, em vez de uma rapariga, à sementeira do que sucedera com Cénis, filha de Átrax³¹⁴, que, por vontade de Posídon, se tornou Ceneu de Lápita. De igual forma, também Tirésias havia passado de homem para mulher, pois encontrara e matara duas cobras³¹⁵ que se tinham relacionado,

γυναικὶ χρῆ | δοῦναι χαλινούς οὐδ' ἀφέντ' ἔαν κρατεῖν | πιστὸν γὰρ οὐδέν ἐστιν· εἰ δέ τις κυρεῖ | γυναικὸς ἐσθλῆς, εὐτυχεῖ κακὸν λαβών, “O homem sábio nunca facilita o governo da sua esposa, nem relaxa, deixando-a tomar controle, pois não há nada de confiável nela. Se alguém arranjar uma boa mulher, goza de boa sorte de uma má posse”. Cf. E. fr. 464 Kannicht: γαμεῖτε νῦν, γαμεῖτε, κᾶτα θνήσκετε | ἢ φαρμάκοισιν ἐκ γυναικὸς ἢ δόλοισ, “Casa agora, casa e depois morre, ou de veneno ou de uma artimanha da tua mulher”). Sobre a misoginia clássica, vd. Arthur 1983; West 1999: VII-XXI; Brenk 1973; Marquardt 1982; Levine 1994: esp. 72-110.

³¹³ Cf. Leto *Phytia*. Vd. Guarducci 1935-1952.

³¹⁴ Cf. *schol.* Pl. *Lg* 12.944d, como as únicas fontes onde o pai de Cénis é denominado Átrax, em detrimento de Elatos (e.g. *schol. Il.* 1.264; Hyg. *Fab.* 14, 173, 242; Ov. *Met.* 12.189: *proles Elateia*, 497: *Elateius*. Cf. epíteto de Posídon *Hippios*. Átrax, tradicionalmente, era pai de Hipodamia e de Cénis, figura transformada em homem (Caenus), por vontade de Posídon (cf. Ov. *Met.* 12.190), tendo regressado ao género sexual original, após a sua morte (cf. Serv. *A.* 6.448). Gozaria de invulnerabilidade (A.R. 1.57-64; *schol. Il.* 1.264; Luc. *Salt.* 57; Apostol. 4.19; Palaeph. 11; no panorama latino, Verg. *A.* 6.448 sq.; Ov. *Met.* 12.459-532; Hyg. *Fab.* 14; Serv. *A.* 6.448), facto não referido por Antonino Liberal (cf. Apollod. *Epit.* 1.22: ὅτι Καινέος πρότερον ἦν γυνή, συνελθόντος δὲ αὐτῇ Ποσειδῶνος ἠτήσατο ἀνὴρ γενέσθαι ἄτρωτος; διὸ καὶ ἐν τῇ πρὸς Κενταύρους μάχῃ τραυμάτων καταφρονῶν πολλοὺς τῶν Κενταύρων ἀπώλεσεν, οἱ δὲ λοιποὶ, περιστάντες αὐτῷ, ἐλάταις τύπτοντες ἔχωσαν εἰς γῆν “Ceneu tinha sido inicialmente uma mulher, mas, depois que Posídon teve relações com ela, tornou-se um homem invulnerável. Consequentemente, na luta com os Centauros, não fez caso das feridas e matou muitos Centauros. Contudo, os restantes rodearam-no e, acertando-o com abetos, enterraram-no no solo.”

³¹⁵ Considere-se caso similar, *mutatis mutandis*, com Tirésias de Tebas (vd. *Od.* 10.490-495, 11.90-151, sobre a aparência de Tirésias): Apollod. 3.6.7; Hyg. *Fab.* 75; Ov. *Met.* 3.320; Tz. *ad Lyc.* 682; Pi. *N.*

num cruzamento. Mudou novamente de mulher para homem, ao matar outra serpente. Hipermnestra vendeu frequentemente o seu corpo na forma de uma mulher, por uma determinada quantia, tornando-se homem para trazer comida ao seu pai, Éton. O Cretense Sipretes também se transformou em mulher por ter avistado Ártemis a banhar-se, quando caçava³¹⁶.

Leto apiedou-se de Galateia por força das suas incessantes e angustiantes preces, pelo que mudou o sexo da criança para o de

1.91. Vd. Hes. fr. 275 M.-W; Phleg. *Mir.* 4; Apollod. 3.6.7; Dicaearch. fr. 37 Wehrli; Ov. *Met.* 3.316-350. Cf. Brisson 1976; Yasumura [2013]: 181 n.45; Ogden 2013: 142 n. 127; Stökl 2013; Fowler 2013: 400-402.

³¹⁶ Cf. *topos* em Tirésias, Actéon (Paus.. 9.2.3; Apollod. 3.4.4; Ov. *Met.* 3.138-252; Hyg. *Fab.* 181; Fulg. 3.3); Erimanto (filho de Apolo, enceguedido por Afrodite, por *voyeurismo*. A resposta de Apolo, sob a figura de urso, poria cobro à vida de Adónis (cf. Ptol. 1.306). Note-se, igualmente, Actéon da Beócia, um belo jovem, aficionado pela caça, que teria avistado a deusa virgem Ártemis a banhar-se desnudada. Versões há que atribuem uma atitude *voyeurista* similar a Cálidon, bem como ao caçador cretense Sipretes. O acervo de curiosidade do primeiro faria com que fosse despedaçado pelos seus cães, facto que permitia relacionar esta temática com o *topos* do ‘desmembramento’, (*dias*)*paragmos*: *Nunc tibi me posito uisam uelamine narres, | sit poteris narrare, licet!*, “agora irás narrar que me viste desnudada, vá, conta, se puderes!” (Ov. *Met.* 3.192-193) – terá referido a deusa, transformando-o de caçador em peça de caça dos seus cinquenta cães (e.g. Apollod. 3.4.4; Ov. *Met.* 3.131 sq.; Paus. 1.44.8, 9.2.3; Hyg. *Fab.* 181). A curiosidade marca outrossim dissabores amorosos, pela manifesta falta de confiança ou por revelar factos escabrosos. Recordem-se, a propósito, os relacionamentos Eros/Psique (Apul. *Met.* 6.1-24), sendo que esta última ilumina o rosto do seu esposo; e Teia/Mirra (Hyg. *Fab.* 58), associando-se, no caso, o desejo sexual excessivo de Mirra face ao seu pai, que, sem saber, a engravidara, para só depois conhecer a sua real identidade; Demofonte/Fílis (Apollod. *Epít.* 6.16-17), “havendo Demofonte aberto uma caixa” (Δημοφῶν δὲ τὴν κίστην ἀνοίξας) que a sua amada lhe confiara, sob a promessa de que apenas veria o seu interior, no caso de não existir esperança de se reencontrarem. Pelo exposto, Demofonte seria acometido de um estado de loucura. A Hermafrodito deve a sua designação um tipo de prática sexual levada a cabo por indivíduos que, à semelhança da entidade mitológica castigada pelo seu insolente *voyeurismo* (Vide e.g. Sálmacis, filho hermafrodita de Polícrito), detinham contornos físicos bissexuados.

um rapaz. Em memória desta metamorfose, os cidadãos de Festo ainda efetuam sacrifícios em honra de Leto, a enxertadora³¹⁷, na medida em que adicionou órgãos na menina, e denominam o seu festival de Ecdísias [‘despir’] porque a jovem se despiu do seu peplo de donzela. É agora costume nos matrimónios reclinar junto da estátua de Leucipo.

[O presente mito chama a atenção para questões retomadas em diversos mitos, como a exposição; a importância de descendência masculina numa sociedade de poder patriarcal; o logro feminino; o travestismo (cf. Aquiles); a mudança de sexo (cf. Cénis, Tirésias, Hipermmnestra, Sipretes). Eis o disfarce de Leucipo como rapaz, mediante o receio de Galateia em apresentar um descendente do sexo feminino ao seu esposo.]

³¹⁷ Φύτιος, *Phytios*, ‘geradora’, epíteto pouco vulgarizado (φύω, Λητώ φυτῆ). Vd. Pestalozza 1938.

18. ΕΕΡΟΠΟ

(Beos menciona esta história, no segundo livro de *Ornitogonia*)³¹⁸

Eumelo³¹⁹, descendente de Eugnoto, fixou-se em Tebas, na Beócia, e teve um filho camado Botres. Eumelo reverenciava Apolo, oferecendo-lhe honrosos sacrifícios. Certo dia, quando se encontrava a prestar sacrifícios, o seu filho Botres, que se encontrava presente, degustou o cérebro da vítima, antes de ser consagrada no altar. Ao aperceber-se do que se passara, Eumelo, furiosamente, pegou numa tocha do altar e atingiu o jovem na cabeça. O rapaz, esvaindo-se em sangue, caiu no chão. Vendo isto, a sua mãe, à semelhança do pai e dos criados, emitiram múltiplos lamentos. Apolo apiedou-se, uma vez que Eumelo o havia reverenciado e tornou o rapaz um merópida³²⁰, o qual, até ao presente, deposita os seus ovos no subsolo³²¹ e se encontra sempre ocupado a esvoaçar.

[A história mitológica em causa retrata uma cena educativa - a punição doméstica, seguida da metamorfose enquanto sinal de piedade divina. De facto, não é caso único na mitologia tradicional, o castigo paterno de Eumelo sobre um ato insolente do seu filho Botres. A sua ira, didatismo e autoridade conduziriam à morte muito deplorada do jovem merecedor da desculpabilização da divindade apolínea ofendida, o que poderá conduzir à questionação do teor das leis humanas, face ao código divino.]

³¹⁸ Cf. *Ov. Met.* 7.390.

³¹⁹ Cf. história análoga, #20.

³²⁰ Neste caso, é a criatura da metamorfose, um meropídeo (abelharuco), que dá nome ao episódio, a saber, ἥεροπος (ion. ἥεροπος / ἄεροψ / εἶροψ, por μέροψ: nome de ave. Cf. *Arist. HA* 615b25; *Plu.* 976d).

³²¹ Cf. *Arist. HA.* 6.559a3, 9.615a24.

19. OS LADRÕES³²²

(Beos relata, no segundo livro de *Ornitogonia*)

Conta-se que existe, em Creta, uma gruta sagrada cheia de abelhas³²³. No seu interior, conforme afirmam os narradores³²⁴, Reia deu à luz Zeus³²⁵. Trata-se de um local sagrado³²⁶ de que ninguém deve aproximar-se, seja deus ou mortal. Numa certa altura de cada ano, diz-se que uma grande labareda emana da gruta³²⁷.

Na sequência da história, diz-se que isto acontece sempre que o sangue proveniente do nascimento de Zeus começa a ferver³²⁸. As abelhas sagradas³²⁹ que eram amas³³⁰ de Zeus ocupam esta gruta. Laio, Celeu, Cérbero e Ególio eram suficientemente arrojados para se aproximar da gruta e recolher uma grande quantidade de mel. Com os seus corpos protegidos em todas as partes com bronze³³¹, apanharam³³² o mel das

³²² Antonino Liberal apresenta-se, na atualidade, como fonte única deste episódio.

³²³ Cf. Cónon 35. Vd. Nic. fr. 94, sobre Creta como região originária das abelhas. Faure 1964. Cf. Dédalo, rituais de iniciação (Curetes e Dáctilos), c. 1400 cavernas.

³²⁴ Cf. μυθολογέω, para a narração de histórias tradicionais.

³²⁵ Locais tradicionais do nascimento de Zeus: Creta ou Arcádia.

³²⁶ Sobre a profanação de locais sagrados, vd. Cassandra/Ájax; ou a aplicação de penas em altares (ἄβρατος), locais de refúgio, Cic. *Balb.* 12 (e.g. castigo do escravo Tranião, Pl. *Most.* 1094-1135). Fiske: 1837: 91; Granarolo 1990.

³²⁷ Do Monte Ida ou do Monte Dicte.

³²⁸ Cf. Plu. *De Amore Proles* 3. Sobre sangue e nascimento.

³²⁹ Cf. Pi. fr. 123 Snell; Petron. 56.

³³⁰ Cf. Curetes (#2) ou Coribantes. Vd. Verg. *G.* 4.152. Cf. Ransome 2012; Cook 1895. Considerem-se quatro nomes de homens: Cérbero, Laio, Keleos, Ególio. Cf. Versões pós-platónicas sobre a reencarnação das pessoas mais justas na forma de abelhas. Vd. Pl. *Phd.* 82a-b. Cf. Cuomo 2007: 88-89.

³³¹ Cf. Theoc. 2.30.

³³² Sobre ladrões (φῶρες), tipo de abelha, Arist. *HA* 553b9, 625a5.

abelhas e contemplaram os cueiros de Zeus. As suas armaduras de bronze separaram-se dos seus corpos.

Zeus ribombou³³³ e brandiu o seu raio, porém, os Fados e Témis³³⁴ detiveram-no. Era ímpio³³⁵ para toda a gente morrer ali. Então Zeus metamorfoseou-os todos em aves. A partir deles proveio a raça das aves ominosas, tordos azuis, pica-paus verdes, *kerberoi* e *aigoloi*³³⁶. De facto, o seu aparecimento fornece melhores presságios do que outras aves, pois viram o sangue³³⁷ de Zeus.

[Uma vez mais, referência às abelhas, conjugada com a infância de Zeus em Creta. A história reporta um episódio de impiedade e insolência de ladrões que se julgam suficientemente protegidos por armaduras de bronze, ao violarem a gruta sagrada. O castigo / justiça tradicionais de Zeus (fulminação) e a metamorfose seguir-se-iam.]

³³³ Cf. Zeus *Brontaios* (*Bronton*, *Brontesios*). Vd. Cook 1925.

³³⁴ Cf. Témis e as suas filhas, *Moirai*, Hes. *Th.* 904.

³³⁵ Sobre a crueldade da morte, vd. E. *IT* 380-383.

³³⁶ Cf. Arist. *HA* 8.592b11, 9.616b25; Artemidoro Daldiano 4.56, contemporâneo de Antonino Liberal. Cf. nascimento anual de Zeus. Vd. Postlethwaite 1999.

³³⁷ Ícor. Vd. *Il.* 5.339-340: ἀἴμα θεοῖο | ἰχώρ “ícor, sangue dos deuses”.

20. CLÍNIS

(Beos conta, no seu segundo livro³³⁸, assim como Símiás de Rodes, no seu *Apolo*)³³⁹

Na região denominada Mesopotâmia, junto à cidade de Babilon, vivia um homem rico chamado Clínis, o qual respeitava os deuses³⁴⁰. Possuía muito gado, burros e ovelhas. Apolo e Ártemis tinham-lhe um grande afeto e ele reunia-se frequentemente com estas divindades, no templo de Apolo, na região dos Hiperbóreos, onde assistia à consagração de sacrifícios de burros ao deus.

De regresso a Babilon, ele queria também celebrar o deus de forma similar aos Hiperbóreos, pelo que organizou uma hecatombe³⁴¹ de burros, junto do altar. Apolo surgiu e ameaçou-o de morte, caso não pusesse cobro a esse sacrifício e não lhe proporcionou as habituais cabras, carneiros e gado. Na realidade, este sacrifício³⁴² de burros³⁴³ constituía um prazer para a divindade apenas se levado a cabo pelos Hiperbóreos. Aterrorizado com esta ameaça, Clínis retirou os burros do altar e transmitiu aos filhos as palavras que ouvira.

³³⁸ Depreende-se que se trata de *Ornitogonia*, por analogia a referências anteriores.

³³⁹ Cf. Simm. fr. 2 Powell. Vd. Fraenkel 1915; Martínez 2014: 214-216; di Gregorio (2008). Cf. Tz. *H.* 7.693.

³⁴⁰ Cf. πλούσιος, riqueza material e moral.

³⁴¹ Vd. a execução de sacrifícios (θυσία) sanguínários (cf. Porph. *Abst.* 2.20), de pendor aristocrático e onerosos (*Od.* 3.143-144. Cf. ἱεραὶ ἑκατόμβαι, 'hecatombes sagradas', *Il.* 22.170: πολλὰ βοῶν ἐπὶ μηρί' ἔκηεν, "queimou muitas coxas de bois"; *Od.* 1.25, 3.143-146. Cf. *OF* 232 K), de agradecimento ou propiciatórios.

³⁴² Cf. Pi. *P.* 10.49-55; Apollod. *apud* Clem. Al. *Protr.* 2.25.

³⁴³ Não era comum este tipo de sacrifícios, porém aludidos por outros autores, e.g. Call. fr. 186.

Da sua esposa Harpe³⁴⁴ teve três filhos: Lício³⁴⁵, Ortígio, Hárpaso e uma filha - Artemique. Ora, Lício e Hárpaso ouviram o seu pai, mas continuaram a dizer-lhe para sacrificar os jumentos e gozar o festival. Ortígio e Artemique, porém, instaram-no a obedecer a Apolo. Embora Clínis tivesse ficado mais convencido com estes últimos dois, Hárpaso e Lício retiraram os cabrestos dos animais e conduziram-nos em direção ao altar. A divindade infligiu uma loucura sobre os jumentos e eles começaram a comer as crianças, os seus servos e também Clínis. No processo de se encontrarem a ser degustados, gritaram por ajuda divina. Posídon teve misericórdia de Harpe e Hárpaso, pelo que os transformou em aves, mantendo os mesmos nomes que tinham antes. Leto e Ártemis consideraram justo salvar Clínis, Artemique e Ortígio, pois não haviam sido eles a causa dessas impiedades. Apolo concedeu este favor a Leto e Ártemis e metamorfoseou-os todos em aves, antes de serem mortos. Clínis tornou-se um *hypaietos*³⁴⁶. É o segundo depois da águia e não é difícil de reconhecer. Este pássaro é um chacinador de filhotes³⁴⁷, é negro, grande e forte; o *hypaietos*³⁴⁸ é mais escuro e mais pequeno.

Lício foi transformado num corvo, que era branco³⁴⁹, mas, mais tarde, por desígnio de Apolo, ficou de cor sibilina³⁵⁰, porque foi o primeiro a anunciar o matrimónio de Corónis, filha de Flégias, a Alcioneu³⁵¹.

³⁴⁴ Cf. ἄρπη, *Il.* 19.350; Arist. *HA* 9.609a23, 610a10.

³⁴⁵ Cf. inovação de Antonino, a propósito do carácter dos filhos de Clínis.

³⁴⁶ Vd. ὑπαίετος, 'águia'. Cf. Arist. *HA.* 9.618b32; Plin. *HN* 10.3.

³⁴⁷ Cf. Arist. *HA.* 618b20.

³⁴⁸ Cf. Arist. *HA* 9.618b32.

³⁴⁹ Sobre a presença folclórica do corvo branco na literatura, vd. Luc. *AP* 11. 436.

³⁵⁰ Acerca da mudança de cor, Ps. Hes. fr. 60 M.-W; Call. *Hec.* fr. 260 PF; Apollod. 3.10.3; Ov *Met.* 2.534-632; Hyg. *Fab.* 202; *Astr.* 2.40. Cf. D.P. 586.

³⁵¹ Cf. Ps.-Hes. fr. 60 M.-W.

Artemique tornou-se uma cotovia, uma ave que deuses e humanos admiram. Ortígio metamorfoseou-se em abelharuco [αἰγίθαλλος], uma vez que instou o seu pai a sacrificar cabras [ἄρξ] a Apolo, em detrimento de jumentos.

[A história evidencia o tipo de culto preferido dos deuses³⁵², face a sacrifícios preteridos. Uma vez estabelecidas as regras, os

³⁵² As ofertas aos deuses, caso os legados fossem sanguinolentos, tornavam-se até, de certa forma, impiedosos e insolentes, tornando os imoladores - *homines necantes*. Na realidade, os ἀκροθίνια, ‘ofertas aos deuses’ poderiam ter natureza vegetal (cf. ofertas a Atena, A. *Eu.* 834), conforme alguns eventos realizados em Delfos, onde se proibia o sacrifício sanguíneo (*Corpus Paroemiographorum Graecorum* 1.393): Δελφοῖσι θύσας αὐτὸς οὐ φαγῆ κρέας, “aquele que oferecer um sacrifício em Delfos não comerá carne”. Deviam os humanos evitar atos de loucos (*b. Ap.* 3.532: νήπιοι ἄνθρωποι, δυστλήμονες, “loucos humanos sofredores”) e desnecessários sacrifícios de forma ininterrupta (*b. Ap.* 3.536-539a). As oferendas aos deuses, pelo menos em teoria e de forma generalista, poderiam passar por dádivas de outro cariz (cf. *Porph. Abst.* 4.22). Afinal, os mortais tinham sempre ao seu dispor géneros como mel, leite (*Ov. Met.* 15.79-80), bolos, sementes e grãos que, à maneira órfica poderiam colocar nos altares de divindades (*Ar. Ra.* 1032: Ὀρφεὺς μὲν γὰρ τελετάς θ’ ἡμῖν κατέδειξε φόνων τ’ ἀπέχεσθαι, “Com efeito, Orfeu ensinou-nos ritos e também a abstermo-nos de matar”). Cf., *mutatis mutandis*, continuação do princípio de uma ‘maior sobriedade e menor exuberância’ (*Porph. Abst.* 2.20), no credo judaico-cristão, Is.1.11: quo *mihi multitudinem uictimarum ueststrarum dicit Dominus plenus sum holocausta arietum et adipem pinguium et sanguinem uitulorum et agnorum et hircorum nolui*, “De que me serve a mim a multidão das vossas vítimas? – diz o Senhor. Já estou farto de holocaustos de cordeiros, de gordura de bezerras. Não quero sangue de bezerras, de cordeiros, nem de bodes”. Considere-se, contudo, no inverso, o cariz ambivalente das divindades clássicas (e.g. se Apolo era ‘puro’, E. *Supp.* 214: ἀγνός Ἀπόλλων, ‘curador e salvador’, A. *Ag.* 512: σωτήρ ἴσθι καὶ παιώνιος, conforme o próprio nome - ἀπόλλυμι, ‘destruir’, podia também revelar-se destruidor - λυκοκτόνος, ‘matador de lobos’, *Porph. Abst.* 1.22. Cf. A. *Ag.* 1083-1084), ou veja-se a ordem de Atena a Orestes (E. *IT* 1458-1461) para que erigisse um templo e instaurasse um culto a Ártemis Taurópole, incluindo sacrifícios dignos de uma Ártemis θηροκτόνος, ‘matadora de feras’: ἐπισχέτω ξίφος | δέρη πρὸς ἀνδρὸς αἰμά τ’ ἐξανιέτω, | όσίας ἔκατι θεά θ’ ὅπως τιμάς ἔχη, “alguém segure uma espada contra o pescoço de um homem e derrame sangue”.

sacrifícios decorrentes resultam ímpios e pertencem ao foro da culpa e responsabilidade humanas. Eis, pois, a recusa dos sacrifícios de burros que Clínis se preparava para oferecer, mas o desejo de imitar os Hiperbóreos, por parte de dois dos seus filhos.]

21. POLIFONTES

(Beos conta isto, no segundo livro de *Ornitogonia*)

Trassa³⁵³ era filha de Ares e Terena, filha de Estrímon³⁵⁴. Hipónoo, descendente de Tribalo, desposou-a e tiveram uma filha de nome Polifontes³⁵⁵. Ela desconsiderou as atividades de Afrodite e foi para as montanhas como companheira e participante dos desportos de Ártemis.

Afrodite, cujas atividades Polifontes negligenciara, fê-la apaixonar-se por um urso³⁵⁶ e levou-a à loucura. Por instância

³⁵³ Relativa a Trácia, zona a norte (nordeste) da Grécia.

³⁵⁴ Considere-se o Rio da Macedónia, junto da Trácia. Deus-Rio e rei (Hes. *Th.* 339; Cónon 4).

³⁵⁵ Seguidor de Ártemis, negligenciou o culto a Afrodite, pelo que recebeu um castigo. Cf. história similar, com Calisto, Ov. *Met.* 2.405 sq. Note-se, a título exemplificativo, o mito equivalente na casa de Licáon. Eratóstenes refere que Licáon, ciente de que a sua filha Calisto havia sido seduzida por Zeus e dele gerara Arcas, serviu ao deus um repasto com as carnes do seu neto (*Cat.* fr. 1 : φθειραντος αὐτὴν Διὸς, οὐ προσποιησάμενος ὁ Λυκάων, τὸν Δία ἐξένιζεν, ὡς φησιν Ἡσίοδος, καὶ τὸ βρέφος κατακόψας παρέθηκεν ἐπὶ τὴν τράπεζαν, “Depois que Zeus seduziu Calisto, Licáon, simulando não saber do assunto, recebeu Zeus, como diz Hesíodo, e serviu-lhe na mesa a criança que tinha esquarterado.”). Outrossim, segundo Apollod. 3.8.1, os filhos de Licáon acolheram Zeus, disfarçado de pobre trabalhador, como seu hóspede. Pretendia a divindade averiguar a ὑπερηφάνια, ‘arrogância’ e a ἀσέβεια, ‘impiedade’ da prole. Instigados pelo seu irmão mais velho, sacrificaram e desmembraram uma criança, cuja carne misturaram no repasto. Consequentemente, Licáon seria metamorfoseado e os filhos, à exceção de Níctimo, graças aos rogos de Gaia, pagariam com a fulminação. Note-se, de igual modo, a propósito do ímpio repasto canibalista, o paralelismo considerado por Farenha 2006: 235-239, entre Tântalo (Apollod. *Epit.* 2.3) e os hubrísticos Títio (*Od.* 7.324, 11.309) e Oríon (Pi. *P.* 4.81; Apollod. 1.4.1). Também um desejo incontrolável aproxima-o, por um lado, dos companheiros de Ulisses que degustaram os bois do Sol; por outro, dos pretendentes que delapidavam o seu reino.

³⁵⁶ *Topos* de paixões perversas: θεήλατος νόσος, Cf. Parth. *Sofrimentos de Amor*. Vd. Troca Pereira 2015; Masterson – Rabinowitz – Robson 2014; Faraone 2003; Cole 1998.

demoníaca, a loucura levou-a a acoplar com o urso. Ártemis, ao vê-la, ficou deveras aborrecida com ela e voltou todas as feras contra ela³⁵⁷.

Polifontes, temendo que as feras pudessem matá-la, fugiu e alcançou a casa do seu pai. Deu à luz dois filhos. Ágrio e Orio, enormes e com grande força³⁵⁸. Não honravam nenhum deus nem homem nenhum, mas desprezavam-nos todos³⁵⁹. Caso encontrassem um estranho, arrastavam-no para casa e devoravam-no.

Zeus³⁶⁰ detestava-os e enviou Hermes para puni-los da maneira que entendesse. Hermes decidiu cortar-lhes as mãos e os pés. Contudo, Ares, uma vez que a família de Polifontes descendia de si, libertou os filhos dela deste destino. Com o auxílio de Hermes, transformou-os em aves. Polifontes tornou-se uma pequena coruja, cuja voz se ouve à noite. Ela não come nem bebe e mantém a sua cabeça voltada para baixo e as pontas das suas patas viradas para cima³⁶¹. É um presságio de guerra e sedição para a humanidade³⁶². Orio tornou-se um abelharuco³⁶³, uma ave que não pressagia nada de bom³⁶⁴. Ágrio

³⁵⁷ Cf. Ártemis, πόντια θηρῶν, ‘senhora das feras’ (epíteto, *viz.* *Il.* 21.470). Vd. Fischer – Hansen – Poulsen 2009. Cf. Grande mãe pré-helénica, Roller 1999; Willetts 1962; Condos 1997.

³⁵⁸ Cf. caracterização de heróis, a propósito da terceira geração de homens (Idade do Bronze), dados às artes de Ares: Hes. *Op.* 148-149: μεγάλη δὲ βίη καὶ χεῖρες ἄπτοι | ἐξ ὤμων ἐπέφυκον ἐπὶ στιβαροῖσι μέλεσσιν. “Grande era a sua força e imbatíveis os braços, que cresciam dos seus ombros, sobre os seus fortes membros.”

³⁵⁹ Insolência/*hybris* e impiedade.

³⁶⁰ Zeus *Xenios*.

³⁶¹ Veja-se o estoicismo e a natureza revolta às avessas (e.g. Sen. *Oed.* esp. 569 – 618, natureza revolta, face ao *scelus*, ‘crime’ de Édipo). Cf. Colish 1985.

³⁶² Cf. *AP* 858.

³⁶³ Ave consagrada a Ares (λαγός).

³⁶⁴ Carácter nefasto do animal em que se metamorfoseiam indivíduos de fraca índole, contrariamente aos piedosos.

foi transformado num abutre, a ave mais detestada por deuses e homens. As divindades deram-lhe um grande desejo por carne humana e sangue. A criada feminina foi metamorfoseada num pica-pau. Ao mudar de forma, suplicou aos deuses tornar-se uma ave má para a humanidade. Hermes e Ares escutaram a sua súplica, já que ela tinha agido por necessidade de cumprir as ordens dos seus senhores. Esta é uma ave de bom presságio, para quem for à caça ou a festividades.

[De novo a desconsideração de uma divindade - desta feita, de Afrodite. A divindade provoca uma paixão de contornos irónicos. Por fim, as metamorfoses.]

22. CERAMBO

(Nicandro trata esta história, no primeiro livro das suas *Metamorfoses*)³⁶⁵

Cerambo³⁶⁶, filho de Eusiro, descendente de Posídon e Idótea, a ninfa Otrei, vivia na região dos Mélios, nas faldas do Monte Ótris. Possuía muitos rebanhos e cuidava deles pessoalmente.

As Ninfas ajudavam-no, uma vez que ele lhes agradava, ao cantar nas montanhas. Diz-se que era o melhor cantor de então e ficou famoso pelos seus cânticos rurais. Naqueles montes imaginou a *siringe*³⁶⁷ dos pastores³⁶⁸ e foi o primeiro humano a tocar lira³⁶⁹, compondo muitas e belas canções. Conta-se que, por este motivo, certo dia as ninfas se mostraram a dançar a Cerambo, enquanto ele dedilhava a sua lira. Pã, que lhe era favorável, deu-lhe este conselho: que deixasse Ótris e fosse apascentar os seus rebanhos na planície, pois o Inverno seguinte haveria de ser excepcional e incrivelmente severo.

Cerambo, com a arrogância da juventude, e ainda castigado pelas divindades, decidiu não levar os seus animais, de Ótris para a planície. Também proferiu expressões desgraciosas e

³⁶⁵ Cf. Ov. *Met.* 7.353-356, com diferenças na fuga de Cerambo.

³⁶⁶ Terambo. Cf. Ov. *Met.* 7.351-354, referindo Cerambo, no Monte Ótris, após ter escapado do Dilúvio Deucalioniano, usando as asas legadas pelas ninfas.

³⁶⁷ Σύριγγξ. Vd. Arist. *Aud.*

³⁶⁸ Cf. Pã, inventor da siringe, a partir da metamorfose de Siringe. Vd. Theoc. 4 (*Syrinx*); Ov. *Met.* 1.689-712; Serv. *ad Ecl.* 2.31. Considere-se a flauta de Pã, feita a partir de cana, correspondente à metamorfose de uma ninfa da Arcádia, perseguida por Pã e afogada no rio Ladon (Ov. *Met.* 1.690).

³⁶⁹ Cf. Orfeu (Eratosth. *apud Hyg. Astr.* 2.7). Inventor Hermes, pai de Pã, a partir da carapaça de uma tartaruga (*h. Merc.* 25, 35).

inconsequentes às Ninfas, afirmando que não descendiam de Zeus, mas que Dínion as tinha dado à luz, com o Rio Esperqueu, como pai. Afirmou igualmente que Posídon, por desejo por uma delas, Diópatra, fez com que as suas irmãs desenvolvessem raízes e transformou-as em choupos, até que, uma vez satisfeitos os seus desejos, as restaurou às suas formas originais. Assim Cerambo criticou as Ninfas.

Pouco tempo depois, sobreveio uma geada repentina e as correntes de água gelaram. Caiu muita neve sobre os rebanhos de Cerambo e eles, assim como as árvores e os caminhos, desapareceram de vista. As Ninfas, furiosas com Cerambo devido às suas calúnias, metamorfosearam-no num besouro *cerambyx*³⁷⁰, comedor de madeira. Pode ver-se em troncos e possui dentes de gancho, movendo sempre os maxilares juntos. É negro, comprido e possui asas rijas como um grande besouro. É apelidado de ‘boi que come madeira’ e, entre os Tessálios, *cerambyx*. Os rapazes utilizam-no como brinquedo, cortando a sua cabeça e usando-a como pendente. Essa tem a aparência dos braços de uma lira feita a partir da carapaça de uma tartaruga.

[O motivo literário recorrente da insolência, desta feita, dos dotes musicais de Cerambo em comparação com as ninfas é castigado pela metamorfose, não obstante os proveitosos conselhos das divindades rústicas.]

³⁷⁰ Vd. κέραμβυξ.

23. BATO³⁷¹

(Nicandro conta esta história, no primeiro livro das suas *Metamorfoses*, à semelhança de Hesíodo, em *Grandes Eoëae*; Didímarco, no terceiro livro das suas *Metamorfoses*; Antígono, em *Mudanças*; Apolónio Ródio, nos seus *Epigramas*; tal como Pânfilo, no seu primeiro livro)

Argo³⁷², filho de Frixo e Perimele³⁷³, filha de Admeto, tinham um descendente - Magnes³⁷⁴, que vivia perto da Tessália, e as pessoas denominavam esta terra Magnésia³⁷⁵, a partir dele. Possuía um filho, Himeneu³⁷⁶, admirado por todos, devido à sua aparência.

Apolo viu-o, apaixonou-se por ele e recusava sair da casa de Magnes. Por este motivo, Hermes³⁷⁷ urdiu o plano de apossar-se da manada de vacas³⁷⁸ pertencente a Apolo, que pastava juntamente com a de Admeto³⁷⁹. Primeiramente, tornou os cães que os guardavam letárgicos e provocou-lhes também inflamações

³⁷¹ Vd. Holland 1926; Brown 1990.

³⁷² Cf. Hes. fr. 255 M.-W.

³⁷³ Perimele designa três personagens distintas, designadamente, uma filha de Hipodamas (Ov. *Met.* 8.590. Cf. Aqueloo); uma filha de Admeto (cf. #23); uma filha de Amitáon. (D.S. 4.69. Cf. Ixíon). Vd. *schol.* E. *Alc.* 265, 588; Tz. *H.* 2.787.

³⁷⁴ Cf. Sakellariou 1959.

³⁷⁵ Vd. Apollod. 3.10.2; Philostr. *Im.* 1.25. Cf. *h. Merc.* 22 sq.;

³⁷⁶ Cf. Personificação do princípio do casamento numa personagem (vd E. *Tr.*; Sapph. fr. 73 Neue). Filho de Apolo com uma Ninfa (Calíope, Urânia, Terpsicore. Vd. Catul. 61.2; Nonn. *D.* 33.67; *schol. ad Pi. P.* 4.313; Alciph. 1.13; Tz. *H.* 13.599. Cf. invocação (Serv. *ad A.* 1.655, *ad Verg. Ecl.* 8.30. Cf. Apollod. 3.10.3. Licymn. fr. 768 *PMG apud Ath.* 13.603d, que reporta Argino como amado de Himeneu.

³⁷⁷ Cf. Hermes a roubar o gado de Apolo, *h. Merc.* Vd. Ov. *Met.* 2.687-707.

³⁷⁸ Cf. *h. Merc.* 437: πεντήκοντα βοῶν, sobre apenas cinquenta vacas.

³⁷⁹ Cf. Hes. fr. 54 M.-W.

de garganta³⁸⁰. Eles esqueceram-se do gado e perderam a capacidade de ladrar. De seguida, afugentou doze novilhas e cem bois que não tinham ainda sido colocados sob cabrestos, assim como um touro para cobrir as vacas. Atou ramos às caudas de cada animal, de modo que o caminho seguido pelo gado perder-se-ia³⁸¹. Juntou-os e conduziu-os pelas terras dos Pelasgos³⁸², através de Aqueia, Ftiótide, Lócride, Beócia, Megárida e daí para o Peloponeso, por Corinto e Larissa, rumo a Tégea. A partir desse local, passou pelo Monte Liceu e pelo Monte Ménalo, até chegar a um lugar agora chamado ‘Observadores de Bato’³⁸³.

Bato vivia no cimo de um rochedo. Quando sentiu o som das novilhas ao serem conduzidas, caminhou para fora da sua casa. Verificou que o gado havia sido roubado e pediu um suborno para não contar a ninguém a respeito do assunto. Hermes concordou em dar um suborno, nesses termos e Bato prometeu não dizer a ninguém a respeito do gado. Então, Hermes escondeu os animais num promontório junto ao Monte Corifásio³⁸⁴,

³⁸⁰ Hermes κυνάγχας (κύων - ἄγχω/ ἀγγάζω ‘retirar’, epíteto que ocorre apenas uma vez). Cf. Hippon. fr. 3 Masson. Vd. Greenewalt 1978: 45; Kokoszko – Gibel-Buszewska 2011. Cf. Yalouris 1953/4: 2, acerca do ῥάβδον (‘varinha mágica’, e.g. Atena, *Od.* 16.172; Circe, *Od.* 10.238, 319; Hades, *Pi. O.* 9.33; Hermes, *Il.* 24.343, 445. Em latim, *teres*, Verg. *A.* 4.244; Ov. *Met.* 2.735. Vd. ῥάβδος χρυσεῖη, ‘varinha de ouro’. E.g. Hermes, *b. Merc.* 539: κασίγνητε χρυσόρραπι, ‘portador de uma varinha dourada’. Cf. instrumento de profecia - φιλύρα φλοιός, ‘casca de tília’, *Hdt.* 4.67). Vd. Ormand 2015: 161.

³⁸¹ Cf. Caco, ladrão de bois de Hércules, D.H. 1.39; Liv. 1.7.3; Ov. *Fast.* 1.543-586, 5.643-652. Cf. *Ant.Lib.* 4. Vd. Verg. *A.* 8.299, Ov. *Fast.* 1.549. Cf. *Hdt.* 4.183.2, a respeito do gado dos Garamantes, que “anda de retrocesso” (οἱ ὀπισθονόμοι βόες), devido aos chifres. A propósito de um outro detentor de gado consagrado pela tradição relativa a Hércules, vd. Géron (Hes. *Th.* 287; *Hdt.* 4.8; *Pi. N.* 3.21; D.S. 4.17, 5.17, 25; Apollod. 2.5.10) e, em particular, o décimo trabalho do divino herói - ‘os bois dos Geríones na Eritreia’. Vd. Sutton 1977.

³⁸² Tessália e Feres, reino de Magnes.

³⁸³ Βάττου σκοπιὰ: χωρίον Λιβύης, ἀπὸ Βάττου.

³⁸⁴ Promontório de Messénia.

levando-os para uma gruta voltada para a Itália e a Sicília. Depois, regressou até Bato disfarçado, testando-o para verificar se ele permaneceria fiel ao seu juramento³⁸⁵. Oferecendo um manto de lã como recompensa, perguntou se ele havia avistado gado roubado a ser levado por ali. Bato aceitou o manto e contou tudo a respeito do gado. Hermes, indignado porque tinha sido ludibriado, golpeou-o e metamorfoseou-o numa rocha³⁸⁶. Ele nunca fica isento de frio nem de calor. Até hoje, o local é apelidado pelos viajantes de ‘Observadores de Bato’³⁸⁷.

[O mito em causa é explicativo e evidencia questões de foro distinto, como a paixão homoerótica de Hermes por Himeneu; roubo e insolência; logro; juramento; teste. Contrariamente ao que sucede noutros mitos, a metamorfose é aplicada na sequência de um doloso incumprimento contratual.]

³⁸⁵ Cf. Radermacher 1931.

³⁸⁶ Só Antonino e Ovídio (*Met.* 2.687-707) aludem à metamorfose de Bato.

³⁸⁷ Cf. Lyc. 25-826. Vd. Hsch. 295.40, ao mencionar a existência de um local, na Líbia: Βάττου σκοπιά· χωρίου Λιβύης ἀπὸ Βάτ(τ)ου. Vd. Ov. *Met.* 14.760, sobre templo dedicado a *Venus Propiciens*. Cf. Schmidt 1862.

24. ASCÁLABO

(Nicandro³⁸⁸ conta a história, no quarto livro das suas *Metamorfoses*)³⁸⁹

Deméter, quando deambulava por toda a terra à procura da sua filha³⁹⁰, fez uma paragem de descanso na Ática. Misme³⁹¹ levou-a para dentro quando ela abrasava sob o forte calor. Deu-lhe água com poejo e grãos de cevada.

Devido à sua sede, Deméter sorveu a bebida³⁹². Ao ver isto, Ascálabo, filho de Misme, irrompeu em riso e ordenou que lhe fosse oferecida uma bacia funda³⁹³ ou jarro.³⁹⁴

Deméter, enraivecida, derramou sobre ele o que restava da sua bebida. Ele transformou-se numa lagartixa multicolor³⁹⁵, que é odiada por deuses e homens e passa a vida nas valas. Quem a mata ganha as graças de Deméter.

[*O episódio denota uma faceta de impiedade e retaliação manifestada no gozo de figuras divinas.*]

³⁸⁸ Cf. duas versões: *Heteroioumena*; *Theriaca*.

³⁸⁹ Cf. *h.Cer.* 411-413; Apollod. 1.5.3, 2.5.12; *Ov. Met.* 5.444-461, 533-540. Vd. Nic. *Th.* 483-487.

³⁹⁰ Cf. Perséfone.

³⁹¹ Μίσμη, inovação de Antonino Liberal. Cf. Metanira (Vd. *h.Cer.* 161; Apollod. 1.5.1) ou Meganira (Paus. 1.39.1).

³⁹² Cf. #39, referindo apenas o gole.

³⁹³ Cf. *Ar. Eq.* 792.

³⁹⁴ Cf. *Ov. Met.* 3.190 (Ártemis/Actéon), 5.544 (Deméter/Ascálafo), 6.138 (Atena/Aracne). Vd. Ninck 1921.

³⁹⁵ *Askalabos*. Vd. Arist. *HA.* 8.607a27; *Ar. Nu.* 170b; Nic. *Th.* 483-487; *Ov. Met.* 5.447. Cf. rituais de iniciação. ἀσκάλαβος / ἀσκαλαβώτης. Vd. Overduin 2014: 361.

25. METÍOQUE E MENIPE

(Nicandro conta isto, no quarto livro de *Metamorfoses*, tal como Corina, no primeiro livro de *Geroia*)³⁹⁶

Na Beócia, Oríon³⁹⁷, filho de Hirieu, teve as seguintes filhas: Metíoque e Menipe³⁹⁸. Depois de Ártemis o ter retirado da vista da humanidade, elas foram criadas pela sua mãe. Atena ensinou-as a tecer no tear e Afrodite deu-lhes beleza.

Quando a cólera atingiu toda a Aónia³⁹⁹, provocando muitos mortos, foram enviados delegados para consultar o oráculo de Apolo, em Gortina. O deus anunciou que eles deveriam apelar às duas divindades do submundo. Mais ainda, referiu que elas iriam cessar a sua ira, se duas jovens se prestassem a serem-lhes sacrificadas. Obviamente não houve raparigas na cidade disponíveis para cumprir o oráculo, até que uma serva contou a resposta dos oráculos às filhas de Oríon. Encontravam-se a trabalhar no seu tear e, quando ouviram a respeito disto, voluntariamente aceitaram morrer em prol dos seus concidadãos, antes que a epidemia também as afetasse. Gritaram por três vezes aos deuses ctónicos, a dizer que se ofereciam como vítimas para o sacrifício. Elas golpearam-se com os seus estiletos na região da clavícula e abriram as gargantas, caindo ambas por terra. Perséfone e Hades tiveram misericórdia das jovens e fizeram

³⁹⁶ Cf. Ov. *Met.* 13.685-699.

³⁹⁷ Cf. Nic. *Th.* 13-20, sobre Oríon, natural de Tenara (Beócia). A partir de ὄρεύς, 'montanha' (Str. 10.1.4). Também apelidado de Candão pelos Beócios (Od. 11.309; Tz. *ad Lyc.* 328.

³⁹⁸ *Paradeigma* edificante. Cf. altruísmo, fama (κλέος) e virtude (ἀρετή) femininos. Vd. Ov. *Met.* 13.678-701, com o sacrifício (suicida) das jovens filhas de Oríon; *schol. ad Il.* 18.486.

³⁹⁹ Antiga designação da Beócia, Hellenic. *FGrHist* 4F51; Str. 7.7.1; Paus. 9.5.1; Lyc. 1209.

desaparecer os seus corpos, retirando-os da terra como astros celestes. Logo que surgiram, elevaram-se no céu e os homens chamaram-nas cometas. Os Aónios erigiram, em Orcómeno, na Beócia, um célebre templo às jovens. Anualmente, rapazes e raparigas trazem-lhes ofertas propiciatórias. Até à atualidade, as pessoas de Eólia apelidam-nas de ‘Raparigas Corónidas’⁴⁰⁰.

[*De novo, nesta breve coletânea, a exigência de sacrifícios altruístas de jovens em prol da comunidade, no caso, a praga que afetava a Beócia. A misericórdia divina chega na forma de metamorfose proporcionada por divindades ctónicas - Perséfone e Hades.*]

⁴⁰⁰ Αἰολεῖς Κορωνίδας. Cf. Dionísio *Scymnaios apud Tz. ad Lyc.* 1247.

26. HILAS

(Nicandro aborda, no segundo livro das suas *Metamorfoses*)

Quando Héracles partiu com os Argonautas⁴⁰¹, foi

⁴⁰¹ Embora Jasão fosse o chefe da expedição (Apollod. 1.9.17: ναυαρχοῦντος Ἰάσονος), Héracles integra o conjunto de Argonautas, na nau Argo (vd. *schol.* A.R. 1.1290. Cf. Apollod. 1.9.19, a respeito de outras fontes que abordam a viagem de Héracles com os Argonautas, designadamente Demarato; D.H. 1.60.3, dando-o como comandante (Ἡρακλεῖ στρατευομένων. Cf. D.S. 4.41.3; Str. 12.4.3). Exemplo de uma obra desaparecida na sua versão original, que reporta Héracles na empresa de Jasão, foi a de Dares da Frígia, conhecida, em tradução latina, por *De Excidio Trojae Historia*. A obra em causa suscita múltiplas reservas, sobretudo em termos de datação e no respeitante à autoria. Com efeito, verifica-se uma tentativa de encontrar historicidade no mito e na literatura. Existe, na realidade, uma coincidência do nome do autor com o antropónimo do sacerdote troiano de Hefesto, aludido em *Il.* 5.9-11, que reportara uma versão do conflito, mediante uma perspectiva troiana, inversa à veiculada pela épica dita homérica. Tomando esse ponto de partida, resultam constatações como a de Ael. *VH* 11.2, que julga o relato de Dares como anterior ao de Homero: Καὶ τὸν Φρύγα δὲ Δάρητα, | οὗ Φρυγίαν Ἰλιάδα ἔτι καὶ νῦν ἀποσωζομένην οἶδα, πρὸ | Ὀμήρου καὶ τοῦτον γενέσθαι λέγουσι, “E quanto a Dares Frígio, cuja *Iliada*, ao que sei, ainda se preserva, diz-se também que viveu antes de Homero”. Também Isid. *Etym.* 1.42.(41) reporta Dares como um historiador troiano, o primeiro *apud gentiles*, ao qual sucedera, na Grécia, Heródoto. Vd. também Phot. *Bibl.* cod. 90; Vossio, G., *De Historicis Graecis* 4.1: *Dares Phrygius, sacerdos Trojanus ab Homero celebratur Il. E.* Cf. Troca Pereira 2009, 2012. Outro autor, cuja obra traduzida para latim acompanhava igualmente a de Dares foi Díctis Cretense: *Ephemeridos belli Trojani*. Notória é a indicação de que o conflito bélico no qual participou Agamémnon sucedia-se a um outro, anterior, iniciado por Héracles, juntamente com outros camaradas gregos, para vingar a falta de hospitalidade de Laomedonte. Entenda-se, perante essa versão (cf., similarmente, Pi. *I.* 5.35-38), de certa forma, o ‘rpto’ de Helena como continuação de uma prática invertida do *topos* da ‘abdução’ de Hesíone, pelos Gregos, na geração anterior. A partir do original, em caracteres fenícios, efetuaram-se diversas traduções, tanto para língua grega, a mando de Nero, como para latim, conforme se lê no prólogo da obra, a cargo de Lúcio Sétimo: [*Nero*] *jussit in graecum sermonem ista transferri* (vd. Griffin 1908). Mais pormenorizada, a visão de Díctis a propósito

reconhecido como seu chefe. Levou também consigo, para bordo, Hilas⁴⁰², filho órfão de Céix⁴⁰³, um indivíduo jovem e belo.

Quando chegaram às proximidades do Mar Negro⁴⁰⁴ e estavam a passar o promontório de Argantone⁴⁰⁵, as ondas começaram a encrespar. Assentaram amarras e deixaram o barco à deriva.

Entretanto, Hércules preparou o jantar para os heróis. O jovem Hilas⁴⁰⁶ foi com um balde⁴⁰⁷ até ao Rio Ascânio⁴⁰⁸ buscar água para os chefes. Quando as ninfas⁴⁰⁹, filhas deste rio, o viram e se apaixonaram por ele, puxaram-no e levaram-no para a fonte⁴¹⁰.

da Guerra de Troia, desenvolvida em seis livros, inicia-se num período anterior à chegada do contingente grego a Troia e contempla, de igual forma, aspetos peculiares, designadamente a respeito dos Argonautas.

⁴⁰² Vd. história similar, em *Ov. Met.* 3.342-510. Cf. *Str.* 12.4.3, acerca de Hilas, acompanhante de Hércules na expedição; *A.R.* 1.131. Cf. *Verg. G.* 3.6.

⁴⁰³ Céix, rei da Tessália, recebeu Hércules como hóspede (Báquides, fr. 4 Snell *apud Ath.* 5.178b; *D.S.* 4.57; *Apollod.* 2.7.7. Cf. a insolência de Céix, esposo de Alcíone, ao equiparar a sua felicidade conjugal à de Zeus e Hera (*Apollod.* 1.7. 3; *Hyg. Fab.* 65).

⁴⁰⁴ Cf. proximidades do Helesponto.

⁴⁰⁵ Montanha na Bitínia. *Str.* 12.4.3 explica a origem de um festival, entre os Prúsios, com base no episódio de Hilas (mito etiológico, a propósito da fundação de Quios - cf. Prúsias - e de um culto, na Mísia, *Str.* 12.4.3. Cf. origem do eco, uma metamorfose de Hilas pelas ninfas, ao temerem que Hércules descobrisse Hilas entre elas (*Nic.* fr. 48 G.-S., *A.R.* 13.58-60; *Verg. Ecl.* 6.43-44). Sobre a abdução de Hilas (cf. *Theoc.* 13; *Prop.* 1.20) enquanto rito de iniciação, vd. Hunter 1993: 262. Cf. jovens cuja morte é lamentada, a saber, Adónis, Átis, Dionísio. Vd. Sourvinou-Inwood 1995; Sourvinou-Inwood 2005; Casadio 1991; Casadio – Johnston 2009.

⁴⁰⁶ Cf. paralelismo com nome Aédon, #11.

⁴⁰⁷ Cf. *Theoc.* 13.46; *schol.* *A.R.* 1.1207.

⁴⁰⁸ Cf. *schol.* *A.R.* 1.1178; *D.P.* 805; *Str.* 12.4.8, 14.5.29; *Plin. HN* 5.144. Vd. Rio Cios.

⁴⁰⁹ Cf. *schol.* *A.R.* 1.1236, 13.48.

⁴¹⁰ Sobre a abdução de Hilas pelas ninfas, vd. *Prop.* 1.20.45-47. Cf. Gyorkos 2015.

Depois de Hilas desaparecer⁴¹¹, Hércules apercebeu-se de que ele não iria regressar. Deixou os heróis, procurando por todos os lados nas moitas, gritando repetidamente ‘Hilas’⁴¹². As ninfas, temendo que Hércules viesse a descobrir que tinham escondido o jovem entre elas, transformaram-no num eco que repetia os brados de Hércules. Após todos estes esforços vãos de Hércules no sentido de encontrar Hilas, ele regressou ao navio e pôs-se ao largo, juntamente com os heróis. Deixou Polifemo⁴¹³ no local para procurar e, se conseguisse, encontrar-lhe Hilas. Polifemo, contudo, morreu⁴¹⁴ antes de conseguir. Até ao presente, a população da zona⁴¹⁵ efetua sacrifícios em honra de Hilas, na primavera. Os sacerdotes chamam pelo seu nome três vezes e um eco⁴¹⁶ reproduz.

⁴¹¹ Abandonado por Jasão em Afetas, na Tessália (Hes. fr. 263 M.-W.; Hdt. 7.193) ou, noutras versões, na Mísia ou na Ásia (D.S. 4.44.5; schol. Pi. P. 4.303), por ter demorado a regressar ao seu navio (schol. A.R. 1.1168; Pherecyd. *apud* Apollod. 1.9.19). Cf. razões da demora e Afetas, na Tessália Hdt. 1.193, sobre suplementos de água para a tripulação. Vd., neste sentido, Hilas, A.R. 1.131, 1.1344; Theoc. 13.45; Orph. A. 221, 637; V. Fl. 3.545). Teria depois regressado a Argos, ou, segundo Theoc. 13.73-75, prosseguiu para a Cólquida, a pé (πεζῶ). Cf. Pease 1942.

⁴¹² Cf. Str. 12.4.3. Acerca do desaparecimento de Hilas, A.R. 1.1348. Cf. palavras corais, A. *Pers*. Vd. Ath. 14.619f-620a.

⁴¹³ Personagem distinta de Il. 1.264. Cf. A.R. 1.240-260; Str. 12.4.3, com variação. Considere-se Polifemo enquanto fundador tradicional de Cione (schol. A.R. 4.1470); amigo e genro de Hércules (schol. A.R. 1.1241); amante de Hilas (Euph. *apud* schol. Theocr. 13.7; schol. A.R. 1.1207).

⁴¹⁴ Cf. schol. A.R. 4.1470.

⁴¹⁵ Cf. Str. 12.4.3.

⁴¹⁶ Cf. Cinéton, autor do século VIII a.C., Pisandro de Camiros (VII/VI a.C. Cf. Pisino de Lindo), Paníasis (séc. V a.C.), autores de *Heracleia*. Vd. schol. A.R. 1.1355-57c, referindo a metamorfose de Hilas no âmbito de uma tradição vetusta. Cf. Mauerhofer 2004: 26-36; Huxley 1969: 99-112; Clausen 1981: 316-318; Larson 2001.

[Desta feita, o afeto homoerótico de Hércules por Hilas, que leva de vencido o herói. Neste caso, a metamorfose apresenta-se como um subterfúgio das ninfas para esconder o jovem Hilas.]

27. ΙFIGÉNIA

(Nicandro relata esta história, no quarto livro das suas *Metamorfoses*)

Teseu e Helena⁴¹⁷, filha de Zeus, tiveram uma filha - Ifigénia⁴¹⁸. A irmã de Helena, Clitemnestra, criou-a, dizendo

⁴¹⁷ Sobre a abdução de Helena por Teseu, vd. Ghali-Kahil 1955; Oakley – Sinos 1993: 13; Mills 1997: 7-10. Cf. Hyg. *Fab.* 79. Compare-se Paus. 1.17.6, 2.22.7. Acerca dos pretendentes, cf. Hyg. *Fab.* 81; Apollod. 3.10.8.

⁴¹⁸ Figura mitológica não considerada na tradição homérica (*schol.* *Il.* 9.144.). Note-se a falta de consenso relativamente ao número de filhos de Agamémnon, referindo algumas fontes quatro descendentes, a saber: Ifigénia, Ifianassa, Eletra e Orestes. Os testemunhos de *Cypr.* fr. 12 *EGF*; *Il.* 9.144; *schol.* *S. El.* 157 reportam essa mesma situação: ἡ Ὀμήρω ἀκολουθεῖ εἰρηκότι τὰς τρεῖς θυγατέρας τοῦ Ἀγαμέμνονος, ἡ ὡς ὁ τὰ Κύπρια, δ' φησὶν, Ἴφιγένειαν καὶ Ἰφιάνασσαν. “Ou está a seguir Homero, que mencionou três filhas de Agamémnon, ou, como o autor dos *Cypria*, refere quatro, [diferenciando] Ifigénia e Ifianassa”. Não se vislumbra, na ocasião, qualquer nota relativamente ao alegado facto de uma das filhas não estar viva, o que reitera *Il.* 9.144-145: τρεῖς δέ μοι εἰσι θύγατρεις ἐνὶ μεγάρῳ εὐπήκτω | Χρυσόθεμις καὶ Λαοδίκη καὶ Ἰφιάνασσα, “tenho três filhas no meu bem construído domínio: Crisótemis, Laódice e Ifianassa”. Cf. *S. El.* 154-163, contemplando Crisótemis, Ifianassa, Eletra e Orestes; *Pi. P.* 11.35; Apollod. *Epit.* 2.16; *Tz. ad Lyc.* 183. Comenta, a propósito, Wüllner 1825: 75-76, reiterando Müller 1829: 97 n.46, esse mesmo apontamento, que provavelmente o escoliasta desconhecia que Homero não apresentara o nome de Ifigénia, já que, nessa altura, se considerava a jovem como já morta, o que perfazia o número total de três filhas para o Atrida: *Verum, si talia monere operae pretium est, Scholiasta non cogitavit, Iphigeniam eo tempore, quo Homerus Agamemnonem loquentem inducit, iam immolatam fuisse.* Também não é absolutamente certo identificar Ifianassa com Ifigénia (ou Ifígone, *E. El.* 1023; Ífis, *Tz. ad Lyc.* 323-324), conforme estimavam alguns (e.g. *Lucr.* 1.85). Considere-se, contrariamente ao testemunho trágico, a tradição Argiva pré-trágica apresentada por Estesícoro (fr. 191 *PMG*) e seguido posteriormente (e.g. Eufóron de Cálcis, fr. 117 *Acosta-Hughes* - Cusset: Οὐνεκα δὴ μιν | Ἴφι βησαμένῳ Ἑλένη ὑπεγείνατο Θησεῖ, “porque Helena obviamente a gerou a partir de Teseu, que a coagiu à força” - cf. Sturz 1818: 285; Alexandre da Etólia, fr. 2 *Mein.*;

a Agamémnon que a tinha concebido, pois Helena havia dito

Nicandro, fr. 58 G.-Sch.), dando Ifigénia como filha de Teseu e Helena. Cf. Wilamowitz-Möllerndorff 1883: 262-263. Vd. Paus. 2.22.6-7: πλῆσιον δὲ τῶν Ἀνάκτων Εἰληθυίας ἐστὶν ἱερὸν ἀνάθημα Ἑλένης, ὅτε σὺν Πειρίθῳ Θησέως ἀπελθόντος ἐς Θεσπρωτοῦς Ἄφιδνά τε ὑπὸ Διοσκούρων ἐάλω καὶ ἦγετο ἐς Λακεδαίμονα Ἑλένη. ἔχειν μὲν γὰρ αὐτὴν λέγουσιν ἐν γαστρὶ, τεκοῦσαν δὲ ἐν Ἄργει καὶ τῆς Εἰληθυίας ἰδρυσαμένην τὸ ἱερὸν τὴν μὲν παῖδα ἦν ἔτεκε Κλυταιμνήστρα δοῦναι—συνοικεῖν γὰρ ἤδη Κλυταιμνήστραν Ἀγαμέμνονι—, αὐτὴν δὲ ὕστερον τούτων Μενελάῳ γήμασθαι. καὶ ἐπὶ τῷδε Εὐφορίων Χαλκιδεὺς καὶ Πλευρώνιος Ἀλέξανδρος ἔπη ποιήσαντες, πρότερον δὲ ἔτι Στησίχορος ὁ Ἴμεραῖος, κατὰ ταῦτά φασιν Ἀργείοις Θησέως εἶναι θυγατέρα Ἴφιγένειαν. “Junto dos senhores, existe um santuário de Eletia, dedicado por Helena, quando Teseu, ao ter-se ausentado com Pirítoο para Tespória, Afidna foi capturada pelos Dióscoros e Helena estava a ser trazida até à Lacedemónia. Na realidade, conta-se que ela estava grávida, pelo que foi entregue em Argos e aí fundou o santuário de Eletia, entregando a filha a que deu à luz a Clitemnestra, que estava já casada com Agamémnon, enquanto ela, subsequentemente, se casou com Menelau. E acerca deste assunto, os poetas Eufóριον de Cálcis e Alexandre de Pléuron e, antes deles, Estesícoro de Himera, concordam com os Argivos [ἴφι βησαμένῳ - γίγνομαι], ao afirmar que Ifigénia era filha de Teseu.” Cf. reino de Agamémnon em Argos e não em Micenas, conforme a lição épica (vd. a adaptação mitológica, face a c. 464 a.C., com a vitória de Argos sobre Micenas). Sobre a versão mitológica em causa, cf. Grossardt 2012; Meulder 2015; Wilamowitz-Moellendorff 1883; Sturz 1818: 285, com entradas de *Etymologicum Graecae Linguae Gudianum* relativas a Ifigénia - Ἴφιγένεια, Εὐφορίων αὐτὴν ἐτυμολογεῖ, ἀγνοῶν αὐτὴν ὉΑγαμέμνονος, ὡς οἴεται δὲ αὐτὴν Ἑλένης καὶ Θησέως ὑποβλήθην δοθῆναι Κλυταιμνήστραν οὐνεκα δ' ἡμῖν ἴφι, βιασαμένη Ἑλένη ὑπεγεῖνατο Θήσει· ἐξ Ἑλένης καὶ Θησέως. “Ifigénia, Eufóριον fornece uma etimologia ignorando que ela é filha de Agamémnon. Julga que ela é uma filha escondida de Helena e de Teseu, entregue a Clitemnestra, porquanto Helena obviamente a gerou a partir de Teseu, que a coagiu à força [cf. Plu. *Thes.* 31, apresentando Teseu, na altura do rapto, reiterando Hellanic. *FGrHist* 4 168 (Teseu: 50 anos; Helena: 7 anos), com quinze anos e Helena ainda não púbere (D.S. 4.63.1: dez anos; Apollod. *Epit.* 1.23: 12 anos)]. A partir de Helena e Teseu.” Vd. Pirítoο e a tentativa de rapto de Core e o ‘rapto’ de Helena (Alcm. 21 PMGF: ΣAD II. 3.242 - cf. Paus. 1.41.4; Pi. frs. 243, 258; Apollod. *Epit.* 1.23; Hyg. *Fab.* 79; D. S. 4.63; Plu. *Thes.* 32.4). Cf. Padilla 1999: 275 n. 49. Nos séculos IV/III a.C., Licofronte exprime-se sobre a questão de uma forma metafórica, deixando com Cassandra a imagem de duas pombas descendentes de Ifigénia (103: δυοῖν [...] γοναῖν), uma

aos seus irmãos⁴¹⁹, que lhe perguntaram, que ainda era virgem quando deixou Teseu⁴²⁰.

Quando a armada dos Aqueus ficou retida em Áulis⁴²¹ pela falta de ventos, os sacerdotes previram que apenas seria possível navegar, caso sacrificassem Ifigénia a Ártemis. Em resposta à insistência dos Aqueus, Agamémnon entregou-a para ser imolada e ela foi arrastada para o altar. Porém, os chefes não conseguiram suportar a situação e desviaram o seu olhar⁴²².

imagem de duas filhas - Ifigénia e Hermíone. Mais ainda, Ifigénia, nunca referida como filha de Agamémnon e Clitemnestra, pode ser inserida na filiação de Neoptólemo. Eis uma possibilidade de interpretar o epíteto do herói enquanto descendente de Aquiles e Ifigénia, donde Ἴφιδος λέων, “leão de Ífis [Ifigénia]” (324). Deveras controversa, a passagem (323-334) poderá reportar o sacrifício de Ifigénia em Áulis, correspondendo, neste cenário, o ‘leão’ a Agamémnon, ou o sacrifício de Políxena, sendo o ‘leão’ uma metáfora de Neoptólemo. Ora, segundo a versão de Duris de Samos, *FGrHist* 76 F 88 Jacoby (= *schol. Il.* 19.326. Cf. *schol. Lyc.* 183, 325), Aquiles retirara Ifigénia de Áulis e levava-a para Esquiro. A jovem daria à luz Neoptólemo. Sobre a subtração de Helena do cenário de Áulide? (cf. Mégara? Brauron?, segundo *schol. Ar. Lys.* 645a. Considere-se Ifigénia e o início do culto de Ártemis em Brauron) por Aquiles, cf. *Dictis* 1.22. Vd. Bommas – Harrisson – Roy 2012: 138; Dowden 1989: 9-47; Mills 1997: 7; Okin 1974, 1980; Cusset 2014; Troca Pereira 2016.

⁴¹⁹ Castor e Pólux, gémeos, um divino, com Helena, outro mortal, com Clitemnestra. Dióscuros (em grego: Διόσκουροι, *Dioskouroi*, “filhos de Zeus”. Cf. *Hdt* 9.73; *Hellanic. FGrHist* 4 F134; *Alcm. fr.* 21 Page; *Paus.* 1.41.4-5 (alegando o beneplácito de Álcman e Píndaro sobre a informação), 5.19.3; *Tz. ad Lyc.* 513.

⁴²⁰ Cf. *D.S.* 4.63.5.

⁴²¹ São de considerar outros cenários como ponto de reunião das tropas (e.g. Argos, segundo Apollod. *Epit.* 3.20) e local de partida da armada, e.g. Mégara, onde Agamémnon teria erigido um santuário em honra de Ifigénia (cf. *Phld.* 3.13-6 Schober; *Paus.* 1.43.1).

⁴²² Antonino Liberal prefere seguir, na generalidade, a versão tradicional. Sem detalhar a situação, apenas reporta o atraso da expedição causado por uma carência de ventos para cuja solução os sacerdotes veicularam a necessidade de imolar-se Ifigénia. Até então, a história de Antonino escusa-se a reportar a causa desse ‘inconveniente logístico’, ficando por aludir a comportamentos de Agamémnon e a uma suposta exigência divina da parte de Ártemis, conforme amplamente divulgado na literatura. A versão ora em apreço denota uma abertura a certos contornos

Ártemis fez aparecer um bezerro no altar, no lugar de

racionalizadores, que se vêem na maneira como o problema é exposto - falta de ventos e não uma peste 'justiceira', fruto da cólera divina - e também numa determinada humanidade verificada na reação das tropas face ao sacrifício (cf. a importância do 'olhar' - ὄμματος, em A. *Ag.* 248: τὰ δ' ἔνθεν οὐτ' εἶδον οὐτ' ἔννέπω, "o que aconteceu de seguida, não vi") e na atitude de Ártemis - na realidade apenas uma singela nota a introduzir o início de um culto. No que se refere ao *topos* dos sacrifícios, o homem, sem o controle da tradição (νόμος) e da justiça (δίκη), apresenta-se como o mais despidorado (ἄνοσιώτατος) e o mais selvagem (ἄγριώτατος) dos animais, segundo Arist. *Pol.* 1253a. Na verdade, o instinto homicida é inteiramente humano (cf. humanos, considerados ἀνθρωπόκτονοι - e.g. E. *IT* 389), já que, uma vez tomada a decisão, os homens do cenário trágico não retrocedem do sacrifício, contrariamente aos deuses, que podem providenciar uma vítima simbólica de substituição, o que, no caso de Ifigénia, lhe salvou a vida, conforme retrata o drama euripídico (e.g. *IA* 1581-1597). De facto, como refere Belfiore 2000: 34 sq., se os deuses primeiramente resolvem a execução de um crime de sangue e ordenam a sua prossecução, para depois pouparem a vítima e até condenarem tal ato; já os humanos, ainda que de início avessos à prática (como Agamémnon, primeiro aparentemente resistente a sacrificar a filha), depois levam-na a cabo, o que não permite responsabilizar apenas os deuses e (ou) o destino pelas ações humanas de cariz homicida. Importa, igualmente, referir a notícia do sacrifício de Ifigénia. A tragédia explora mormente o carácter fantástico - ἀδύνατον (θαῦμα, E. *IA* 1578-1589) do desaparecimento da jovem promovido pela divindade. Importa também aludir a obras controversas perdidas na sua versão original e com aproveitamento alargado nas épocas pós-clássicas: assim, Dares da Frígia, *De Excidio Trojae Historia*; Díctis Cretense: *Ephemeridos belli Trojani*. Embora a antiguidade, existência física e ocupação de ambos seja deveras controversa e quiçá literariamente condicionada (vd. Dares - *Ael.* *VH* 11.2. Cf. Díctis - Vóssio: 1.1.428 da sua obra: *Homerus autem eum in poemate suo est secutus*, "Ora, Homero segue-o no seu poema". Vd. Tz. *H.* 5.30. Díctis 5.17, como participante. Homero, c. 99 anos após a Guerra de Troia, Kedrenos, Σύνοψις Ἱστοριῶν - *Sinopse de Histórias*: 11), recupere-se o 'raptó' de Helena como continuação de uma prática invertida do *topos* da 'abdução' de Hesíone, pelos Gregos, na geração anterior (vd. Pi. *I.* 5.35-38). Em Díctis, não se erradica de forma absoluta o reconto tradicional. Na realidade, complementa e substitui pormenores da versão tradicional, ao alegar a impiedade de Agamémnon; a existência de uma peste; a interpretação de sacerdotes e a recomendação referida por uma 'misteriosa' mulher, mediante inspiração divina (1.19); o 'maravilhoso', ἀδύνατος da revolta 'simpática' da natureza (συμπάθεια: συν - πάθος, Cf. estoicismo) - 1.21: *cum ecce dies foedari et caelum nubilo tegi coepit,*

Ifigénia, que levou para longe da Grécia, até ao Mar do Ponto com denominação propícia - Euxino, para junto de Toas, filho de Borístenes. Denominou a tribo de nómadas dessa região de Tauros, em virtude da aparição de um touro⁴²³ no altar, em vez de Ifigénia. De igual modo, também a <tornou sacerdotisa de Ártemis> *Tauropolos*.

Passado algum tempo, Ártemis transferiu Ifigénia para um lugar apelidado Ilha Branca⁴²⁴, para ficar com Aquiles e

dein repente tonitrua, corusca fulmina et praeterea terrae marisque ingens motus atque ad postremum confusione aeris ereptum lumen. Neque multo post imbrium atque grandinis vis magna praecipitata. Inter quae tam taetra nulla requie tempestatis. “Eis, porém, que o dia começa a escurecer e o céu a cobrir-se de nuvens; então, de repente, caem relâmpagos, os trovões refulgem; constata-se também uma enorme convulsão de terra e mar e, na alteração da atmosfera, desaparece a luz. Pouco depois, desencadeia-se uma violenta precipitação de chuva e granizo.” Cf. Troca Pereira 2009, 2016.

⁴²³ Vd. ταῦρος e a tentativa de relacionar Ifigénia com a deusa *Tauropolos* - Ártemis. Aliás, o animal de substituição não reúne consenso, desde um cervo / um veado / uma urso (ἄρκτος, Cf. Phanod. *FGrHist* 325 F 14). Cf. cultos de homenagem a Ifigénia. Na realidade, o *topos* do sacrifício altruísta parece constituir uma temática tardia (do séc. V a.C. adiante), face à tradição arcaica, desconhecida na tradição homérica (cf. *schol. Il.* 9.145), o que não significa necessariamente que o episódio do sacrifício não existisse já e fosse deliberadamente omitido nos *Poemas* (cf. sentido de *Il.* 1.106-108, ocasião em que Agamémnon acusa Calcas de μάντι κακῶν, “profeta das desgraças”, evocando, quiçá as profecias de Áulide). Seria uma tentativa de evitar pormenorizar crimes (cf. αἰτία, ‘culpa’) familiares (e.g. morte de Agamémnon; matricídio de Orestes)? Apenas em *Od.* 2.300-330 Ulisses relembra o *omen* das aves, contudo sem referir uma demora na partida (ou curto atraso - cf. *Il.* 2.303-304) na partida da expedição. Cf., outrossim, Ifimede (cf. Ifimedeia, uma outra variação sobre a mesma raiz ‘iphi-’ in Hes. fr. 23a 17-26 M-W), Hes. *Catálogo das Mulheres*: 13-30, sacrificada em Áulide, e o início do culto em honra a Ἄρτεμις εἰνοδίη (26), “Ártemis dos caminhos”. Cf. Hes. fr. 114 Marckscheffel / Paus. 1.43.1) afirmava que Ifigénia se tinha tornado (εἶ[ναι] Hécate. Não se tece, contudo, qualquer comentário relativo aos motivos dessa transformação, nem tampouco à morte sacrificial de Ifigénia, ou ao seu salvamento. Vd. Kovacs 2010: 53, 60; Lloyd-Jones 1983; Hughes 1991; Noort – Tigchelaar 2002: 21-43.

⁴²⁴ Λεῦκη. Cf. locais dos mortos, acreditando-se na sobrevivência das

transformou-a numa divindade eterna⁴²⁵ e imortal, designando-a como Orsilóquia, em vez de Ifigénia. Ela tornou-se a companheira⁴²⁶ de Aquiles.

[Tema trágico, o sacrifício de Ifigénia recebe nova coloração. Não se verifica propriamente uma metamorfose da jovem, agraciada pela misericórdia divina, mas antes a sua substituição (cf. adynata) e posicionamento enquanto sacerdotisa dos Tauros. Em causa, a pressão militar, num retrato que não aprofunda a causa da falta de ventos necessários à navegação para Troia.]

almas *post mortem* (cf. bifacetamento, Pl. *Men.* 81b). Notem-se os Campos Elísios, as Ilhas dos Bem-Aventurados ou Ilha Branca. Cf. Macaronésia, consoante referência de Ptolomeu, e Ilhas dos Bem-Aventurados, conforme Str. 3.2.13. Vd. Paus. 3.19.11-12. Lyc. *Alex.* 185, 324.

⁴²⁵ Cf. *Od.* 5.136, 209; Hes. *Th.* 957.

⁴²⁶ Vd. σύνοικος, 'esposa'.

28. ΤÍΦΟΝ

(Nicandro conta esta história, no quarto livro de *Metamorfoses*)

Tífon⁴²⁷ era filho da Terra⁴²⁸, uma divindade monstruosa, dada a sua força e estranha aparência. Brotavam dele múltiplas cabeças⁴²⁹, mãos e asas, ao passo que as suas coxas se tornaram grandes antros de cobras. Emitia todos os tipos de rugidos e nada conseguia resistir à sua superioridade.

Sentiu vontade de usurpar o poder de Zeus e nenhum deus conseguia suportar o seu ataque. Em pânico, fugiram todos para o Egito, à exceção de Atena e de Zeus, que foram os únicos a ficar. Tífon perseguiu-os, seguindo o seu rasto. Ao fugir, assumiram antecipadamente formas animais⁴³⁰: Apolo tornou-se um falcão⁴³¹; Hermes, um íbis; Ares, metamorfoseou-se num peixe lepidoto⁴³²; Ártemis, num gato; Dionísio, numa cabra⁴³³; Hércules, num cervo; Hefesto, num boi⁴³⁴; Leto, num rato. Quanto às restantes divindades, assumiram as transformações

⁴²⁷ Cf. *Il.* 2.782, sobre Tifeu escondido sob o solo; *Pi. P.* 1.17; *Aeschin.* 351; *Apollod.* 1.6.3. Cf. *h.Ap.* 307: ὄν ποτ' ἄρ' Ἥρη ἔτικτε χλωσαμένη Διὶ πατρί, “Em certo momento, Hera gerou-o porque estava aborrecida com Zeus”. Cf. *Partenogénese* (e.g. Ares, Hefesto, Tífon), *Rigoglioso* 2009: 121-124; *Blundell – Williamson*: 15.

⁴²⁸ Gaia.

⁴²⁹ Cf. *Hes. Th.* 824; *Pi. P.* 1.16; *Aeschin.* 353.

⁴³⁰ Cf. *Hyg. Fab.* 196

⁴³¹ Cf. *Il.* 15.237: ἴρηκι ἔοικώς, ‘parecendo um falcão’; *Ar. Av.* 516. Cf. *Ov. Met.* 5.329, com a substituição de *Delius* (cf. Apolo, ‘falcão’) por *coruus*, ‘corvo’.

⁴³² Cf. *λεπιδωτός*, ‘escamoso’.

⁴³³ Cf. A relação de Dionísio com as artes cénicas (e.g. τραγῳδία: τράγος-ὠδή).

⁴³⁴ Cf. *Hdt.* 3.37.2: imagem de Hefesto comparada à divindade de Mênfis, Pataici (Παταϊκοῖσι). Vd. *Ertman* 1972.

que puderam. Quando Zeus atingiu Tífon com um raio, Tífon, em chamas, escondeu-se e extinguiu a labareda no mar.

Zeus não desistiu, mas atirou a montanha mais alta - Etna⁴³⁵ -, sobre Tífon e colocou Hefesto no cimo, como guarda. Este, depois de ter fixado as suas bigornas, forja o ferro no pescoço dele.

[Retrato de teomaquia, há notícia de teriomorfismo. Apenas Zeus se afigura capaz de restabelecer a ordem.]

⁴³⁵ Cf. Aesch. 364; Call. *Del.* 141; Lucill. 41.71; Verg. *A.* 3.570; Cic. *Div.* 2.19.

29. GALÍNTIAS

(Nicandro aborda esta história, no quarto livro de *Metamorfoses*)⁴³⁶

Em Tebas, Preto possuía uma filha - Galíntias⁴³⁷. Esta rapariga era colega e companheira de Alcmena, filha de Eléctrion. Quando as contrações para o nascimento de Héracles⁴³⁸ estavam a avolumar-se em Alcmena, as Moiras e Ilitia, a título de favor a Hera⁴³⁹, mantinham Alcmena em contínuas dores de parto.

Elas permaneciam sentadas, cada uma mantendo os seus braços cruzados⁴⁴⁰. Galíntias, temendo que as dores de trabalho de parto⁴⁴¹ levassem Alcmena à loucura, dirigiu-se aos Fados⁴⁴² e a Ilitia⁴⁴³, anunciando que, por vontade de Zeus, Alcmena dera à luz um rapaz e que as prerrogativas delas tinham sido abolidas. Face a isto, é claro que os Fados ficaram consternados e de imediato afrouxaram as suas mãos⁴⁴⁴. As dores de Alcmena cessaram de imediato e Héracles nasceu. Os Fados ficaram furiosos com isto e, desde então, retiraram a

⁴³⁶ Cf. *Ov. Met.* 9.281-323. Vd. & *Il.* 19.119; Paus. 9.11.3; Plin. *HN* 28.59.

⁴³⁷ Vd. *Ov. Met.* 9.278-323. Cf. diminutivo de γάλη, 'doninha'. Paus. 9.11.3 difere, denominando a rapariga que auxilia Alcmena de Historis, filha de Tirésias. Cf. *Ael. NA* 12.5; sobre Historis.

⁴³⁸ Nascimento de Héracles, em Tirinte (D.S. 4.10.2). Vd. *Il.* 19.95; *Ov. Met.* 9.273. Cf. Winter 1876.

⁴³⁹ Cf. Hera, sobre atraso no nascimento.

⁴⁴⁰ Cf. atitude tradicional de mágicos, Plin. *HN* 28.17 (59).

⁴⁴¹ Cf. Call. *Dian.* 233-235.

⁴⁴² *Keres* (κῆρες): Cloto, (κλώθω, 'fiadeira'), Láquesis (λάχεσις, 'disposição'), Átropo (ἄτροπος, 'imutável'), Hes. *Th.* 904-906. Ovídio não menciona as *Moirai*.

⁴⁴³ Deusa dos nascimentos. Cf. Pi. *O.* 6.72; Pl. *Smp.* 206d. Cf. Hera, sua mãe, Hes. *Th.* 922; Pi. *N.* 7.2; Paus. 1.18.5; Apollod. 1.3.1. Hera, mãe das Ilítias (*Il.* 11.270). Cf. *h.Ap.* 98.

⁴⁴⁴ Cf. Plin. *HN* 28.17.

natureza feminina de Galíntias, pois, tratando-se uma simples mortal, enganara os deuses⁴⁴⁵. Tornaram-na numa falaciosa doninha⁴⁴⁶, fazendo-a viver em fendas⁴⁴⁷ e dando-lhe uma maneira grotesca de acasalar. Ela concebe através dos ouvidos e dá à luz a cria pela garganta⁴⁴⁸.

Hécate⁴⁴⁹ sentiu pena por esta metamorfose da sua aparência e designou um servo sagrado para ela. Quando Hércules cresceu lembrou o favor que ela lhe prestara construiu uma imagem dela para colocar junto à sua casa e ofereceu-lhe sacrifícios. Os Tebanos ainda na atualidade mantêm esses ritos e, antes do festival de Hércules, celebram primeiramente sacrifícios em honra de Galíntias.

[*História que evidencia comportamentos divinos, designadamente de ciúmes e do relacionamento com o Destino. De igual modo, explica-se a origem de alguns ritos.*]

⁴⁴⁵ Galíntias não é caso único de engano divino. Cf. Sísifo, *Il.* 6.153: ὃ κέρδιτος γένετ' ἀνδρῶν, “o mais habilidoso de todos os homens” (vd. *schol.* *Il.* 6.153). O pai biológico de Ulisses justificava epítetos como πολυμήχανος, ‘de muitas habilidades’, que marcava o carácter inventivo/engenhoso do herói. Simbolicamente, o *exemplum* do arrogante e ímpio Sísifo alia-se, sobretudo aquando da democracia, ao engano do sistema político, evidenciando a ἀρετή intelectual (cf. paralelo com a σωφοσύνη de Radamanto, ‘juiz das almas’ e a eloquência de Nestor, a ligeireza das Hárpias e dos filhos de Bóreas - Zetes e Calais, *Thgn.* 702-712) que faculta o diversos episódios de dolo, fuga (Σίσυφος δραπέτης, ‘fuga de Sísifo [do Hades]’), ao longo da sua vida e justifica o seu castigo (cf. Σίσυφος πετροκυλιστής, a respeito da pedra que empurra. Vd. *Od.* 11.593-600. Vd. *Paus.* 2.5.1; *schol.* *Il.* 1.180; *Hyg. Fab.* 60). Vd. Henderson 1983; Harper 2000: 182.

⁴⁴⁶ Cf. animal ctónico, Hécate, deusa ctónica.

⁴⁴⁷ Cf. #28.

⁴⁴⁸ Vd. *Il.* 16.1765; *Ael. NA* 10.47, 12.5, 15.11; *Nic. Th.* 689-699, *Gal.* 13.362. Cf. *Anaxag. fr.* 114D; *Arist. GA* 3.6.756b15; *Ov. Met.* 9.322.

⁴⁴⁹ Cf. culto de Hécate, na Beócia.

30. BÍBLIS

(Nicandro conta isto, no segundo livro das suas *Metamorfoses*)⁴⁵⁰

Em Creta, Apolo e Acacális, filha de Minos, tiveram um filho chamado Mileto. Receando Minos, Acacális⁴⁵¹ expô-lo num bosque. Por desiderato de Apolo, apareceram lobos⁴⁵² para guardá-lo e aleitá-lo⁴⁵³. Depois surgiram pastores que o recolheram e levaram para as suas cabanas⁴⁵⁴.

Ao crescer, ficando belo e ativo, Minos⁴⁵⁵ sentiu o desejo de tomá-lo pela força. Então, a conselho de Sarpédon⁴⁵⁶, Mileto⁴⁵⁷ embarcou certa noite e fugiu rumo a Cária. Aí fundou a cidade de Mileto e desposou Idótea⁴⁵⁸, filha de Êurito, rei da Cária. Ela foi mãe de gémeos: Cauno e Bíblis⁴⁵⁹, a partir dos quais são apelidadas, até hoje, as cidades da Cária, Cauno e Bíblis⁴⁶⁰.

Bíblis atraiu muitos pretendentes locais e, graças à sua fama,

⁴⁵⁰ Cf. testemunhos da Época Helenística. Vd. *Ov. Met.* 9.441-465.

⁴⁵¹ Cf. Deione, *Ov. Met.* 9.443; Areia, A.R. 3.1.2.

⁴⁵² Cf. Paus. 10.16.3.

⁴⁵³ Cf. *Hyg. Fab.* 252.

⁴⁵⁴ Vd. semelhanças, em #22. *Ov. Met.* 9.449-452.

⁴⁵⁵ Cf. #40, 41.

⁴⁵⁶ Filho de Zeus e Europa, morto por Pátroclo (*Il.* 16.426 sq.). Vd. possibilidade de Zeus evitar a morte de Sarpédon (*Il.* 16.439-449). Porém, se a morte configurasse uma situação melhor do que a vida, pergunta-se que motivo levaria uma mãe divina a procurar obter uma vida longa e até a eternidade para os seus filhos (*Il.* 1.357 sq., 18.35 sq. Cf. *Apollod.* 3.13.6, *Lyc. fr.* 178), bem como o afastamento de nefandos combates.

⁴⁵⁷ Na Ásia Menor. Cf. *Hdt.* 1.172; *Str.* 10.4.14, *Nonn. D.* 13.547.

⁴⁵⁸ Cf. denominações distintas, consoante as fontes literárias. Assim, Cianeia (*cognita Cyaneae*), filha de Meandro, *Ov. Met.* 9.451- 452; Tragasia (*Nicaenet. apud Parth.* 11).

⁴⁵⁹ Cf. *Nonn. D.* 13.548.

⁴⁶⁰ *Ov. Met.* 9.441-665, Bíblis transformada em fonte (9.465-466), em Mileto. Vd. *Nonn. D.* 13.560, metamorfose num caudal de lágrimas.

também alguns de cidades próximas. Ela não lhes deu muita atenção, já que um desejo indescritível por Cauno⁴⁶¹ estava a levá-la à loucura. Porque fez tudo o que podia para esconder esta paixão, ela ocultou-a dos seus pais. Todavia, sentia que estava a ser dominada por um demónio a cada dia mais difícil de suportar. Numa noite, decidiu atirar-se de um rochedo⁴⁶². Dirigiu-se a uma montanha próxima e procurou lançar-se. Contudo, as ninfas, sentindo piedade dela, detiveram-na. Envolvendo-a num sono profundo, transformaram-na de mortal em divindade

⁴⁶¹ Cauno e B́́blis - amor proverbial, Arist. *Rh.* 1402b4-5.

⁴⁶² *Katapontismos*. Vd. diferenças (enforcamento), em Ov. *Met.* 9.446-665; ‘choro’, Parth. 11; Cónon 2. Veja-se o *topos* do ‘choro eterno’. Cf. o *topos* do suicídio por amor em heróis da Nova Comédia Ática, como Longo, Heliodoro, Aquiles Tácio, Cáriton e nos diversos períodos literários subsequentes. Vd., com uma tonalidade um pouco diferente, já que as *donas* não eram jovens esbeltas, casos de gerontofilia não correspondida, como o da velha meretriz Acroteleutio, perante a indiferença afetiva de um soldado, na cena plautina (Pl. *Mil.* 1240-1241. Cf. B́́blis; Fedra; Cloe/Dafne): *si non quibo impetrare, | consciscam letum: uiuere sine illo scio me non posse*, “se não conseguir prevalecer sobre ele, de uma forma ou de outra, suicido-me: sei que não posso viver sem ele”. Esta forma de expediente com funcionamento de ultimato repercutiu-se ao longo dos tempos, registando-se mesmo teor de argumentação em obras renascentistas. Cf. Níobe. O altar do seu matrimónio assumiria a forma de um túmulo de lamentações (cf. E. *Ph.* 159-160), sobre o qual deplorava o infortúnio da sua descendência (A. fr. 154a Radt: θρηνο]ῦσα τὴν πάλαιναν εὔμορφον φύην). A deploração extrema de Níobe conformava uma experiência de morte em vida (cf. Arist. *EN* 1148a), que encontraria prolongamento na sua metamorfose (e consequente imortalidade) em rocha. Porém, se a tradição acreditava na sua metamorfose em pedra, no monte Sípilo (*Il.* 24.602-620. Cf. Apollod. 3.5.6: καὶ χεῖται δάκρυα νύκτωρ καὶ μεθ’ ἡμέραν τοῦ λίθου, “E aí [monte Sípilo], orando a Zeus, foi transformada numa rocha e lágrimas fluíam noite e dia da pedra”), como punição pela afronta a Leto (cf. Nonn. *D.* 43.425: ἀκαχίξειν), o paradoxógrafo Paléfato racionaliza a questão e apelida de loucos os que seguem essa versão (Palaeph. 8: εὐήθης ἐστί). Battezzato 2003, a propósito de um possível aproveitamento da Níobe sofocleana, em Ov. *Met.* 6.146-312. Por seu turno, Kamerbeek 1978: 150 comenta a propósito da existência de uma similitude/paralelismo entre as figuras de Antígona e de Níobe (cf. S. *Ant.* 831). Vd. Carden 1974: 172.

- numa ninfa Hamadríada de nome Bíblis. Elas tornaram-na sua companheira e partilhavam com ela o seu estilo de vida. A corrente de água que brota a partir dessa rocha é denominada pelo povo, até ao presente dia, de ‘lágrimas de Bíblis’⁴⁶³.

[História da consciência de uma paixão irregular e incestuosa, destacando-se uma vez mais a piedade manifestada por divindades. No caso, a metamorfose dá novo alento à destruição suicida de Bíblis.]

⁴⁶³ Cf. δάκρυον Βιβλίδος.

31. OS MESSÁPIOS

(Nicandro reproduz este conto, no segundo livro das suas *Metamorfoses*)⁴⁶⁴

O autóctone Licáon⁴⁶⁵ teve os seguintes filhos: Iápix, Dáunio⁴⁶⁶ e Peucécio. Juntaram um exército e chegaram à costa Adriática, na Itália. Expulsaram os Ausónios⁴⁶⁷ que viviam nesse local e instalaram-se aí, em vez deles.

A maior parte do seu exército consistia em colonos Ilírios conduzidos por Messapo. Quando as tropas e a terra foram divididas em três partes⁴⁶⁸, ficaram com os nomes dos seus líderes: Dáunios, Peucécios e Messápios. A zona desde Tarento até à extremidade da Itália ficou pertencente aos Messápios, onde se situa a cidade de Brentésio⁴⁶⁹. Ao lado dessa zona, junto a Tarento, formou-se o reino dos Peucécios⁴⁷⁰ e, mais adiante, os Dáunios detinham a maior parte da costa. Toda a nação era chamada zona dos IapígiOS.

Isto aconteceu muito antes da campanha de Héracles. Nessa altura, viviam dos animais, nas pastagens. Conta-se que, na terra dos Messápios, junto às denominadas ‘Rochas

⁴⁶⁴ História com duas partes: primeiramente, a origem dos Messápios; depois, destino dos mortais que competiam, como Mársias, face a Apolo, Aracne, face a Atena. Cf. *Ov. Met.* 14.514-526.

⁴⁶⁵ Nome associado a λύκος, ‘lobo’. Apolo/Cassandra, *A. Ag.*

⁴⁶⁶ Iápix e Dáunio não referidos tradicionalmente (*Apollod.* 3.8.1; *D.H.* 1.11, 13; *Serv. ad A.* 3.101, 8.9).

⁴⁶⁷ Cf. Ausónia, epónimo a partir de Auson, filho de Ulisses e Calipso ou Circe (*Tz. ad Lyc.* 44, 696; *schol. A.R.* 4.553; *Serv. ad A.* 3.171; *Suidas*, s. v. *Ausonion*. Todavia, *D.H.* 1.72 não considera Auson como descendente de Ulisses).

⁴⁶⁸ Cf. *Plb.* 3.88.4.

⁴⁶⁹ Vd. βρεντέσιον: *Brentesium* ou *Brundisium*. Cf. Brindes.

⁴⁷⁰ Cf. *Str.* 6.3.8.

Sagradas⁴⁷¹, apareceu um coro de ninfas Epimélides⁴⁷². Os jovens Messápios deixaram os seus rebanhos para vê-las e afirmavam conseguir dançar melhor do que elas. Isto irritou as ninfas e gerou-se uma rivalidade crescente sobre a sua dança. Porque os jovens desconheciam que estavam a competir com divindades, dançavam como fariam se estivessem num concurso com mortais da sua idade. A sua maneira de dançar, sendo de pastores, não detinha arte, ao passo que a das ninfas se mostrava inteiramente bela. Superiorizaram os jovens com a sua dança e disseram-lhes: “Jovens, pretendiam competir contra ninfas Epimélides?”⁴⁷³ Então, seus estultos, agora que foram vencidos, serão punidos.” Os jovens, encontrando-se junto ao santuário das ninfas, foram metamorfoseados em árvores. Ainda hoje se ouve, à noite, o som de gemidos provenientes dos troncos. O local é chamado de ‘Sítio das Ninfas e dos jovens’⁴⁷⁴.

[*De novo, a insolência, desta feita dos Messápios, sobre as ninfas. Além disso, o mito pode possuir teor etiológico, quer de fenómenos, como também do nome da região.*]

⁴⁷¹ Cf. Ἱεραὶ Πέτραι.

⁴⁷² Cf. ἐπιμήλιδες, ninfas protetoras de rebanhos e árvores de fruto. Vd. ἐπιμηλιάδες, Paus. 8.4.2, a propósito da ninfa Érato, esposa de Arcas (Δρυάδας γὰρ δὴ καὶ Ἐπιμηλιάδας, τὰς δὲ αὐτῶν ἐκάλουν Ναΐδας, καὶ Ὀμήρω γε ἐν τοῖς ἔπεισι Ναΐδων νυμφῶν μάλιστα ἐστὶ μνήμη. “Com efeito, costumavam apelidar algumas ninfas de Driades, outras, Epimeliades, e outras Naiadas. Homero, na sua obra [Od. 13.329], refere essencialmente ninfas Naiadas.”); μαλιάδες, Poll. 9.122, 127; ἀμαμηλίδες, *schol.* Il. 20.8. Cf. Theoc. 1.22.

⁴⁷³ Cf. Epimélides/Epimeliades, Paus. 8.4.2; Poll. 9.122, 127; *schol.* Il. 20.8.

⁴⁷⁴ Cf. τόπος Νυμφῶν τε καὶ Παίδων.

32. DRÍOPS

(Nicandro menciona isto, no primeiro livro de *Metamorfoses*)⁴⁷⁵

Dríops era filho do rio Esperqueu e de Polidora⁴⁷⁶, uma das descendentes de Dánao. Ele era rei de Eta⁴⁷⁷ e tinha apenas uma filha - Dríope. Ela apascentava os rebanhos do seu pai. Ora, as ninfas Hamadriadas⁴⁷⁸ tinham-na em grande conta e fizeram dela sua companheira, ensinando-a a cantar para os deuses e a dançar.

Apolo⁴⁷⁹, quando a viu dançar, sentiu o desejo de relacionar-se com ela. Primeiramente, assumiu a forma de uma tartaruga⁴⁸⁰. Dríope, juntamente com as outras musas, achou engraçado e construíram um brinquedo a partir da tartaruga, que ela colocou no seu peito. Ele mudou a sua forma, de tartaruga⁴⁸¹ para

⁴⁷⁵ Cf. *schol.* A.R. 1.1283; Tz. *ad Lyc.* 480, Dríops (δρῦς, 'árvore', por referência ao local onde a sua mãe o escondeu), filho de Licaon (Apolo), com a sua filha Dia. Herói epónimo dos Dríopes, celebrado num festival anual (Paus. 4.34.6). Governou os Dríopes na região compreendida entre os vales Esperqueu e Termópilas. Outra versão refere Dríops como filho do rio Peneu (Hes. *Th.* 343; *Il.* 2.757; Ov. *Met.* 1.568) e de Polidora, filha de Dánao (Pherecyd. *apud* A.R. 1.1212).

⁴⁷⁶ Danaida.

⁴⁷⁷ Vd. Nicandro.

⁴⁷⁸ Cf. Drádas. Vd., outrossim, Melíades, ninfas das árvores de fruto. Cf. n. 472, acerca de vários tipos de ninfas.

⁴⁷⁹ Cf. Apolo *Agraios* (ἀγραῖος, 'da caça').

⁴⁸⁰ Zoomorfismo divino em antigos vestígios recordados em epítetos conservados nas epopeias ditas homéricas (e.g. Atena, γλαυκῶπις, 'olhos glaucos' - cf. γλαῦξ, 'coruja'; Hera, βοῶπις, 'de olhar bovino' - cf. βοῦς, 'boi'). De notar que os deuses clássicos, ainda que mormente antropomórficos (cf. Xenoph. fr. 15 Diels-Kranz), há notícias de hibridismo de tradição egípcia. Cf. animais associados a deuses, e.g. águia (Zeus); serpente (Apolo); lobo (Apolo). Cf. Dietrich 1974: 43.

⁴⁸¹ Vd. Apolo e a utilização da carapaça da tartaruga para a construção de um instrumento associado à divindade - a lira (*h.Merc.* 5). Cf.

serpente. As ninfas, assustadas, abandonaram Dríope. Apolo relacionou-se sexualmente com ela e a jovem, cheia de medo, correu para a casa do seu pai, sem contar nada aos progenitores. Quando Andrémon, filho de Óxilo a desposou mais tarde, ela deu à luz Anfisso, o filho de Apolo. Quando chegou a idade, revelou-se um homem mais forte do que todos os demais e fundou uma cidade junto ao Monte Eta, que recebeu o nome da montanha e tornou-se rei desses locais.

Em Dríope, fundou um santuário de Apolo. Certo dia, Dríope estava a chegar ao templo, quando as ninfas Hamadriadas a recolheram afetuosamente e a esconderam nos bosques. No seu lugar, fizeram brotar um álamo a partir do solo. Junto a ele, fizeram jorrar uma fonte. Dríope foi transformada de mortal em ninfa.

Ânfisso, em honra do favor demonstrado para com a sua mãe, construiu um santuário para as ninfas e foi o primeiro a inaugurar uma corrida pedonal. Ainda hoje os locais conservam esta corrida. Não é piedoso para as jovens estarem aí presentes, porque duas raparigas disseram ao povo da região que Dríope havia sido arrebatada pelas ninfas. As ninfas ficaram irritadas⁴⁸² com isto e transformaram as jovens em pinheiros.

[Eis os desamores de Apolo em análise, donde vários tipos de metamorfose: enquanto disfarce teriomórfico de Apolo; irritação das ninfas.]

invenção de Hermes, Eratosth. 24; Hyg. *Astr.* 2.7; Philostr. *Im.* 1.10. Vd. West 1992.

⁴⁸² Cf. Ascábalo, #24.

33. ALCMENA

(Isto é narrado por Ferécides)

Depois de Hércules ter saído da vista da humanidade⁴⁸³, Euristeu afastou <os filhos> dele das terras do seu pai⁴⁸⁴ e ele próprio ficou a governá-las. Os Heraclidas⁴⁸⁵ fugiram ao encontro de Demofonte⁴⁸⁶, filho de Teseu, e viveram nas quatro cidades⁴⁸⁷ de Ática. Euristeu enviou um delegado a Atenas, ameaçando os Atenienses de guerra, caso não expulsassem os Heraclidas.

Os Atenienses não recusaram a guerra. Euristeu invadiu a Ática, depois de a linha de guerra ter sido estabelecida, ele próprio morreu em luta. A maior parte dos Argivos foram colocados em fuga. Morto Euristeu, Hilo, juntamente com os outros Heraclidas e os seus aliados, restabeleceram-se em Tebas. Nessa altura, Alcmena faleceu⁴⁸⁸ de proecta idade e os Heraclidas realizaram o seu funeral. Eles habitavam junto ao Portão de Eletra, onde Hércules levava a sua vida⁴⁸⁹. Zeus enviou Hermes, ordenando-o a subtrair o corpo de Alcmena e a levá-la para as Ilhas dos Bem-Aventurados⁴⁹⁰, dando-a como

⁴⁸³ Cf. Apollod. 2.7.7.

⁴⁸⁴ Argos.

⁴⁸⁵ Vd. E. *Heracl.*

⁴⁸⁶ Cf. Apollod. 2.8.1.

⁴⁸⁷ Cf. Τετράπολις, tradicional repartição anterior a Teseu, compreendendo: Maratona (Μαραθών), Probalinto (Προβάλινθος), Tricorito (Τρικόρυθος), Enoe (Οινόη).

⁴⁸⁸ Cf. Paus. 9.16.7, que nega a existência do túmulo de Alcmena em Tebas.

⁴⁸⁹ Cf. Paus. 9.11.1; Pi. I. 4.69.

⁴⁹⁰ Cf. #27. Cf. *Od.* 4.563-569.

esposa a Radamanto⁴⁹¹. Obedecendo, Hermes levou o corpo de Alcmena⁴⁹², deixando uma pedra⁴⁹³ no seu lugar, no caixão.

Quando os Heraclidas estavam a carregar a urna, acharam que estava demasiado pesada. Depositaram-na no chão e retiraram a tampa. Depararam-se com uma pedra em vez de Alcmena. Pegaram nela e colocaram-na no bosque onde se encontra o *heroon*⁴⁹⁴ de Alcmena, em Tebas.

[*Episódio que, a propósito de Alcmena, dá conta dos espaços dos mortos.*]

⁴⁹¹ Filho de Zeus (ou Hefesto, Paus. 8.53.2) e Europa. Imortal, era tradicionalmente reconhecido como ‘juiz dos mortos’, no Elísio (*Od.* 4.564, 7.323; *Pi. O.* 2.137; Apollod. 2.4.11, 3.1.2). Cf. Minos, seu irmão (*Il.* 14.322).

⁴⁹² Irmão de Minos (*Il.* 14.322), ficou nos Campos Elísios (Ἡλύσιον πέδιον) como juiz das almas. Cf. esposa de Radamanto e a atrocidade do corpo desnudado, na Antiguidade. Cf. Bonfante 1989. Vd. funerais de Iúlis; Lei dos Labiadas, Delfos, séc. V a.C., Ruperti 1841; Delphi. *Cippus* dos Labiadas, com prescrições religiosas, ca. 350 a.C., Roux 1973.

⁴⁹³ Vd. Paus. 9.11.1.

⁴⁹⁴ Várias são as versões relativas ao túmulo de Alcmena. Com efeito, *Plu. De genio Socratis* 5 alude às escavações no túmulo de Alcmena, cujas relíquias foram mandadas depositar em Esparta, por Agesilau. Cf. ἡρώων, ‘santuário de herói’.

34. ESMIRNA

[*Sic*]⁴⁹⁵

No Monte Lebanon⁴⁹⁶, Tias, filho de Belo e Oritia, uma das ninfas, possuía uma filha - Esmirna⁴⁹⁷. Devido à sua beleza, apareceram muitos pretendentes de diversas cidades. Ela concebeu múltiplas artimanhas para iludir os seus progenitores e adiar o dia da decisão, pois uma terrível luxúria pelo seu pai⁴⁹⁸ levava-a à loucura.

Primeiramente, ocultara esta 'febre'⁴⁹⁹ através da vergonha. Porém, porquanto a sua paixão a espicaçava, ela contou toda a história à sua ama Hipólita⁵⁰⁰, que prometeu arranjar-lhe um

⁴⁹⁵ [Isto é narrado por Ferécides] Cf. Ant. Lib. #30.

⁴⁹⁶ Na Fenícia. Todavia, Apollod. 3.4.4 refere Tias como rei dos Assírios.

⁴⁹⁷ Mirra. Cf. Ov. *Met.* 10.297-514; Hyg. *Fab.* 58; Opp. *H.* 3.404-405; Apollod. 3.14.4. Vd. Ov. *Met.* 10.435.

⁴⁹⁸ Cf. paixões perversas. Cf. Parth. Ἐρωτικά Παθήματα. Veja-se *Hybris*, Ov. *Met.* 10.524; Hyg. *Fab.* 58; Opp. *H.* 3.405.

⁴⁹⁹ Cf. loucura #21, 30. Vd. Alceu (fr. 283), VI a.C., sobre ἐκμαίνω, 'loucura' de Helena por Páris. Cf. Blundell 1995: 90.

⁵⁰⁰ Acerca da importância da ama, Estesícoro (vd. fr. 218 *PMG* / *schol. A. Ch.* 733) individualiza e destaca o funcionamento de uma personagem tradicionalmente votada ao anonimato e ao esquecimento - a ama. Ilustre-se o facto com a ama de Orestes - o poeta faz questão de atribuir-lhe um nome com especial significado e importância para a história de Esparta: Laodamia. Outros autores atribuem nomes distintos à ama de Orestes, ainda que, na maior parte dos casos, não se vislumbrem razões aparentes para as suas escolhas: Arsínoe para Píndaro (*P.* 11.17); Cilissa para Êsquilo (*Ch.* 731. Cf. *schol. A. Ch.* 733). Pausânias (10.9.5) menciona uma figura com essa denominação, filha do rei dos lacedemónios - Amiclas - e dá-a como mãe de Trifílio, herói arcadiano, epónimo dos Trifilianos, povo anexado pelos Espartanos no século VII a.C. Mediante esta versão mítica, as duas fações estariam unidas por laços familiares, uma vez que Trifílio era neto do rei dos Lacedemónios, Amiclas. A utilização de Laodamia por Estesícoro transforma a ama numa figura nacional encarregada de salvar Orestes, detalhe importante para

remédio para esta paixão desordenada. Ela dirigiu-se a Tias com a mensagem de que uma jovem de grandes famílias desejava deitar-se com ele, mas em segredo. Tias, sem suspeitar do que estava a tramar-se contra ele, aceitou a proposta. No breu da noite, aguardou pela rapariga na sua cama. Então a ama introduziu Esmirna, envergando as suas roupas. Durante um longo período de tempo, este procedimento vergonhoso e ilegítimo foi levado a cabo.

Quando Esmirna engravidou, Tias sentiu o desejo de saber quem era a mãe da sua criança. Escondeu uma luz no quarto e, quando Esmirna entrou, teve a sua identidade revelada quando a luz de repente a iluminou. Esmirna deu à luz a criança prematuramente. Ergueu os seus braços e pediu para não mais ser vista, nem entre os vivos, nem entre os mortos. Zeus metamorfoseou-a numa árvore chamada esmirna, a partir do seu nome. Conta-se que, todos os anos, da árvore brotam lágrimas através

o autor. Já Píndaro, que se dirigia a uma assistência tebana, e Ésquilo, a um público ateniense, não se viam certamente obrigados a explorar essa mesma opção. Contrariamente a Ésquilo, que dá um nome servil à ama, Píndaro opta por um nome heroico. O escoliasta de Píndaro assinala o facto, apresentando uma posição diversa - a de Ferécides, que designa a ama por Laodamia (*schol.* Pi. P. 11. 25: *de Orestis nutrice*: Φερεκύδης Λαοδάμειαν λέγων αὐτήν, τὸν ταύτης φησὶ παῖδα ἀνηρῆσθαι ὑπὸ Αἰγίσθου, νομιζόμενον Ὀρέστην εἶναι. τὸν δὲ Ὀρέστην ἐκκλαπέντα, εἶναι τριῶν ἐτῶν, ὡς Ἡρόδωρος ἐν Πελοπέϊα). Uma nota, em latim, de Sturz 1824: 210 refere ainda a substituição da figura da ama por uma personagem feminina fraternal - Eletra. Também o cuidado de Píndaro ao introduzir este nome na ode (P. 11. 17), perante uma assembleia que não teria conseguido identificá-la de imediato. Assim, Arsínoe surge entre a morte de Agamémnon e Clitemnestra, o que antecipava a sua ação, descrita apenas no verso seguinte. Vd. Lloyd-Jones 1970: 124. De facto, não é meramente casual que se anteceda a colocação das duas hipóteses da funcionalidade de uma ama, cuja importância na ação justificava que se individualizasse com um nome próprio e que se aproveitasse como uma aliada e uma figura quase-materna de substituição, o que serve ao engrandecimento de Orestes, como um vencedor heroico e, acima de tudo, um homem com missão, digno de colocar-se num epinício.

da madeira, como seu fruto. Tias, pai de Esmirna, suicidou-se por este comportamento ilegítimo. Por vontade de Zeus, a criança cresceu e chamou-se Adónis⁵⁰¹. Afrodite ficou deveras apaixonada por ele, devido à sua beleza.

[*Episódio sobre amores irregulares (incesto), a importância da ama e do segredo.*]

⁵⁰¹ Cf. ὠδωνις; crase de ὁ Ἄδωνις, ‘favorito’, designadamente de Afrodite (Apollod. 1.3.2; Tz. *ad Lyc.* 831) e de Perséfone. Vd. Apollod. 1.9.11-12.

35. OS BOIADEIROS

(Menécrates de Xanto conta esta história, em *Lyciaca*⁵⁰², tal como Nicandro)⁵⁰³

Leto⁵⁰⁴, depois de dar à luz Apolo e Ártemis, na ilha de As-téria⁵⁰⁵, foi para a Lícia, levando os seus filhos consigo, para os banhos públicos de Xanto. Assim que chegou à região, encontrou a fonte de Mélite⁵⁰⁶ e teve o desejo ardente de banhar aí os seus filhos⁵⁰⁷, antes de seguir para Xanto⁵⁰⁸. Porém, alguns boiadeiros afastaram-na, pois pretendiam que o seu gado bebesse dessa fonte. Leto foi-se embora e deixou Mélite⁵⁰⁹. Apareceram lobos ao seu encontro, a abanar as suas caudas⁵¹⁰, seguindo à sua frente, guiando-a até ao Rio Xanto.

Ela bebeu água, banhou as crianças; consagrou o Xanto a

⁵⁰² Vd. Menecr. Xanth. fr. 2

⁵⁰³ Cf. Ov. *Met.* 6.339-381; Prob. *ad Verg G.* 1.378.

⁵⁰⁴ Versão de Ov. *Met.* 6.313-381 e não Ceres ou Deméter, como outros autores. Cf pormenores diferentes de Antonino Liberal. Ovídio acentua, no episódio, a sede de Leto e não tanto o desejo de banhar os filhos. Vd. Pestalozza 1949; Bryce 1983; Bryce – Zahle 1986.

⁵⁰⁵ Nome antigo da ilha de Delos, juntamente com Ortígia, ‘ilha da codorniz’ (Str. 14.1.20), antes do nascimento de Apolo e Ártemis. Cf. inscrição do século II *TAM II.174* cols. B-C - dá conta do nascimento de Ártemis e Apolo em locais como Araxa (cf. Polycharm.). Vd. Outrossim, Pinara, Sidima (Lícia), Lopta. Sobre Leto, na Lícia, vd. Serv. *G.* 1.378. Cf. Hinge 2013: 152; Bryce – Zahle 1986.

⁵⁰⁶ Cf. raiz μελιτ- (‘mel’).

⁵⁰⁷ Cf., similarmente, segundo Call. *Juv.* 10-16, Reia procurou uma fonte, na montanha Parrásia, para lavar Zeus e o seu próprio corpo, da poluição do parto.

⁵⁰⁸ Maior cidade da Lícia (Str. 14.3.6).

⁵⁰⁹ Cf. Leto, afastada do céu e da terra, Arist. *HA* 6.35 (580a18).

⁵¹⁰ Amizade. Cf. *Od.* 17.302; A. R. 1.1145; Ov. *Met.* 14.258. A hostilidade na receção de uma divindade grega poderá denunciar o processo de aculturação e novas divindades pelos autóctones. No reverso, St. Byz. 622, no século V/VI, recordará uma cidade da Lícia - Siessa (Syessa), que dá acolhimento a Leto.

Apolo e renomeou a região até à altura chamada Tremilis, de Lícia⁵¹¹, a partir dos lobos⁵¹² que a haviam conduzido. Depois, regressou à fonte para aplicar um castigo aos pastores que a tinham afugentado. Eles encontravam-se então ainda a lavar o seu gado junto à fonte. Leto metamorfoseou-os todos em rãs, cujos dorsos e ombros golpeou com uma pedra. Atirando-os todos à fonte, fê-los viver sempre na água. Até ao presente, continuam a coaxar em rios e em lagoas.

[*História que apresenta a metamorfose como castigo perante um ato de insolência num episódio de disfarce divino.*]

⁵¹¹ Vd. Λυκία, ‘Terra do Lobo’. Cf. Λύκος, ‘lobo’. Sobre o monte, Paus. 8.38.4; Serv. *ad Verg. G.* 1.16; Verg. *A.* 8.344. No século I a.C., Alex. Polyh. *FGrHist* 273F refere que a alteração do nome de *Tremelis* para Lícios ficou a dever-se a Belerofonte. Vd. Megrelis 2013.

⁵¹² Cf. *Il.* 4.101; Arist. HA 580a15-19; Ael. NA 10.26. Vd. lobo, animal consagrado a Apolo (Apolo Λυκαίος/Λυκειός, e.g. *A. Ag.* 1257; *Pi. P.* 1.39; *Prop.* 3.1.38; *Verg. A.* 4.143, 346, 377; Paus. 2.9.7, 19.3. Cf. Apolo, ‘matador de lobos’, Paus. 2.9.7, 19.3; Philostr. *Her.* 10.4. Cf. Serv. *ad A.* 4.377).

36. PANDÁREO

[*Sic*]⁵¹³

Quando Reia, por receio de Cronos, escondeu Zeus numa caverna⁵¹⁴ de Creta, uma cabra⁵¹⁵ ofereceu-lhe o úbere e alimentou-o. Por vontade de Reia, um cão dourado⁵¹⁶ guardava a cabra.

Após Zeus ter afastado os Titãs⁵¹⁷ e ter privado Cronos do poder⁵¹⁸, tornou a cabra imortal. Existe até hoje uma imagem

⁵¹³ [Menécrates de Xanto conta esta história em *Lyciaca*, tal como Nicandro]. Cf. D.S. 3.68, 70; A.R. 4.1129-1134.

⁵¹⁴ Cf. Ant. Lib. #19.

⁵¹⁵ Ama de Zeus, em Creta. Ninfa, filha de Melisseu, irmã de Melissa (Ov. *Fast.* 5.115; Hyg. *Fab.* 139; Lact. *Div. Inst.* 1.22.19; *schol.* Aratus *Phaenomena*

156. Vd. Arat. 163. Vd. Amalteia, acerca do nascimento tradicional de Zeus no Monte Parrásio (Call. *Juv.* 7, 10), ou o Monte Liceo/Cretea (Paus. 8.38.1). Inicialmente alimentado com leite da cabra Amalteia e com mel (Apollod. 1.1.6; Call. *Juv.* 49; Ath. 11.70).

⁵¹⁶ Vd. Ant. Lib. #41. Acerca do cão, vd. *schol.* Pi. O. 1.91a.

⁵¹⁷ Titãs filhos do Céu e da Terra, Hes. *Th.* 132 sq.

⁵¹⁸ O rochedo no mito de Tântalo remete igualmente para a sua identificação com Sísifo, a empurrar o disco solar pela encosta do Céu. Ciente de tal reconhecimento, *schol.* Pi. O. 1.91, 97 procede, ainda assim, à sua racionalização, afirmando que a pedra representa o Sol, uma massa incandescente, simultaneamente pedra e divindade, como afirmara Anaxágoras, e entendendo Tântalo como um filósofo natural, um físico, um titã solar e um rei do bosque, cujo culto foi trazido para a Grécia através de Creta (note-se que Pandáreo, presente na versão que refere o cão de Zeus, era cretense). Eust. *Od.* 1700.60 sq. contempla uma história similar, cuja versão é uma tentativa de clarificar o escólio pindárico. No mesmo âmbito, Diógenes Laércio identifica o crime de Tântalo com as crenças 'ímpias' de Anaxágoras e refere ainda que Eurípides terá sido o primeiro a atribuir a causa dos suplícios de Tântalo à posse de "uma língua incontrolada" - ἀκόλαστος γλῶσσα (cf. D.L. 2.3.8). Vd. Lévêque 1959: 16-17; Gerber 1982; Scodel 1984; Cleve 1973: 60-68, no tratamento da cosmologia de Anaxágoras, particularmente na sua rejeição de Écio 2.13.3. Vd. Troca Pereira 2013.

dela entre as estrelas. Ordenou o cão de ouro que guardasse esse local sagrado em Creta. Pandáreo⁵¹⁹, filho de Mérops, roubou o cão e levou-o para o Monte Sípilo⁵²⁰. Deu-o a Tântalo, filho de Zeus e Pluto, para que o guardasse.

Passado algum tempo, Pandáreo dirigiu-se ao Monte Sípilo e pediu o cão de volta. Tântalo⁵²¹ jurou⁵²² que nunca o recebera. Para castigá-lo pelo roubo, Zeus transformou Pandáreo numa rocha⁵²³, onde se colocou. Quanto a Tântalo, por não fazer jus ao seu juramento⁵²⁴, fulminou-o com um

⁵¹⁹ Nome recorrente. Vd. #11, pai de Aédon; *Od.* 20.66 sq., pai de duas filhas, uma delas, Mérops; Paus. 10.30.1, pintura de Polignoto, na Fócida.

⁵²⁰ Cf. Str. 10.3.12, na Frígia, terra que honrava Reia.

⁵²¹ Rei de Sípilo, na Lídia. Para certos autores, Tântalo seria descendente de Pluto e Tmolo da Lídia (pai biológico ou quiçá somente putativo), o que justificaria, à partida, a tendência desafiadora do divino exercida por Tântalo. Cf. *schol.* E. Or. 5; Clem. Al. *Strom.*10. Vd. Karavites 1999: 23. Vd. os epítetos aplicados à região fértil que governava, de acordo com Plb. 4.45.7: ἔχοντες γὰρ χώραν γενναιοτάτην, “possuindo terras muito férteis”. Vd. Pl. *Euthphr.* 11e: τὰ Ταντάλου χρήματα; Isoc. *Ep.* 5.144: τὸν Ταντάλου πλοῦτον; Str. 14.5.28: ὁ μὲν Ταντάλου πλοῦτος. A pena da inacessibilidade à água e aos frutos em que Tântalo incorre deverá analisar-se tendo por base o castigo que os retóricos usavam como alegoria do destino dos ricos e sovinas. Aliás, no mesmo sentido, Isoc. *Ep.*1.50 retrata Tântalo pela sua avareza irônica, pois, embora filho de Zeus, será um eterno faminto; e enquanto paradigma do transgressor, o inverso de Hércules, na sua opinião punido merecidamente. O estudo de Welcker 1856 explica a origem do provérbio Ταντάλου τράπεζα, a partir da insane ambição, imodéstia e ingratidão de Tântalo, que provocaram o castigo imputado por Júpiter, donde a sua misérrima condição. Cf. Ath. 6.18 (230e), a propósito da *prouverbialia dictio*: ὁ Ταντάλου | μαλακὸς ταλάνοις ἔκταλαντωθεὶς ἀνὴρ.

⁵²² Cf. *schol.* *Od.* 19.518; *schol.* Pi. O. 1.91a.

⁵²³ Cf. paralelo com Níobe, no Monte Sípilo. Vd. Paus. 1.21.3, Pi. O. 1.49 sq., com diferente castigo.

⁵²⁴ Cf. faltas de Tântalo e potencialidade genética dos descendentes para o ‘crime’. Tântalo assume-se como uma figura primordial, um exemplo de ascensão e ruína. A tradição começa por lembrar Tântalo como fruto de um relacionamento extraconjugal de Zeus com Pluto. Pela sua proveniência materna, que simboliza a riqueza, Tântalo surge como

manifestação de poder (cf. A. fr. 154a Radt: Ταντάλου βία), fortuna e boa sorte, o que lhe merece o qualificativo de μακάριος (cf. E. Or. 4). Contudo, torna-se igualmente padrão de queda e de ruína da raça humana. Para tal teriam contribuído a perda/má administração das regalias de que era detentor (Pi. O. 1.55-58), as consequentes penas divinas a que fora sujeito, além do espírito enganador e traiçoeiro face às divindades, uma constante entre os vários atos dignos de reprovação que as diversas fontes literárias atribuem a Tântalo. Ora, Tântalo parte de um estado privilegiado de elevação, pois, na medida em que se trata de um descendente de Zeus, goza do convívio divino e alimenta-se à sua mesa, num ambiente pleno de alegria e espiritualização, rico de elementos sublimes, que lhe haviam assegurado a imortalidade: néctar e ambrosia (Pi. O. 1.54-55: εἰ δὲ δὴ τιν' ἄνδρα θνατὸν Ὀλύμπου σκοποὶ | ἐτίμασαν, ἦν Τάνταλος οὗτος, “se de facto os guardiães do Olimpo honraram um homem mortal, ele foi Tântalo”). Todavia, Tântalo não se contentou em privar da companhia divina e, cheio de um empolgamento meramente fictício – vaidade, inicia um percurso descendente. Esquecido das limitações do seu estatuto mortal, começa a desejar o mesmo que os deuses tinham e a emular a sua condição (deificação), donde o convite para um repasto entre os Olímpicos, com o serviço do mais hediondo dos manjares terrenos: a ‘carne de seu filho’, alegadamente para testar a amplitude dos conhecimentos divinos (Apollod. *Epit.* 2.3). Em suma, a julgar pelo exposto, o castigo pelo perjúrio, insolência e infanticídio (cf. Pl. *Hp. Ma.* 293b) traduzir-se-ia num suplício eterno, no Hades, onde, não obstante rodeado de comida e de bebida, Tântalo não conseguia desfrutar de tais prazeres, por forma a satisfazer as suas necessidades primárias. Esses castigos expressariam, então, uma experiência mística, na medida em que, impossibilitado de concretizar os seus desejos físicos, nada mais lhe restaria do que a sua contemplação. Vários são os autores gregos e latinos da Antiguidade que aludem à água e aos frutos que circundavam Tântalo, faminto e sequioso, sem que pudesse saboreá-los. Notem-se, na literatura grega, *Od.* 11.582-592 (*Nekuia*); Apollod. *Epit.* 2.1; Luc. *DMort.* 17 Hemsterhusii-Reitzii; *Nostoi* fr. 4 PEG; Claudian. 2.326. Essa versão popular do mito de Tântalo registou uma notória longevidade, embora objeto de algumas modificações, como a de Fulg. 2.15, onde se vislumbra que Tântalo conseguia tocar em alguns frutos, que logo se tornavam em cinzas; e 3.5, reportando-se a uma lição desconhecida de Eurípidés, *Eletra*, quando refere *Euripides consimilans Tantalum Ioui in tragoedia Electrae ait*: ὁ γὰρ μακάριος, κοῦκ ὀνειδίζω τύχας, | Διὸς πεφυκῶς ὡς λέγουσι Τάνταλος | κορυφῆς ὑ<περ> ..., “Eurípidés, comparando Tântalo a Júpiter afirma: ‘Outrora o feliz Tântalo, embora eu não troce da sua sorte, considerou-se igual a Zeus’”. Além dos suplícios tradicionais com que Tântalo fora penalizado, Píndaro (*O.1.57*) contempla o de

raio⁵²⁵ e depositou o Monte Sípilo sobre a sua cabeça⁵²⁶.

um rochedo (cf. *schol.* Pi. O. 1.56, 97) que lhe pendia sobre a cabeça, punitivo do ato de cleptomania e indiscrição. Esse elemento de extensão simbólica fora considerado na obra de diversos autores líricos anteriores a Píndaro, depois de introduzido por Arquíloco, no século VII a.C.: Μηδ' ὁ Ταντάλου λίθος | τῆσδ' ὑπὲρ νήσου κρεμάσθω, “Que o rochedo de Tântalo não penda sobre esta ilha” (fr.45 Liebel).

⁵²⁵ Várias figuras mitológicas, como Titãs. Vd. Apolo, face a Faéton.

⁵²⁶ De facto, além dos suplícios tradicionais com que Tântalo fora penalizado, vários autores contemplam o de um rochedo que lhe pendia sobre a cabeça, punitivo do ato de cleptomania e indiscrição. Vd. Archil. fr.45 Liebel. Cf. Pi. O. 1.57; *schol.* Pi. O. 1.56, 97). Vd. Alc. fr. 79 PMG (Cf. Alc. fr. 367 PMG; *schol.* Pi. O. 1.91a, 1.37 sq.): [ἄταν ... ἄν οἱ πατήρ ὑπὲρ | κρέμασε κάρτερον αὐτῷ (Ταντάλω) λίθον] Ἄλκαϊος δὲ καὶ Ἄλκμαν λίθον φασὶν ἐπαιρεῖσθαι τῷ Ταντάλω· ὁ μὲν Ἄλκαϊος ..., ὁ δὲ Ἄλκμαν οὕτως· ἀνὴρ δ' ἐν ἀρμένοισιν | ἀλιτηρὸς ἦσ' ἐπὶ θάκας καταπέτρας | ὀρέων μὲν οὐδὲν δοκέων δέ. “[uma desgraça que o seu pai colocou sobre si – uma grande pedra]: Alceu e Álcman dizem que um rochedo pendia sobre Tântalo]: Alceu desta forma e Álcman assim: Ele sentou-se, um homem mau entre coisas agradáveis, sob um assento com um rochedo pairante, julgando ter visto, mas não vendo”; Alc. fr. 365 L.-P. (*schol.* Pi. O. 1.91): κεῖται πὲρ κεφάλας μέγας, ὦ Αἰσιμίδα, λίθος, “sobre a cabeça de Tântalo, ὁ Esimida, pende uma grande pedra.”; Pherecyd. 3F38. Note-se, a respeito do último verso de Álcman, que parece apontar para a conclusão de que os alimentos seriam um fantasma, Eust. *Od.* 1701.23. Vd., a propósito, Welcker 1856: 37-49, que, partindo de Paus. 10.31 e de Ath. 7.14 (281), sobre informação obtida a partir de *Nostis*, refere ser possível afirmar que o motivo da pedra suspensa sobre a cabeça de Tântalo aplicar-se-ia a uma representação análoga (*non ipsum Tantalii lapidem, sed Tantaleo similem intelligit*). Este elemento, por um lado, acercaria a figura de outras personagens mitológicas, como Atlas (cf. a ligação familiar de Tântalo a Atlas, em virtude do seu casamento com Dione, filha deste último. A propósito, a interpretação do nome de Tântalo, registada por Pl. *Cra.* 395d-e, fazendo-o derivar de *talantatos* (‘o mais desgraçado’), a partir da raiz *tla-*: ὥσπερ ἄν εἶ τις βουλόμενος τάλαντατον ὀνομάσαι ἀποκρυπτόμενος ὀνομάσειε καὶ εἴποι ἀντ' ἐκείνου ‘Τάνταλον’, “como se alguém que pretendesse designá-lo como o mais miserável disfarçasse o nome e dissesse antes ‘Tântalo’”), e Sísifo (Pl. *Grg.* 525e); por outro, expressaria uma vertente racionalizadora, próxima de referências de cariz geográfico, social e também das teorias cosmogónicas de Empédocles e, sobretudo, de Anaxágoras. Com efeito, Tântalo governava uma região do monte Sípilo (Tântalis. Vd. *talanteu-esthai*: “inclinara para o lado, balancear”, Pl. *Cra.* 395d-e. Cf. Mimn. 5.6 West; Thgn. 205-206, 1022. Poderia, assim, reportar a periculosidade da

[*Pandáreo rouba o cão de ouro destinado a guardar a cabra Amalteia. Episódio tradicional que regista o carácter doloso e o castigo de Tântalo.*]

localização de Tântalis, sob o Monte Sípilo, onde, em termos mitológicos, Zeus, mesmo antes da sua descida ao Hades, o soterrara, conforme apresentado na tragédia perdida de Sófocles, **Tântalo*), uma zona afetada por abalos terrestres e consequentes inundações. A 'pedra' de Tântalo constituiria, deste modo, não apenas uma representação da sua cidade, assolada por um terramoto devastador, mas também uma metáfora para o perigo e a instabilidade face ao destino, tornando-se um motivo utilizado por vários autores. Havia, para além do medo sentido pelos Gregos quanto a perigos de derrocadas e ao receio da queda de corpos celestes, também, em termos sociais, o temor da queda política e igualmente da *lapidatio*, por ofensas religiosas e (ou) à comunidade. Ora, o mito de Tântalo constituía uma expressão metafórica de perigo e medo (Archil. fr. 91 West), face ao destino ou até perante a queda de um meteorito perto de Egospotami, em 467 a.C (cf Anaxágoras, ao adotar a teoria de Anaxímenes, que dizia que a terra estava suspensa e suportava o μετέωρον. Neste enquadramento, Tântalo representaria a Terra. Note-se, a propósito, o provérbio já conhecido no tempo de Anacreonte: τὰ Ταντάλου τάλαντα τανταλίζεται). Autores há, outrossim, que estabelecem paralelos entre a figura de Tântalo e eventos sociais. Note-se fr. 91 West; Alc. fr. 365 L-P.; Simon. fr. 520 *PMG*; Hdt. 9.33.5 (δείματος μεγάλου ἐπικρεμαμένου); Pi. I. 8.9-12; Th. 1.18.2, a propósito da aproximação do mito de Tântalo à invasão de Xerxes e à derrota dos Persas na sua partida da Grécia. Com efeito, os Persas corresponderiam metaforicamente à *pedra* de Tântalo sobre a Grécia. Verifique-se, de igual forma, a sua aproximação a Dâmocles e Arquitas, na literatura latina (Hor. S. 1.1.68-70, *Carm.* 1.28, 3.1.17-21). Vd. Monro 1884: 37; Keuls 1980.

37. OS DÓRIOS

[*Sic*]⁵²⁷

Após a tomada de Troia, Diomedes⁵²⁸ chegou a Argos e censurou a sua esposa Egíale pelo seu comportamento⁵²⁹ quando estava influenciada por Afrodite. Dirigiu-se a Cálidon⁵³⁰, na Etólia, onde matou Ágrio e os seus filhos. Entregou o governo da região ao seu avô Eneu⁵³¹. Depois, navegou rumo a Argos, contudo foi desviado pelo Mar Iónico, devido a uma tempestade⁵³². Quando Dáunio⁵³³, rei dos Dáunios viu quem tinha chegado⁵³⁴, solicitou a sua ajuda para lutar contra os Messápios⁵³⁵, por um pedaço de terra e pela mão da sua filha⁵³⁶.

Diomedes concordou com a proposta, organizou os seus homens e derrotou os Messápios⁵³⁷. Tomou a sua terra, que atri-

⁵²⁷ [Menécrates de Xanto conta esta história em *Lyciaca*, tal como Nicandro]. Cf. *Ov. Met.* 14.458-511, sobre os companheiros de Diomedes.

⁵²⁸ Cf. profecia de Cassandra, *Ov. Met.* 14.457-513, *Verg. A.* 11.225-295. Filho de Tideu de Cálidon, não era Argivo.

⁵²⁹ Infidelidades. *Eust. ad Il.* 5.412; *D.P.* 483. Último amante - Cometeu (filho de Esténelo, inimigo de Diomedes). Cf. *Verg. A.* 11.268; *Ov. Met.* 14.476; *schol. Th.* 1.12. Sobre o exílio de Diomedes, *Paus.* 2.25.2 (Eneu acompanhou Diomedes no seu exílio).

⁵³⁰ Expedição punitiva de Diomedes a Cálidon (entre passagens por Argos e Itália), apenas referida por Antonino Liberal.

⁵³¹ Vd. *E. *Oeneus*, obra perdida. Cf. *Paus.* 2.25.2; *Díctis* 6.2; *schol. Ar. Ach.* 417; *Apollod.* 1.8.6. Diomedes entrega o reino a Andremon, genro de Eneu.

⁵³² Manuscrito interrompe em *ἐπει δὲ παραγενόμενον* (fl. 206v), até c. #39 (*πλεῖστα δῶρα πέμψας*, fl. 207r). Segue-se ed. 1568, de Xilandro.

⁵³³ Cf. *Str.* 5.1.9. Vd. *Ant. Lib.* #31.

⁵³⁴ Vd. Bérard 1941. Cf. estabelecimento dos Ilírios antes dos Gregos em Itália, vd. *Ant. Lib.* #31.

⁵³⁵ Cf. *Ov. Met.* 14.512-526, sobre Messapo.

⁵³⁶ Cf. *Ov. Met.* 14.457, 510, *Fast.* 4.76; *Plin. HN* 2.103. Motivo folclórico de promessa de parte do reino. Cf. *Il.* 6.191; *Apollod.* 3.13.1.

⁵³⁷ Etólios contra Messápios, *Just.* 12.2.

buiu aos Dórios, seus seguidores. A filha de Dáunio⁵³⁸ deu-lhe dois filhos, Diomedes e Anfínome.

Ele morreu de velhice⁵³⁹, nas terras dos Dáunios e os Dórios sepultaram-no com honras, na ilha que denominavam Diomedía⁵⁴⁰, a partir dele. Eles cultivavam as terras que lhes tinham sido dadas, juntando às que pertenciam ao rei. Trouxe-lhes muito proveito, em virtude da sua experiência na agricultura.

Após a morte de Dáunio, os bárbaros Ilíros cobiçaram as suas terras e conspiraram contra eles. Os Ilírios apareceram subitamente na ilha e chacinaram todos os Dórios, quando estavam a oferecer sacrifícios. Por vontade de Zeus, os corpos dos Gregos desapareceram e as suas almas metamorfosearam-se em aves⁵⁴¹.

⁵³⁸ Evipe.

⁵³⁹ Cf. Mimn fr. 22; Tim. *FGrHist.* 566 F 53; Str. 6.3.9.

⁵⁴⁰ Ilha de Diomedes. *schol.* Pi. N. 10.12; Theoph. 4.5.6; Lyc. 1063; Ael. *NA* 1.1; Plin. *HN* 12.6: Cf. Costa Iliriana (Scymn. 431).

⁵⁴¹ Cf. aproveitamento da concepção bipartida do corpo humano, detentor de alma (ψυχή) e corpo (σῶμα). Embora a raça humana fosse conotada como sendo mortal, verificava-se já em Homero, muito antes das reflexões de Platão e Aristóteles sobre o assunto, a distinção entre duas áreas, cuja união se dissolvia por altura da morte: a de um corpo perecível e a de uma alma imortal (e. g. *Il.* 9.322. Vd. *Il.* 11.569. Cf. Pl. *R.* 608d, *Phd.*; Arist. *De An.* 403a3-25.). Uma vetusta tradição órfica permite entender a morte humana como um processo repetido. Neste sentido, após uma primeira morte física, a alma deveria retornar à terra por mais duas vezes (Pi. *O.* 2.68). Por fim, Perséfone liberta-a do παλαιόν πένθος (cf. Orph. *H.* 37: Τιτῆνες [...], ἡμετέρων πρόγονοι πατέρων, “Titás [...], antepassados dos nossos pais”). Encontrava-se então, já purificada, aberta a via de uma encarnação enquanto rei, herói ou sábio. Nessa lógica, conforme aponta Platão, após ‘várias vivências, a alma, porquanto imortal’ (*Men.* 81b: ἄτε οὖν ἡ ψυχή ἀθάνατός τε οὖσα καὶ πολλάκις γεγонуῖα, “considerando que a alma é imortal e que nasceu muitas vezes”), alcançaria o grau de purificação plena, remontando às Essências originais (cf. Pl. *Men.* 81b: ὥστε οὐδὲν θαυμαστὸν καὶ περὶ ἀρετῆς καὶ περὶ ἄλλων οἶόν τ’ εἶναι αὐτὴν ἀναμνησθῆναι, ἃ γε καὶ πρότερον ἠπίστατο, “consequir relembrar o que outrora conhecia, acerca da virtude e de outras questões”). Considere-se uma certa relação entre a

Ainda hoje, sempre que uma embarcação dos Gregos chega ao porto, estas aves aproximam-se deles, mas afastam-se⁵⁴² de um navio Ilírio e desaparecem todos da ilha.

[*Episódio sobre os seguidores de Diomedes, após a sua morte.*]

iniciação dionisíaca e o culto órfico, bem como o pressuposto pitagórico da transmigração (cf. Hdt. 4.79; D.S. 5.75.4).

⁵⁴² Cf. Arist. *Mir.* 79; Ael. *NA* 11.5 (cães), 10.49 (serpentes), 11.7 (corvos), 16.24 (cavalos).

38. LOBO

(Nicandro conta esta história, no primeiro livro das suas *Metamorfoses*)⁵⁴³

Éaco, filho de Zeus e de Egina, filha de Asopo, teve os seguintes filhos: Télamon, Peleu⁵⁴⁴ e ainda um terceiro, Foco⁵⁴⁵, nascido de Psâmata⁵⁴⁶, descendente de Nereu. Éaco era deveras afeiçoado a este terceiro filho, porque era garboso e valoroso⁵⁴⁷.

Peleu e Télamon invejaram-no e mataram-no em segredo⁵⁴⁸. Por este motivo, Éaco expulsou-os e eles deixaram a ilha de Egina. Télamon permaneceu na ilha de Sálamis e Peleu foi ao encontro de Eurítion⁵⁴⁹, filho de Iro⁵⁵⁰. Pediu e recebeu da parte dele purificação pelo assassinato⁵⁵¹. Mais tarde, enquanto caçava, apontou para um javali⁵⁵² e, sem intenção⁵⁵³, matou Eurítion.

De novo fugitivo⁵⁵⁴, procurou Acasto. <Caluniado> pelo comportamento amoroso da esposa⁵⁵⁵ deste último, é abando-

⁵⁴³ Cf. Ov. *Met.* 7.471-865, 11.217-409, 266-409. Vd. Lyc. 901.

⁵⁴⁴ Filho de Endeis, filha de Quíron (Apollod. 3.12.6).

⁵⁴⁵ Vd. Paus. 2.2.3, 10.1.1, 10.30.4, pintura.

⁵⁴⁶ Irmã de Tétis, metamorfoseada de várias formas (e.g. foca, para fugir a Éaco), tal como Tétis.

⁵⁴⁷ Vd. o ideal clássico de καλοκάγαθία (καλός και αγαθός), preconizando uma correspondência entre beleza física e valor.

⁵⁴⁸ D.S. 4.72.6.

⁵⁴⁹ Cf. Apollod. 3.13.1. Cf. Tz. *ad Lyc.* 175 (hóspede fora Êurito, filho de Actor); Eust. *Il.* 2.684 (foi Actor).

⁵⁵⁰ Filho de Actor. Cf. A.R. 1.72.

⁵⁵¹ Ov. *Met.* 11.409; *Fast.* 2.40, sobre a purificação pela morte de Foco dada por Acasto.

⁵⁵² Cf. Apollod. 3.13.2. Vd. Ant. Lib. #2

⁵⁵³ Cf. *topos* ἀκούσιος φόνος, 'homicídio involuntário'. Vd. lançamento do disco: Perseu/Acrísio; Óxios/Térmios; Apolo/Jacinto.

⁵⁵⁴ Motivo da peregrinação do herói.

⁵⁵⁵ Apollod. 3.13.3 - Astidamia; outros, Hipólite, (Hipólita Creteia); Pi. *N.* 4.57, 5.25; Creteia, filha de Hipólita, *schol.* Pi. *N.* 4.54, 59. Na versão de *schol.* Ar. *Nu.* 1063, primeiro Hipólita, depois Astidamia. Sobre

nado sozinho no Monte Pélion⁵⁵⁶. Nas suas deambulações, encontrou o centauro Quíron; procurou a sua ajuda e foi recebido na sua gruta.

Então Peleu reuniu muitos carneiros e gado e conduziu-os até Iro como pagamento de sangue pela morte. Iro não aceitaria este preço, pelo que Peleu os afastou e libertou, em conformidade com o oráculo da divindade.

Porém, um lobo⁵⁵⁷, atacando os animais sem guarda de pastores, devorou-os. Por vontade divina, este lobo foi transformado numa rocha, que permaneceu por longo tempo entre Lócride⁵⁵⁸ e a região dos Fócios⁵⁵⁹.

[Peleu mata o seu irmão e o filho de Iro. O lobo que se alimentava do gado é apresentado como compensação, mas surge metamorfoseado em pedra.]

amores adúlteros: cf. Estenebeia/Belerofonte (*Il.* 6.156); Fedra/Hipólito; Clebeia/Anteu (*Parth.* 14); Hipodamia/Mirtilo (*schol. Il.* 2.104); Clítia (Ftia)/Fénix. Importava, pois, que a mulher conseguisse dominar o desejo sexual, já que o adultério feminino representava um perigo para os esposos, com reflexos patrimoniais e sociais (E. frs. 463, 464 *Kannicht*). O comportamento impudico afetaria todo o *oikos*, desde o esposo traído, aos filhos gerados. Os homens deveriam ter, por isso, cuidado em atender às necessidades femininas, não criando espaço para infidelidades, como a de Helena (e.g. *Ov. Ars* 2.369-370), figura semidivina; mas também, na esfera celestial, a exemplo de Afrodite. Evidenciavam práticas de igual modo reprováveis, não bastando a desmesura, contrariamente à contenção e reserva que delas se esperavam. Vd. *Cokayne* 2003: 144, 341. Existiam, pois, casos de jovens e de *matronae* que refletiam uma *furiosa libido*, num desrespeito impiedoso para com a esfera de Hera, não contendo desejos libidinosos e pouco recado (e.g. *Ov. Am.* 1.5.17-20). Era assim o adultério (cf., no âmbito latino, *Petron.* 45.7; *Juv.* 10.316; *Hor. S.* 2.7.58-63), com múltiplas variações no relacionamento sexual, condenáveis, quer partissem de iniciativa masculina, quer feminina.

⁵⁵⁶ Norte de Iolco.

⁵⁵⁷ Vd. *Ov. Met.* 11.217-409; *Hdt.* 9.93; *Cónon* 30.

⁵⁵⁸ *Str.* 9.3.

⁵⁵⁹ Cf. *Foco* e os Fócios, *Paus.* 10.1.1.

39. ARCEOFONTE

(Hermesíanax relata isto, no segundo livro de *Leônicio*)

Arceofonte⁵⁶⁰, filho de Miníides, natural da cidade de Sálamis, em Chipre, não descendeu de uma família distinta (com efeito, provinham da Fenícia), mas eram preeminentes em termos de riqueza e de todos os tipos de prosperidade. Quando viu a filha de Nicocreonte, rei de Sálamis, apaixonou-se por ela.

A família de Nicocreonte descendia de Teucro, que auxiliara Agamémnon na tomada de Troia. Por esta razão, Arceofonte desejava⁵⁶¹ mais ainda desposar a jovem e prometeu trazer muitas ofertas, superiores a todos os outros pretendentes. Nicocreonte recusou a proposta, porquanto a família de Arceofonte era ignóbil, já que os seus antepassados eram Fenícios. A paixão atormentou ainda mais Arceofonte, ao ver logradas as suas pretensões de matrimónio. De noite, dirigia-se até à casa de Arsínoe e permanecia aí durante a noite, juntamente com companheiros da mesma idade. Como tal comportamento não surtiu efeito, persuade a ama dela e, após ter enviado numerosos presentes, tenta seduzi-la, de modo a poder relacionar-se com ele às escondidas dos pais.

Depois de a ama ter comunicado esta proposta, a jovem denunciou-a aos seus pais. Eles cortaram a extremidade da língua, o nariz e também os dedos da ama. Após esta mutilação, expulsaram-na, sem piedade, do palácio. Esta atitude enfureceu a deusa.

Arceofonte, devido à sua extrema angústia pela forma como o seu casamento fora desprezado, morreu voluntariamente

⁵⁶⁰ Ov. *Met.* 14.698-764.

⁵⁶¹ Cf. Narciso, Ant. Lib. #24.

à fome. Os seus concidadãos sentiram pena pela sua morte e prantearam-no. Ao terceiro dia, os seus parentes expuseram o seu cadáver. Quando se preparavam para levar a cabo os últimos ritos, Arsínoe sentiu uma vontade arrogante de inclinar⁵⁶² o seu corpo pela janela, por forma a ver o corpo de Arceofonte a ser incinerado. E, enquanto contemplava, Afrodite, abominando o carácter dela, mudou a sua forma humana para uma rocha⁵⁶³, com os seus pés enterrados no solo⁵⁶⁴.

[Episódio tradicional de insolência amorosa e suicídio.]

⁵⁶² Cf. Ar. *Pax* 979-984, *Th.* 797 sq., Theoc. 3.6.

⁵⁶³ Cf. Macar. 6, Apostol. 5.93, Zen. 3.32.

⁵⁶⁴ Vd. Bato, #23.

40. BRITOMÁRTIS⁵⁶⁵

Cassiopeia, filha de Árabo e Fénix, filho de Agenor, tiveram uma descendente - Carne⁵⁶⁶. Zeus manteve relações sexuais com ela e concebeu Britomártis⁵⁶⁷, que evitou a companhia de seres humanos e desejava manter-se virgem para sempre.

Primeiramente, ela chegou a Argos, vinda da Fenícia, ficando na companhia das filhas de Erasino: Bizes, Mélite; Mera e Anquíroe. Depois prosseguiu de Argos para a Cefalénia. Os Cefalenes apelidaram-na de Láfrica⁵⁶⁸ e proporcionavam-lhe sacrifícios como a uma divindade.

De seguida, dirigiu-se a Creta. Quando Minos a avistou, cobiçou-a e perseguiu-a. Ela refugiou-se junto de alguns pescadores, que a esconderam nas suas redes. Devido a isto, os Cretenses apelidaram-na de Dictina, ‘a das redes’⁵⁶⁹, e ofereciam-lhe sacrifícios. Tendo escapado de Minos, Britomártis chegou a Egina na embarcação do pescador Andrómedes. Todavia, ele desejou-a e agarrou-a. Mas Britomártis saltou do barco e fugiu para um bosque, o preciso local onde atualmente se situa o santuário dela. Depois desapareceu e ficou chamada de *Afaía*⁵⁷⁰. [Uma estátua sua] surgiu no templo [de Ártemis]. Os Eginetas consagraram o local onde Britomártis desapareceu. Denominaram-na

⁵⁶⁵ Cf. Paus. 2.30.3.

⁵⁶⁶ Vd. Paus. 2.30.3.

⁵⁶⁷ Divindade cretense (vd. Paus. 3.14.2). Cf. Britomártis (filha de Leto, Call. *Dian.* 189; Paus. 2.30.3; *schol. ad Ar. Ra.* 1358, 1402; E. *IT* 126), por vezes identificada com Ártemis (cf. Dictina, E. *Hipp.* 141-150).

⁵⁶⁸ Epíteto de Ártemis. Cf. Paus. 7.18.8.

⁵⁶⁹ Vd. κρήτες Δίκτυναν.

⁵⁷⁰ Vd. Ἀφαία (ἄ - φαίνω: ‘desaparecer’).

Afa<í>a e ofereciam-lhe sacrifícios como a uma divindade.

[História que dá conta da virtude, fuga femininas e deificação.]

41. RAPOSA⁵⁷¹

Céfalo⁵⁷², filho de Deion, desposou, em Torico, na Ática, Prócris⁵⁷³, filha de Erecteu. Céfalo era um jovem esbelto e corajoso e a deusa Aurora apaixonou-se por ele, em virtude da sua beleza. Ela abduziu-o, mantendo-o em casa como amante <...>

Então, Céfalo testou Prócris, no sentido de saber se ela desejava permanecer-lhe fiel. Ele fingiu que estava a sair para caçar e enviou a Prócris um dos seus criados, que ela não conhecia, com uma grande quantidade de ouro. Ele fora instruído a dizer que um estrangeiro se havia apaixonado por ela e lhe oferecia esse ouro, caso ela tivesse relações sexuais com ele.

De início, Prócris recusou o ouro, mas quando lhe enviou o dobro da quantidade, ela concordou e aceitou a proposta. Quando Céfalo a viu aproximar-se de casa, para deitar-se com o estrangeiro, apresentou uma tocha flamejante⁵⁷⁴ e apanhou-a em flagrante.

Envergonhada, Prócris procurou Céfalo e fugiu ao encontro de Minos, rei de Creta⁵⁷⁵. Ao chegar, encontrou-o aflito por não poder ter filhos e prometeu-lhe <uma cura>, mostrando-lhe como poderia ter descendência. Na realidade, Minos ejaculava cobras, escorpiões e milípedes, matando as mulheres com quem se relacionava sexualmente. Porém, a sua esposa Pasífae, filha do Sol⁵⁷⁶, era imortal. Prócris, em conformidade, idealizou a seguinte forma de tornar Minos fértil: inseriu a bexiga de uma cabra no interior de uma mulher. Minos, inicialmente, ejaculou

⁵⁷¹ Apollod. 1.4.4.

⁵⁷² Ov. *Met.* 7.661-862, Hyg. *Fab.* 189, Paus. 10.29.2, Egípio e Timandro - #6; Apollod 3.15.1, 1.9.4, 3.14.3.

⁵⁷³ Vd. *Od.* 11.321-322, Call. 209-210 (*Dian.*).

⁵⁷⁴ Vd. Ant. Lib. #5, 34.

⁵⁷⁵ Cf. Apollod. 13.15.1.

⁵⁷⁶ Vd. Hélios.

cobras para dentro de uma bexiga; depois foi para junto de Pasífae e penetrou-a. E quando nasceram os seus filhos, Minos deu a Prócris a sua lança⁵⁷⁷ e o seu cão. Nenhum animal podia escapar a estes dois e eles atingiam sempre os seus alvos. Tendo-os acicatado, Prócris regressou a Torico, na Ática, onde Céfalos vivia, e tornou-se uma caçadora, juntamente com ele. Ela deu as suas roupas e cortou o seu cabelo como um homem. Ninguém que a viu a reconheceu. Quando Céfalos se apercebeu de que nunca apanhava nada ao caçar, ao passo que tudo corria a contento de Prócris, ficou a desejar ter a lança para si. <Prócris prometeu ofertar-lhe também o cão>, caso ele aceitasse presenteá-la com os seus encantos. Céfalos aceitou a proposta e, quando se deitaram juntos, Prócris revelou a sua identidade e admoestou-o por ter cometido algo bastante mais vergonhoso. Porém, Céfalos adquiriu o cão e a lança. Anfitrião, que necessitava do cão, dirigiu-se a Céfalos e perguntou-lhe se gostaria de juntar-se a ele, com o cão, para perseguir a raposa⁵⁷⁸. Prometeu entregar-lhe uma parte do saque, que iria conseguir dos Teléboas⁵⁷⁹.

Na realidade, numa certa altura, apareceu, na zona do povo de Cadmo, uma raposa que era uma criatura monstruosa. Deslocava-se a partir de Teumeso⁵⁸⁰ e arrebatava frequentemente Cadmeus. A cada trinta anos, apresentavam-lhe uma criança e a raposa tomava-a e comia-a.

Anfitrião pediu a Creonte e aos Cadmeus para o ajudarem na luta contra os Teléboas. Eles recusaram, a menos que ele os auxiliasse a livrarem-se da raposa. Anfitrião aceitou estas

⁵⁷⁷ *Ov. Met.* 7.753-758; *Ath.* 12.553b.

⁵⁷⁸ *Apollod.* 2.4.7; *Paus.* 9.19.1.

⁵⁷⁹ Cf. a expedição de Anfitrião, e.g. *Apollod.* 2.4. Vd. *Hdt.* 5.59.8; *Str.* 10.2.20.

⁵⁸⁰ Montanha, nas proximidades de Tebas. Cf. *Paus.* 9.19; *schol.* E. *Ph.* 1100.

condições dos Cadmeus e dirigiu-se a Céfalos, contando-lhe acerca do acordo e instando-o a ir a Tebas com o cão. Céfalos aceitou a proposta e preparou-se para caçar a raposa. Todavia, tinha sido determinado⁵⁸¹ que a raposa não poderia ser tomada por nenhum caçador e que nada poderia escapar desse cão, quando ele fosse caçar. Zeus avistou-os quando eles chegaram à Planície de Tebas e tornou-os a ambos em pedras.

[Prócris vai para Creta, onde protagoniza um episódio mágico. Como paga, recebe um cão com poderes particulares para caçar uma raposa fantástica. Zeus decide o impasse de capacidades através da metamorfose.]

⁵⁸¹ Vd. Hyg. *Fab.* 189.

BIBLIOGRAFIA

I. TRADUÇÕES E EDIÇÕES

- Almirall i Sardà, J. (2012), *Antoninus Liberalis. Recull de metamorfosis; introducció general, notícies preliminars, traducció i notes*, Barcelona, Fundació Bernat Metge.
- Anton, W., Martini, E., Sakolowski, P., Olivieri, A., Festa, N. eds. (1894), *Mythographi graeci: Apollodorus, of Athens; Joannes Pediasimus; Antonius Liberalis; Parthenius, of Nicaea, 1st cent. B.C; Palaephatus; Eratosthenes; Heraclitus, mythographer*, Lipsiae, In aedibus B. G. Teubneri.
- Bast, F (1805) [trad. lat. Leipzig, 1809], *F. I. Bast a Mr. I. F. Boissonade, sur Antoninus Liberalis, Parthenius et Aristénète*, Paris, a la Librairie de Henrichs. Quatro anos volvidos, Fr. Iac. Bastii *Epistola Critica ad V. Cl. Ioann. Franc. Boissonade super Antonino Liberali, Parthenio et Aristaeneto*. [Lettre Critique de F. I. Bast a Mr. I. F. Boissonade, sur Antoninus Liberalis, Parthenius et Aristénète] Cum auctoris emendationibus et additamentis MSS. e lingua Gallica in Latinam uersa a Car. Alb. Wiedeburg. Cum tabula aeri incisa, Lipsiae Weidmann.
- Bast, F., Berkelius, A., Gale, T., Koch, G., Munckerus, T., Verheyk, H. (1832), Ἀντωνίνου Λιβεραλῆς Μεταμορφώσεων συναγωγή. *Antonini Liberalis transformationum congeries, Abrahamus Berkelius emendavit. The Latin translation by G. Xylander*, Lipsiae, in Libraria Dyckiana.
- Berkel, A. von (1674), *Antoninus Liberalis. Metamorphoses. Graece et Latine*, Leyden/Amst., Gaasbeek.
- Canto Nieto, J. del (2003), *Antonino Liberal. Metamorfosis*, Madrid, AKAL.
- Cazzaniga, I. (1962), *Antoninus Liberalis: Metamorphoseon Synagoge*, Milan/Varese, Istituto Editoriale Cisalpino.

- Celoria, F. trad. (1992), *The Metamorphoses of Antoninus Liberalis*, London/New York, Routledge.
- Gale, T. (1675a), *Antoninus Liberalis. Transformationum Synagoge. Gr. et Lat. 16^o*, Parisiis.
- Koch, G. (1832), *Antonini Liberalis Transformationum Congeries. Graeca e Codice Parisino auctiora atque emendatiora edidit, Latinam Guil. Xylandri interpretationem, adnotationes integras eiusdem Xylandri, Abrah. Berkelii, Th. Galii, Th. Munckeri, Henr. Verheykii, selectas Fr. Bastii et suas adiecit Gerg Aenotheus Koch. Accedunt H. Verheykii excursus in Dialectos Antoninianas et Indices Copiosissimi*, Lipsiae, In Libraria Dyckiana.
- Martini, E. (1896), *Mythographi Graeci*, II.1, Lipsiae, In aedibus B. G. Teubneri: 61-148.
- Mellmann, J. (1786), *De caussis et auctoribus Narrationum de mutatis formis ad illustrandum maxime et diiudicandum opus Metamorphosium Ouidianum*, auctore Io. Guil. Ludov. Mellmann, Lipsiae.
- Muncker, T. (1675 [reimp. 1775]), METAMORΦΩΣΕΩΝ ΣΥΝΑΓΩΓΗ = *Antonini Liberalis Transformationum congeries*, Interprete Guilielmo Xylandro. Thomas Munckerus recensuit et notas adiecit. Amstelodami, apud Janssonio-Waesbergios.
- Martini, E. ed.. (1896), *Mythographi Graeci* 2.1, Leipzig, Teubner.
- Ozaeta Gálvez, M. (1989), *Alegorías de Homero - Heráclito; Metamorfosis - Antonino Liberal* (trad.), *Las Metamorfosis*, Madrid, Gredos.
- Papathomopoulos, M. (1968), *Antoninus Liberalis: Les Métamorphoses*, Paris, Budé.
- Teucher, H. (1791), *Antonini Liberalis. Transformationum congeries, cum notis* Guilielmi Xylandri, Abrahami Berkelii, Thomae Munckeri, et Henrici Verheykii, accesserunt Aesopi Fabulae

Aliquot quae in Aesopiarum editionibus haud leguntur et Babrii Nonnullae curavit Ludovicus Henricus Teucherus, Lipsiae, apud Guilielmum Gotlob Sommer [*Antonini Liberalis. Transformationum congeries graece cum Gabriae seu Ignatii Diaconi Fabulis Jambicis Tetrastichis* et Babrii Nonnullae in usum scholarum edidit Ludovicus Henricus Teucherus, Lipsiae, apud Guilielmum Gotlob Sommer]. [com notas a edições anteriores (viz. Xilandro, Berkel, Muncker, Verheyk)].

Verheyk, H. (1754, 1774), *Antonini Liberalis Transformationum Congeries. Interprete Guilielmo Xylandro. Cum Thomae Munckeri notis, quibus suas adjecit* Henricus Verheyk, Lugduni Batavorum, apud Sam. et Joan. Lucitmans Lugd. Batav., Academiae Typographos.

Walch, J., Berkel, A. (1768), *Phaedri, Aug. Liberti fabularum Aesopiarum libri V. cum emendationibus et commentariis ad modum Joannis Minellii, ...; cura et studio Jo. Georgii Walchii; Antonius Liberalis; Babrius; L. Annaeus Seneca; cum emendationibus Abrahami Berkelii; recensuit diligenter Jo. Georgius Walchius F. G. Walchius, Lipsiae, Lered. Weidmanni et Reich.*

Westermann, A. (1843), *Mythographi Graeci*, Braunschweig, Georg Westermann.

Xilandro, G. (1568), *Transformationum congeries*, Basileae, per Thomam Guarinum.

II. BIBLIOGRAFIA (CITADA)

Adler, M. (1922), "Kyknos", *RE* 11: 2435-2442.

Ahl, F. (2008), *Two faces of Oedipus: Sophocles' Oedipus Tyrannus and Seneca's Oedipus*, Ithaca/New York, Cornell University Press.

Alderink, L. (1981), *Creation and Salvation in Ancient Orphism*, Chicago, Scholars Press.

- Allen, L. (1893), "A Group of Ninth-Century Greek Manuscripts", *Journal of Philology* 21: 48–65.
- Aly, W. (1927), "Die Entdeckung des Westens", *Hermes* 62.3: 299–341.
- Amandry, P. (1950a), "Pierre de La Coste-Meselière", *JS* 4.1: 145–159.
- Amandry, P. (1950b), *La mantique apollinienne à Delphes. Essai sur le fonctionnement de l'Oracle*, Paris, E. de Boccard.
- Anderson, G. (1993), *The Second Sophistic: a cultural phenomenon in the Roman world*, London/New York, Routledge.
- Armstrong, A., ed. (1967), *The Cambridge History of Later Greek and Early Medieval Philosophy*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Arnott, W. (2007), *Birds in the Ancient World from A to Z*, London/New York, Routledge.
- Arrigoni, G. (1970), "Le Meleagridi in Antonino Liberale e Nicandro", *Acme* 23: 17–28.
- Arthur, M. (1983), "The Dream of a World without Women: Poetics and Circles of Order in the Theogony Prooemium", *Arethusa* 16: 97–116.
- Asmis, E. (1992), "Crates on Poetic Criticism", *Phoenix* 46.2: 138–169.
- Aubriot-Sévin, D. (1991), "Formulations possibles du serment et conceptions religieuses en Grèce ancienne", *Kernos* 4: 91–103.
- (1992), *Prières et conceptions religieuses en Grèce ancienne jusqu'à la fin du Ve siècle av. J.-C.*, Lyon, Maison de l'Orient.
- Avagianou, A. (1991), *Sacred Marriage in the Rituals of Greek Religion*, New York, Peter Lang.
- Bailleul-LeSuer, R. (2004), *Ovid's treatment of the bird themes in the Metamorphoses*, Diss., University of Vermont.

- Bast, F. (1805), *Lettre critique à J. Fr. Boissonade sur Antoninus Liberalis, Parthienius et Aristénète*, Paris, Heinrichs. A. XIII.
- Battezzato, L. ed. (2003), *Tradizione testuale e ricezione letteraria antica della tragedia greca*, Amsterdam, Hakkert.
- Bekker, I. (1823), *Platonem commentaria critica: accidunt scholia*, Berolinum, Reimer.
- Belfiore, E. (2000), *Murder Among Friends: Violation of Philia in Greek Tragedy*, Oxford/New York, Oxford University Press.
- Bennett, H. (1923), "The Exposure of Children in Ancient Rome", *CIJ* 18: 341-351.
- Benveniste, É. (1948), "L'expression du serment dans la Grèce ancienne", *RHR* 134: 81-94.
- Bérard, J. (1941), *La colonisation grecque de l'Italie et de la Sicile dans l'Antiquité. L'histoire et la légende*, Paris, de Boccar.
- Bernabé, A. (2002), "La toile de Pénélope: A-t-il existé un mythe orphique sur Dionysos et les Titans?", *RHR* 219: 401-433.
- Bethe, E. (1903), "Die Quellenangaben zu Parthenios und Antennos Liberalis", *Hermes* 38: 608-617.
- Bianchi, U. (1966), "Pèché original et pèché 'antecedent'", *RHR* 170.2: 117-126.
- Bianchi, U., Vermaseren, M. (1982), *La soteriologia dei culti orientali nell'Impero romano: atti del Colloquio internazionale su La soteriologia dei culti orientali nell'Impero romano*, Roma, Brill Archive.
- Blum, F. (1892), *De Antonino Liberali: Dissertatio inauguralis quam ad summos in philosophia honores ab amplissimo philosophorum ordine Academiae Wilhelmae Argentiniensis rite impetrandos*, Frisingae, typ. cur. F. P. Datterer.
- Blundell, S. (1995), *Women in Ancient Greece*, Cambridge, Harvard University Press.

- (1998), “Marriage and the Maiden: Narratives on the Parthenon”, in Blundell, S., Williamson, M. eds., *The Sacred and the Feminine in Ancient Greece*, New York, Routledge: 47-70.
- Blundell, S., Williamson, M. (2005), *The Sacred and the Feminine in Ancient Greece*, New York, Routledge.
- Blundell, S., Williamson, M. eds. (1998), *The Sacred and the Feminine in Ancient Greece*, New York, Routledge.
- Boissonade, J. (1829-1833), *Lucae Holstenii epistolae ad diversos, collegit et illustravit*, Parisiis, Parisiis Regio typographeo.
- Bollack, J. (1958), “Styx et serments”, *REG* 71: 1-35.
- Bommas, M., Harriison, J., Roy, J. eds. (2012), *Memory and Urban Religion in the Ancient World*, New York, A&C Black.
- Bonfante, L. (1989), “Nudity as a Costume in Classical Art”, *AJA* 93.4: 543-570.
- Bongioanni, A. (1928), *Nomi e cognomi: Saggio di ricerche etimologiche e storiche*, Milano, Fratelli Bocca.
- Borgeaud, W. (1943), *Les Illyriens en Grèce et en Italie, Etude linguistique et mythologique*, Genève, Georg.
- Boyer, L., Boyer, R., Sonnenberg, S. (1993), *The Psychoanalytic Study of Society 18: Essays in Honor of Alan Dundes*, New York/London, Routledge.
- Bravo García, A. (1984), “La Paleografía griega hoy”, in Martínez Díez, A. (ed.), *Actualización científica en Filología Griega*, Madrid, Universidad Complutense de Madrid: 1-64.
- Brenk, F. (1973), “Hesiod: How much a male chauvinist?”, *CB* 49: 73-76.
- Brisson, L. (1976), *Le myth e de Tirésias: essai d'analyse structurale*, Leiden, E.J. Brill.
- (1992), “Le corps ‘dionysiaque’: l’ anthropologie décrite dans

- le Commentaire sur le Phédon de Platon (1, par: 3-6) attribuée à Olympiodore est-elle orphique?”, *ΣΟΦΙΗΣ ΜΑΙΗΤΟΡΕΣ*: 481-499.
- Broad, W. (2007), *The Oracle: Ancient Delphi and the Science Behind Its Lost Secrets*, New York, Penguin.
- Broggiato, M. ed. (2001), *Cratete di Mallo: I frammenti. Edizione, introduzione e note*, La Spezia, Agorà Edizioni.
- Brown, N. (1990), *Hermes the Thief: The Evolution of a Myth*, Great Barrington, SteinerBooks.
- Bryant, J. (1986), “Intellectuals and Religion in Ancient Greece: Notes on a Weberian Theme”, *The British Journal of Sociology* 37.2: 269-296.
- Bryce, T. (1983), “The arrival of the goddess Leto in Lycia”, *Historia* 32: 1-13.
- (2009), *The Routledge Handbook of the Peoples and Places of Ancient Western Asia: The Near East from the Early Bronze Age to the Fall of the Persian Empire*, London/New York, Routledge.
- Bryce, T., Zahle, J. (1986), *The Lycians: The Lycians in literary and epigraphic sources*, Copenhagen, Museum Tusulanum Press.
- Burkert, W. (1966), “Greek Tragedy and Sacrificial Ritual”, *GRBS* 7: 87-121.
- (1992), *The Orientalizing Revolution, Cambridge*, Harvard University Press.
- Burham, H. (2015), *The Esoteric Codex: Deities of Knowledge*, Lulu.com.
- Cairns, F. (1969), “Propertius 1.18 and Callimachus, Acontius and Cydippe”, *CR* 19.2: 131-134.
- Calderón Dorda, E. (1986), “El problema del manuscrito único: a proposito de Partenio de Nicea y el cod. palatinus gr. 398”, *Myrtia* I: 93-105.

- Cameron, A. (1932), "The Exposure of Children and Greek Ethics", *CR* 46:105-114.
- Campbell, G. (2014), *The Oxford Handbook of Animals in Classical Thought and Life*, Oxford, Oxford University Press.
- Camusat, N. ed. (1609), *Chronologia Seriem Temporum, Et Historiam Rerum In Orbe Gestarum: continens ab eius origine, vsq[ue] ad annum 'a Christi ortu millesimum ducentesimum ; Adiecta Est Ad Calcem Appendix ad annum vsque millesimum CC.XXIII*, Beys, in *Officina Nivelliana*, apud Sebastianum Cramoisy, via Iacobaea, sub Ciconijs.
- Carden, R. (1974), *The Papyrus Fragments of Sophocles: An Edition with Prolegomena and Commentary*, Berlin/New York, Walter de Gruyter.
- Carne-Ross, D. (1985), *Pindar*, New Haven/London, Yale University Press.
- Carroll, M. (2009), "The Psychoanalytic Study of Myth Since Freud Pursuing the Dream", in Belzen, J., *Changing the Scientific Study of Religion: Beyond Freud?: Theoretical, Empirical and Clinical Studies from Psychoanalytic Perspectives*, Amsterdam, Springer: 163-178.
- Casadio, G. (1991), "La metempsicosi tra Orfeo e Pitagora," in Borgeaud, Ph. ed. *Orphisme et Orphée: En l'honneur de Jean Rudhardt, Recherches et Rencontres* 3, Genève, Librairie Droz: 119-155.
- Casadio, G., Johnston, P. (2009), *Mystic Cults in Magna Graecia*, Austin, University of Texas Press.
- Cassirer, E. (1994), *Ensaio Sobre o Homem. Uma Introdução a uma Filosofia da Cultura Humana*, São Paulo, Martins Fontes.
- Castiglioni, L. (1906), *Studi intorno alle fonti e alla composizione delle Metamorfosi di Ovidio*, Pisa, stab. tipografico succ. Ff. Nistri.
- (1911), *Collectanea Graecia*, Pisa: 77-101.

- Cazzaniga, I. (1949), "Il supplizio del miele e delle formiche: un motivo novellistico nelle metamorfosi di Apuleio (VIII,22)", *Studies in Philology* 46: 1-5.
- (1959), "Spigolature critiche, V", *PP* 14: 291-291-292.
- (1960a), "Spigolature critiche, VI", *PP* 15: 446-449.
- (1960b), "Nuove osservazioni critiche al testo di Antonino Liberale", *RIL* 94: 68-72.
- (1963), "Rec. al art. de Papathomopoulos, *RPh* 36.2", *PP* 18: 77-79.
- Cessi, C. (1921-1922), "Gli indici delle fonti di Partenio e di Antonino Liberale", *AIV* 81: 345-360.
- Chacon, A., Camusat, D. (1731), *Bibliotheca libros et scriptores ferme cunctos ab initio mundi ad annum MDLXXXIII. Ordine alphabetico complectens*, Amstelodami, Arksteus & Merkus.
- Chantraine, P. (1956), *Études sur le Vocabulaire Grec*, Paris, Klincksieck.
- Charitonidos, C. (1950), "Σύμμεικτα κριτικά", *Platon* 2: 90-129.
- Charme, P. de (1904), *La critique des traditions religieuses chez les Grecs des origines au temps de Plutarque*, Paris, Alph. Picard.
- Chevitarese, A., Cornelli, G. (2007), *Judaísmo, Cristianismo e Helenismo*, São Paulo, Annablume.
- Clausen, W. (1981), *Harvard Studies in Classical Philology*, 94, Cambridge, Harvard University Press.
- Clay, J. (1996), "Fusing the Boundaries", *Mètis. Anthropologie des mondes grecs anciens* 11.1: 83-100.
- Cleve, F. (1973), *The Philosophy of Anaxagoras*, The Hague, Martinus Nijhoff.
- Cokayne, K. (2003), *Experiencing old age in ancient Rome*, London, Routledge.
- Cole, S. (1998), "Domesticating Artemis", in Blundell, S., William-

- son, M. eds., *The Sacred and the Feminine in Ancient Greece*, London/New York, Routledge: 27–44.
- Colish, M. (1985), *The Stoic Tradition from Antiquity to the Early Middle Ages: Stoicism in Classical Latin Literature. Stoicism in Christian Latin Thought Through the Sixth Century*, 1, Leiden, BRILL.
- Condos, T. (1997), *Star Myths of the Greeks and Romans: A Sourcebook*, Michigan, Phanes Press.
- Cook, A. (1895), “The bee in Greek mythology”, *JHS* 15: 1-24.
- (1925), *Zeus: A Study in Ancient Religion*, Cambridge, CUP.
- Cook, J. (2014), *Crucifixion in the Mediterranean World*, Tübingen, Mohr Siebeck.
- Copeland, R., Struck, P. (2010), *The Cambridge Companion to Allegory*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Comparetti, D. (1873), “Die Strafe des Tantalus bei Pindar”, *Philologus* 32: 227-251.
- Cosensa, P. ed. (1993), *Filebo di Platane e la sua Fortuna*, Naples, M. Auria Editore.
- Costanzi, V. (1920), “Antonino Liberale XII”, *RFIC* 48: 351-353.
- Crawley, A. (1917), “Oath”, *E.R.E.* 9: 430-434.
- Creuzer, E. (1836), *Symbolik und Mythologie der alten Völker: besonders der Griechen*, Völker, Leipzig/Darmstadt, C.W. Leske.
- Csapo, E. (2005), *Theories of Mythology*, Oxford/Malden, MA, Wiley-Blackwell.
- Cuomo, S. (2007), *Pappus of Alexandria and the Mathematics of Late Antiquity*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Cusset, C., Linant de Bellefonds, P. (2014), “La figure très hellénistique d’Iphigénie dans l’*Alexandra* de Lycophon... Quels parallèles dans l’iconographie ?”, *Aitia* 4: <http://aitia.revues>.

- org/849?lang=en.
- Dalby, A. (2003), *Food in the Ancient World from A to Z*, London, Psychology Press. 19-20, 'Apple', usado em encantamentos amorosos.
- Davidson, J. (1997), "Antoninus Liberalis and the Story of Prokris", *Mnemosyne* 50.2: 165–184.
- DeFilippo, J. (1990), *Curiositas and the Platonism of Apuleius' Golden Ass*, *AJPh* 111.4: 471-492.
- Devreese, R. (1954), *Introduction à l'étude des manuscrits grecs*, Paris, Klincksieck.
- Dias, P. (2007), "Deuses pagãos e demónios no cristianismo- do silêncio de Pá em Sophia de mello Breyner às Andorinhas de Marguerite Yourcenar", in Nogueira, A. ed., *Otium et negotium As Antíteses na Antiguidade*, Lisboa, Vega: 67-78.
- Dietrich, B. (1974), *The Origins of Greek Religion*, Devon, Bristol Phoenix Press.
- Diller, A. (1952), *The Tradition of the Minor Greek Geographers*, New York, American Philological Association.
- (1954), "The Scholia of Strabo", *Traditio* 10: 29-50.
- Dodds, E. (1965), *Pagans and Christians in an Age of Anxiety: Some aspects of religious experience from Marcus Aurelius to Constantine*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Dowden, K. (1989), "*Death and the Maiden: Girls' Initiation Rites in Greek Mythology*", London/New York, Routledge.
- (1992), *The Uses of Greek Mythology*, Londres/New York, Routledge.
- Dunlap, T. (2008), *Magic and Miracle in the New Testament: How Early Christian Traditions Treated Wonders*, Ann Arbor, Regent University.
- Duran Lopez, M. (1996), "La envidia como placer y dolor: la doc-

- trina del Filebo”, in D’Auria, M. ed., *Il Filebo di Platone e la sua fortuna: atti del convegno di Napoli 4-6 novembre 1993*, Napoli, a cura di P. Cosenza: 383-392.
- Ebbot, M. (2003), *Imagining Illegitimacy in Classical Greek Literature*, Lanham, Lexington Books.
- Edmonds, J. (1909), “More Fragments of Sappho”, *CR* 23.5: 156-158.
- Edmonds, R. (1999), “Tearing Apart the Zagreus Myth: A Few Disparaging Remarks on Orphism and Original Sin”, *ClAnt.* 18: 36-73.
- Edmonds, R. (2009), “A Curious Concoction: Tradition and Innovation in Olympiodorus’ “Orphic” Creation of Mankind”, *AJPh* 130.4: 511-532.
- Eitrem, S. (1900), “De Ovidio Nicandri imitatore”, *Philologus* 59: 58-63.
- Ellsworth, J. (1979), “Antoninus Liberalis 15.2”, *AJPh* 100: 515.
- Ertman, E. (1972), “The Earliest Known Three-Dimensional Representation of the God Ptah”, *JNES* 31: 83-86.
- Eschenburg, J. (1837), *Classical Antiquities: Being Part of the Manual of Classical Literature*, Philadelphia, E.C. Biddle.
- Faraone, C. (1999), *Ancient Greek Love Magic*, Cambridge, Harvard University Press.
- (2003), “Playing the Bear and Fawn for Artemis: Female Initiation or Substitute Sacrifice?”, in Dodds, D., Faraone, C. eds., *Initiation in Ancient Greek Rituals and Narratives*, London/New York, Routledge: 43-68.
- Farenga, V. (2006), *Citizen and self in ancient Greece: individuals performing justice and the law*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Farrell, J. (1998), “Reading and writing the *Heroides*”, *HSCP* 98: 307-338.
- Faulkner, A. (2011), *The Homeric Hymns: Interpretative Essays*, Ox-

- ford, OUP.
- Faulkner, A., Hodkinson, O. (2015), *Hymnic Narrative and the Narratology of Greek Hymns*, Leiden, BRILL.
- Faure, P. (1964), *Fonctions des cavernes Crétoises*, Paris, E. de Boccard.
- Finney, M. (2016), *Resurrection, Hell and the Afterlife: Body and Soul in Antiquity, Judaism and Early Christianity*, New York, Routledge.
- Fischer-Hansen, T., Poulsen, B. eds. (2009), *From Artemis to Diana: the goddess of man and beast*. Copenhagen, Museum Tusulanum Press.
- Fisher, N. (2003), "Let Envy Be Absent: Envy, Liturgies and Reciprocity in Athens", in Konstan, D., Rutter, N. (eds.), *Envy, Spite and Jealousy: The Rivalrous Emotions in Ancient Greece*, Edinburgh, Edinburgh University Press: 181-215.
- Fitzpatrick, D. (2001), "Sophocles' "Tereus"", *CQ* 51.1: 90-101.
- Flaumenhaft, M. (1994), *The civic spectacle: essays on drama and community*, Lanham, Rowman & Littlefield.
- Fletcher, R. (2014), *Apuleius' Platonism: The Impersonation of Philosophy*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Fontenrose, J. (1959), *Python: A Study of Delphic Myth and Its Origins*, Berkeley/Los Angeles, University of California Press.
- Forbes, I. (1990), *Metamorphosis in Greek Myth*, Oxford, Clarendon Press.
- Foster, B. (1968), "Symbolism of the Apple in Greek and Roman Literature", *HSCP* 72: 147-181.
- Fowler, R. (2013), *Early Greek Mythography*, 2, Oxford, OUP. 400-402
 ——— (2014), *Plato in the Third Sophistic*, New York, Walter de Gruyter GmbH & Co KG.
- Fraenkel, H. (1915), *De Simia Rhodio*, Leipzig, Gustavi Fock.

- Frazer, J., Lang, A. (1893), "The Youth of Achilles", *CR* 7: 292-295.
- Gabucci, A. (2002), *Ancient Rome: Art, Architecture, and History*. English translation by Thomas M. Hartmann (Italian edition Milan 2000), Los Angeles, J. Paul Getty Museum.
- Gale, T. (1675b), *Historiae Poeticae Scriptores Antiqui*, Paris, Muguët-Scott.
- Galinsky, K. (1975), *Ovid's Metamorphoses: an introduction to the basic aspects*, Berkeley, University of California Press.
- Gantz, T. (1996), *Early Greek Myth: A Guide to Literary and Artistic Sources*, Baltimore/London, Johns Hopkins University Press.
- Geary, P. (2003), *The myth of nations: the medieval origins of Europe*, Princeton, Princeton University Press.
- Gebhardt, W. (1873), "Die polygotischen Leschebilder", *Fleckeisen's Jahrbücher* 19: 815-820.
- Gerber, D. (1982), *Pindar's Olympian One: A Commentary*, Toronto, University of Toronto Press.
- Ghali-Kahil, L. (1955), *Les enlèvements et le retour d'Hélène dans les textes et les documents figurés*, Paris, De Boccard.
- Giangrande, G. (1987), "On the Text of Antoninus Liberalis", *Athlon. Saturata grammatica in honorem F. R. Adrados, II*, Madrid, Gredos: 363-372.
- Gibbon, E. ed. (1776–1788), *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire*, 1-6, New York, Harper & Brothers.
- Gildenhard, I., Zissos, A. eds. (2013), *Transformative Change in Western Thought: A History of Metamorphosis from Homer to Hollywood*, London, Legenda.
- Glénisson, J., Bompaire, J., Irigoïn, J. (1977), *La paléographie grecque et byzantine. Actes du Colloque international organisé dans le cadre des Colloques internationaux du Centre National de la Recherche Scientifique à Paris du 21 au 25 octobre 1974*, Paris,

Editions du C. N. R. S.

- Gold, B. ed. (2012), *A Companion to Roman Love Elegy*, Malden, John Wiley & Sons.
- Gow, A., Scholfield, A. (2010), *Nicander of Colophon. Poems and Poetical Fragments*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Graindor, P. (1905), “Fouilles de Karthaia (Ile de Kéos)”, *BCH* 29.1: 329-361.
- Granarolo, J. (1990), “Le concept de ‘miséricorde’ chez Plaute, Térence, Catulle”, in Biraud, M. (ed.), *Hommage à René Braun, I: De la préhistoire à Virgile: philologie, littératures et histoires anciennes*, Paris, Les Belles Lettres: 229-243.
- Greenewalt, C., Payne, S. (1978), *Ritual Dinners in Early Historic Sardis*, Berkeley, University of California Press: 45.
- Gregorić, P. (2005), “Plato and Aristotle’s Explanation of Human Posture”, *Rhizai* 2: 183-196.
- Gregorio, L. di (2008), “Sui frammenti di Simia di Rodi”, *Aevum* 82: 51–117.
- Griffin, N. (1908), “The Greek Dictys“, *AJPh* 29.3: 329-335.
- Grossardt, P. (2012), *Stesichoros zwischen kultischer Praxis, mythischer Tradition und eigenem Kunstanspruch: zur Behandlung des Helenamythos im Werk des Dichters aus Himera*, Tübingen, Narr Verlag.
- Guarducci, M. (1935-1952), *Inscriptions Creticae*, Rome, Libreria dello Stato.
- Gutschmid, A. von (1891), “Die Heidelberger Handschrift der Paradoxographen (Pal. Gr. 398)”, *Neue Heidelberger Jahrbücher* 1: 227-237.
- Gyorkos, A. (2015), *The Rape of Hylas in Theocritus Idyll 13 and Propertius 1.20*, Dissertação, McMaster University.

- Harrison, J. (1887), "Itys and Aedon: A Panaitios Cylix", *Journal of Hellenic Studies* 8: 439.
- Harrison, S. (1999), *Oxford Readings in the Roman Novel*, Oxford, Oxford University Press.
- Harrison, S., Paschalis, M., Frangoulidis, S. eds. (2005), *Metaphor in the Ancient Novel*, Groningen, Barkhuis Publishing and Groningen University Library.
- Heath, J. (1999), "The serpent and the sparrows: Homer and the parodos of Aeschylus' Agamemnon", *CJ* 49.2: 396-407.
- (2001), "The Omen of the Eagles and Hare (Agamemnon 104-59): From Aulis to Argos and Back Again", *CQ* 51.1: 18-22
- Heerink, M. (2015), *Echoing Hylas: A Study in Hellenistic and Roman Metapoetics*, London, University of Wisconsin Press.
- Henderson, W. (1983), "Theognis 702-712: The Sisyphus-exemplum", *QUCC* 15.3: 83-90.
- Hercher, R. (1877), "Zur Textkritik der Verwandlungen des Antoninus Liberalis", *Hermes* 12.3: 306-319.
- Hesk, J. (2000), *Deception and Democracy in Classical Athens*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Hinge, G. ed. (2013), *Classica et Mediaevalia* 63, Copenhagen, Museum Tusulanum Press.
- Hirzel, R. (1902), *Der Eid. Ein Beitrag zu seiner Geschichte*, Leipzig, S. Hirzel.
- Hocart, A. (1998), "The Life-Giving Myth", in Segal, R. ed., *The Myth and Ritual Theory: An Anthology*, Oxford, Wiley-Blackwell: 143-155.
- Hofmann, H. (1999), *Latin Fiction. The Latin novel in context*, London/New York, Routledge.
- Hooft, S. van (2002), "La Caze on Envy and Resentment", *Philo-*

sophical Explorations 5: 141-147.

Holland, R. (1900), "Mythographische Beiträge I. Der Typhoeuskampf", *Philologus* 59: 344-354.

——— (1926), "Battos", *RhM* 75: 156-183.

Holsten, L. (1817), *Epistolae: Lucae Holstenii Epistolae ad diversos, quas ex editis et ineditis codicibus collegit atque illustravit Jo. Franc. Boissonade*, Paris, in *Bibliopolio Græco-Latino-Germanico*.

Hook, L. (1920), "The Exposure of Infants at Athens", *TAPhA* 51: 134-145.

Hughes, D. (1991), *Human Sacrifice in Ancient Greece*, London/New York, Routledge.

Hunter, R. (1993), *The Argonautica of Apollonius. Literary Studies*, Cambridge, Cambridge University Press.

Huxley, G. (1969) *Greek Epic Poetry from Eumelos to Panyassis*, London, Faber and Faber.

Jacobs, F. (1837), *Antoninus Liberalis Sammlung von Verwandlungen*, Stuttgart, Metzler.

——— (1838), *Longus Hirtengeschichten, Parthenius des Nycæers Liebesgeschichten, Antoninus Liberalis Sammlung von Verwandlungen und Heliodor's Anthiopische Geschichten*, Stuttgart, Metzler.

Jacobs, F., Bosch, J., Edwards, J. (1825), *Epigrammata e purioribus Græcæ anthologiæ fontibus hausit: annotationibus Jacobsii, de Bosch et aliorum instruxit*, Impensis London, Whittaker.

Jaeger, W. 1959. "The Greek Ideas of Immortality," *HThR* 52: 135-147.

James, H. (1948), *The Beginnings of Religion*, London, Hutchinson.

Jeanmaire, H. (1991), *Dionysos: histoire du culte de Bacchus*, Paris, Payot.

- Jebb, R., Headlam, W., Pearson, A. (2010), *The Fragments of Sophocles*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Johansson, K. (2012), *The birds in the Iliad. Identities, interactions and functions*, Gothenburg, University of Gothenburg.
- Johnson, R. (2004), *The Parthenon code: mankind's history in marble*, Annapolis, Solving Light Books.
- Kamerbeek, J. (1978), *The Plays of Sophocles: Commentaries*, 3, Leiden, Brill.
- Kanzer, M. (1964), "On Interpreting the Oedipus plays", *Psychoanalytic Study of Society* 3: 26-38.
- Karavites, P. (1999), *Evil, Freedom, and the Road to Perfection in Clement of Alexandria*, Leiden/Boston, Brill.
- Kavrus-Hoffmann, N., Bravo García, A. (2010), "From pre-bouletée to bouletée: Scribe Epiphanius and the codices Mosq. Synod. gr. 103 and Vat. gr. 90", in *The Legacy of Bernard de Montfaucon: Three Hundred Years of Studies on Greek Handwriting. Proceedings of the Seventh International Colloquium of Greek Palaeography (Madrid - Salamanca, 15-20 September 2008)*, Turnhout, Brepols: 55-66, 693-700.
- Kenney, E. (1969), "Antoninus Liberalis: Les Métamorphoses. Texte établi, traduit et commenté par Manolis Papathomopoulos. - REVIEW", *CR* 19. 2: 178-179.
- Kerényi, K. (1927), *Die griechisch-orientalische Romanliteratur in religionsgeschichtlicher Beleuchtung: ein Versuch*, Tübingen, J.C.B. Mohr.
- Keuls, E. (1980), "Niobe's and Tantalus' Associates", *ZPE* 38: 43-45.
- King, H. (1983), "Bound to Bleed: Artemis and Greek Women", in Cameron, A., Kuhrt, A. eds., *Images of Women in Antiquity*, Detroit, Wayne State University Press.
- Kirk, G. (1973), *Myth: its meaning and functions in ancient and oth-*

- er cultures*, Berkeley/Los Angeles, University of California Press.
- Kirkwood, G. (1984), "Blame and Envy in the Pindaric Epinician", in Gerber, D. (ed.), *Greek Poetry and Philosophy: Studies in Honour of L. Woodbury*, Chico, Scholars Press: 169-183.
- Klutznick, T. ed. (2004), *Magic in the Biblical World: From the Rod of Aaron to the Ring of Solomon*, New York, Bloomsbury T&T Clark.
- Knaack, G. (1890), "Rec. E. Oder, *De Antonino Liberali*, Tese Dout., Bonn. 1886", *Wochenschrift für Klassische Philologie* 7: 37-41.
- (1900), *Rec. Berliner Philol. Wochenschrift* 20: 710-712.
- Koch, H.-H. (1955), *Die Hylasgeschichte bei Apollonios Rhodios, Theokrit, Propertius und Valerius Flaccus*, tese Dout., Kiel.
- Kokoszko, M., Gibel-Buszevska, K. (2011), "Kandalos. The testimony of select sources", *Studia Ceranea* 1: 11-22.
- Konstan, D. (2003), "Before Jealousy", in Konstan, D., Rutter, N. (eds.), *Envy, Spite and Jealousy: The Rivalrous Emotions in Ancient Greece*, Edinburgh, Edinburgh University Press: 7-27.
- Kovacs, G. (2010), *IPHIGENIA AT AULIS: MYTH, PERFORMANCE, AND RECEPTION*, Tese Dout., University of Toronto.
- Kramer, G. (1844), *Strabonis Geographica recensuit, commentario critico instruxit*, Berlin, in Libreria Friderici Nicolai.
- Kranz, W. (1961), "Sphragis: Ichform Und Namensiegel Als Eingang-Und Schlussmotiv Antiker Dichtung", *RhM* 104: 3-46.
- Kruse, G. (1931), "Merops", *RE* 29: 1065-1067.
- Kyriakidis, S. (2010), "Heroides 20 and 21: motion and emotions", *Leeds International Classical Studies* 9.2: 1-13.
- Lafaye, G. (1904), *Les Métamorphoses d'Ovide et leurs modèles grecs*, Paris, Alcan.

- Lai, A. (1994), "Stephanotika anthe" in Meleagro e Nicandro", *Lexis* 12: 107-116.
- Lang, P. (2009), "Goats and the Sacred Disease in Callimachus' Acontius and Cydippe", *CPh* 104.1: 85-90.
- Larson, J. (2001), *Greek Nymphs : Myth, Cult, Lore: Myth, Cult, Lore*, Oxford/New York, Oxford University Press.
- Lasso de la Vega, J. (1960), "Notulae", *Emerita* 28: 125-142.
- Lattey, C. (1916), "The Deification of Man in Clement of Alexandria: Some Further Notes", *JThS* 17.4: 257-262.
- Laursen, S. (1989), "The Apple of Catullus 65: A Love Pledge of Callimachus", *C&M* 40: 161-69.
- Lawson, J. (2012), *Modern Greek Folklore and Ancient Greek Religion: A Study in Survivals*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Lefkowitz, M. (1985), "The Pindar Scholia", *AJPh* 106. 3: 269-282.
- (1995), "The Last Hours of the Parthenos", in Reeder, E. (ed.), *Pandora: Women in Classical Greece*, Baltimore, Walters Art Gallery: 32-38.
- Loemker, L. (1962), "Symbol and myth in philosophy", in Altizer, T. et al. ed., *Truth, Myth and Symbol*, Englewood Cliffs, Prentice-Hall: 109-127.
- Leite, C. (2006), *Cosmovisão Cristã e Transformação*, Viçosa, Editora Ultimato.
- Lenardon, R. (2003), *Classical Mythology*, New York, Oxford University Press.
- Lenormant, C. (1864), *Memoire Sur Les Peintures Que Polygnote Avait Executees Dans La Lesche de Delphes*, Bruxelles, Hayez.
- Leroy, J. (1961), "Le probleme de l'origine de la minuscule", *Scriptorium* XV: 55-60.
- Lévêque, P. (1959), *Aurea catena Homeri* (Annales littéraires de l'

- Université de Besançon), Paris, Les Belles Lettres.
- Levine, C. (1994), *The children of Athena: Athenian ideas about citizenship and the division between the sexes*, Princeton, Princeton University Press.
- Liapis, V. (2008), "Achilles Tatius and Sophocles' *tereus*: a corrigendum and an addendum", *CQ* 58: 335-336.
- Lightfoot, J. (1999), *Parthenius of Nicaea: The poetical fragments and the Erotica Pathemata*, Oxford, Clarendon Press.
- Linforth, I. (1941), *The Arts of Orpheus*, Berkeley and Los Angeles, University of California Press.
- Littlewood, A. (1968), "The symbolism of the apple in Greek and Roman literature", *HSCP* 72: 147-81.
- (1993), "The Erotic Symbolism of the Apple in Late Byzantine and Meta-Byzantine Demotic Literature", *Byzantine and Modern Greek Studies* 17: 83-103.
- Lloyd-Jones, H. (1970), *Aeschylus. Oresteia*, Berkeley/Los Angeles, University of California Press.
- (1983), "Artemis and Iphigeneia", *JHS* 103: 87-102.
- Longo, A., Perria, L., Luzzi, A. (1997), *Byzantina et Italograeca*, Rome, Edizioni di Storia e Letteratura.
- Luck, G., (1971), (rec. a la edición de Papathomopoulos), *Gnomon* 43: 6-9.
- Loemker, L. (1962), "Symbol and myth in philosophy", in Altizer, T. et al. ed., *Truth, Myth and Symbol*, Englewood Cliffs, Prentice-Hall: 109-127.
- Macfarlane, J. (2000), "Aristotle's definition of *anagnorisis*", *AJPh* 121: 367-383.
- Mackenzie, D. (1897/1898), "Kos Astypalaia", *ABSA* 4: 95-100.
- Mader, L., Rüegg, L. (1963), *Griechische Sagen. Apollodoros, Parthenios, Antoninus Liberalis, Hyginus, eingeleitet und neu übertra-*

- gen, Zürich/Stuttgart, Artemis Verlag.
- Marquardt, P. (1982), "Hesiod's Ambiguous View of Woman", *CPh* 77. 4: 283-291.
- Martínez, J. (2014), *Fakes and Forgers of Classical Literature: Ergo decipiatur!*, Leiden/Boston, BRILL.
- Mason, C. (2006), "The Nuptial Ceremony of Ancient Greece and the Articulation of Male Control Through Ritual", *Classics Honors* 5. (http://digitalcommons.macalester.edu/classics_honors/5)
- Masterson, M., Rabinowitz, N., Robson, J. eds. (2014), *Sex in Antiquity: Exploring Gender and Sexuality in the Ancient World*, New York, Routledge.
- Mathew, G. (1971), "The 'Periplus of the Erythrean Sea' and South Arabia", in *Proceedings of the seminar for arabian studies held at the middle east centre, Cambridge 22nd and 23rd June, 1970*: 29-31.
- Mauerhofer, K. (2004), *Der Hylas-Mythos in der antiken Literatur*, München/Leipzig, Walter de Gruyter.
- McCartney, E. (1925), "How the apple became the token of love", *TAPA* 56: 70-81.
- Mead, G. (2002), *Thrice Greatest Hermes*, 1, Kila, Kessinger Publishing.
- Megrelis, M. (2013), *Religion and Cultural Conservatism in Lycia: Xanthos and the Letoon*, Edinburgh, The University of Edinburgh
- Meineke, A. (1855), "Kritische Blätter", *Philologus - Zeitschrift für antike Literatur und ihre Rezeption* 14: 1-44.
- Merkelbach, R. (1962), *Roman und Mysterium in der Antike*, München/Berlin, C. H. Beck.
- Meulder, M. (2015), *Quelques parallèles entre les mythes grec de Persée*

- et celte de Lugh*, Bruxelles, Société belge d'Études celtiques.
- Meyer, C. (1897) rec. a la edición de Martini, *Revue critique d'histoire et de littérature* 43: 346-347.
- Mihailov, G. (1963), (rec. a la edición de Cazzaniga), *PP* 18: 75-76.
- Miller, P. (1997), *Dreams in Late Antiquity: Studies in the Imagination of a Culture*, Princeton, Princeton University Press: 182-183
- (2009), *The Corporeal Imagination: Signifying the Holy in Late Ancient Christianity*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press.
- Mills, S. (1997), *Theseus, Tragedy and the Athenian Empire*, Oxford, Clarendon Press.
- Milner, L. (2000), *Hardness of heart/hardness of life: the stain of human infanticide*, Lanham, University Press of America.
- Miola, R. (1994), *Shakespeare and classical comedy: the influence of Plautus and Terence*, Oxford, Oxford University Press.
- Mioni, E. (1973), *Introduzione alla paleografia greca*, Pádua, Liviana.
- Mitchell, A. (2010), *Heidegger Among the Sculptors: Body, Space, and the Art of Dwelling*, Stanford, Stanford University Press.
- Monro, D. (1884), "The Poems of the Epic Cycle", *JHS* 5: 1-41.
- Moreschini, C. (2016), *Apuleius and the Metamorphoses of Platonism*, Turnhout, Brepols Publishers.
- Morford, M. — Bos, A. (2003), *The soul and its instrumental body: a reinterpretation of Aristotle's philosophy of living nature*, Leiden, Brill.
- Muckelbauer, J. (2003), "Imitation and Invention in Antiquity: An Historical-Theoretical Revision", *Rhetorica* 21: 61-88.
- Müller, K. (1829), *De cyclo Graecorum epico et poetis cyclicis scripsit, eorum fragmenta*, Lipsiae, A. Lehnholdi.
- Murdock, D. (2009), *Christ in Egypt: The Horus-Jesus Connection*,

- Seattle, Stellar House Publishing.
- Murray, J. (1829), *A Commentary, Mythological, Historical, and Geographical on Pope's Homer, and Dryden's Aeneid of Virgil: With a Copious Index*, London, John Murray.
- Musso O. (1976), "Sulla struttura del cod. Pal. Gr. 398 e deduzioni storico-letterarie", *Prometheus* II: 1-10.
- Myers, K. (1994), *Ovid's Causes: Cosmogony and Aetiology in the Metamorphoses*, Ann Arbor, University of Michigan Press.
- Mylonas, G. (1946), "The Eagle of Zeus", *CJ* 41.5: 203-207.
- Nauck, A. (1863), "Kritische Bemerkungen. III", *Mélanges gréco-romains, tirés du Bulletin de l'Académie impériale des Sciences de St.-Petersbourg*, 2: 399-485 (esp. 482-483).
- Ninck, M. (1921), *Die Bedeutung des Wassers im Kult und Leben der alten: Eine symbolgeschichtliche untersuchung*, Leipzig, Dieterich'sche Verlagsbuchhandlung m.b.h.
- Noort, E., Tigchelaar, E. (2002), *The Sacrifice of Isaac: The Aqedah (Genesis 22) and Its Interpretations*, Leiden, BRILL.
- Oakley, J., Sinos, R. (1993), *The Wedding in Ancient Athens*, Madison/London, University of Wisconsin Press.
- Oberhummer, E. (1887), *Akarnanien, Ambrakia, Amphilochien, Leukas im Altertum*, München, Theodor Ackermann
- O'Brien, J. (1993), *The transformation of Hera: a study of ritual, hero, and the goddess in the Iliad*, Lanham, MD, Rowman & Littlefield.
- Oder, E. (1886), *De Antonino Liberali*, Tese Dout., Bonnae, typis Caroli Georgi univ. typogr.
- Ogden, D. (1996), *Greek Bastardy in the Classical and Hellenistic Periods*, Oxford, Oxford University Pres.
- (2013), *Drakon: Dragon Myth and Serpent Cult in the Greek and Roman Worlds*, Oxford; New York: Oxford University Press.

- O'Hara, J. (1996), *True Names: Vergil and the Alexandrian Tradition of Etymological Wordplay*, Ann Arbor, University of Michigan Press.
- Okin, L. (1974), *Studies on Duris of Samos*, Dissertation, University of Michigan dissertation.
- (1980), "A Hellenistic Historian Looks at Mythology", *Panhellenica*: 97-111.
- Oliveira, F. de, Fedeli, P., Leão, D. orgs. (2005), *O Romance Antigo: origens de um gênero literário*, Coimbra, Universidade de Coimbra / Università degli Studi di Bari.
- Ormand, K. ed. (2015), *A Companion to Sophocles*, Oxford, Wiley-Blackwell: 161.
- Ott, L. (1896), *Beitrag zur Kenntnis des griechischen Eides*, Leipzig, Gustav Fock.
- Overduin, F. (2014), *Nicander of Colophon's Theriaca: A Literary Commentary*, Leiden, BRILL.
- Padilla, M. (1999), *Rites of Passage in Ancient Greece: Literature, Religion, Society*, Lewisburg, Bucknell University Press.
- Pagel, W. (1982), *Paracelsus: an introduction to philosophical medicine in the era of the Renaissance*, Basel, Karger Publishers.
- Papaioannou, S. (2003). "Birds, Flames and Epic Closure in Ovid, "Metamorphoses", *CQ* 53.2: 620-624
- Papathomopoulos, M. (1962), "Notes critiques au texte d'Antoninus Liberalis", *RPh*. 36.2: 245-251.
- (1963), "Une édition récente d'Antoninus Liberalis", *RPh*. 37: 260-266.
- Parke, H., Wormell, D. (1956), *The Delphic Oracle: The Oracular Responses*, 2, Oxford, Blackwell.
- Pasquali, G. (1913), "I due Nicandri", *SIFC* 20: 55-111.
- Pease, A. (1942), "Some Aspects of Invisibility", *HSPH* 53: 1-36.

- Pecere, O., Stramaglia, A. (1996), *La letteratura di consumo nel mondo greco-latino*, Atti del Convegno Internazionale (Cassino 14-17 settembre 1994, Cassino, Università degli studi di Cassino).
- Peradotto, J. (1969), “The Omen of the Eagles and the HTOS of Agamemnon”, *Phoenix* 23.3: 237-263.
- Pérez-Jean, B. (2004), *L'allégorie de l'antiquité à la Renaissance*, Paris, Champion.
- Perry, B. (1920), *The Metamorphoses ascribed to Lucius of Patrae, its content, nature, and authorship*, Tese, Princeton University.
- (1930), “Chariton and His Romance from a Literary-Historical Point of View”, *AJP* 51: 93-134.
- Pestalozza, U. (1938), *Lêtô phytia e le Ekdysia*, Milano, Hoepli.
- (1949), *Pagine di religione mediterranea*, Milano, Fondazione Treccani degli Alfieri per la storia di Milano.
- Pinheiro, M., Montiglio, S. eds. (2015), *Philosophy and the Ancient Novel*, Groningen, Groningen University Library.
- Plähn, G. (1882), *De Nicandro aliisque poetis Graecis ab Ovidio in Metamorphosibus conscribendis adhibitis*, Diss., Halle.
- Plescia, J. (1970), *The Oath and Perjury in Ancient Greece*, Tallahassee, Florida State Univ. Pr.
- Postlethwaite, N. (1999), “The Death of Zeus Kretagenes”, *Kernos* 12: 85-98.
- Pottier, E. (1924), “La chouette d’Athéné”, *BAGB* 2.1: 27-30.
- Priest, J. (1964), “OPKIA in the *Iliad* and Consideration of a Recent Theory”, *JNES* 23: 48-56.
- Putnam, M. (1986), *Artifices of eternity: Horace's fourth book of Odes*, Ithaca, Cornell University Press.
- Radermacher, L. (1931), *Der homerische Hermes hymnus*, Wien, Hold-

er-Pichler-Tempsky.

- Radin, M. (1925), "The Exposure of Infants in Roman Law and Practice", *CIJ* 20:337-342.
- Ramat, P. (1960), "Nuove prospettive per la soluzione del problema dei Μέρορες di Cós", in *Atti dell'Accademia Toscana Colombaria*, Firenze, L. S. Olschki: 131-157.
- Ramos Jurado, E. (1981), *Lo platónico en el siglo V p.C., Proclo: (análisis de las fuentes del Comentario de Proclo al Timeo platónico en su libro V, Prólogo y Genealogía de los dioses)*, Sevilla, Universidad de Sevilla.
- Rank, O., Richter, G., Lieberman, E. (2004), *The myth of the birth of the hero: a psychological exploration of myth*, Baltimore, JHU Press.
- Ransome, H. (2012), *The Sacred Bee in Ancient Times and Folklore*, Mineola, Courier Dover Publications.
- Ranulf, S. (1934), *The jealousy of the Gods and criminal Law at Athens*, Londres, Williams and Norgette.
- Reardon, B. (2014), *The Form of Greek Romance*, Princeton, Princeton University Press.
- Redford, D. (1967), "The Literary Motif of the Exposed Child", *Nu-men* 14.3: 209-228.
- Renner, T. (1978), "A Papyrus Dictionary of Metamorphoses", *HSPh* 82: 277-293.
- Rigoglioso, M. (2009), *The Cult of Divine Birth in Ancient Greece*, New York, Palgrave Macmillan.
- Rimell, V. (2006), *Ovid's Lovers. Desire, Difference, and the Poetic Imagination*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Roberts, A., Donaldson, J. eds. (1979), *The Ante-Nicene Fathers*, Grand Rapids, Wm. B. Eerdmans.
- Rollant, N. (1979), "Ορκοϋ et sa famille. Le rituel de la prestation du

- serment dans l'Iliade et l'Odyssée d'Homère", *Documents du Centre LAMA* 4: 214-304.
- Roller, L. (1999), *In search of god the mother: the cult of Anatolian Cybele*, Berkeley, University of California Press.
- Rose, H. (1936), "The Ancient Grief. A Study of Pindar, fr. 133 (Bergk), 127 (Bowra)", in Bailey, C. — Bowra, C. — Barber, E. — Denniston, J. — Page, D. eds. (1956), *Greek Poetry and Life*, Oxford, Clarendon Press: 79-96.
- Rosenmeyer, P. (1996), "Love letters in Callimachus, Ovid and Aristaenetus", *MD* 36: 9-31.
- (2001), *Ancient Epistolary Fictions: The Letter in Greek Literature*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Rostovtzeff, M. (1926), *The Social and Economic History of the Roman Empire*, Oxford, Oxford University Press.
- Roux, G. (1973), "La consultation solennelle des Labyades a Delphes", *Revue archeologique* 26: 59-78.
- Rudhardt, J. (1958), *Notions fondamentales de la pensée religieuse et actes constitutifs du culte dans la Grèce classique*, Genève, E. Droz.
- (2002), "Les deux mères de Dionysos, Perséphone et Sémélé, dans les Hymnes orphiques", *RHR* 219: 483-501.
- Ruperti, G. (1841), *Handbuch der römischen Alterthümer, mit einem Plane von Rom und den Grundrissen eines Bades und eines römischen Hauses*, 1, Hannover, Hahn.
- Russel, N. (2004), *The Doctrine of Deification in the Greek Patristic Tradition*, Oxford/New York, Oxford University Press.
- Sakellariou, M. (1958), *La migration grecque en Ionie*, Tese Dout., Paris/Athens, Institut français.
- Samuelsson, G. (2013), *Crucifixion in Antiquity*, Tübingen, Mohr Siebeck.

- Sanders, E. (2014), *Envy and Jealousy in Classical Athens: A Socio-Psychological Approach. Emotions of the past*, Oxford/New York, Oxford University Press.
- Saxius, C. (1775), *Onomasticon Literarium, Sive Nomenclator Historico-Criticus Praestantissimorum Omnis Aetatis, Populi, Artiumq. Formulae Scriptorum: Item Monumentorum Maxime Illustrium, AB Orbe Condito Usque Ad Saeculi, Quod Vivimus, Tempora Digestus et Veresimilibus, quantum fieri potuit, annorum natis accomodatus. E recognitione longe auctiori et emendatiori, ita, ut non tam EDITIO ALTERA, quam novus omnino Liber censeretur debeat, ad Rhenum, Gisb. Tiem. À Paddenburg, Abbrah. À Paddenburg, & Ioh. Van Schoonhoven, & Soc.*
- Schaefer, G. ed. (1809), *Appendix ad Frider. Jac. Bastii "Epistolam criticam". Partim latine vertit, cumque suis notis et indicibus*, Lipsiae, in libraria Weidmannia: 37-48.
- Schanz, M. (1927), *Geschichte der römischen Literatur: bis zum gesetzgebungswerk des Kaisers*, München, C.H. Beck.
- Schlesier, R. (1992), "Ritual und Mythos: Zur Anthropologie der Antike heute" in in Faber, R., Kytzler, B. eds., *Antike heute*, Würzburg: 93-109.
- Schmeling, G. ed. (1996), *The Novel in the Ancient World*, Boston/Leiden, Brill.
- Schmidt, M. (1862), *Hesychii Alexandrini Lexicon*, Ienae, sumptibus F. Maukii.
- Schneiderman, L. (1981), *The Psychology of Myth, Folklore, and Religion*, Chicago, Nelson-Hall.
- Slochower, H. (1970), *Mythopoesis: mythic patterns in the literary classics*, Detroit, Wayne State University Press.
- Scodel, R. (1984), "Tantalus and Anaxagoras", *HSPb* 88: 13-24.
- Segal, C. (1999), "Ovid's Meleager and the Greeks. Trials of Gender and Genre", *HSCPb* 99: 301-340.

- Segal, R. (1996), *Structuralism in myth: Lévi-Strauss, Barthes, Dumézil, and Propp*, Theories of Myth, 6, New York, Garland Pub.
- (1998), *The Myth and Ritual Theory: An Anthology*, Malden, Massachusetts, Wiley-Blackwell: 143-155.
- Seim, T., Økland, J. (2009), *Metamorphoses: Resurrection, Body and Transformative Practices in Early Christianity*, Berlin/New York, Walter de Gruyter.
- Sellheim, R. (1930), *De Parthenii et Antonini fontium indiculorum auctoribus ...*, Halis Saxonum, Karras Kroeber et Nietschmann.
- Seznec, J. (1981), *The Survival of the Pagan Gods: The Mythological Tradition and Its Place in Renaissance Humanism and Art*, Princeton, Princeton University Press.
- Silvia, J. (1953), *La letteratura greco-latina delle Metamorfosi*, Messina/Firenze, Casa Editrice G. D'Anna.
- Simcox, G. (1883), *A History of Latin Literature from Ennius to Boethius*, 1, New York, Harper.
- Sissa, G. (1990), *Greek Virginity*, Cambridge, Harvard University Press.
- Smith, W. (1875), *A Dictionary of Greek and Roman Antiquities*, London, John Murray.
- ed. (1870), *Dictionary of Greek and Roman Biography and Mythology*, Boston, C. Little and J. Brown.
- Songe-Möller, V. (2002), *Philosophy without women: the birth of sexism in Western thought Athlone contemporary European thinkers*, New York, Continuum International Publishing Group.
- Soren, D., Soren, N. (1999), *A Roman villa and a late Roman infant cemetery: excavation at Poggio Gramignano, Lugnano in Teverina*, Roma, L'Erma di Bretschneider.
- Sourvinou-Inwood, C. (1995), 'Reading' Greek Death to the End of

- the Classical Period*, Oxford, Clarendon Press.
- Sourvinou-Inwood, C. (2015), *Hylas, the Nymphs, Dionysos and Others. Myth, Ritual, Ethnicity*, Stockholm, Åströms Förlag,
- Spielman, P. (1971), "Envy and Jealousy: an Attempt at Clarification", *Psychoanalytic Quarterly* 40: 59-82.
- Spyridakis, S. (1968), "Zeus Is Dead: Euhemerus and Crete", *CJ* 63.8: 337-340.
- Starner, R. (2011), *Kingdom of Power, Power of Kingdom: The Opposing World Views of Mark and Chariton*, Eugene, Wipf and Stock Publishers.
- Steinbock, B. (2012), *Ancient Scholarship and Grammar: Archetypes, Concepts and Contexts*, Ann Arbor, University of Michigan Press.
- Stengel, P. (1898), *Die griechischen Kultusaltertümer*, München, Beck.
- Stökl, J. (2013), *Prophets Male and Female: Gender and Prophecy in the Hebrew Bible, the Eastern Mediterranean, and the Ancient Near East*, Atlanta, SBL Press.
- Stuart, D. (1918), "The Function and the Dramatic Value of the Recognition Scene in Greek Tragedy", *AJPh* 39.3: 268-290.
- Sturz, F. (1818), *Etymologicum graecae linguae Gudianum: et alia grammaticorum scripta e codicibus manuscriptis nunc primum edita : accedunt notae ad Etymologicon magnum ineditae...*, Lipsiae, apud I.A.G. Weigel.
- (1824), *Pherecydis Fragmenta*, Lipsiae, svmtv Cnoblochii.
- Surber, A. (1880), *Die Meleagersage: Eine Historisch-Vergleichende Untersuchung Zur Bestimmung Der Quellen Von Ovidi Met. VIII 270-546*, Zürich, Zürcher und Furrer.
- Susemihl, F. (1891), *Geschichte der griechischen Litteratur in der Alexandrinerzeit*, Leipzig, B. G. Teubner.
- Sutton, O. (1977), "The Greek Origins of the Cacus Myth", *CQ*

27.2: 391-393.

Tarn, W., Griffith, G. (1927), *Hellenistic Civilisation*, London, Edward Arnold & Co,

Temporini, H. (1982), *Politische Geschichte (Provinzen und Randvölker: Sizilien und Sardinien; Italien und Rom; Allgemeines)*, Berlin/New York, Walter de Gruyter.

Thumb, A. (1974), *Die Griechische Sprache Im Zeitalter Des Hellenismus*, Berlin/New York, Walter de Gruyter.

Tilg, S. (2014), *Apuleius' Metamorphoses: A Study in Roman Fiction*, Oxford, Oxford University Press.

Tobar, M. (2006), “Lo maravilloso en calderón: mitología, magia y hagiografía”, *Actas del VII Congreso de la AISO*: 591-596.

Tov-Ruach, L. (1980), “Jealousy, Attention, and Loss”, in Rorty, A. ed., *Explaining Emotions*, Berkeley, University of California Press: 465-488.

Troca Pereira, R. (2009), *Dares da Frígia. Sobre a História da Queda de Tróia*, Mem-Martins, Europa-America.

——— (2012), “Dares da Frígia: a versão troiana do conflito”, *REC* 39: 124-144.

——— (2013), *A Ditadura de Eros. Assim como no Princípio, Agora e Sempre ... Mi(s)tos de cruor: reflexão diacrónica*, Pós-Dout., Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

——— (2013), *Agamemnon(es): Entre o Mito e a Literatura*, Tese Dout., Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

——— (2015), “O suplício de Cupido em comentário e tradução”, *Classica* 20.1: 205-216.

——— (2015), *Parténio. Sofrimentos de Amor*, Coimbra/São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra/Annablume Editora.

——— (2016), *Díctis de Creta. Efeméride da Guerra de Tróia*, Lis-

- boa, Edições 70.
- Trumpf, J. (1960), “Kydonische Äpfel”, *Hermes* 88: 14–23.
- Vaillant, J. (1701), *Historia Ptolemaeorum Aegypti regum, ad fidem numismatum accomodata*, Amstelaedami, apud G. Gallet.
- Valgiglio E. (1956), “La leggenda di Meleagro nei suoi interessi tradizionali, letterari, morali”, *Riv.Fil.Istr.Class.* 34: 113-143.
- Vallozza, M. (1989), “Il motivo dell’invidia in Pindaro”, *QUCC* 60: 13-30.
- Van Hooft, S. (2002), “La Caze on Envy and Resentment”, *Philosophical Explorations* 5: 141-147.
- Vernant, J.-P. (1965), *Mythe et pensee chez les Grecs*, Paris, Maspero.
- (1980), *Myth & Society in Ancient Greece*, Sussex, Harvester Press.
- Vernet, A. (1961), “Les manuscrits grecs de Jean de Raguse (1443)”, *Basler Zeitschrift LXI*: 75-108.
- Versnel, H. (1990), *Inconsistencies in Greek and Roman Religion: Transition and Reversal in Myth and Ritual*, t. II, Leiden, BRILL.
- Vial, H. (2010), *La métamorphose dans les Métamorphoses d’Ovide: étude sur l’art de la variation. Études anciennes*, Paris, Les Belles Lettres.
- Vollgraff, C. (1905), “Ad Antonini Liberalis XXXI, 4”, *Mnemosyne* 33: 378.
- Vossius, G. (1624), *De Historicis Graecis*, Maire, Lugdunum Bavorum.
- Walcot, P. (1978), *Envy and the Greeks: a Study of Human Behaviour*, Warminster, Aris & Philips.
- Wehrli, F. (1892), *Zur Geschichte der allegorischen Deutung Homers im Altertum*, Diss., Basel, Wipprecht.

- Welcker, F. (1856), "Alcmanis fragmentum de Tantalos", *RhM* 10: 242-254.
- Wendel, C. (1932), "De Parthenii et Antonini fontium indiculorum auctoribus", *Gnomon* 8: 148-54
- West, M. (1979), "The parodos of the Agamemnon", *CQ* 29: 1-6.
- (1992), *Ancient Greek Music*, Oxford, Oxford University Press.
- (1999), *Hesiod's Theogony, Works and Days*, Oxford, Oxford University Press.
- Whitmarsh, T. ed. (2008), *The Cambridge Companion to the Greek and Roman Novel*, Cambridge, Cambridge University Press.
- (2013), *Beyond the Second Sophistic: Adventures in Greek Postclassicism*, Berkeley/Los Angeles/London, University of California Press.
- Wilamowitz-Möllendorff, U. von (1883), "Die Beiden Elektren", *Hermes* 18: 214-263.
- Willetts, R. (1962), *Cretan cults and festivals*, London, Routledge/Kegan.
- Wills, J. (1996), *Repetition in Latin Poetry*. Oxford, Clarendon Press.
- Wilson, N. (1983), *Scholars of Byzantium*, London, Gerald Duckworth: 85-88.
- Winter, A. (1876), *Alkmene und Amphitryon: eine mythologische Abhandlung*, Breslau, Druck von Grass, Barth & Co.
- Wolfgang, A. (1927), "Die Entdeckung des Westens", *Hermes* 62: 299-341.
- Wolfram, H. (1997), *The Roman Empire and its Germanic peoples*, Berkeley/Los Angeles/London, University of California Press.
- Woodard, R. (2007), *The Cambridge Companion to Greek Mythology*, Cambridge, Cambridge University Press.

- Wulff, H. (1892), “Notes critiques à Antoninus Liberalis”, *Aleksandriiskie Et.*: 116-124.
- Wüllner, F. (1825), *De Cyclo Epico Poetisque Cyclicis: Commentatio Philologia ab illustrissimo philosophorum ordine in academia Borussica Rhenana præmio ornata quam ad summos philosophia honore ab eodem ordine legitime impetrandos*, Monasterii, Coppenrath.
- Wüst, E. (1959), “Pygmaioi”, *RE* 23: 2064–2074.
- Yalouris, N. (1953/1954), “Hermes Boukleps”, *Ephem* 2: 62-158.
- Yasumura, N. (2013), *Challenges to the Power of Zeus in Early Greek Poetry*, Bloomsbury/London, Bristol Classical Press/ Academic. 181 n.45
- Ziebarth, E. (1892), *De iurejurando in iure græco quæstiones*, Göttingen, Dieterich.
- (1905), “Eid”, *RE* 2: col. 2076-2083.

(Página deixada propositadamente em branco)

INDEX NOMINUM ¹

- Acacális [mit.] - 170
Acálabo [mit.] - 68, 84
Acantilis [mit.] - 37, 81, 110, 110
n. 232
Acântio [mit.] - 110 n. 222
Acântis [mit.] - 109
Acanto [mit.] - 37, 81, 109-110
Acarnasia [top.] - 113 n. 236
Acasto [mit.] - 192, 192 n. 551
Acôncio [mit.] - 22, 86 n. 113, 87
n. 137, 89, 91
Acrísio [mit.] - 114 n. 245, 192 n.
553
Acroteleutio [mit.] - 171
Actéon [mit.] - 136 n. 316, 153 n. 394
Actor [mit.] - 192 n. 549
Actor, filho de [mit.] - 192 nn.
549-550
Adler - 124 n. 280, 203
Admeto [mit.] - 150, 150 n. 373
Admeto, filha de [mit.] - 150, 150
n. 373
Admeto, manada de - 150
Adónis [mit.] - 64, 67 n. 120, 88 n.
139, 136 n. 316, 157 n. 405, 181
Adriano - 15 n. 9
Adriático [top.] - 53
Costa - 51, 173
Mar - 51, 55
Golfo - 51
Costa - 51, 173
Aédon [mit.] - 37, 38 n. 63, 68,
79, 82, 116 n. 256, 119, 119
n. 267, 120 nn. 267, 269, 271,
121-123, 157 n. 406
Aédon, filho de - 122
Aédon, irmão de - 28, 37, 123
Aédon, mãe de - 37, 82, 122
Aédon, pai de - 185 n. 519
Aérope [mit.] - 96 n. 175
Afaía [mit.] - 35, 85, 196
Afetas [top.] - 158 n. 411
Afidna [mit.] - 161 n. 417
África [top.] - 50, 94 n. 171
Afrodite [mit.] - 45, 64, 66-67 n.
120, 69-70, 72, 88 n. 139, 90
n. 150, 91, 91 n. 152, 114 n.
245, 129 n. 288, 136 n. 316,
145, 145 n. 355, 147, 154, 181,
181 n. 501, 189, 193 n. 555,
195

¹ Autores e textos citados; figuras mitológicas [mit.]; nomes geográficos: locais, rios, montanhas construções [top.]; patronímicos [patr.]; nomes de povos / culturas [etn]; epíteto [epit.]

- Afrodite Ctésila - 33, 91, 91 n. 152
 Afrodite *Pandemos* - 65 n. 119
 Afrodite Urânia - 65 n. 119, 88 n. 139
 Agamémnon [mit.] - 89 nn. 144, 146, 93 n. 164, 95 n. 175, 156 n. 401, 161, 161 n. 418, 162, 162 nn. 418, 421, 422, 163 n. 422, 164 n. 423, 180 n. 500, 194
 Agamémnon, filha de (Ifigénia) - 161-162 n. 418
 Agamémnon, filhas de - 160 n. 418
 Agamémnon, filhos de [mit.] - 160 n. 418
 Agaton
 apud Ath. 13.46 - 109 n.216
 Agelau [mit.] - 93
 Agenor [mit.] - 196
 Agesilau [mit.] - 178 n. 494
 Ágrio [mit.] - 39, 84, 146, 189
 Ágron [mit.] - 38, 46, 83, 131-132
 Ahl - 105 n. 203
Aigolioi [etn.] - 47
 Ájax [mit.] - 114 n. 245, 139 n. 326
 Alcandro [mit.] - 38, 129
 Alcátoe [mit.] - 82, 116, 116 n. 251
 Alceu (Alc.) 187 n. 526
 fr. 283 - 179 n. 499
 fr. 365 L.-P. - 187 n. 526
 fr. 367 *PMG* - 187 n. 526
 Alcídamas [mit.] - 86, 89, 91
 Alcífron (Alciphhr.)
 Alcíone [mit.] - 114 n. 245, 120 n. 267, 157 n. 403
 Alcioneu [mit.] - 64, 112-113, 143
 Alcítoe [mit.] - 116 nn. 249, 251
 1.13 - 150 n. 376
 Álcman (Alcm.) - 120 n. 271, 162 n. 419, 187 n. 526
 fr. 21 Page - 162 n. 419
 fr. 21 *PMGF*: ΣAD II. 3.242 - 161 n. 418
 fr. 79 *PMG* - 187 n. 526
 Alcmena [mit.] - 44, 75, 80, 85, 168, 177, 177 n. 488, 178 n. 494
 Alcmene de Historis [mit.] - 168 n. 437
 Alderink - 117 n. 257
 Alexandre [Cornélio ?]
 Θαυμασίων συναγωγή - 184 n. 232
 Alexandre da Etólia
 fr. 2 Mein. - 160 n. 418
 Alexandre Magno - 28, 119 n. 263
 Alexandre de Plêuron - 161 n. 418
 Alexandre Poliístor (Alex. Polyh.)
 FGrHist 273F - 51 n. 100, 183 n. 511
 Alexandre Severo - 15 n.9
 Allen - 18 n. 15
 Almirall i Sardà - 21 n. 21
 Alopex [mit.] - 85
 Alteia [mit.] - 29, 92 n. 154, 94, 93 n. 157, 95
 Aly - 17 n. 11
 Amaleu [mit.] - 120 n 271

- Amaltheia [mit.] - 184 n. 515, 188
 Amandry - 112 n. 233
 Ambrácia [top.] - 48, 75, 99-100,
 100 n. 190, 101, 103
 Ambraciotas [etn.] - 34, 47, 100,
 102
 Amiclas [top.] - 179 n. 500
 Amitáon, filha de [mit.] - 150 n.
 373
 Amor [mit.] - 66 n. 120
 Anacreonte (Anacr.) - 188 n. 526
 fr. 348 *PMG* - 100 n. 193
 Anatólia [top.] - 49
 Anaxágoras (Anaxag.) - 184 n.
 518, 187 n. 526, 188 n. 526
 fr. 114D - 169 n. 448
 Andrémon [mit.] - 176, 189 n. 531
 Andrómedes [mit.] - 196
 Anfínome [mit.] - 124, 190
 Anfion [mit.] - 120 nn. 269, 271
 Anfisso [mit.] - 37, 48, 176
 Anfitríão [mit.] - 199, 199 n. 579
 Anquíroo [mit.] - 196
 Anquises [mit.] - 67 n. 120, 114
 n. 245
 Anteu [mit.] - 104, 193 n. 555
Anthologia Graeca (AG) 5
Epigr. 78 - 65 n. 119
Anthologia Palatina (AP)
 858 - 146 n. 362
 Antífanes
 [mit.] - 63 n. 116
 Antifonte (Antipho Soph.)
 1.26 - 61 n. 113
 Antígona [mit.] - 171 n. 462
 Antígono Carístio / de Caristo o
 Jovem (Antig.)
Antipater - 24, 86 n. 132
*Compilação de Histórias Ad-
 miráveis* (243v-261v) /
 Ἱστοριῶν παραδόξων
 συναγωγή, *Historiarum*
mirabilium collectanea /
 (*Mir.*) - 17 n. 11, 18 n. 13,
 20-21, 57 n. 105
 26 - 18 n. 13
 60 - 18 n. 13
Epigramas - 26
Mudanças - 25, 150
 Anto [mit.] - 36-37, 81, 109-110
 Anton - 112 n. 228
 Antonino Liberal / Antoninus
 Liberalis (Ant. Lib.) - 11, 11 n.
 1, 12, 14, 14 n. 6, 15 n. 7, 16,
 17 n. 11, 18, 20, 21 n. 21, 22,
 23 n. 26, 24 n. 29, 27, 39 n.
 79, 47, 51 n. 100, 58, 60 nn.
 109-110, 77, 91 n. 152, 92 n.
 154, 97 n. 178, 100 n. 189,
 102, 104 n. 199, 116 n. 251,
 135 n. 314, 139 n. 322, 140 n.
 336, 153 n. 391, 162 n. 422,
 182 n. 504, 189 n. 530
Metamorfoses (189r - 208v) /
 Μεταμορφώσεων Συναγωγή,
Transformationum congeries,
 1 - 22, 25, 29, 33-34, 44, 47-49,
 51, 53-54, 60, 60 n. 109, 61,
 64, 68, 70-71, 73, 75, 86 n.
 133
 2 - 25, 29, 36, 39, 45, 47-48, 50,
 53, 68, 70-71, 73, 75, 139 n.
 330, 192 n. 552

- 3 - 25, 29, 36, 39, 45, 47, 60, 62, 69-70, 75
- 4 - 22-23, 25-26, 29, 33-34, 42, 45, 47-48, 50, 54, 60 n. 109, 68, 70-71, 75, 109 n. 213
- 5 - 25, 29, 36, 39, 45-46, 50, 60, 62, 65-66, 69, 71, 73-74, 198 n. 574
- 6 - 23 n. 26, 27-29, 34, 36, 39, 45, 50, 62, 69-71, 93 n. 159, 198 n. 572
- 7 - 25, 29, 36, 45, 69-71, 73, 75
- 8 - 25, 29, 33-34, 44, 48-52, 55, 60, 64, 70, 75
- 9 - 22, 25, 28-29, 37, 45, 47, 50-52, 55, 69, 71
- 10 - 23, 25, 29, 37, 39, 45-47, 69, 71
- 11 - 23, 25, 28-29, 37, 45, 48-49, 51, 68, 70-71, 74, 110 n. 222, 116 n. 256, 157 n. 406, 185 n. 519
- 12 - 25-26, 29, 33, 37, 43-44, 47-49, 54-55, 60, 69-71, 75
- 13 - 22, 25, 29, 33, 35, 44, 47, 50, 53-54, 60, 60 n. 109, 70-71, 74-75, 86 n. 133, 91 n. 152
- 14 - 23, 23 n. 26, 25, 29, 37 n. 60, 38-39, 43, 45, 47, 62, 69, 71
- 15 - 15, 28 n. 35, 29, 37 n. 60, 38-39, 45-47, 53, 54, 62, 68-70
- 16 - 23, 25, 29, 38-39, 45, 47, 62, 68, 70-71
- 17 - 23, 25, 28 n. 35, 29, 33-34, 42-43, 45-47, 53-54, 60 n. 109, 70-71, 133 n. 309
- 18 - 25, 29, 38, 45, 49-50, 62, 70, 132 n. 304
- 19 - 23, 25, 29, 38-39, 45, 47, 49, 53, 62, 68, 71, 74, 120 n. 267, 184 n. 514
- 20 - 25-26, 29, 38, 39 n. 79, 43, 45, 47, 49, 51, 54, 70-71, 109 n. 215, 138 n. 319
- 21 - 25, 29, 39, 42-43, 45, 69-71, 179 n. 499
- 22 - 25, 29, 42, 45, 47, 52, 56, 68, 70-71, 170 n. 454
- 23 - 23, 25-26, 29, 33-34, 42, 45-46, 48-54, 56, 64, 70-71, 73-74, 150 n. 373, 195 n. 564
- 24 - 23, 25, 28 n. 37, 29, 35, 42, 45, 50, 68, 70, 74, 176 n. 482, 194 n. 561
- 25 - 25, 28 n. 37, 29, 33, 35, 42, 45, 47, 49-51, 54, 60, 60 n. 109, 69-71, 75
- 26 - 22, 25, 28 n. 35, 29, 33, 35, 42, 44-45, 52, 55, 60, 60 n. 109, 64, 75, 97 n. 177
- 27 - 23, 25, 28 n. 35, 29, 33, 35, 44-45, 47, 50, 52, 54-55, 58, 61, 70-71, 75, 177 n. 490
- 28 - 23, 25, 29, 43-46, 51-52, 58, 70-71, 75, 169 n. 447
- 29 - 22, 25, 29, 33, 35, 42, 45, 49, 60 n. 109, 68, 71, 74, 120 n. 267
- 30 - 25, 29, 33-34, 44-45, 49, 51, 53, 60-61, 66, 69-70, 99 n. 187, 179 n. 495, 179 n. 499

- 31 - 25, 29, 33-34, 42, 45, 47, 50-52, 54, 56, 69, 71, 189 nn. 533-534
- 32 - 25, 29, 33-34, 43-45, 48-49, 52, 54, 60, 60 n. 109, 61, 64, 70-71, 75
- 33 - 23 n. 26, 29, 33, 44-45, 47-50, 54-55, 61, 71, 75
- 34 - 23 n. 26, 29, 35, 42, 45, 52, 64, 66, 68, 70-71, 75, 105 n. 203, 198 n. 574
- 35 - 25, 25 n. 31, 26, 29, 33, 35, 42, 45, 49, 51, 53-55, 70-71
- 36 - 23 n. 26, , 25-26, 29, 43-45, 52-53, 68, 70-71, 119 n. 262, 120 n. 267
- 37 - 23, 23 n. 26, 25-26, 29, 33-35, 42, 44-45, 47-50, 53, 55-56, 60, 70-71, 75
- 38 - 25, 29, 42, 45, 47, 50, 52-53, 56, 62, 71
- 39 - 23, 25, 29, 35, 42, 45, 47, 49, 51, 53, 64, 68, 70, 75, 133 n. 309, 153 n. 392, 189 n. 532
- 40 - 23 n. 26, 27, 29, 33, 35, 44, 47-48, 51, 53-54, 60, 70-71, 75, 170 n. 455
- 41 - 22, 23 n. 26, 27, 29, 35, 42, 45, 47, 49-51, 53, 65, 70-71, 75, 170 n. 455, 184 n. 516
- Sobre os Rios* [?] - 12
- Antonino Pio - 11 n.2, 12, 15 n. 9
- Antoninos (Imperadores) - 11, 15 n. 9
- Antoninum Aebutio Liberali - 12
- Antoninus, M. Arrius - 12
- António Liberal - 12, 14, 14 n. 6, 15 n. 7
- Antonius - 11-12, 14 nn. 5-6, 15 n. 7
- Aónia [top.] - 51, 154
- Aónios [etn.] - 35, 47, 155
- Apoftegma fr.7.4 Mullach - 107 n. 210
- Apolo [mit.] - 26, 39 n. 81, 43, 45-48, 54, 62, 64, 69-70, 72, 74-75, 84, 87 n. 136, 88, 88 n. 138, 89, 89 n. 143, 91, 92 n. 154, 96 n. 175, 97 n. 180, 99, 99 n. 187, 100, 102-103, 105, 107, 110, 114 n. 245, 124, 125, 127, 136 n. 316, 138, 141, 142-143, 143 n. 352, 150, 150 nn. 376-377, 154, 166, 166 n. 431, 170, 173 n. 464, 465, 175, 175 n. 479, 480, 481, 176, 182, 182 n. 505, 183 n. 512, 183, 187 n. 525, 192 n. 553
- Apolo *Agraios* - 175 n. 479
- Apolo Pio - 87 n. 136
- Apolo Salvador - 34
- Apolo Salvador Pítio - 34
- Apolo, altar - 64, 88
- Apolo, oráculo - 54, 154
- Apolo, santuário / templo - 47, 54, 88 n. 138, 141, 176
- Apolodoro (Apoll.) - 43, 104 n. 201
- apud* Clem. Al. *Protr.* 2.25 - 141 n. 342
- Biblioteca*
- 1.1.6 - 184 n. 515
- 1.3.1 - 168 n. 443

- 1.3.2 - 117 n. 257, 181 n. 501
 1.4.1 - 145 n. 355
 1.4.4 - 198 n. 571
 1.5.1 - 153 n. 391
 1.5.3 - 153 n. 389
 1.6.2 - 67 n. 120
 1.6.3 - 166 n. 427
 1.7.3 - 151 n. 381
 1.8.1 - 96 n. 176
 1.8.2 - 92 n. 154, 93 nn.
 163, 165, 94 nn. 168,
 170
 1.8.3 - 92 n. 154, 94 n. 170,
 95 n. 173, 96 n. 176
 1.8.5 - 96 n. 176
 1.8.6 - 189 n. 531
 1.9.4 - 198 n. 572
 1.9.11- 181 n. 501
 1.9.12 - 181 n. 501
 1.9.17 - 156 n. 401
 1.9.19 - 156 n. 401
 2.1.1 - 102 n. 197
 2.1.3 - 97 n. 177
 2.2.2 - 116 n. 251
 2.4.7 - 199 n. 578
 2.4.11 - 178 n. 491
 2.5.7 - 96 n. 175
 2.5.10 - 151 n. 381
 2.5.12 - 153 n. 389
 2.6.7 - 96 176
 2.7.5 - 96 176
 2.7.7 - 157 n. 403
 2.8.1 - 177 n. 486
 3.1.2 - 178 n. 491
 3.4.3 - 134 n. 311
 3.4.4 - 136 n. 316, 179 n. 496
 3.5.6 - 120 nn. 269, 271, 171
 n. 462
 3.5.8 - 105 n. 203
 3.6.4 - 87 n. 136
 3.6.7 - 135-136 n. 315
 3.8.1 - 145 n. 355, 173 n. 466
 3.10.2 - 150 n. 375
 3.10.3 - 142 n. 350, 150 n. 376
 3.10.6 - 104 n. 201
 3.10.8 - 160 n. 417
 3.12.6 - 192 n. 544
 3.13.1 - 189 n. 536, 192 n. 549
 3.13.2 - 192 n. 552
 3.13.3 - 129 n. 555
 3.13.6 - 170 n. 456
 3.13.8 - 134 n. 311
 3.14.1 - 107 n. 206
 3.14.3 - 198 n. 572
 3.14.4 - 179 n. 497
 3.14.6 - 107 n. 206, 119 n. 261
 3.14.8 - 119 n. 261, 121 n. 271
 3.14.9 sq. - 120 n. 267
 3.15.1 - 198 n. 572
 13.15.1 - 198 n. 575
Catálogo das Naus 5
 (F. G. H. I.457) - 86 n. 132
Epítome (Epit.)
 1.22 - 135 n. 314
 1.23 - 161 n. 418
 2.1 - 186 n. 524

- 2.3 - 145 n. 355, 186 n. 524
 2.4 - 199 n. 579
 2.10 - 89 n. 144, 95 n. 175
 2.16 - 160 n. 418
 3.14 - 48 n. 98, 93 n. 158
 3.20 - 162 n. 421
 6.16-17 - 136 n. 316
- Apolónio [Apollonius Paradoxographus]
Historiae mirabiles (236v-243r)
 - 17 n. 11, 20
- Apolónio Ródio / de Rodas (A.R.)
 - 24-25, 150
- Argonautica*
 1.57-64 - 135 n. 314
 1.72 - 192 n. 550
 1.240-260 - 158 n. 413
 1.131 - 157 n. 402, 158 n. 411
 1.1145 - 182 n. 510
 1.1344 - 158 n. 411
 1.1348 - 158 n. 411
 4.1129-1134 - 184 n. 513
 13.58-60 - 157 n. 405
- Epigramas* - 26, 150
- Scholía* (schol. A.R.)
 1.1168 - 158 n. 411
 1.1178 - 157 n. 408
 1.1207 - 157 n. 407, 158 n. 413
 1.1236 - 157 n. 409
 1.1241 - 158 n. 413
 1.1283 - 175 n. 475
 1.1290 - 156 n. 401
 1.1355-57c - 158 n. 416
- 4.1470 - 158 nn. 413-414
 4.553 - 173 n. 467
 13.48 - 157 n. 409
- Apostólio (Apostol.)
 4.19 - 135 n. 314
 5.93 - 195 n. 563
- Apuleio (Apul.) - 43
- Apol.
 10.6 - 41 n. 88
De Dogmate Platonis cit. Arist.
 fr. 19 Rose - 41 n. 88
- Fl.*
 6.30.5 - 41 n. 88
 7.26.3 - 41 n. 88
 8.16.3 - 41 n. 88
 11.8.4 - 41 n. 88
 13 - 41 n. 88
- Metamorfoses* (Met.) - 63 n. 116
 3.25.1 - 41 n. 88
 6.1-24 - 136 n. 316
 11.15.1 - 42 n. 88
- Apúlia [top.] - 56
- Aqueia [mit.] - 50, 151
- Aqueloo [mit.] - 55, 96 n. 176, 150 n. 373
- Aqueus [etn.] - 47, 113 n. 237, 162
- Aquiles [mit.] - 50, 134 n. 311, 137, 162 n. 418, 164-165
- Aquiles Tácio (Ach.Tat.) - 171 n. 462
- Leucipo e Clitofon* - 63 n. 116
 1.260 - 134 n. 312
 5.3 - 119 n. 267
- Árabo [mit.] - 196

- Aracne [mit.] - 115 n. 245, 153 n. 394, 173 n. 464
- Arato (Arat.) - 16
Phaenomena - 142 n. 90
 163 - 184 n. 515
 Scholia
schol. Aratus Phaenomena 156
 - 184 n. 515
- Araxa [top.] - 182 n. 505
- Arcádia [top.] - 48, 51-52, 139 n. 325, 148 n. 368
- Arcas [mit.] - 145 n. 355, 174 n. 472
- Arceofonte [mit.] - 64, 80, 194-195
- Areia [mit.] - 170 n. 451
- Ares [mit.] - 45-46, 67 n. 120, 70, 72, 84, 92, 92 n. 156, 93 n. 157, 125 n. 283, 145-146, 146 n. 363, 147, 166, 166 n. 427
- Areu(s) de Lacónia / o Lacónio - 24
Ode a Cicno - 26, 124
- Argantone, Promontório de [top.] - 52, 157
- Argeu [mit.] - 128
- Argino [mit.] - 150 n. 376
- Argivos [etn.] - 47, 161 n. 418, 177
- Argo [mit.] - 150
Argo, nau - 156 n. 401
- Argólida [top.] - 48
- Argonautas [etn.] - 22, 93 n. 157, 156, 156-157 n. 401
- Argos [top.] - 23, 102 n. 197, 158 n. 411, 161 n. 418, 162 n. 421, 177 n. 484, 189, 189 n. 530, 196
- Aristandro
 Παράδοξα γεωργίας, *Campos Incríveis* - 57 n. 105
 Ἱστορίαι θαυμάσιαι, *Recontos Maravilhosos* - 57 n. 105
- Aristipa [mit.] - 116 n. 251
- Aristófanes (Ar.)
Av.
 304 - 99 n. 183
 516 - 166 n. 431
 798-799 - 41 n. 87
Eq.
 792 - 153 n. 393
 Nu.
 60-77 - 110 n. 223
 170b - 153 n. 395
Pax
 979-984 - 195 n. 562
Ra.
 1032 - 143 n. 352
Th.
 797 sq. - 195 n. 562
 Scholia
schol. Ar. Ach. 417 - 189 n. 531
schol. Ar. Lys. 645a - 162 n. 418
schol. Ar. Nu.
 997 - 88 n. 140
 1063 - 192 n. 555
schol. Ar. Ra.
 1358 - 196 n. 567
 1402 - 196 n. 567

- Aristóteles (Arist.) - 18 n. 13, 190
n. 541
Aud. - 148 n. 367
De An.
403a3-25 - 190 n. 541
EN
1148a - 171 n. 462
1164a1 [9.1.2] - 61 n. 114
GA
(3.)6.756b15 - 169 n. 448
HA
504a12 - 37 n. 52
[8.]529b7 - 105 n. 204
542b4 - 37 n. 62
552b26 - 38 n. 65
553b9 - 139 n. 332
[6.]559a3 - 138 n. 321
580a15-19 - 183 n. 512
580a18 (6.35) - 182 n. 509
[8.]592b11 - 38 n. 76, 140 n.
336
592b17 - 39 n. 80
592b25 - 37 n. 47
[8.]593a5 - 130 n. 294
592b3 - 38 n. 64
593a12 - 38 n. 68
593b15 - 38 n. 70
593b2 - 37 n. 46, 110 n. 224
[8.]607a27 - 153 n. 395
9 - 18 n. 13
[9.]609a23 - 142 n. 344
609a24 - 38 n. 64, 39 n. 77
609a30 - 37 n. 57
609a5 - 38 n. 65
[9.]609b14 - 37 n. 47, 110 nn.
219, 227
609b22 - 37 n. 46
[9.]610a10 - 142 n. 344
610a4-8 - 110 n. 222
[9.]610a8 - 110 n. 221
610a10-12 - 39 n. 82
[9.]614a35 - 130 n. 294
614b18 - 38 n. 72
615a1 - 38 n. [70
[9.]615a24 - 138 n. 321
615b25 - 138 n. 320
615b32 - 37 n. 55
616b3 - 39 n. 80
[9.]616b25 - 38 n. 76, 140 n. 336
616b31 - 37 n. 50
617a5 - 37 n. 46, 110 n. 217
[9.]617a8 - 105 n. 205
617a15 - 38 n. 73
617a28 - 37 n. 57
618b20 - 39 n. 79, 142 n. 347
[9.]618b32 - 39 n. 79, 142 nn.
346, 348
619a4 - 37 n. 61
620a17 - 38 n. 64
625a5 - 139 n. 332
Int.
9 - 8
Met.
2.359a25-33 - 101 n. 195
Mir.
79 - 191 n. 542

- PA
695a23 - 37 n. 52
- Phgn
5.23.3 - 39 n. 84 - 41 n. 88
- Po.
1452a30-32 - 104 n. 202
- Pol.*
1253a - 163 n. 422
- Rh.*
1402b4-5 - 171 n. 461
- Fragmenta
fr. 162 Rose - 41 n. 88, 90 n. 151
- Armstrong - 42 n. 88
- Arnott - 37 nn. 46, 58
- Arquíloco (Archil.) - 187 n. 524
fr.45 Liebel - 187 nn. 524-525
fr. 91 West - 188 n. 526
- Arquitas - 188 n. 526
fr. 44 Meineke - 86 n. 132
- Arrigoni - 92 n. 154
- Arsínoe [mit.] - 42, 85, 116 n. 251,
179-180 n. 500, 194-195
- Arsipe [mit.] - 82, 116, 116 n. 251
- Artemidoro Daldiano
4.56 - 140 n. 336
- Artemique [mit.] - 39, 83, 142-143
- Ártemis [mit.] - 43, 45-47, 67 n. 120, 69-70, 72-73, 75, 84, 89 nn. 142, 146, 91, 93, 93 n. 161, 94-95, 95 nn. 174-175, 96, 99, 100, 100 n. 190, 114 n. 245, 115 n. 245, 118, 123, 128, 131, 131 n. 295, 132, 132 n. 303, 133, 136, 136 n. 316, 141-142, 193, 142 , 145, 145 n. 355, 146, 153 n. 394, 154, 162, 162 n. 418, 162 n. 422, 163, 163 n. 422, 164, 166, 182, 182 n. 505, 196, 196 nn. 567-568
- Ártemis de Boa Glória [mit.] - 101 n. 194
- Ártemis dos caminhos [mit.] - 164 n. 423
- Ártemis Eucleia [mit.] - 101 n. 194
- Ártemis Hegémone [mit.] - 34, 100, 100 n. 191
- Ártemis ‘matadora de feras’ (θηροκτόνος) [mit.] - 143 n. 352
- Ártemis, santuário / templo [top.] - 47, 54, 73, 88-89, 101 n. 194, 196 *cf. Artemísio*
- Ártemis ‘senhora das feras’ (πότνια θηρῶν) [mit.] - 146 n. 357
- Ártemis Taurópola (*Tauropolos*) [mit.] - 143 n. 352, 164 n. 423
- Ártemis *Tauropolos*, sacerdotisa de - 164
- Artemísio [top.] - 51, 54, 89
- Artemísio de Iúlis - 89 n. 148
- Arthur - 135 n. 312
- Ascábalo [mit.] - 176 n. 482
- Ascálafo [mit.] - 153 n. 394
- Ascânio, Rio [top.] - 55, 157
- Ásia [top.] - 32 n. 43, 158 n. 411
- Ásia Menor [top.] - 25, 46, 49-51, 53, 55, 97 n. 177, 119 n. 263, 170 n. 457

- Asmis - 90 n. 158
- Asopo [mit.] - 192
- Aspális [mit.] - 35, 44, 75, 79, 82, 86 n. 133, 127
- Áspalis *Ameilete Hecaerge* - 128
- Assírios [etn.] - 179 n. 496
- Atalanta [mit.] - 88 n. 139
- Atanadas - 24
- Ambracica* - 26, 99
- Atena [mit.] - 45-48, 67 n. 120, 68, 69, 70, 72, 103, 110 n. 220, 115 n. 245, 122 n. 276, 131, 131 n. 299, 132, 143 n. 352, 151 n. 380, 153 n. 394, 154, 166, 173 n. 464, 175 n. 480
- Atenas [top.] - 48, 87 n. 137, 90, 95 n. 172, 102 n. 197, 107 n. 206, 119 n. 261, 121 n. 271, 177
- Ateneu (Ath.) - 125 n. 283
- 3.74b - 115 n. 248
- 3.82a - 86 n. 132
- 6.18 (230e) - 185 n. 521
- 7.14 281 - 187 n. 526
- 9.370a-c - 89 n. 143
- 9.393e - 125 n. 283, 133 n. 309
- 9.393e-f - 133 n. 308
- [9.]395c - 37 n. 58
- 10 - 119 n. 266
- 10.416 - 119 n. 266
- 11.70 - 184 n. 515
- 12.553b - 199 n. 577
- 14.619f-620a - 158 n. 412
- [14.]655b - 94 n. 171
- Atenienses [etn.] - 47, 177
- Astéria, Ilha de [top.] - 53
- Astidamia [mit.] - 192 n. 555
- Astígites [mit.] - 128
- Ática [top.] - 48-51, 86 n. 134, 107, 107 n. 206, 108, 115 n. 245, 128 n. 288, 153, 171 n. 462, 177, 198-199
- Átis [mit.] - 157 n. 405
- Atlas [mit.] - 137 n. 526
- Átrax [mit.] - 33, 36, 135, 135 n. 314
- Átrax, filho(a) de [mit.] - 23, 46, 135
- Atreu [mit.] - 89 n. 144, 95-96 n. 175, 121 n. 271
- Atrida [patr.] - 160 n. 418
- Átropo [mit.] - 168 n. 442
- Aubriot-Sévin - 88 n. 141
- Áulide / Áulis [top.] - 52, 162, 162 n. 418, 164 n. 423
- Aurora [mit.] - 65, 70, 72, 198
- Auson [mit.] - 173 n. 467
- Ausónia [top.] - 173 n. 467
- Ausónio
- Cupidus Cruciatius* - 31 n. 42
- Ausónios [etn.] - 47, 173
- Autónoo [mit.] - 36, 36 n. 46, 69, 81, 109-111
- Avagianou - 89 n. 146
- Áxio, Rio [top.] - 55, 113
- Bábilon [top.] - 49, 141
- Bacantes [mit.] - 23, 46, 69, 116-117

- Baco [mit.] - 92 n. 155
- Bailleul-LeSuer - 42 n. 88
- Balcá, Península [top.] - 52
- Báquides
fr. 4 Snell *apud* Ath. 5.178b - 157 n. 403
- Baquílides (B.) -
5.10 - 93 n. 160
5.136 - 94 n. 168
fr. 8.12 Jebb - 87 n. 136
- Bartoletti - 23 n. 26
- Basel - 18
- Bast - 22 n. 24, 81 n. 125
- Bato [mit.] - 34, 42, 46, 79, 84, 150-152, 152 n. 386, 195 n. 564
'Observadores de Bato' [top.] - 34, 54, 151-152
- Battezzato - 171 n. 462
- Beck - 13 n. 4
- Bekker - 18 n. 16
- Belerefonte [mit.] - 51 n. 100, 183 n. 511
- Belfiore - 163 n. 422
- Belo [mit.] - 49, 179
- Bennett - 127 n. 285
- Benveniste - 88 n. 141
- Beócia [top.] - 35, 48-53, 114 n. 242, 116 n. 250, 136 n. 316, 138, 151, 154, 154 nn. 397, 399, 155, 169 n. 449
- Beócios [etn.] - 154 n. 397
- Beo(s) - 23 n. 26, 24-25
Ornitogonia, Origem das Aves - 25, 97, 119
- I - 25, 104, 109, 131, 133
- II - 25, 138-139, 141, 145
- IV - 112
F.H.G. I.417 - 125 n. 283
- Bérard - 139 n. 534
- Berkel - 21 n. 22,
- Berkelius - 13
- Bernabé - 117 n. 257
- Bethe - 22 n. 24, 23 n. 26
- Bianchi - 63 n. 116, 117 n. 257
- Bíblia
João (*Jo.*)
19:19 - 31 n. 42
19:25 - 31 n. 42
- Lucas, Apóstolo (*Luc.*)
3:22 - 41 n. 87
23:26 - 31 n. 42
- Marco (*Mc.*)
16:6 - 40 n. 86
- Mateus (*Matt.*)
3:16 41 n. 87
- Salmos*
82.6 - 102 n. 197
- Bibliotecas [top.]
- Biblioteca de J. de Ragusa - 19
- Biblioteca do Vaticano - 18 n. 12
- Biblioteca Nacional de Paris - 19
- Biblioteca Palatina [de Heidelberg] - 19
- Bíblis [mit.] - 34, 44, 66, 69, 80, 84, 170, 170 n. 460, 171 nn. 461-462, 172
- Bíblis [top.] - 49

- 'Lágrimas de BÍblis' - 34, 172
 Bissa [mit.] - 38, 46, 83, 131-132
 Bitínia [top.] - 55, 97 n. 177, 157 n. 405
 Bizes [mit.] - 196
 Blum - 15 nn. 8-9, 21 n. 22, 22 n. 24, 23 n. 26, 28 nn. 34-36
 Blundell - 89 nn. 146-147, 166 n. 427, 179 n. 499
 Boas - 60 n. 109
 Boiadeiros / Boeiros [mit.] - 42, 45 n. 94, 85, 182
 Bollack - 88 n. 141
 Bommas - 162 n. 418
 Bompaire - 17 n. 11
 Bonfante - 178 n. 492
 Bongioanni - 15 n. 9
 Bóreas, filhos de [mit.] - 169 n. 445
 Borgeaud - 95 n. 174
 Borístenes [mit.] - 47, 164
 Bos - 117 n. 257
 Bosch - 87 n. 135
 Bosque sagrado [top.]
 de Ártemis - 93 n. 164
 de Atena e Ártemis - 47, 132
 de Deméter - 119 n. 266
 Botres [mit.] - 38, 138
 Bowra - 87 n. 137
 Boyer - 44 n. 93
 Brauron [top.] - 162 n. 418
 Bravo García - 17 n. 11, 18 n. 15
 Brenk - 135 n. 312
 Brentésio [top.] - 173
 Bretano [mit.] - 101 n. 195
 Brindes [top.] - 173 n. 469
 Brisson - 117 n. 257, 136 n. 315
 Britomártis [mit.] - 44, 70, 72, 80, 85, 196, 196 n. 567
 Broad - 112 n. 233
 Broggiato - 90 n. 151
 Brown - 150 n. 371
 Bruto
 Epistulae
 322r-331r - 17 n. 11
 Bryant - 102 n. 197
 Bryce - 47 n. 96, 51 n. 100, 182 nn. 504-505
 Búlis [mit.] - 36, 81, 104-105, 105 n. 203
 Burham - 131 n. 299
 Burkert - 60 n. 109, 101 n. 197
 Caco [mit.] - 151 n. 381
 Cadmeus [etn.] - 33, 47, 199-200
 Cadmo [mit.] - 86 n. 132
 Cadmo, povo de [etn.] - 47
 Cadmo, zona do povo [top.] - 199
 Caenus [mit.] - 135 n. 314
 Cairns - 86 n. 133
 Calais [mit.] - 169 n. 445
 Calcas [Testórida] [mit.] - 41 n. 87, 164 n. 423
 Calcedónios [etn.] - 47, 93-94, 96
 Cálcia [top.] - 50
 Cálcis [top.] - 50, 160-161 n. 418,
 Calderón Dorda - 18 n. 11, 22 n.

- 24
- Cálidon [top.] - 48, 93, 94 n. 166,
124, 136 n. 316, 139, 189 nn.
528, 530
- Calidónio, Javali [mit.] - 93 n. 157
- Calidónios [etn.] - 47, 94
- Calímaco de Cirene (Call.)
- Παραδόξων ἐκλογή/
Θαυμάσια, *Seleção de Es-*
tranhos Eventos/Maravilhas
- 57 n. 105
- 209-210 *Dian.*
- 749 - 87 n. 135
- Ap.
- I - 89 n. 143
- Del.*
- 141 - 167 n. 435
- Dian.*
- 189 - 196 n. 567
- Dian.*
- 159-160 - 119 n. 266
- 209-210 - 198 n. 573
- 233-235 - 168 n. 441
- h. Dem.*
- 24 sq. - 119 n. 266
- Hec.*
- fr. 260 PF - 142 n. 350
- Juv.*
- 7 - 184 n. 515
- 10 - 184 n. 515
- 10-16 - 182 n. 507
- 49 - 184 n. 515
- fragmenta
- fr. 67-75 Pfeiffer - 86 n. 133
- fr. 186 - 141 n. 343
- Calíope [mit.] - 114 n. 240, 150
n. 376
- Calipso [mit.] - 173 n. 467
- Calíroo [mit.] - 63 n. 116
- Calisto [mit.] - 145 n. 355
- Cameiro [mit.] - 120 n. 267
- Cameron - 127 n. 285
- Camia [mit.] - 75
- Camões, L. de
- Lusíadas* - 32 n. 43
- Campbell - 41 n. 88
- Campos Elísios / Elísio [top.] - 165
n. 424, 178 nn. 491-492
- Camusat - 15 n. 9
- Canaco, siciónio - 88 n. 139
- Candão [mit.] - 154 n. 397
- Canto Nieto - 21 n. 23
- Caónios [etn.] - 47, 101,
- Caónios, vacas dos - 101 n. 195
- Caos [mit.] - 41 n. 87
- Caracala - 15 n. 9
- Carden - 171 n. 462
- Cária [top.] - 34, 49, 51, 170
- Cários [etn.] - 53
- Cáriton - 63 n. 116, 171 n. 462
- Carme - 196
- Carne-Ross - 87 n. 136
- Carroll - 44 n. 93
- Carteia [top.] - 48, 88, 128 n. 288
- Casadio - 157 n. 405
- Cassandra [mit.] - 139 n. 326, 161
n. 418, 173 n. 465, 189 n. 528

- Cassiopeia [mit.] - 115 n. 245, 196 n. 330
- Cassirer - 44 n. 93
- Castiglioni - 22 n. 24, 24 n. 28
- Castor [mit.] - 162 n. 419
- Catulo (Catul.)
16 - 13 n. 4
61.2 - 150 n. 376
- Cauno [mit.] - 34, 66, 170, 171, 171 n. 461
- Cauno [top.] - 49
- Cazzaniga - 21 n. 22, 22 n. 24, 23 n. 26, 112 n. 228, 122 n. 275
- Cécrops [mit.] - 107
- Cefalenes [etn.] - 35, 196
- Cefalénia [top.] - 53, 196
- Céfalo [mit.] - 42, 65, 65 n. 119, 198-200
- Céix [mit.] - 115 n. 245; 157, 157 n. 403
- Celeu [mit.] - 38, 83, 139
- Celoria - 21 n. 23, 112 n. 228, 120 n. 267
- Celtas [etn.] - 101
- Celtina [mit.] - 101 n. 195
- Ceneu [de Lápita] [mit.] - 23, 46, 135, 135 n. 314
- Cénis [mit.] - 23, 46, 135, 137
- Cénis, pai de - 135 n. 314
- Centauros [mit.] - 104 n. 200, 135 n. 314
- Ceos [top.] - 48-49, 53, 86, 87 nn. 135, 137, 88 n. 138, 90
- Cerambo [mit.] - 42, 68, 79, 148, 148 n. 365, 366, 149
- Cérbero [mit.] - 38, 83, 139, 139 n. 330
- Ceres [mit.] - 92 n. 155, 182 n. 504
- Cessi - 22 n. 24, 23 n. 26
- Céu [mit.] - 184 nn. 517-518
- Chacon - 15 n. 9
- Chantraine - 88 n. 141, 95 n. 172
- Charitonidos - 22 n. 24
- Charme - 33 n. 43
- Chevitarese - 32 n. 43
- Chipre [top.] - 49, 53, 194
- Cianeia [mit.] - 170 n. 458
- Cíato, Rio [top.] - 55
- Cícero (Cic.)
Ballb.
12 - 139 n. 326
Div.
2.19 - 167 n. 435
- Cíclades, Ilha das [top.] - 49, 53, 86 n. 134, 90 n. 150, 128 n. 288
- Cicno [Apolono] [mit.] - 44, 75, 79, 82, 124-125, 125 n. 283, 126, 126 n. 284
- Cicno, pai de - 69
- Cicno, mãe de - 82
- Cidipe [mit.] - 22, 86 n. 133, 87 n. 137, 89, 89 n. 142, 91
- Cilissa [mit.] - 179 n. 500
- Cinéton
Heracleia - 158 n. 416
- Cinúria [top.] - 48
- Cione [top.] - 158 n. 413
- Cios, Rio [top.] - 157 n. 408

- Cípria [mit.] - 67 n. 120
- Cípselo [mit.] - 48, 100, 100 n. 189
- Circe [mit.] - 31 n. 40, 40 n. 86, 151 n. 380, 173 n. 467
- Círfis [top.] - 52, 112
- Cirilo de Alexandria
Opera - 19
- Cítas [etn.] - 117 n. 257
- Claudiano (Claudian.)
2.326 - 186 n. 524
- Cláudio - 12-13 n. 4, 14, 15 n. 7
- Cláudios - 11, 14 n. 6
- Clausen - 22 n. 24, 158 n. 416
- Clay - 118 n. 260
- Clebeia [mit.] - 193 n. 555
- Clemente de Alexandria (Clem. Al.)
Protrepticus (Protr.)
1.2 - 87 n. 136
2.1 - 87 n. 136
2.29 - 87 n. 136
4 - 102 n. 197
5.17.2 - 117 n. 257
Stromateis (Strom.)
10 - 185 n. 521
- Cleodora [mit.] - 120 n. 267
- Cleópatra [mit.] - 29, 94
- Cleve - 184 n. 518
- Clímeno [mit.] - 93, 101 n. 194
- Clínis [mit.] - 39, 62, 79, 83, 141-142, 142 n. 345, 144
- Clío [mit.] - 114 n. 240
- Clitemnestra [mit.] - 89 n. 146, 160, 161 n. 418, 162 nn. 418-419, 180 n. 500
- Clitemnestra, irmã de - 104 n. 201
- Clítia [mit.] - 120 n. 267, 193 n. 555
- Cloe [mit.] - 88 n. 139, 171 n. 462
- Cloto [mit.] - 168 n. 442
- Codices* - 17 n. 11
- [Códice de] Heidelberg - 19
Laurentianua LXXX, 9 - 18 n. 16
Marcianus 246 - 18 n. 16
Marcianus gr. 258 - 17 n. 11
[*Codex*] *Palatinus Graecus (Cod. Pal. Graec.* 398 P (fols. 189r-190r) - 17, 17 n. 11, 18 n. 16, 18 n. 13, 19 n. 19, 21, 79, 112 n. 228
codex A - 17 n. 11
codex B Vatopedi - 17 n. 11
fl. 206v - 189 n. 532
fl. 207r - 189 n. 532
[*Codex*] *Parisinus* 1807 (Paris.) - 18 n. 16, 81 n. 126, 82 n. 127, 83 n. 129, 84 n. 131
Vaticanus 2197 - 18 n. 16
- Cokayne - 193 n. 555
- Cole - 145 n. 356
- Colish - 146 n. 361
- Cólofon [top.] - 24-25, 49, 120
- Cólquida [top.] - 158 n. 411
- Comatas [mit.] - 115 n. 245
- Cometeu [mit.] - 189 n. 529
- Cómodo - 15 n. 9
- Comparetti - 117 n. 257

- Condos - 43 n. 92, 146 n. 357
 Cónon - 43
 2 - 171 n. 462
 4 - 145 n. 354
 16 - 125 n. 283
 30 - 193 n. 557
 35 - 139 n. 323
 Conope [top.] - 55, 125
 Constantino Porfirogéneto - 17 n. 11, 18
 Constantinopla [top.] - 17 n. 11, 18-19
 Convento Dominicano [top.] - 18
 Cook
 (1895, 1925) - 139 n. 330, 140 n. 333
 (2014) - 31 n. 42
 Copeland - 64 n. 118
 Corcira [top.] - 54
 Core [mit.] - 161 n. 418
 Coribantes [etn.] - 139 n. 330
 Corifásio, Monte [top.] - 151
 Corina - 24-25, 116
 Geroia I- 25, 154
 Coríntios [etn.] - 99 n. 188, 101
 Corinto [top.] - 47-48, 86 n. 132, 99 n. 188, 100, 100 n. 189, 101, 101 n. 196, 101, 101 n. 196, 151
 Golfo - 49-50, 52
 Ístmo - 48, 50
 Cornelli - 32 n. 43
 Corónidas, Raparigas [mit.] - 35, 155
 Corónis [mit.] - 142
Corpus Paroemiographorum Graecorum 1.393 - 143 n. 352
 Cós [mit.] - 131 n. 296
 Cós [top.] - 53, 131, 297
 Cós *Astypalaia* - 131 n. 297
 Cós Merópide - 131 n. 296
 Costanzi - 22 n. 24
 Cragaleu [mit.] - 23, 34, 42, 79, 81, 99, 102-103
 Cramer - 39 n. 82
 Crates
 fr. 18 Mette - 90 n. 151
 Cratino - 88 n. 139
 Crawley - 88 n. 141
 Creonte [mit.] - 199
 Creta, ilha de [top.] - 48-49, 53, 74, 119 n. 263, 134, 139, 139 nn. 323, 325, 140, 170, 184, 184 nn. 515, 518, 185, 196, 198, 200
 Cretea [top.] - 184 n. 515
 Creteia [mit.] - 192 n. 555
 Cretense(s) [etn.] - 35, 46, 47, 53, 119 n. 261, 136, 136 n. 316, 196, 196 n. 567,
 Creúsa [mit.] - 67 n. 120
 Creuzer - 44 n. 93
 Crisa [top.] - 48, 113
 Crisótemis [mit.] - 160 n. 418
 Cristo - 31, 31 n. 42
 Crómion, Javali de [mit.] - 93 n. 162
 Cronos [mit.] - 70, 72, 184
 Csapo - 87 n. 137

- Ctésias - 63 n. 116
- Ctésila [de Ceos] [mit.] - 22, 34, 40 n. 86, 44, 64, 70, 72-73, 75, 79, 81, 86, 86 n. 133, 87 n. 137, 88, 90-91
- Ctésila *Hecaege* - 34, 91
- Ctésila, pai de - 68
Cf. Afrodite Ctésila
- Cuomo - 139 n. 330
- Cupido [mit.] - 31 n. 42, 42 n. 88
- Curetes [etn.] - 47, 49-50, 92 n. 154, 93-94, 96, 139 nn. 323, 330
- Curetis [top.] - 50, 113
- Cusset - 160 n. 418, 162 n. 418
- Cypria* (*Cypr.*) - 160, 160 n. 418
- Cypr.
fr. 1 Goold - 93 n. 164
fr. 12 *EGF* - 160 n. 418
- Dáctilos - 139 n. 323
- Dafne [mit.] - 88 n. 139, 89 n. 143, 171 n. 462
- Dalby - 88 n. 139
- Dâmocles [mit.] - 188 n. 526
- Danaida [mit.] - 175 n. 476
- Dánao [mit.] - 175, 175 n. 475
- Dares da Frígia / Frígio - 156 n. 401
De Excidio Trojae Historia - 156 n. 401
- Dauliana [epit.] - 120 n. 267
- Dáunia [top.] - 56
- Dáunio [mit.] - 189-190
- Dáunio, Filha de - 190
- Dáunios [mit.] - 47, 173, 189
- Dáunios, terras dos [top. etn.] - 56, 190
- Dáupio [mit.] - 173 n. 466
- Davidson - 22 n. 24
- Dédalo [mit.] - 114 n. 245, 139 n. 323
- Dedocaneso, Ilha do [top.] - 131 n. 297
- DeFilippo - 42 n. 88
- Deion, filho de [mit.] - 198
- Deione [mit.] - 170 n. 451
- Dejanira [mit.] - 45, 92 n. 155, 93, 95-96, 96 n. 176
- Delfos [top.] - 48, 54, 89 n. 142, 112, 123, 143 n. 352, 178 n. 492
- Delfos. *Cippus* dos Labiades - 178 n. 492
- Délios [etn.] - 88 n. 139
- Delius* - cf. Apolo - 166 n. 431
- Delos [top.] - 49 n. 99, 54, 88 n. 139, 128 n. 288, 182 n. 505
- Demarato - 156 n. 401
- Deméter [mit.] - 45, 62, 68, 69 n. 121, 70, 72, 74, 97, 119, 153, 153 n. 394, 182 n. 504
- Deméter *Adephagia* - 119 n. 266
- Deméter, Bosque sagrado de - 119 n. 266
- Deméter Eleusiana [mit.] - 119 n. 265
- Deméter, filha de - 71
- Demofonte [mit.] - 136 n. 316, 177

- Despoina [mit.] - 100 n. 191
Destino [mit.] - 169
 Deus - 32 n. 43, 70
 Devreese - 18 n. 16
 di Gregorio - 141 n. 339
 Dia [mit.] - 175 n. 475
 Diana [mit.] - 92 n. 155
 Dias - 33 n. 43
 Dicearco (Dicaearch.)
 fr. 37 Wehrli - 136 n. 315
 Dicte, Monte [top.] - 139 n. 327
 Dictina [mit.] - 35, 196, 196 n. 567
 Díctis Cretense - 156 n. 401, 163 n. 422
Ephemeridos belli Trojani - 156 n. 401
 1.19 - 163 n. 422
 1.21 - 163 n. 422
 1.22 - 162 n. 418
 5.17 - 163 n. 421
 6.2 - 189 n. 531
 Didímarco - 24, 27
 Metamorfoses III - 26, 150
 Dietrich - 175 n. 480
 Diller - 17 n. 11, 18 nn. 11, 15, 16
 Dínon (Deino) [mit.] - 45 n. 94, 70, 72, 149
 Dio Crisóstomo (D.Chr.)
 30.10-11 - 59 n. 106
 44.51.1 - 102 n. 197
 80.10 - 58 n. 106
 Diodoro Sículo (D. S.)
 1.97 - 37 n. 46
 3.68 - 184 n. 513
 3.70 - 184 n. 513
 4.6.1 - 59 n. 106
 4.10.2 - 168 n. 438
 4.17 - 151 n. 381
 4.34 - 93 n. 165, 94 n. 168, 96 n. 176
 4.41.3 - 156 n. 1
 4.44.5 - 158 n. 411
 4.57 - 157 n. 403
 4.63 - 161 n. 418
 4.63.1 - 161 n. 418
 4.63.5 - 162 n. 420
 4.69 - 150 n. 373
 4.72.6 - 192 n. 548
 5.17 - 151 n. 381
 5.25 - 151 n. 381
 5.75.4 - 40 n. 86, 191 n. 541
 20.41 - 112 n. 231
 Diógenes Laércio (D.L.) - 184 n. 518
 2.3.8 - 184 n. 518
 8.51-75 - 60 n. 111
 Epistulae
 302v-321v - 17 n. 11
 Diomedes [mit.] - 23, 34, 87 n. 136, 109 n. 215, 189, 189 nn. 527, 529, 530-531, 190-191
 Diomedes, Cavalos Dórios de - 85
 Diomedes ilha de [top.] 190 n. 540
 Diomedia, Ilha [top.] - 34, 53
 Diomo [mit.] - 112
 Dion, Cidade macedónia de [top.] - 55

- Dione [mit.] - 187 n. 526
- Dionísio [mit.] - 30 n. 39, 43, 45-46, 46 n. 95, 59 n. 16, 69, 71-72, 84, 92 n. 155, 95, 95 n. 174, 96 n. 176, 102 n. 197, 116, 116 n. 254, 117 n. 257, 118, 157 n. 405, 166, 166 n. 433
- Dionísio *Liberator* - 117 n. 257
- Dionísio *Triterikos* - 116 n. 254
- Dionísio de Halicarnasso (D.H.)
 1.11 - 173 n. 466
 1.13 - 173 n. 466
 1.39 - 151 n. 381
 1.60.3 - 156 n. 401
 1.72 - 173 n. 467
- Dionísio Periegeta (D.P.)
 483 - 189 n. 529
 586 - 142 n. 350
 805 - 157 n. 408
- Dionísio Scymnaios
apud Tz. *ad Lyc.* 1247 - 155 n. 400
- Diópatra [mit.] - 149
- Dioscórides (Dsc.)
 4.76 - 86 n. 132
- Dióscoros [mit.] - 161 n. 418
- Discórdia [mit.] - 71-72, 121
- Dodds - 31 nn. 41-42
- Dodecaneso [top.] - 53
- Dodone [top.] - 90 n. 150
- Donaldson - 102 n. 197
- Dórico, templo [top.] - 154
- Dórios [etn.] - 47, 53, 80, 85, 101 n. 196, 189-190
- Dowden - 162 n. 418
- Drádas [mit.] - 175 n. 478
- Dríades [mit.] - 174 n. 472
- Drias [mit.] - 129
- Dríope [mit.] - 43-44, 48, 64, 75, 80, 175-176
- Dríope [top.] - 49, 54
- Dríopes [etn.] - 22, 47, 99, 175 n. 475
- Dríopes, terra/região dos [top.] - 99, 103,
- Dríopes, rei dos [mit.] - 99
- Dríops [mit.] - 85, 99, 175, 175 n. 475
- Dunlap - 33 n. 43
- Duque de Baviera - 19
- Duran Lopez - 107 n. 210
- Duris de Samos
FGrHist 76 F 88 Jacoby - 162 n. 418
- Éaco [mit.] - 62, 192, 192 n. 546
- Ebbot - 127 n. 285
- Ecália [top.] - 99 n. 187, 114 n. 245
- Écio
 2.13.3 - 184 n. 518
- Éden, Jardim do [top.] - 86 n. 132
- Edgar - 112 n. 228
- Édipo [mit.] - 105, 105 n. 203, 146 n. 361, 146 n. 361
- Edmonds - 59 n. 106, 117 n. 257
- Edwards - 87 n. 135

- Ééropo [mit.] - 79, 83, 138
 Éfeso [top.] - 33 n. 43, 48, 119, 119
 nn. 263, 265
 Éfira [top.] - 86 n. 132
 Efiro [top.] - 99 n. 188
 Egeias [top.] - 56
 Egeu, Mar [top.] - 49 n. 99, 50,
 53-54, 56, 128 n. 288, 129
 n. 290
 Egíale [mit.] - 29, 189
 Egina [mit.] - 192
 Egina, Ilha de [top.] - 53, 192, 196
 Egina, Povo de [etn.] - 47
 Eginetas/ povo de [etn.] - 35, 47,
 196
 Egípcios [etn.] - 102 n. 197
 Egípio [mit.] - 36, 62, 65-66, 69,
 73, 79, 81, 104-105, 198 n.
 572
 Egito [top.] - 47, 51, 56 n. 103,
 166
 Ególio [mit.] - 38, 83, 139, 139
 n. 330
 Egospotami [top.] - 188 n. 52
 Eitrem - 22 n. 24, 23 n. 26, 92 n.
 154
 Elagábalo - 15 n. 9
 Elatos [mit.] - 135 n. 314
 Eléctrion [mit.] - 168
 Elefantine [top.] - 51
 Eletia, Santuário de [top.] - 161 n.
 418
 Eletra [mit.] - 160 n. 418, 180 n.
 500, 186 n. 524
 Eletra, Portão de [top.] - 54, 177
 Eliano (Ael.) - 43
 De Natura Animalium (NA)
 1.1 - 190 n. 540
 2.46 - 104 n. 199
 3.9 - 37 n. 60
 3.33 - 101 n. 195
 4.42 - 94 n. 171
 4.47 - 37 n. 55
 5.27 - 94 n. 171
 5.36 - 37 n. 46
 5.48 - 37 n. 47
 6.19 - 37 n. 52
 10.26 - 183 n. 512
 10.32 - 37 n. 49
 10.47 - 169 n. 448
 10.49 - 191 n. 542
 11.5 - 191 n. 542
 11.7 - 191 n. 542
 12.5 - 168 n. 437, 169 n. 448
 12.11 - 101 n. 195
 13.25 - 37 n. 53
 15.11 - 169 n. 448
 15.23 - 37 n. 60
 15.29 - 133 n. 308
 16.24 - 191 n. 542
 25.29 - 333 n. 309
 Varia Historia (VH)
 3.42 - 116 n. 251
 11.2 - 156 n. 401, 163 n. 422
 12.36 - 120 n. 271
 Ellsworth - 22 n. 24
 Emátia [top.] - 50, 114
 Emátides [mit.] - 47, 79, 114

- Empédocles - 60 n. 111
- Endeis [mit.] - 192 n. 544
- Eneu [mit.] - 92, 94-95, 96 n. 176, 189, 189 nn. 529, 531
- Énoe [mit.] - 38, 68, 79, 83, 114 n. 245, 133, 177 n. 487
- Eólia [top.] - 50, 155
- Epimeliádes, ninfas [mit.] - 174 nn. 472-473
- Epiro [top.] - 48, 50, 99, 101
- Epiro, vacas do - 101 n. 195
- Epirotas [etn.] - 47, 100-101
- Erasino [mit.] - 196
- Érato [mit.] - 114 n. 240, 174 n. 472
- (Pseudo-)Eratóstenes ([Ps.] Eratosth.) - 145 n. 355
- Καταστερισμοί (Cat.)* - 42 n. 90 24 - 176 n. 481
- fr. 1 - 145 n. 355
- apud Hyg. Astr.* 2.7 - 148 n. 369
- Erecteu [mit.] - 107 n. 206, 198
- Erictónio [mit.] - 102 n. 197, 107 n. 206, 119 n. 261
- Erídano [top.] - 94 n. 171
- Erígono [mit.] - 101 n. 194
- Erimanto [mit.] - 136 n. 316
- Erimanto, javali [mit.] - 93 n. 162
- Erínias [mit.] - 92 n. 154
- Éris [mit.] - 86 n. 132
- Erisícton [mit.] - 119 n. 266
- Eritreia [top.] - 151 n. 381
- Eródio [mit.] - 36, 81, 109-110
- Eros [mit.] - 41 n. 87, 60 n. 110, 64-65 n. 119, 67 n. 120, 136 n. 316
- Ertman - 166 n. 434
- Esmirna [mit.] - 42, 66, 75, 80, 85, 120 n. 268, 179-181
- Esmirna, ama de - 68
- Esparta [top.] - 178 n. 494, 179 n. 500
- Espartano(s) [etn.] - 179 n. 500
- Esparto [mit.] - 134
- Esperqueu, Rio [mit.] - 71, 149, 175,
- Esperqueu, vale [top.] - 175 n. 475
- Espírito Santo - 41 n. 87
- Esporades, Ilha do Sul [top.] - 131 n. 296
- Ésquilo (A.) - 180 n. 500
- Agamemnon (Ag.)* - 173 n. 465 104-159 - 41 n. 87 177 - 60 248 - 163 n. 422 512 - 143 n. 352 1083-1084 - 143 n. 352 1257 - 183 n. 512 1598 - 121 n. 271
- Choephorí Eleg. (Ch.) 731 - 179 n. 500
- Eumenides (Eu.)* 604 - 94 n. 168 834 - 143 n. 352
- Persae (Per.)* - 158 n. 412
- Supplices (Supp.)* 58 - 121 n. 271
- Fragmenta fr. 154a Radt - 171 n. 462, 186

- n. 524
- Scholia
schol. A. Ch. 733 - 179 n. 500
- Ésquines (Aeschin.)
 351 - 166 n. 427
 353 - 166 n. 429
 364 - 167 n. 435
- Esquineu [mit.] - 37, 72, 81, 109-110
- Esquiro [top.] - 162 n. 418
- Estácio (Stat.)
Achilleis (Ach.)
 2.200 - 134 n. 311
- Estáfilo [mit.] - 102 n. 197
- Estenebeia [mit.] - 193 n. 555
- Esténelo, filho de [mit.] - 189 n. 529
- Estesícoro [de Himera] (Stesich.)
 - 161 n. 418, 179 n. 500
- Fragmenta
 fr. 10 Page - 88 n. 139
 fr. 29 Bergk - 88 n. 140
 fr. 191 PMG - 160 n. 418
 fr. 218 PMG - 179 n. 500
- Estêvão de Bizâncio (St. Byz.) - 131 n. 295
 622 - 182 n. 510
- Estrabão (Str.)
 2.200 - 134 n. 311
 3.2.13 - 165 n. 424
 5.1.9 - 189 n. 533
 6.3.8 - 173 n. 470
 6.3.9 - 190 n. 539
 7.7.1 - 154 n. 399
- 9.1 - 94 n. 171
 9.3 - 193 n. 558
 9.3.1 - 112 n. 229
 9.3.3 - 112 230
 10.1.4 - 154 n. 397
 10.2.20 - 199 n. 579
 10.2.22 - 124 n. 281
 10.3.1-8 - 94 n. 166
 10.3.12 - 185 n. 520
 10.4.12 - 124 n. 281
 10.4.14 - 170 n. 457
 12.3.4 - 97 n. 177
 12.4.3 - 156 n. 401, 157 nn. 402, 405, 158 n. 412-413, 415
 12.4.8 - 14.5.29;
 13.1.36 - 90 n. 151
 14.1.3 - 119 n. 265
 14.1.4 - 119 n. 264
 14.1.20 - 182 n. 505
 14.3.6 - 182 n. 508
 14.5.28 - 185 n. 521
 15.3.17 - 88 n. 139
- Estrasburgo [top.] - 19
- Estratão de Lâmpsaco
 Περὶ τῶν μυθολογουμένων ζώων, *Sobre animais em mitos* - 57 n. 105
- Estrímon [mit.] - 145
- Eta [top.] - 48, 52, 175-176
- Etémea, ninfa [mit.] - 131 n. 295
- Etna [top.] - 43, 52, 167
- Etólia [top.] - 35, 49-50, 55, 113 n. 236, 139

- Etólios [etn.] - 47, 124, 189 n. 537
- Éton [mit.] - 136
- Etruscos [etn.] - 51
- Etymologicum Graecae Linguae Gudianum* - 161 n. 418
- Etymologicum Magnum* 673.56-57 - 39 n. 82
- Eubeia, Ilha [top.] - 49 n. 99, 51, 128 n. 288
- Eufemo [mit.] - 113
- Eufóron [de Cálcis] (Euph.) - 86 n. 132, 161 n. 418
- Papiro de Trax* - 23 n. 26
- fr. 117 Acosta-Hughes - Cusset - 160 n. 418
- apud schol.* Theocr. 13.7 - 158 n. 413
- Eufrates, Rio [top.] - 51
- Eugnoto [mit.] - 138
- Eumelo [mit.] - 38, 62, 83, 131-132, 138
- Eumelo, filhos de [mit.] - 46, 68
- Euríbatos [mit.] - 64, 113
- Eurimede [mit.] - 93
- Eurípides - 184 n. 518, 186 n. 524
- Bacchae* (Ba.) - 116 nn. 249, 252
- Cyclops* (Cyc.)
80 - 46 n. 95
- Electra* (El.)
1023 - 160 n. 418
- Helena* (Hel.)
384 - 131 n. 295
- Heraclidae* (Heracl.) - 177 n. 485
- Hippolytus* (Hipp.)
141-150 - 196 n. 567
742 - 86 n. 132
- Hypsipyle* (Hyps.)
97-103 - 87 n. 136
- Iphigenia Aulidensis* (IA)
1110-1114 - 89 n. 146
1302 - 23 n. 25
1298 - 23 n. 25
1578-1589 - 163 n. 422
1581 - 90 n. 151
1581-1597 - 163 n. 422
- Io*
269 - 67 n. 120
- Iphigenia Taurica* (IT)
20-23 - 89 n. 144
27-29 - 90 n. 151
126 - 196 n. 567
380-383 - 140 n. 335
385-391 - 91 n. 153, 101 n. 197
389 - 163 n. 422
1458-1461 - 143 n. 352
- * *Meleagro* - 93 n. 157
- * *Oeneus* - 189 n. 531
- Orestes* (Or.)
4 - 186 n. 524
857 - 56 n. 103
- Supplices* (Supp.)
214 - 143 n. 352
- Phoenissae* (Ph.)
159-160 - 171 n. 462
- Troades* (Tr.) - 150 n. 376

- Fragmenta*
 463 Kannicht - 134 n. 312,
 193 n. 555
 464 Kannicht - 135 n. 312,
 193 n. 555
 638 Kannicht - 33 n. 39
 833 Kannicht - 30 n. 39
 Scholia
schol. E. Alc. 265 - 150 n. 373
schol. E. Alc. 588 - 150 n. 373
schol. E. Or. 5 - 185 n. 521
schol. E. Ph. 159 - 120 n. 271
schol. E. Ph. 1100 - 199 n. 580
 Euripo, Estreito de [top.] - 49
 Euristeu [mit.] - 177
 Euritio, filha de [mit.] - 134
 Eurítion [mit.] - 192
 Êurito de Ecália [mit.] - 99, 99 n.
 187, 114 n. 245, 170, 192 n.
 549
 Europa [top.] - 32, 50, 55
 Europa Medieval - 102 n. 197
 Europa [mit.] - 170 n. 456, 178 n.
 491
 Eusébio - 14 nn. 6-7
 Eusiro [mit.] - 148
 Eustácio (Eust.)
ad Il.
 2.684 - 192 n. 549
 5.412 - 189 n. 529
 24.278 - 131 n. 295
ad Od.
 1700.60 sq. - 184 n. 518
 1701.23 - 187 n. 526
 Euterpe [mit.] - 114 n. 240
 Euxino, Mar [top.] - 55, 97 n. 177,
 164
 Evadne [mit.] - 127 n. 285
 Évéméro - 63 n. 116
 Évinos [top.] - 48
 Evipe [mit.] - 190 n. 538
Fabia Lex ex plagiaris - 87 n. 137
 Fabrício
Bibl. Graec. t. IV - 12
 Fados [mit.] - 45, 68, 71-72, 94,
 140, 168
 Fáeton [mit.] - 94 n. 169, 187 n.
 525
 Faleco [mit.] - 100, 100 n. 190
 Fanes [mit.] - 117 n. 257
 Fanodemo (Phanod.)
FGrH 325 F 14 - 164 n. 423
 Faraone - 87 n. 137, 145 n. 356
 Farenga - 145 n. 355
 Farnell - 87 n. 137
 Faulkner - 116 n. 254
 Faure - 139 n. 323
 Fedeli - 63 n. 116
 Fedra [mit.] - 171 n. 462, 193 n.
 555
 Fene [mit.] - 108 n. 211
 Fenícia [top.] - 49, 51, 179 n. 496,
 194, 196
 Fenícios [etn.] - 47, 156 n. 401,
 194
 Fénix [mit.] - 23, 193 n. 555, 196
 Ferécides (Pherecy.) - 23 n. 26, 26,

- 177, 179 n. 495, 180 n. 500
- Ferécides - 23 n. 26, 24, 26, 177,
179 n. 495, 180 n. 500
- 3 F 124 - 119 n. 267
- 3F38 - 187 n. 526
- apud* A.R. 1.1212 - 175 n. 475
- apud* Apollod. 1.9.19 - 158 n.
411
- Feres [top.] - 151 n. 382
- Fereu [mit.] - 93
- Ferreira, Frei Bertholameu - 32 n.
43
- Festa - 112 n. 228
- Festo [top.] - 34, 49, 134
- Filas [top.] - 51
- Fileu [mit.] - 38, 83, 129
- Fílio [mit.] - 37, 124-126
- Fílis [mit.] - 136 n. 316
- Filo de Bizâncio
- De septem orbis spectaculis* 56v-
59v); *Chrestomathia ex libris*
geographicis Strabonis 60r-
156v - 17 n. 11
- Filodemo (Phld.)
- 3.13-6 Schober - 162 n. 421
- Filomela [mit.] - 119 nn. 261, 267,
120 n. 267, 121 n. 271
- Fílon de Heracleia
- Περὶ θαυμασίων, *Sobre Mara-*
vilhas - 57 n. 105
- Filónoe [mit.] - 104 n. 201
- Filóstrato (Philostr.)
- Epistulae* (Ep.)
- 1.66 - 63 n. 116
- Heroicus* (Her.)
- 10.4 - 183 n. 512
- 19.3 - 134 n. 312
- Philostrati majoris imagines*
(Im.) 1.10 - 176 n. 481
- 1.25 - 150 n. 375
- Vida de Apolônio de Tiana, Vita*
Apollonii - 63 n. 116
- Fineu [mit.] - 38 n. 67
- Finney - 32 n. 42, 41 n. 86
- Fischer - 146 n. 357
- Fisher - 107 n. 210
- Fiske - 139 n. 326
- Fitzpatrick - 120 n. 267
- Flaumenhaft - 117 n. 257
- Flávio Arriano
- Kynegetikos* 17r-30r) - 17 n. 11
- Ps. Flávio Arriano, *Periplus maris*
Erythraei (40v-54v) - 17 n. 11
- Flégias, filha de [mit.] - 143
- Flégon de Trales / Flegon Traliano
- 20
- Περὶ θαυμασίων / *Mirabilia*
216r236r, *Fenómenos As-*
sombrosos (Mir.) - 17 n. 11,
57 n. 105
- 4 - 136 n. 315
- Fletcher - 42 n. 88
- Fócida [top.] - 48, 50, 56, 112 n.
229, 185 n. 519
- Fócio (Phot.)
- Bibl.* cod. 90 - 156 n. 401
- Fócios [etn.] - 56, 193 n. 559
- Fócios, região dos - 35, 56, 193

- Foco [mit.] - 192, 192 n. 551, 193 n. 559
- Fontenrose - 133 n. 309
- Foster - 88 n. 139
- Fowler - 42 n. 88, 136 n. 315
- Fraenkel - 141 n. 339
- Frangoulidis - 63 n. 116
- Frazer - 134 n. 311
- Freud - 44 n. 93
- Frígia [top.] - 51, 185 n. 520
- Frínico (Phryn.)
Pleuronianas - 92 n. 154
Fragmenta
 6 Nauck - 92 n. 154
- Friixo [mit.] - 150
- Ftia [top.] - 35, 50, 127, 193 n. 555
- Ftiótide [top.] - 50, 52, 151
- Fulgêncio (Fulg.)
 2.15 - 186 n. 524
 3.5 - 186 n. 524
Mitologias - 33 n. 43
 3.3 - 136 n. 316
- Gabucci - 15 n. 9
- Gado de Gérion [mit.] - 101, 101 n. 195
- Gado dos Garamantes [mit.] - 151 n. 381
- Gaia [mit.] - 67 n. 120, 145 n. 355, 166 n. 428
- Galateia [mit.] - 134-137
- Gale - 13, 21 n. 22
- Galeno (Gal.)
 13.362 - 169 n. 448
- Gale-Scott - 14 n. 6
- Galinsky - 25 n. 32
- Galíntias [mit.] - 35, 42, 68, 80, 84, 168-169, 169 n. 445
- Galo - 59 n. 107
- Gantz - 120 n. 267
- Geary - 102 n. 197
- Gebhardt - 120 n. 267
 Génesis
 2:7 - 59 n. 106
- Gérana [mit.] - 114 n. 245, 133 nn. 308-309
- Gerber - 184 n. 518
- Gérion - 151 n. 381
- Geríones, bois dos - 151 n. 381
- Geta - 15 n. 9
- Ghali-Kahil - 160 n. 417
- Giangrande - 22 n. 24
- Gibbon - 15 n. 9
- Gibel-Buszewska - 151 n. 380
- Gildenhard - 33 n. 44
- Gilgamés [mit.] - 101 n. 197
- Glénisson - 17 n. 11
- Gortina [top.] - 154
- Gorge [mit.] - 45, 93, 95-96, 96 n. 176
- Gorgo [mit.] - 48, 100, 100 n. 189, 115 n. 245
- Gortina [top.] - 49, 154
- Gospel - 63 n. 116
- Gow - 24 n. 30
- Graindor - 88 n. 138
- Granarolo - 139 n. 326
- Grécia [top.] - 47-53, 55-56, 93,

- 95 n. 172, 99 n. 186, 104 n. 200, 134 n. 312, 145 n. 353, 156 n. 401, 164, 184 n. 518, 188 n. 526
- Greenewalt - 151 n. 380
- Gregorić - 41 n. 88
- Gregório - 141 n. 339
- Gregório XV, papa - 19
- Gregos [etn.] - 44, 47, 50, 56 n. 104, 63 n. 116, 75, 117 n. 257, 156 n. 401, 163 n. 422, 188 n. 526, 189 n. 534 190-191
- Griffin - 156 n. 401
- Grossardt - 161 n. 418
- Guarducci - 135 n. 313
- Gyorkos - 157 n. 410
- Hades [mit./top.] - 45, 69, 71-72, 151 n. 380, 154-155, 169 n. 446, 186 n. 524, 188 n. 526
- Halicarnasso [top.] - 28 n. 37
- Hanão de Cartago
Periplus 55r-56r - 17 n. 11
- Hansen - 146 n. 357
- Hárpaso [mit.] - 39, 142
- Harpe [mit.] - 38 83, 142
- Harper - 169 n. 445
- Hárpias [mit.] - 169 n. 445
- Harrison 1887 - 120 n. 271
- Harrison 1999 - 32 n. 43
- Harrison 2005 - 63 n. 116
- Headlam - 95 n. 172
- Heath - 41 n. 87
- Hecateu (Hecat.)
fr. 1 *FGrHist* - 56 n. 104
- Hécate [mit.] - 71-72, 132 n. 303, 164 n. 423, 169, 169 nn. 446, 449
- Hefesto [mit.] - 22, 43, 46, 71-72, 84, 99 n. 184, 122, 122 n. 276, 156 n. 401, 166, 166 nn. 427, 434, 167, 178 n. 491
- Hegesianax - 63 n. 116
- Heidelberg - 19
Biblioteca Palatina de Heidelberg - 19
- Heidelberg, Códice de - 19
- Hélade [top.] - 15, 52
- Helena [mit.] - 23, 88 n. 140, 156 n. 401, 160, 160 nn. 417-418, 161, 161-162 n. 418, 162 n. 419, 163 n. 422, 179 n. 499, 193 n. 555
- Helanico (Hellanic.)
Fragmente der griechischen Historiker (FGrHist) 4 F134 - 162 n. 419
FGr.H 4 168 - 161 n. 418
4F51 - 154 n. 399
- Helesponto [top.] - 57 n. 404
- Heliádes [mit.] - 94 n. 169
- Hélicon [top.] - 52, 55, 114
- Heliodoro [de Emesa] - 63 n. 116, 171 n. 462
Charileia e Theagenes - 63 n. 116
- Hélios [mit.] - 576 n. 576
- Henderson - 169 n. 445
- Hera [mit.] - 22, 43 n. 91, 45, 65, 67 n. 120, 68, 71-72, 74, 114-115 n. 245, 120-121, 123, 127-

- 128, 131 n. 295, 133, 133 n.
309, 157 n. 403, 166 n. 427,
168, 168 nn. 439, 443, 175 n.
480, 193 n. 555
- Héracles [mit.] - 22, 34-35, 43,
46, 64, 70-72, 75, 84, 93 n.
162, 96 n. 176, 99, 99 n. 184,
101, 101 nn. 194-196, 102-
103, 109 n. 215, 125, 151 n.
381, 156, 156 n. 401, 157, 157
nn. 402-403, 405, 158, 158
n. 413, 159, 166, 168, 168 n.
438, 169, 173, 177, 185 n. 521
- Banhos de Héracles [top.] - 54, 99
- Héracles, esposa de [mit.] - 93 n.
160
- Héracles, Festival de - 34
- Héracles, Terras de [top.] - 55
- Heraclides Pôntico (Heraclid.
Pont.)
FHG 2.222, fr. 32 M. - 127 n.
287
- Heraclides Lembos (Heraclid.
Lemb.)
Ἱστοριῶν παραδόξων συναγωγή,
Histórias Admiráveis - 18 n.
13, 57 n. 105
- Heraclidas [patr.] - 177-178
- Hercher - 22 n. 24, 23 n. 26, 24
n. 29
- Heripe [mit.] - 29
- Hermafrodito [mit.] - 136 n. 316
- Hermann von Gutschmid - 17 n.
11
- Hermes [mit.] - 43, 45-46, 68-69,
71-72, 84, 95 n. 175, 117, 131,
131 n. 301, 132, 146-147, 148
n. 369, 150, 150 n. 377, 151,
151 n. 380, 12, 166, 176 n.
481, 177-178, 19
- Hermesíanax - 23 n. 26, 24
Leôncio II - 25, 194
- Hermíone [mit.] - 162 n. 418
- Hermócares [de Atenas] [mit.] -
22, 47, 64, 86 n. 133, 87, 87
n. 137, 88-92
- Heródoto (Hdt.) - 28, 43, 120 n.
271, 156 n. 401
1.57 - 186 n. 524
1.172 - 170 n. 457
1.173 - 51 n. 100
1.193 - 158 n. 411
3.37.2 - 166 n. 434
4.8 - 151 n. 381
4.67 - 151 n. 380
4.79 - 40 n. 86, 191 n. 541
4.79.3 - 117 n. 260
4.164 - 129 n. 290
4.183.2 - 151 n. 381
5.6 - 31 n. 42
5.59.8 - 199 n. 579
6.5.3 - 117 n. 257
6.86 - 89 n. 145
7.92 - 51 n. 100
7.193 - 158 n. 411
8.55 - 48 n. 98
9.33.5 - 188 n. 526
9.73 - 162 n. 419
9.93 - 193 n. 557
- Hesíodo (Hes.) - 26, 57 n. 105,
66 n. 120, 120 n. 271, 134 n.

- 312, 145 n. 355
- Astronomia* - 42 n. 90
- [*Grandes*] *Eoeae / Catálogo de Mulheres* - 26, 92 n. 154, 150
- 13-30 - 164 n. 423
- 26 - 164 n. 423
- Opera et Dies, Trabalhos e Dias (Op.)* - 134 n. 312
- 25 sq. - 114 n. 240
- 148-149 - 146 n. 358
- 915 sq. - 114 n. 240
- Theogonia* (Th.)
- 125 - 61 n. 114
- 132 sq. - 184 n. 517
- 287 - 151 n. 381
- 339 - 145 n. 454
- 343 - 175 n. 475
- 585 - 66 n. 120, 134 n. 312
- 590-592 - 66 n. 120
- 600-601 - 66 n. 120
- 607 - 66 n. 120
- 612 - 66 n. 120
- 824 - 166 n. 429
- 904 - 140, n. 334
- 904-906 - 168 n. 442
- 922 - 168 n. 433
- 957 - 165 n. 425
- Fragmenta
- fr. 23a 17-26 M-W - 164 n. 423
- fr. 54 M.-W. - 150 n. 379
- fr. 60 M.-W - 142 n. 350
- fr. 114 Marckscheffel - 164 n. 423
- fr. 212 - 56 n. 103
- fr. 255 M.-W. - 150 n. 372
- fr. 263 M.-W. - 158 n. 411
- fr. 275 M.-W. - 136 n. 315
- fr. 312 MW - 119 n. 267
- Hesíone [mit.] - 156 n. 401, 163 n. 422
- Hesíquio Milésio (Hsch.)
- Res patriae Constantinopolis* 209r-215v - 17 n. 11
- 295.40 - 152 n. 387
- II 2403 - 39 n. 82
- Hespérides [mit.] - 86 n. 132, 88 n. 139
- Hespérides, Jardim (-ns) das [top.] - 86 n. 132, 88 n. 139
- Héstia [mit.] - 67 n. 120
- Heumanno *apud Fabricium* - 12
- Híerax [mit.] - 36, 62, 75, 79, 81, 97, 97 n. 178
- Higino (Hyg.) - 43
- Astronomica (Astr.)* - 42 n. 90
- 2.7 - 176 n. 481
- 2.16 - 131 n. 295
- 2.40 - 142 n. 350
- Fabulae (Fab.)*
- 14 - 93 n. 157, 135 n. 314
- 31 - 96 n. 176
- 33 - 96 n. 176
- 45 - 121 n. 271
- 58 - 136 n. 316, 179 nn. 497-498
- 60 - 169 n. 445
- 65 - 157 n. 403
- 75 - 135 n. 315

- 79 - 160 n. 417, 161 n. 418
 81 - 160 n. 417
 92 - 86 n. 132
 96 - 134 n. 311
 129 - 92 n. 155
 139 - 184 n. 515
 171 - 93 n. 157, 94 n. 168
 173 - 135 n. 314
 174 - 93 n. 163, 94 n. 168
 181 - 136 n. 316
 189 - 198 n. 572, 200 n. 581
 196 - 166 n. 430
 202 - 142 n. 350
 242 - 135 n. 314
 252 - 170 n. 453
 253 - 105 n. 203
 246 - 121 n. 271
- Hilas [mit.] - 34, 44, 64, 75, 80, 84, 156-157, 157 nn. 402, 405, 410, 158, 158 nn. 411- 412, 416, 159
- Hilo - 177
- Himeneu [mit.] - 150, 150 n. 376, 152
- Himério (Him.)
Or. 9.16 - 88 n. 139
- Hinge - 182 n. 505
- Hípaso [mit.] - 116
- Hiperbóreos [etn.] - 47, 141, 144
- Hiperbóreos, região dos [top.] - 141
- Hiperipe [mit.] - 38, 83, 129
- Hipermnestra [mit.] - 46, 136-137
- Hipócrates
Epistulae 262r-282v - 17 n. 11
- Hipodamas, filha de [mit.] - 150 n. 373
- Hipodamia [mit.] - 29, 81, 109, 193 n. 555
- Hipólita [mit.] - 29, 68, 179, 192 n. 555
- Hipólita, filha de [mit.] - 192 n. 555
- Hipólite/Hipólita Creteia [mit.] - 192 n. 555
- Hipólite [mit.] - 192 n. 555
- Hipólito [mit.] - 193 n. 555
- Hipónax (Hippon.)
 fr. 3 Masson - 151 n. 380
- Hipónoo [mit.] - 145
- Híria [mit.] - 124 nn. 279-280
- Híria [top.] - 55
- Hirieu [mit.] - 154
- Hisarlik, colina de [top.] - 49
- Hirzel - 88 n. 141
- Historis [top.] - 168 n. 437
- Hocart - 101 n. 197
- Hodkinson - 166 n. 254
- Hofmann - 32 n. 42
- Holland - 22 n. 24, 150 n. 371
- Holsten - 17 n. 11, 18 n. 16
- Homero - 43, 156 n. 401, 160 n. 418, 163 n. 422, 164 n. 472, 190 n. 541
- Hoof - 107 n. 210
- Hook - 127 n. 285
- Horácio (Hor.)
Carmina (*Carm.*)
 1.28 - 188 n. 526

- 3.1.17-21 - 188 n. 526
Epodi (Epod.)
 5.37 - 86 n. 132
Sermones (S.)
 1.1.68-70 - 188 n. 526
 2.7.50 - 42 n. 88
 2.7.58-63 - 193 n. 555
 Horápolo (Horap.)
 2.25 - 232 n. 307
 Hughes - 160 n. 418, 164 n. 423
 Hunter - 157 n. 405
 Huxley - 158 n. 416
Hymni Homerici
h.Ap.
 98 - 168 n. 443
 307 - 166 n. 427
 (3.)532 - 143 n. 352
 (3.)536-539a - 143 n. 352
h.Bacch.
 (1) - 116 n. 253
h.Cer.
 161 - 153 n. 391
 411-413 - 157 n. 389
h.Merc. - 150 n. 377
 5 - 175 n. 481
 22 sq. - 150 n. 375
 25 - 148 n. 369
 35 - 148 n. 369
 437 - 150 n. 378
 513-520 - 131 n. 301
 539 - 151 n. 380
 h.Ven.
 (5.)7 - 67 n. 120
 (5.)36-37 - 67 n. 120
 (5.)45 - 67 n. 120
 Iâmblico - 63 n. 116
 Iapígiος, zona dos [top.] - 56,173
 Iápix [mit.] - 173, 173 n. 466
 Íbico (Ibyc.)
 fr. 46, 300 - 99 n. 184
 Icário [mit.] - 118 n. 260
 Ida, Monte [top.] - 139 n. 327
 Idótea [mit.] - 148, 170
 Ifianassa [mit.] - 160 n. 418
 Ifigénia [mit.] - 35, 41 n. 87, 44,
 75, 80, 84, 90 n. 11, 160, 160
 n. 418, 161 n. 418, 162, 162
 nn. 418, 421, 422, 163 n. 422,
 164, 164 n. 423, 165
 Ifigone [mit.] - 160 n. 418
 Ifimede [mit.] - 164 n. 423
 Ifimedeia [mit.] - 164 n. 423
 Ífis [mit.] - 134 n. 312, 160 n. 418,
 162 n. 418
Iliada (Il.) - 27, 156 n. 401
 1.68-72 - 148 n. 368
 1.106-108 - 164 n. 423
 1.206 - 131 n. 299
 1.264 - 135 n. 314
 1.357 sq., 18.35 sq. - 170 n.
 456
 1.519-599 - 94 n. 172
 1.566 - 92 n. 154
 2.303-304 - 164 n. 423
 2.591-602 - 99 n. 187
 2.642 - 93 n. 157

- 2.740 - 109 n. 214
 2.757 - 175 n. 475
 2.782 - 166 n. 427
 2.840 - 56 n. 103
 2.843 - 56 n. 103
 3.316 - 136 n. 315
 4.55-56 - 107 n. 210
 4.101 - 183 n. 512
 5.9-11 - 156 n. 401
 5.339-340 - 140 n. 337
 6.25 - 61 n. 114
 6.153 - 169 n. 445
 6.156 - 193 n. 555
 6.191 - 189 n. 536
 7.452-453 - 97 n. 180
 8.471 - 43 n. 91
 9.144 - 160 n. 418
 9.144-145 - 160 n. 418
 9.322 - 190 n. 541
 9.527-600 - 94 n. 167
 9.533 - 93 n. 157
 9.553-564 - 93 n. 157
 9.555 - 92 n. 154
 9.567 - 93 n. 157
 10.272-282 - 110 n. 220
 10.429 - 56 n. 103
 11.270 - 168 n. 443
 11.558-562 - 41 n. 88
 11.569 - 190 n. 541
 14.198-199 - 67 n. 120
 14.322 - 178 nn. 491-492
 15.237 - 166 n. 431
 16.426 sq. - 170 n. 456
 16.439-449 - 170 n. 456
 16.1765 - 169 n. 488
 17.288 - 56 n. 103
 19.95 - 168 n. 438
 19.119 - 168 n. 436
 19.350 - 142 n. 344
 20.220221 - 102 n. 197
 20.300-306 - 90 n. 151
 21.441-449 - 97 n. 180
 21.445-455 - 96 n. 175
 21.470 - 100 n. 193, 146 n. 357
 22.170 - 141 n. 341
 23 - 87 n. 136
 23.861 - 136 n. 315
 24.343 - 151 n. 380
 23.445 - 151 n. 380
 24.602-620 - 171 n. 462
 24.603 - 120 n. 271
 Scholia
schol. Il. 1.180 - 169 n. 445
schol. Il. 1.264 - 135 n. 314
schol. Il. 2.104 - 193 n. 555
schol. Il. 6.153 - 169 n. 445
schol. Il. **9.144 - 160 n. 418**
schol. Il. 9.145 - 164 n. 423
schol. Il. 18.486 - 154 n. 398
schol. Il. 19.326 - 162 n. 418
schol. Il. 20.8 - 174 nn. 472-473
schol. Il. 24.293 - 131 n. 295
 Ilha Branca [top.] - 54, 164, 165 n. 424

- Ilíria - 126 n. 284
- Inscriptiones
- Inscriptiones Graecae (IG)*
- IG IX 1¹, 335 - 113 n. 235
- IG 12.5.551, 552 - 128 n. 288
- IG 12.5.617 - 89 n. 148
- IG 12.5. 618 - 89 n. 148
- [*Supplementum Epigraphicum Graecum*] SEG 19:563 - 128 n. 288
- TAM II.174 cols. B-C - 182 n. 505
- Ilhas dos Bem-Aventurados [top.] - 54, 165 n. 424, 177
- Iliriana, Costa [top.] - 190 n. 540
- Ilírio(s) [etn.] - 35, 47, 52, 173, 189 n. 534, 190-191
- Ilitia [mit.] - 71, 168
- Ilitias, mãe das - 168 n. 443
- Índia [top.] - 32 n. 43, 95 n. 172
- Infernos [top.] - 37 n. 46
- Ío [mit.] - 67 n. 120
- Iolco [top.] - 193 n. 556
- I(J)ónia [top.] - 48-49, 54, 57 n. 105
- Iónico, Mar [top.] - 50, 53, 55, 189
- Irgoin - 17 n. 11
- Iro [mit.] - 107 n. 210, 193
- Iro, filho de - 192-193
- Iseu (Is.)
- 1.11 - 143 n. 352
- Isidoro (Isid.)
- Etymologiarum sive Originum Libri (Etym. / Orig.)*
- 1.42.41 - 156 n. 401
- 5.27.33-34 - 31 n. 42
- Isígono
- Ἰσίοστα, *Coisas Inacreditáveis* - 57 n. 105
- Isócrates (Isoc.)
- Epistulae (Ep.)*
- 1.50 - 96 n. 175, 185 n. 521
- 5.144 - 185 n. 521
- Israel [top.] - 51
- Ístmicos, Jogos - 87 n. 136
- Ítaca [top.] - 107 n. 210
- Itália [top.] - 34, 47, 50-52, 55-56, 113, 152, 173, 189 nn. 530, 534
- Itálica, Península [top.] - 51
- Itilo [mit.] - 120 nn. 270-271
- Ítis [mit.] - 120, 120-121 n. 271, 123
- Iúlis [top.] - 34, 49, 87, 90-91, 178 n. 492
- Iúlis, povo de [etn.] - 34, 90-91
- Ixíon [mit.] - 150 n. 373
- Jacinto [mit.] - 192 n. 553
- Jacobs - 21 n. 23, 22 n. 24, 87 n. 135
- Jaeger - 87 n. 137
- James - 60 n. 108
- Jápeto [mit.] - 59 n. 106
- Jasão [mit.] - 156 n. 401, 158 n. 411
- Jeanmaire - 95 n. 174
- Jebb - 95 n. 172
- Jerónimo (Hironym) - 12, 14 n. 6, 15, 15 n. 7, 19

- Eusebii Chronicon* CCVI Olymp.
50.VIII, *Crónica de Eusébio* -
12, 14 n. 6
2064 - 14, 15 n. 7
Jerónimo Froeben - 19
Jesus [de Nazaré] - 40 n. 86, 41
n. 87
Johansson - 41 n. 87, 42 n. 88
Johnson Jr. - 86 n. 132
Johnston - 157 n. 405
Juliano, Imperador
89B Bidez-Cumont - 63 n. 116
Júlio Paulo
5.17.2 - 31 n. 42
Jung - 44 n. 93
Júpiter [mit.] - 108 n. 212, 185 n.
521, 186 n. 524
Justiniano (Just.)
12.2 - 189 n. 537
Justino
12.15.11 - 86 n. 132
Juvenal (Juv.)
6.452-455 - 13 n. 4
9.35 - 13 n. 4
10.316 - 193 n. 555
15.147 - 42 n. 88
Kamerbeek - 171 n. 462
Kanzer - 44 n. 93
Karavites - 185 n. 521
Kavrus-Hoffmann - 17 n. 11
Kedrenos
Σύνοψις Ἱστοριῶν – *Sinopse de
Histórias*: 11 - 163 n. 422
Keleos - 139 n. 330
Kenney - 22 n. 24
Kerényi - 63 n. 116
Keres (κῆρες) [mit.] - 168 n. 442
Keuls - 188 n. 426
King - 89 n. 147
Kirk - 60 n. 109
Kirkwood - 107 n. 210
Klutz - 33 n. 43
Knaack - 22 n. 24, 23 n. 26
Koch - 11, 11 n. 1, 13-14, 20, 20
n. 20, 21 nn. 21-22, 22 n. 24,
28 n. 34, 81 n. 125
Kokoszko - 151 n. 380
Konstan - 107 n. 210
Kovacs - 164 n. 423
Kramer - 17 n. 11, 18 n. 16
Kranz - 87 n. 137
Kruse - 131 n. 295
Labíadas [etn.] -
Labíadas, *Cippus* dos - 178 n. 492
Labíadas, *Lei* dos - 178 n. 492
Lacedemónia [top.] - 161 n. 418
Lacedemónio(s) [etn.] - 179 n.
500
Lactância (Lact.)
De Ira
14 - 42 n. 88
20 - 42 n. 88
Divinae Institutiones (*Div. Inst.*)
1.22.19 - 184 n. 515
2.1 - 42 n. 88

- Ladon, Rio [top.] - 148 n. 368
 Lafaye - 36 n. 45, 63 n. 116
 Láfria [mit.] - 35, 196
 Lago dos Cisnes [top.] - 54, 126
 Lai - 92 n. 154
 Laio [mit.] - 38, 83, 139, 139 n. 330
 Lâmia [mit.] - 75, 79, 81, 112, 133 n. 309
 Lâmprias - 65 n. 119
 Lampro [mit.] - 134-135
 Lang - 86 n. 133, 134 n. 311
 Laodamia [mit.] - 179-180 n. 500
 Laódice [mit.] - 160 n. 418
 Laomedonte [mit.] - 96 n. 175, 97 n. 180, 156 n. 401
 Lápitas [etn.] - 104 n. 200
 Láquesis [mit.] - 168 n. 442
 Larissa [mit.] - 49, 151
 Larson - 158 n. 416
 Lasso de la Vega - 22 n. 24
 Latinos [etn.] - escritores - 15, 43, 120 n. 267, 186 n. 524
 Lattey - 102 n. 197
 Laursen - 86 n. 132
 Lawson - 86 n. 132
 Leão - 63 n. 116
 Leão Alácio - 18 n. 12
 Lebanon, Monte [top.] - 179
 Leda [mit.] - 104 n. 201
 Lefkowitz - 89 n. 147
 Leite - 33 n. 43
 Lelante [mit.] - 29
 Lelante, mãe - 38
 Lelante, esposa - 83, 129
 Léleges [etn.] - 39, 50
 Lenardon - 117 n. 257
 Lenormant - 120 n. 267
 Lepra Acte [top.] - 119 n. 264
 Leros, Ilha de [top.] - 45, 53, 94, 94 n. 171, 96
 Leroy - 17 n. 11
 Letaios [top.] - 101 n. 193
 Leto [mit.] - 34, 41 n. 87, 43, 45-47, 51 n. 100, 71-72, 84, 115 n. 245, 121 n. 271, 136-137, 142, 166, 171 n. 462, 182, 182 nn. 504-505, 509, 510
 Leto *Phytia* [mit.] - 135 n. 313
 Leto, Templo - 54, 135
Letoon - cf. Leto, templo
 Leucipe [mit.] - 82, 116, 119 n. 267
 Leucipo [mit.] - 23, 29, 34, 83, 134, 137
 Leucótea [mit.] - 38, 132
 Lévêque - 184 n. 518
 Levine - 135 n. 312
 Lévi-Strauss - 87 n. 137
 Liapis - 120 n. 267
 Líbano [top.] - 51
 Monte - 52
 Líbia [top.] - 112 n. 231, 152 n. 387
 Líbia, rainha da - 112 n. 231
 Licaon [mit.] - 115 n. 245, 145 n. 355, 173
 Licaon, filho de - 175 n. 475

- Licaon, filhos de - 145 n. 355
 Liceu - 52, 151
 Liceu [mit.] - 51
 Lícia [top.] - 49, 51, 55, 182, 182
 nn. 505, 508, 510, 183
 Licímnio (Licymn.)
 fr. 768 *PMG apud* Ath. 13.603d
 - 150 n. 376
 Lício [mit.] - 39, 142
 Lício, Mar [top.] - 51
 Lícios [etn.] - 183 n. 511
 Lico [mit.] - 51 n. 100, 85
 Licofronte (Lyc.) - 161 n. 418
Alexandra (Alex.)
 185 - 165 n. 424
 324 - 165 n. 424
 1063 - 190 n. 540
 1209 - 154 n. 399
 25-826 - 152 n. 387
 901 - 192 n. 543
 Scholia
schol. Lyc. 183 - 162 n. 418
schol. Lyc. 325 - 162 n. 418
 Lyc. fr.178 - 170 n. 456
 Licofronte [mit.] - 161 n. 418
 Licomedes de Ciro [mit.] - 134
 n. 311
 Licurgo [mit.] - 118 n. 260
 Lídia [top.] - 51, 120, 185 n. 521
 Lieberman - 44 n. 93
 Lightfoot - 63 n. 117
 Linforth - 117 n. 257
 Lisímaco - 119 n. 263
 Θηβαϊκὰ παράδοξα, *Maravilhas Tebanas* - 57 n. 105
 Littlewood - 86 n. 133, 88 n. 139
 Lívio (Liv.)
 1.7.3 - 151 n. 381
 Lloyd-Jones - 164 n. 424, 180 n.
 500
 Lobo [mit.] - 42, 80, 183 n. 511,
 192
 Locros [etn.] - 47, 113, 113 n. 237
 Lócride [top.] - 35, 47, 50, 151,
 193
 Loemker - 44 n. 93
 Loliano - 63 n. 116
 Longo (Long.) - 171 n. 462
Daphnis e Chloe - 63 n. 116
 1.19 - 88 n. 139
 Longo - 17 n. 11
 Lopta [top.] - 182 n.505
 Luciano (Luc.) - 43, 63 n. 116
de Saltatione (Salt.)
 57 - 135 n. 314
Dialogi Deorum (DDeor.)
 20 Macleod - 86 n. 132
 7 Jacobitz - 131 n. 301
 8 Jacobitz - 122 n. 276
 6 Macleod - 74 n. 124
Dialogi Marini (DMar.)
 5 - 86 n. 132
Dialogi Mortuorum (DMort.)
 17 Hemsterhusii-Reitzii - 186
 n. 524
Histórias Verídicas, Verae Historiae (VH) - 63 n. 116

- in Epigrammatum Anthologia Palatina (AP)* 11. 436 - 142 n. 349
- Lucílio (Lucill.)
41.71 - 167 n. 435
- Lúcio [mit.] - 41 n. 88
- Lúcio [mit.]₂ - 83
- Lúcio Sétimo - 156 n. 401
- Lúcio Vero - 15 n. 9
- Luck - 22 n. 24
- Lucrécio (Lucr.) - 56
1.85 - 160 n. 418
- Luzzi - 17 n. 11
- Lycaea*, festivais - 52
- Macário (Macar.)
6 - 195 n. 563
- Macareu [mit.] - 40 n. 86
- Macaronésia [top.] - 165 n. 424
- Macedónia [top.] - 50, 55, 114 n. 241, 145 n. 354
- MacFarlane - 104 n. 202
- Mackenzie - 131 n. 297
- Macrino - 15 n. 9
- Mader - 21 n. 23, 22 n. 24
- Magnes [mit.] - 64, 74, 150
- Magnes, reino de [top.] - 151 n. 382
- Magnésia [top.] - 50, 52, 150
- Malta [top.] - 55
- Maratona [top.] - 177 n. 487
- Marcial (Mart.) - 87 n. 137
7.67.1317 - 13 n. 4
11.104.1314 - 42 n. 88
- Marco Antonino - 20-21
- Marco Aurélio - 15 n. 9
- Marco Varrão - 13 n. 4
- Macrino - 15 n. 9
- Mediterrâneo, Mar [top.] - 51-53
- Mariandinos [etn.] - 47, 97
- Mariandinos, região dos [top.] - Máron [mit.] - 102 n. 197
- Marquardt - 135 n. 312
- Mársias [mit.] - 114 n. 245, 173 n. 464
- Martínez - 141 n. 339
- Martini - 21 n. 22, 23 n. 26, 28 n. 34, 112 n. 228
- Mason - 89 n. 146
- Masterson - 145 n. 356
- Mateus de Éfeso / Manuel Galbalas (?)
Dos Errores de Ulisses - 33 n. 43
- Mathew - 18 n. 17
- Mauerhofer - 158 n. 416
- Maussaco - 12
- Maximiliano I - 19
- Mayer-G'Schrey - 28 n. 34
- McCartney - 86 n. 133, 88 n. 139
- Mead - 101 n. 197
- Meandro, filha de [mit.] - 170 n. 458
- Medusa *Hippia* [mit.] - 114 n. 244
- Megaletor [mit.] - 38, 38 n. 67, 83, 129
- Meganira [mit.] - 112, 153 n. 391

- Mégara [top.] - 162 nn. 418, 421
 Megárida [top.] - 50, 151
 Mégaris [top.] - 50
 Megrelis - 183 n. 511
 Meineke - 22 n. 24, 86 n. 132
 Melaneu [mit.] - 99, 109, 114 n. 245
 Melanipe [mit.] - 93
 Meleágrides, aves [mit.] - 95 n. 172
 Meleágrides, irmãs [patr. mit.] - 36, 39 n. 85, 45, 79, 81, 92, 94, 94 n. 172, 95 n. 172
 Meleagro (Mel.)
in Epigrammatum Anthologia Palatina (AP)
 12.101 - 67 n. 120
 Meleagro [mit.] - 82 n.154, 92 n. 154, 93-94, 95, 95 n. 172, 96
 Meleagro, irmãs de [mit.] - 45, 81, 94 n. 167, 96 *cf. Meleágrides*
 Meleagro, mãe de - 94 n. 168
 Melíades [mit.] - 175 n. 478
 Mélios [etn.] - 56
 Mélios, região dos [top. etn.] - 56, 148
 Melissa, filhas de [mit.] - 28, 37, 69, 114
 Melissa, irmã de [mit.] - 184 n. 515
 Melisseu, filha de [mit.] - 184 n. 515
 Mélite [mit.] - 196
 Mélite [top.] - 35, 47, 53, 127, 182
 Mélite, fonte [top.] - 55, 182
 Meliteu [mit.] - 35, 47, 74, 127
 Meliteus [etn.] - 128
 Mellmann - 21 n. 22, 28 n. 34
 Melos [top.] - 56, 88 n. 139
 Melpómene [mit.] - 114 n. 240
 Ménades [mit.] - 117 n. 257
 Ménalo, Monte [top.] - 52, 151
 Menécraates de Xanto (Menecr. Xanth.) - 24
Lyciaca - 26, 182, 184 n. 513, 189 n. 527
 Fragmenta
 fr. 2 - 182 n. 502
 Ménefron [mit.] - 105 n. 203
 Menelau [mit.] - 161 n. 418
 Mênfis [top.] - 166 n. 434
 Menipe [mit.] - 42, 69, 75, 79, 84, 154
 Mera [mit.] - 196
 Merkelbach - 63 n. 116
 Meropes [etn.] - 53
 Merópide, Ilha [top.] - 53, 131, 131 n. 296
 Cós Meropide [top.] - 131 n. 296
 Mérops - 38, 46, 83, 120 n. 267, 131, 131 nn. 295-296, 132, 185, 185 n. 519
 Mérops, filho de - 119 n. 262, 120 n. 267, 131
 Mérops, ave - 138 n. 320
 Mesopotâmia [top.] - 49, 51, 141
 Messápias, Crianças / pastores [mit.] - 84, 115 n. 245

- Messápios [etn.] - 42, 47, 69, 80, 173, 173 n. 464, 174, 189, 189 n. 537
- Messapo [mit.] - 173, 189 n. 535
- Messénia [top.] - 99 n. 187, 151 n. 384
- Metanira [mit.] - 153 n. 391
- Metíoque [mit.] - 42, 69, 75, 79, 84, 154
- Meulder - 161 n. 418
- Meyer - 22 n. 24
- Micenas [top.] - 161 n. 418
- Mihailov - 22 n. 24
- Milanion - 88 n. 139
- Míleto [top.] - 49, 66, 74, 119 nn. 261-262, 120 n. 267, 170, 170 n. 460
- Miller - 42 n. 88, 88 n. 139
- Mills - 160 n. 417, 162 n. 418
- Milner - 127 n. 285
- Mimnermo (Mimn.)
 Fragmenta
 5.6 West - 186 n. 526
 22 - 190 n. 539
- Minerva [mit.] - 92 n.155
- Miníades [mit.] - 37 n. 60, 47, 79, 92, 116, 116 nn. 249, 251
- Mínias, filhas de [mit.] - 37, 82, 116, 116 n. 251
- Miníides [mit.] - 47, 194
- Minoica, Civilização [etn.] - 53
- Minoicos [etn.] - 53
- Minos [mit.] - 22, 53, 66, 75, 95-96 n. 175, 170, 178 nn. 491-492, 196, 198-199
- Minos, filha de - 170
- Mioni - 17 n. 11
- Mirra [mit.] - 136 n. 316, 179 n. 497
- Mirtilo [mit.] - 95 n. 175, 193 n. 555
- Miseno [mit.] - 114 n. 245
- Mísia [top.] - 157 n. 405, 158 n. 411
- Misme [mit.] - 153
- Mitchell - 131 n. 299
- Mitras [mit.] - 42 n. 88
- Mnáseas
 fr.4 - 94 n. 171
- Mnemósine [mit.] - 114
- Moiras / *Moirai* [mit.] - 71-72, 92 n. 154, 94 n. 167, 140 n. 334, 168, 168 n. 442
- Molossos [etn.] - 47
- Molossos, Rei dos [mit.] - 129, 129 n. 291
- Filhos do Rei - 129 n. 291
- Mónimo
 Θαυμασίων συναγωγή - 18 n. 13
- Monro - 188 n. 526
- Montiglio - 41 n. 88
- Mopso [mit.] - 133
- Moreschini - 42 n. 88
- Morford - 117 n. 257
- Muckelbauer - 87 n. 137
- Müller - 160 n. 418
- Muncker (Munckerus) - 13, 21 n. 22

- Múnico [mit.] - 38, 62, 79, 83, 129-130
- Múnito [mit.] - 129 n. 289 *cf.* *Múnico*
- Murdock - 59 n. 106, 102 n. 197
- Murray - 119 n. 261
- Musas [mit.] - 32 n. 43, 45, 69-72, 99 n. 187, 114, 114 nn. 238, 240, 115, 175
- Myers - 30 n. 38, 43 n. 92
- Mylonas - 41 n. 87, 42 n. 88
- Naiada [mit.] - 71 n. 122
- Naiadas, Ninfas [mit.] - 174 n. 472
- Narciso [mit.] - 194 n. 561
- Nauck - 22 n. 24
- Negro, Mar [top.] - 55, 97 n. 177, 157
- Néofron [mit.] - 36, 66, 81, 104-105
- Neoptólemo [mit.] - 162 n. 418
- Nereides [mit.] - 115 n. 245
- Nereu [mit.] - 192
- Nero - 11 n. 1, 15 n. 7, 16 n. 10, 156 n. 401
- Nerva - 15 n. 9
- Nestor [mit.] - 169 n. 445
- Nicandro [de Cólofon] (Nic.) - 24, 92 n. 154, 112 n. 228, 182, 184 n. 513
- Heteroioumena* - 25, 153 n. 388
- Metamorfoses*
- I* - 25-26, 99, 148, 150, 175, 192
- II* - 25, 127, 129, 134, 156, 170, 173
- III* - 25, 86, 92, 124
- IV* - 25, 114, 116, 153-154, 160, 166, 168
- Theriaca (Th.)* - 153 n. 388
- 13-20 - 154 n. 397
- 483-487 - 153 nn. 389, 395
- 484 - 42 n. 89
- 689-699 - 169 n. 448
- Fragmenta
- 48 G.-S. - 157 n. 405
- 58 G.-Sch. - 161 n. 418
- 50 Schneider - 86 n. 132
- 55 Schneider - 38 n. 69
- 73 Schneider - 37 n. 58
- 94 - 139 n. 323
- Nicarco (Nicarch.)
- AP* 11.186 - 132 n. 307
- Nicéneto (Nicaenet.)
- apud* Parth. 11 - 170 n. 458
- Nicocreonte, filha de [mit.] - 64, 68
- Nicocreonte, família de [mit.] - 194
- Nicodamo [mit.] - 62, 133
- Nicolau Damasceno (Nic.Dam.)
- Παραδόξων ἔθῶν συναγωγή - 18 n. 13
- Níctimo [mit.] - 145 n. 355
- Ninck - 153 n. 394
- Ninfas [mit.] - 34, 36, 43-45, 45 n. 94, 64, 68-71-72, 74-75, 148, 148 n. 366, 149, 157 nn.

- 405, 410, 158-159, 171, 175
n. 478, 177
- Ninfas Danaidas - 174 n. 472
- Ninfas do Rio Ascânio - 45, 157
- Ninfas Driádes - 174 n. 472
- Ninfas Epimélides - 69, 75 n.
245, 174, 174 nn. 472-473
- Ninfas Hamadriadas - 45, 71,
175-176
- Níobe [mit.] - 102 n. 197, 115 n.
245, 120 n. 271, 171 n. 462,
185 n. 523
- Nomíon, filho de [mit.] - 104
- Nono (Non.)
- Dionysiaca* (*D.*)
- 13.547 - 170 n. 456
- 13.548 - 170 n. 459
- 13.560 - 170 n. 460
- 33.67 - 150 n. 376
- 43.425 - 171 n. 462
- 44.266 - 121 n. 271
- 45.42-51 - 116 n. 252
- Noort - 164 n. 423
- Nostoi*
- fr. 4 *PEG* - 186 n. 523
- O Fisiólogo* - 31
- Oakley - 89 n. 146, 160 n. 417
- Oberhummer - 99 n. 182
- O'Brien - 43 n. 91
- Oceano, filha de [mit.] - 71 n.
122
- Ocno [mit.] - 36 n. 46
- Oder - 21 n. 22, 22 n. 24, 23 n.
26, 24 n. 29, 28 n. 34
- Odiseia* (Od.) - 27
- 1.25 - 141 n. 341
- 1.32-34 - 91 n. 153
- 1.346 - 107 n. 210
- 2.299-332 - 41 n. 87
- 2.300-330 - 164 n. 423
- 3.143-144 - 141 n. 341
- 3.143-146 - 141 n. 341
- 4.563-569 - 177 n. 490
- 4.564 - 178 n. 491
- 5.136, 209 - 165 n. 425
- 5.337 - 132 n. 305
- 5.352 - 132 n. 305
- 6.68 - 107 n. 210
- 7.323 - 178 n. 491
- 7.324 - 145 n. 355
- 8.226-228 - 99 n. 187
10. 198-250 - 31 n. 40
- 10.206 - 116 n. 255
- 10.238 - 151 n. 380
- 10.239-240 - 31 n. 40, 40 n.
86
- 10.319 - 151 n. 380
- 10.431-435 - 40 n. 86
- 10.490-495, 11.90-151 - 135
n. 315
- 11.149 - 107 n. 210
- 11.309 - 145 n. 355, 154 n.
397
- 11.321-322 - 198 n. 573
- 11.381 - 107 n. 210
- 11.582-592 - 186 n. 524

- 11.593-600 - 169 n. 445
 13.329 - 174 n. 472
 14.11 - 31 n. 42
 16.172 - 151 n. 380
 17.302 - 182 n. 510
 17.400 - 107 n. 210
 18.16 - 107 n. 210
 18.18 - 107 n. 210
 19.177 - 56 n. 103
 19.348 - 107 n. 210
 19.517 sq. - 120 n. 269
 19.518 - 120 n. 267
 19.518-523 - 120 n. 271
 19.518-529 - 119 n. 267
 20.66 sq. - 185 n. 519
 20.66-78 - 120 n. 267
- Scholía*
schol. Od. 19.518 - 185 n. 522
- Ofeltes [mit.] - 87 n. 136
 Ogden - 127 n. 285, 136 n. 315
 Okin - 162 n. 418
 Økland - 33 nn. 43-44, 41 n. 86
 Olímpicos [mit.] - 186 n. 524
 Olimpodoro (Olymp.) - 117 n. 257
OF 220 - 117 n. 257
 Olimpo [top.] - 114 n. 239, 186 n. 524
 Olimpo, Monte [top.] - 114 n. 239, 186 n. 524
 Oliveira - 63 n. 116
 Olivieri - 112 n. 228
 Onomácrito - 117 n. 257
- Opiano (Opp.) - 59 n. 106
Halieutica (H.)
 3.404-405 - 179 n. 497
 3.405 - 179 n. 498
 5.4-7 - 59 n. 106
- Orcoménios [etn.] - 101 n. 194
 Orcómeno [top.] - 35, 49, 116 n. 250, 155
 Orcómeno, filho de [mit.] - 116
 Orestes [mit.] - 143 n. 352, 160 n. 418, 164 n. 423, 179-180 n. 500
 Orestes, ama de - 179 n. 500
 Orfeu [mit.] - 40 n. 86, 117 n. 257, 143 n. 352, 148 n. 369
 Orio [mit.] - 42, 84, 146
 Oríon [mit.] - 75, 145 n. 355
 Oríon, esposa de - 115 n. 245, 145 n. 355, 154, 154 n. 397
 Oríon, filhas de - 154, 154 n. 398
 Oritia [mit.] - 179
 Ormand - 151 n. 380
- Orphica (Orph.)*
Argonautica (A.) 221, 637 - 158 n. 411
Hymni (H.)
 37 - 190 n. 541
 52.5 - 116 n. 254
Orphicorum fragmenta (OF)
 232 K - 141 n. 341
 463 - 30 V 39
- Orsíloco [mit.] - 84
 Orsíloquia [mit.] - 70, 165
 Ortígia [top.] - 53-54, 182 n. 505

- Ortigio [mit.] - 39, 83, 142-143
 Osíris [mit.] - 59 n. 106
 Otrei, ninfa [mit.] - 127, 148
 Ótris, Monte [top.] - 52, 148,
 148 n. 366
 Ott - 88 n. 141
 Ottheinrich - 19
 Ovídio (Ov.) - 16, 25, 30 n. 38,
 168 n. 442, 182 n. 504
Amores (Am.)
 1.5.17-20 - 193 n. 555
Ars
 2.369-370 - 193 n. 555
 3.777-778 - 42 n. 88
Epistulae / Heroides (Ep.)
 11 - 67 n. 120
 11.27-30 - 90 n. 149
 20 - 86 n. 133, 89 n. 142
 21 - 86 n. 133, 89 n. 142
Fasti (Fast.)
 1.549 - 151 n. 381
 1.543-586, 5.643-652 - 151
 n. 381
 2.40 - 192 n. 551
 4.76 - 189 n. 535
 5.115 - 184 n. 515
Ibis (Ib.) 504 - 100 n. 190
Metamorphoses (Met.) - 32 n.
 43, 40, 43
 1.452-567 - 89 n. 143
 1.568 - 175 n. 475
 1.689-712 - 148 n. 368
 1.690 - 148 n. 368
 1.84 - 42 n. 88
 2.340-366 - 94 n. 169
 2.405 sq. - 145 n. 355
 2.534-632 - 142 n. 530
 2.687-707 - 150 n. 377, 152
 n. 386
 2.735 - 151 n. 380
 3.131 sq. - 136 n. 316
 3.138-252 - 136 n. 316
 3.190 - 153 n. 394
 3.192-193 - 136 n. 316
 3.316-350 - 136 n. 315
 3.320 - 135 n. 315
 3.342-510 - 157 n. 402
 3.367-377 - 124 n. 280
 4.1 - 116 n. 251
 4.1-140, 390-415 - 116 n.
 249
 4.389-415 - 37 n. 60
 5.250-678 - 115 n. 245
 5.329 - 166 n. 431
 5.444-461 - 153 n. 389
 5.447 - 153 n. 395
 5.533-540 - 153 n. 389
 5.544 - 153 nn. 389, 394
 5.669 - 114 n. 238
 6.90-93 - 133 n. 310
 6.138 - 153 n. 394
 6.146-312 - 171 n. 462
 6.313-381 - 812 n. 504
 6.339-381 - 182 n. 503
 6.426 sq. - 121 n. 271
 6.655 - 121 n. 271
 7.351-354 - 148 n. 366

- 7.353-356 - 148 n. 365
 7.368-370 - 86 n. 133, 90 n. 150
 7.371 - 126 n. 284
 7.371-381 - 124 nn. 278, 280
 7.386-387 - 105 n. 203
 7.390 - 138 n. 318
 7.398-401 - 108 n. 211
 7.400 - 108 n. 212
 7.471-865, 11.217-409, 266-409 - 192 n. 543
 7.661-862 - 198 n. 572
 7.753-758 - 199 n. 577
 8.590 - 150 n. 373
 8.277-278 - 92 n. 155
 8.300 - 93 n. 163
 8.437 - 93 n. 157
 8.445-525, 531 - 94 n. 168
 8.450-524 - 94 n. 170
 8.532 - 95 n. 173, 96 n. 176
 8.738-878 - 119 n. 266
 9.273 - 268 n. 438
 9.278-323 - 168 n. 437
 9.281-323 - 168 n. 436
 9.322 - 169 n. 448
 9.441-465 - 170 n. 450
 9.441-665 - 170 n. 460
 9.443 - 170 n. 451
 9.446-665 - 171 n. 462
 9.449-452 - 170 n. 454
 9.451- 452 - 170 n. 458
 9.465-466 - 170 n. 460
 9.665-796 - 134 n. 312
 9.666-797 - 133 n. 309
 10.297-514 - 175 n. 497
 10.435- 175 n. 497
 10.524 - 175 n. 498
 11.217-409 - 193 n. 557
 11.409 - 192 n. 551
 12.189 - 135 n. 314
 12.190 - 135 n. 314
 12.459-532 - 135 n. 314
 13.678-701 - 154 n. 398
 13.685-699 - 154 n. 396
 13.713-718 - 129 n. 289
 13.717 - 129 n. 291
 13.717-718 - 38 n. 66
 14.159 sq. - 40 n. 86
 14.258 - 182 n. 510
 14.457 - 189 n. 535
 14.457-513 - 189 n. 528
 14.458-511 - 189 n. 527
 14.476 - 189 n. 529
 14.510 - 189 n. 535
 14.512-526 - 189 n. 535
 14.514-526 - 173 n. 464
 14.698 - 194 n. 560
 14.698-764 - 133 n. 309
 14.760 - 152 n. 387
 15.79-80 - 143 n. 352
Tristia (Tr.)
 3.10.73 - 89 n. 142
 Overduin - 153 n. 395
 Óxilo, filho de [mit.] - 176
 Óxios [mit.] - 192 n. 553
 Ozaeta - 21 n. 23

- Pã [mit.] - 45 n. 94, 70-72, 114
n. 245, 148, 148 nn. 368-369
- Padilla - 161 n. 418
- Pagel - 86 n. 132
- Palas [epit.] - 67 n. 120
- Palatinado [top.] - 19
- Paléfato (Palaeph.) - 58, 171 n.
462
- Περὶ Ἀπίστων, *Sobre Contos*
Inacreditáveis - 57 n. 105
- 3 - 57 n. 105
- 4 - 57 n. 105
- 5 - 57 n. 105
- 6-9 - 57 n. 105
- 8 - 171 n. 462
- 9 - 57 n. 105
- 10 - 57 n. 105
- 11 - 135 n. 314
- 1-2 - 57 n. 105
- 13 - 57 n. 105
- 15 - 57 n. 105
- 16 - 57 n. 105
- 18 - 57 n. 105
- 19 - 57 n. 105
- 20 - 57 n. 105
- 21 - 57 n. 105
- 22 - 57 n. 105
- 23 - 57 n. 105
- 24 - 57 n. 105
- 26 - 57 n. 105
- 27 - 57 n. 105
- 27 - 57 n. 105
- 28 - 57 n. 105
- 30 - 57 n. 105
- 31 - 57 n. 105
- 37 - 57 n. 105
- 38 - 57 n. 105
- 38 - 57 n. 105
- 39 - 57 n. 105
- 40 - 57 n. 105
- 41-42 - 57 n. 105
- 43 - 57 n. 105
- 45 - 57 n. 105
- Palémon - 12, 12-13 n. 4, 14, 15
n. 7, 87 n. 136
- Palene [mit.] - 90 n. 149
- Pandáreo [mit.] - 37, 42, 80, 82,
85, 119, 119 n. 261, 121-122,
184, 184 n. 518, 185, 188
- Pandáreo, Criados - 122
- Pandáreo, Casa de - 122
- Pandáreo, filha de [mit.] - 120
n. 267
- Pandáreo, filha(s) de [mit.] - 120
n. 267
- Pandíon de Atenas [mit.] - 119 n.
261, 121 n. 271
- Pandíon, filho de [mit.] - 51 n.
100, 134
- Pandora [mit.] - 66 n. 120
- Panfília [top.] - 51
- Pânfilo - 23 n. 26, 24, 24 n. 29,
27, 41 n. 88
- I - 26, 150
- Paníasis
Heracleia - 158 n. 416
- Papaioannou - 42 n. 88
- Papathomopoulos - 21 n. 22, 23,
22 n. 24, 24 n. 29, 38 n. 71,
78, 112 n. 228
- Paracelso - 86 n. 132

- Paris [top.] - 17 n. 11, 19, 78
 Páris - 179 n. 499
 julgamento - 23, 23 n. 25, 86 n.
 132, 103
 Parke - 112 n. 233
 Parnasso [top.] - 52, 112
 Parrásia, Montanha [top.] - 182
 n. 507
 Parrásio, Monte [top.] - 184 n.
 515
 Parténio (Parth.) - 16, 17 n. 11,
 21 nn. 21, 23, 23 n. 26, 25, 43
 Erotika Pathemata, Sofrimentos
 de Amor, Narrationes ama-
 toriae 173v-188v), Ἐρωτικά
 Παθήματα - 17 n. 11, 23 n.
 26, 59 n. 107, 60 n. 110,
 63 n. 117, 145 n. 356, 179
 n. 498
 6 - 86 n. 133
 8 - 133 n. 309
 11 - 171 n. 462
 14 - 193 n. 555
 15 - 134 n. 312
 17 - 105 n. 203
 28 - 127 n. 287, 129 n. 290
 30 - 101 n. 195
 Paschalis - 63 n. 116
 Pasífae [mit.] - 29, 70-72, 198
 Pasquali - 22 n. 24, 23 n. 26
 Pataici - 166 n. 434
 Pátroclo [mit.] - 87 n. 136, 170
 n. 456
 Paul - 112 n. 228
 Pausânias (Paus.) - 43
 1.5.3 - 119 n. 261
 1.17.6 - 160 n. 417
 1.18.5 - 168 n. 443
 1.21.3 - 185 n. 523
 1.22.7, 8.31.3, 9.35.5 - 117 n.
 257
 1.39.1 - 153 n. 391
 1.41.4 - 162 n. 419
 1.41.4-5 - 162 n. 419
 1.41.8 - 121 n. 271
 1.43.1 - 162 n. 421, 164 n. 423
 1.44.8, 9.2.3 - 136 n. 316
 2.1.3 - 87 n. 136
 2.10.4-5 - 88 n. 139
 2.2.3 - 192 n. 545
 2.22.6-7 - 161 n. 418
 2.22.7 - 160 n. 417
 2.25.2 - 189 nn. 529, 532
 2.26.6 - 116 n. 251
 2.30.3 - 196 nn. 565-567
 2.32.2 - 87 n. 136
 2.5.1 - 169 n. 445
 2.9.7 - 183 n. 512
 3.14.2 - 196 n. 567
 3.19.11-12 - 165 n. 424
 4.33.5 - 99 n. 187
 4.34.6 - 175 n. 475
 5.19.1 - 23 n. 25
 5.19.3 - 162 n. 419
 7.18.8 - 196 n. 568
 8.5.1 - 104 n. 201
 8.20.2-4 - 134 n. 312
 8.37.1 - 100 n. 191

- 8.38.1 - 184 n. 515
 8.38.4 - 183 n. 511
 8.4.2 - 174 nn. 472-473
 8.42.6 - 69 n. 121
 8.45.4 - 93 n. 163
 8.47.1 - 93 n. 162
 8.53.2 - 178 n. 491
 9.2.3 - 136 n. 316
 9.5.1 - 154 n. 399
 9.10.5 - 54 n. 102
 9.11.1 - 177 n. 489, 178 n. 493
 9.11.3 - 168 nn. 436-437
 9.16.7 - 177 n. 488
 9.17.2 - 101 n. 194
 9.19 - 199 n. 580
 9.19.1 - 49, 199 n. 578
 9.26.5 - 112 n. 234
 9.26.7-8 - 112 n. 232
 9.36.3 - 116 n. 249
 9.38.2 - 116 n. 249
 10.1.1 - 192 n. 545, 193 n. 559
 10.4.8. sq. - 121 n. 271
 10.9.5 - 179 n. 500
 10.11.6 - 48 n. 97
 10.12.1 - 112 n. 231
 10.16.3 - 170 n. 452
 10.29.1-2 - 37 n. 46
 10.29.2 - 37 n. 46, 198 n. 572
 10.30.1 - 119 n. 263, 185 n. 519
 10.30.2 - 119 n. 261, 120 n. 267
 10.30.4 - 192 n. 545
 10.31 - 92 n. 154, 187 n. 526
 10.31.3 - 92 n. 154
 10.31.4 - 92 n. 154, 94 n. 168
 19.3 - 183 n. 512
 Pearson - 95 n. 172
 Pease - 158 n. 411
 Pégaso [mit.] - 22, 41 n. 88, 114
 Pelasgos [etn.] - 56
 Pelasgos, Terras dos [top.] - 56, 151
 Peleu [mit.] - 86 n. 132, 192-193
 Pélion, Monte [top.] - 52, 193
 Peloponeso [top.] - 48, 50-53, 151
 Peneu, filho de [mit.] - 175 n. 475
 Peneu, Rio [top.] - 175 n. 475
 Penteu [mit.] - 23, 118 n. 260
 Peónia [top.] - 50
 Peradotto - 41 n. 87
 Pérez-Jean - 64 n. 118, 65 n. 119
 Périfas [mit.] - 34, 36, 45, 62, 79, 81, 93, 93 n. 159, 107-108, 115 n. 245
 Périfas, esposa de [mit.] - 28, 36, 108, 108 n. 211
 Perimele [mit.] - 150, 150 n. 373
Periplus Ponti Euxini 30v-40r - 17 n. 11
 Perria - 17 n. 11
 Perry - 63 n. 116
 Persas [etn.] - 188 n. 526
 Pérsio(Pers.) - 1.134
 Perséfone [mit.] - 23, 45, 69, 71-72, 153 n. 390, 154-155, 181 n. 501, 190 n. 541
 Perseu [mit.] - 192 n. 553

- Pestalozza - 137 n. 317, 182 n. 504
- Petrônio
Satyricon (pl. *Satyricon*) - 63 n. 116
 45.7 - 193 n. 555
 56 - 139 n. 329
- Peucécio [mit.] - 173
- Peucécios [etn.] - 47, 173
- Piéria [top.] - 51, 114, 114 n. 241
- Píero [mit.] - 114
- Píero, filhas de - 28, 37, 69, 114
- Píero, irmãs de - 82
- Pierre Bersuire
Ovide moralisé - 33 n. 43
- Pigmeia [mit.] - 133 n. 308
- Pigmeu(s) [etn.] - 22, 47, 133
- Pinara [top.] - 182 n. 505
- Píndaro (Pi.) - 162 n. 419, 179-180 n. 500, 186-187 n. 524
- Odes Ístmicas* (I.)
 4.69 - 177 n. 489
 5.35-38 - 156 n. 401, 163 n. 422
 7.39-39b - 107 n. 210
 8.9-12 - 188 n. 526
- Odes Nemeias* (N.)
 1.91 - 135-136 n. 315
 3.21 - 151 n. 381
 3.80-82 - 87 n. 137
 4.57 - 192 n. 555
 5.25 - 192 n. 555
 7.2 - 168 n. 443
- Odes Olímpicas* (O.)
 1.49 sq. - 185 n. 523
- 1.54-55 - 186 n. 524
 1.55-58 - 186 n. 524
 1.56 - 187 n. 524
 1.57 - 186 n. 524, 187 n. 526
 1.97 - 187 n. 524
 2.137 - 178 n. 491
 2.68 - 190 n. 541
 3.44 - 127 n. 285
 6.72 - 168 n. 443
 9.33 - 151 n. 380
- Odes Píticas* (P.)
 1.16 - 166 n. 429
 1.17 - 166 n. 427
 1.39 - 183 n. 512
 3.114-115 - 87 n. 137
 4.81 - 145 n. 355
 10.49-55 - 141 n. 342
 11.17 - 179-180 n. 500
 11.35 - 160 n. 418
- Fragmenta
 123 Snell - 139 n. 329
 243 - 161 n. 418
 258 - 161 n. 418
 133 Bergk - 117 n. 257
 5 Bergk - 87 n. 136
 6 Bergk - 87 n. 136
- Scholia
schol. Pi. N. 10.12 - 190 n. 540
schol. Pi. N. 4.54, 59 - 192 n. 555
schol. Pi. O. 1.37 sq. - 187 n. 526

- schol. Pi. O.* 1.56 - 187 nn.
524, 526
- schol. Pi. O.* 1.91 - 184 n. 518,
187 n. 526
- schol. Pi. O.* 1.91a - 184 n.
516, 185 n. 522, 187 n.
526
- schol. Pi. O.* 1.97 - 184 n. 518,
187 nn. 524, 526
- schol. Pi. P.* 11.25 - 180 n.
500
- schol. Pi. P.* 4.303 - 158 n.
411
- schol. Pi. P.* 4.313 - 150 n.
376
- Pindo [top.] - 50
- Pinheiro - 41 n. 88
- Pirítoó [mit.] - 161 n. 418
- Pirra [mit.] - 134 n. 311
- Pisandro de Camiros
Heracleia - 158 n. 416
- Pisino de Lindo
Heracleia - 158 n. 416
- Pitão [mit.] - 87 n. 136
- Plähn - 133 n. 309
- Platão (Pl.) - 17 n. 11, 190 n. 541
Cratylus (Cra.)
395d-e
395d-e - 187 n. 526
399c
400c - 40 n. 86
435e - 110 n. 223
- Euthydemus (Euthd.)*
301e - 87 n. 137
- Euthyphro (Euthphr.)*
11e - 185 n. 521
- Gorgias (Grg.)*
493a - 30 n. 39
494b - 38 n. 70
525e - 187 n. 526
- Hippias Major (Hp. Ma.)*
293b - 186 n. 524
- Leges (Lg.)*
673d - 87 n. 137
701c - 117 n. 257
- Meno (Men.)*
81b - 30 n. 39, 40 n. 86, 165
n. 424, 190 n. 541
81b-c - 117 n. 257
81c - 40 n. 86
- Phaedo (Phd.)* - 190 n. 541
82a-b - 139 n. 330
- Philebus (Phlb.)*
48a8-50a9 - 107 n. 210
- Respublica (R.)*
329c - 65 n. 119
329d - 65 n. 119
586a-b - 41 n. 88
608d - 190 n. 541
- Symposium (Smp.)*
177e - 65 n. 119
186b - 67 n. 120
189d-193e
204d - 65 n. 119
206d - 168 n. 443
- Theaetetus (Tht.)*
153c - 87 n. 137

- Timaeus (Ti.)*
 90a-b - 41 n. 88
 91e - 42 n. 88
in Epigrammatum Anthologia Palatina (AP)
 5.79-80 Dübner - 88 n. 140
 Scholia
schol. Pl. Lg 12.944d - 135 n. 314
- Plauto (Pl.)
Miles Gloriosus (Mil.)
 1240-1241 - 171 n. 462
Mostellaria (Most.)
 1094-1135) - 139 n. 326
- Pleisto, Jardins de [top.] - 86 n. 132
- Plescica - 88 n. 141
- Plêuron [top.] - 49-50, 94 n. 166, 124, 161 n. 418
- Plínio *Maior* (Plin.)
Historia Naturalis (HN)
 2.103 - 189 n. 536
 5.144 - 157 n. 408
 10.3 - 39 n. 79, 142 n. 346
 10.57 - 110 n. 219
 12.6 - 190 n. 540
 28.17 (59) - 168 nn. 440, 444
 28.59 - 168 nn. 436-437
 35.137 - 37 n. 46
 37.11 - 94 n. 172
- Plínio *Minor*
 4.3 - 12
 4.18 - 12
 5.10 - 12
- Plutarco
Lucullus
 33 - 61 n. 112
- Poliano (Poll.)
 9.122 - 174 n. 472
 9.127 - 174 n. 473
- Políbio (Plb.)
 3.88.4 - 173 n. 468
 4.45.7 - 185 n. 521
- Policarmo (Polycharm.) - 182 n. 505
- Polícrito, filho de [mit.] - 136 n. 316
- Polícteno, esposa de [mit.] - 120 n. 267
- Polidora, filho de [mit.] - 175, 175 n. 475
- Polifemo [mit.] - 158, 158 n. 413
- Polifontes [mit.] - 39, 79, 83, 145-146
- Polifrásmon, filho de [mit.] - 92 n. 154
- Polignoto [Tasiano], pintura - 185 n. 519, 37 n. 46
Lesque de Delfos - 120 n. 267
- Poliímnia [mit.] - 114 n. 240
- Políteco [mit.] - 120 n. 267
- Políxena [mit.] - 162 n. 418
- Pólux [mit.] - 162 n. 419
- Ponto, Mar do [top.] - 55
- Porteu [mit.] - 92 n. 156
- Porteu, filho de [mit.] - 92
- Posídon [mit.] - 45-46, 69, 71-72, 96 n. 175, 97, 97 n. 180, 98, 114, 135, 135 n. 314, 142,

- 148-149
- Posídon *Hippios* - 114 n. 244,
135 n. 314
- Postlethwaite - 140 n. 336
- Pottier - 131 n. 300
- Poulsen - 146 n. 357
- [Ps.] Plutarco (Plu.) - 12, 17 n.
11, 43, 61 n. 112
- De Amore Proliis*
2 - 61 n. 112
3 - 139 n. 328
- De communibus notitiis aduersus
Stoicos*
324 - 65 n. 119
- De fluviorum et montium no-
minibus* 157r-173r, *Sobre os
Rios* - 12, 17 n. 11
- De genio Socratis*
5 - 178 n. 494
- Moralia (Mor.)*
138D - 88 n. 149
299e - 116 n. 351
517a - 41 n. 88
976d - 138 n. 320
- OF*
210 - 117 n. 257
- Parallela Minora*
26 - 93 n. 157
- Quaestiones Graecae*
299e-f - 116 n. 251
- Theseus (Thes.)*
31 - 161 n. 418
32.4 - 161 n. 418
35 - 134 n. 312
- Pluto [mit.] - 185, 185 nn. 521,
524
- Porfirio
De Abstinencia - 40 n. 86
- Porph. *Abst.* 1.22 - 143 n. 352
- Porph. *Abst.* 2.20 - 141 n. 341,
143 n. 352
- Porph. *Abst.* 4.22 - 143 n. 352
- Preto [mit.] - 168
- Priest - 88 n. 141
- Prion, Monte [top.] - 119 n. 264
- Probalinto [top.] - 177 n. 487
- Probo (Prob.)
ad Verg G. 1.378 - 182 n. 503
- Proclo (Procl.)
Chrestomathia (Chr.)
1 - 93 n. 164
in Pl. Cra. 183.23 - 65 n. 119
in Pl. R. 2.338 - 117 n. 257
- Procne [mit.] - 119 nn. 261, 267,
120 n. 267, 121 n. 271
- Prócris [mit.] - 65, 198-200
- Prometeu [mit.] - 59 n. 106, 67
n. 120
- Propércio (Prop.)
1.18 - 86 n. 133
1.20 - 157 n. 405
1.20.45-47 - 157 n. 410
3.1.38 - 183 n. 512
- Prúsias [mit.] - 157 n. 405
- Prúsios [etn.] - 157 n. 405
- Psâmate [mit.] - 192
- Psidia [top.] - 51
- Psique [mit.] - 42 n. 88, 67 n.

- 120, 136 n. 316
 Ptolomeu (Ptol.) - 165 n. 424
 1.306 - 136 n. 316
 Putnam - 87 n. 137
- Q. Fábio Verrucoso - 87 n. 137
 Quélidon [mit.] - 38 n. 63, 82, 110
 n. 222, 120 n. 267, 121-123
 Quélidonis [mit.] - 110 n. 222 *cf.*
Quélidon
 Quéreas [mit.] - 119 n. 267
 Quíone [mit.] - 115 n. 245
 Quios [top.] - 57 n. 105, 157 n.
 405
 Quíron [mit.] - 193
 Quíron, filha de [mit.] - 192 n.
 544
 Quintiliano - 13 n. 4
 Quinto Rémio Palémon - 13 n. 4
- Rabinowitz - 145 n. 356
 Radamanto [mit.] - 169 n. 445,
 178,
 Radamanto, esposa de - 178 n. 492
 Radermacher - 152 n. 385
 Radin - 127 n. 285
 Ragusa, João Stojkovič de,
 Cardeal - 17 n. 11, 18-19
 Ramat - 131 n. 297
 Ramos Jurado - 42 n. 88
 Rank - 44 n. 93
 Ransome - 139 n. 330
 Ranulf - 107 n. 210
 Raposa [mit.] - 80, 198
- Reardon - 63 n. 116
 Redford - 127 n. 285
 Reia [mit.] - 71-72, 139, 182 n.
 507, 184, 185 n. 520
 Renner - 22 n. 24
 Riano (Rhian.)
Heracleia 178 Meineke - 86 n.
 132
 Richter - 44 n. 93
 Rigoglioso - 166 n. 427
 Roberts - 102 n. 197
 Robson - 145 n. 356
 Rochas Sagradas [top.] - 54, 173-
 174
 Rohde - 23 n. 26
 Roller - 146 n. 357
 Roma [top.] - 12, 13 n. 4, 14-15,
 19
 Romano(s) [etn.] - 16, 31 n. 42
 Romano, Império - 16, 32 n. 43,
 33, 59
 Rose - 117 n. 257
 Rosenmeyer - 86 n. 133
 Rostoutzeff - 15 n. 11
 Roux - 178 n. 492
 Roy - 162 n. 418
 Rudhardt - 88 n. 141, 117 n. 257
 Rüegg - 21 n. 23, 22 n. 24
 Ruperti - 178 n. 492
 Russel - 102 n. 197
- Safo (Sapph.) - 120 n. 271, 164
 Fragmenta
 fr. 105 Lobel-Page - 88 n. 139

- fr. 73 Neue - 150 n. 376
- Sakellariou - 150 n. 374
- Sakolowski - 112 n. 228
- Sálamis [top.]
 Ilha - 53, 192
 Cidade - 49, 194
 Rei de - 194
- Sálmacis [mit.] - 136 n. 316
- Salmoneu de Élide [mit.] - 114
 n. 245
- Salónica [top.] - 114 n. 239
- Salústio (Sal.)
Catilina (*Cat.*)
 1.1 - 42 n. 88
- Salvador Pítio [epit.] - 34, 100
- Samuelsson - 32 n. 42
- Sanders - 107 n. 210
- Santo Ofício* - 32 n. 43
- Sarónico, Golfo [top.] - 50, 53
- Sarpédon [mit.] - 170, 170 n. 456
- Saxius - 11, 11 nn. 1-2, 12
Onom. 308 - 14 n. 6
- Scaligero- 14, 14 n. 6, 15 n. 7
- Schaefer - 22 n. 24
- Schmeling - 63 n. 116
- Schmidt - 152 n. 387
- Scholfield - 24 n. 30
- Scodel - 90 n. 151, 184 n. 518
- Scymnus (Scymn.)
 431 - 190 n. 540
- Segal - 60 n. 108, 92 n. 154
- Seim - 33 nn. 43-44, 41 n. 86
- Sellheim - 18 n. 11, 22 n. 24
- Séneca (Sen.)
Ad Marciam - 31 n. 42
de Beneficiis - 12
De Consolatione 3.20.3 - 31 n.
 42
Naturales Quaestiones (*Nat.*)
 1.16.47 - 13 n. 4
Oedipus (*Oed.*)
 esp. 569 - 618 - 146 n. 361
 960-970 - 105 n. 203
Thyestes (*Thy.*) - 121 n. 271
- Senhor - 143 n. 352 cf. Deus
- Septímio Severo - 15 n. 9
- Sérvio (Serv.)
in Verg. Aeneis (*A.*)
 1.27 - 86 n. 132
 1.655 - 150 n. 376
 3.101 - 173 n. 466
 3.171 - 173 n. 467
 4.377 - 183 n. 512
 6.448 - 135 n. 314
 8.9 - 173 n. 466
in Verg. Eclogae (*Ecl.*)
 2.31 - 148 n. 368
 8.30 - 150 n. 376
in Verg. Georgica (*G.*)
 1.16 - 183 n. 511
 1.378 - 182 n. 505
 8.37 - 88 n. 139
- Severos - 11, 15 n. 9
- Seznec - 33 n. 43
- Síbaris [mit.] - 44, 75, 79, 81,
 112-113

- Síbaris, Ave - 81
- Síbaris, Cidade [top.] - 34, 49
- Síbaris, Fonte [top.] - 34, 44, 55, 113
- Sibila da Líbia, mãe de [mit.] - 112 n. 231
- Sicília [top.] - 52-55, 119 n. 266, 152
- Side [mit.] - 115 n. 245
- Sidima [top.] - 182 n. 505
- Sido, jardins de [top.] - 86 n. 132
- Siessa (Syessa) [top.] - 182 n. 510
- Silva - 63 n. 116
- Silvia - 36 n. 45
- Simcox - 13 n. 4
- Símias de Rodes (Simm.)
Apolo - 26, 141
Fragmenta
 fr.2 Powell - 141 n. 339
- Simónides (Simon.)
 fr. 520 *PMG* - 188 n. 526
- Sinos - 160 n. 417
- Sípilo, Monte [top.] - 52, 171 n. 462, 185, 185 n. 523, 187, 187-188 n. 526
- Sípilo, Rei de - 185 n. 521
- Sipretes [mit.] - 46-47, 136, 136 n. 316, 137
- Síria [mitop.] - 51
- Siringe [mit.] - 148 n. 368
- Sisífidas [etn. Patr.] - 47, 99
- Sísifo [mit.] - 87 n. 136, 99 n. 188, 169 n. 445, 184 n. 518, 187 n. 526
- Sissa - 89 n. 147
- Sítio das Ninfas' [top.] - 34, 54, 174
- Slochower - 44 n. 93
- Smith - 46 n. 95, 102 n. 197
- Sócrates-personagem - 41 n. 88
- Sófocles (S.) - 65 n. 119, 94-95 n. 172
Ajax (Aj.)
 1266 - 121 n. 271
Antigone (Ant.)
 831 - 171 n. 462
Electra (El.)
 154-163 - 160 n. 418
Oedipus Tyrannus (OT)
 1268-1278 - 105 n. 203
 *Tereu - 188 n. 526
 Scholia
schol. S. El. 157 - 160 n. 418
- Sol [mit.] - 70-72, 184 n. 518
- Sol, Bois do - 145 n. 355
- Sol, filha do - 198
- Songe-Möller - 102 n. 197
- Sonnenberg - 44 n. 93
- Soren - 127 n. 285
- Sourvinou-Inwood - 157 n. 405
- Spielman - 107 n. 210
- Spyridakis - 59 n. 106, 102 n. 197
- Starner - 63 n. 116
- Steinbock - 59 n. 107
- Stengel - 88 n. 141
- Stökl - 136 n. 315

- Struck - 64 n. 118
 Stuart - 104 n. 202
 Sturz - 160-161 n. 418, 180 n. 500
Su(i)da(s) - 173 n. 467
 Π 1672 - 39 n. 82
 Suetónio (Suet.) - 14-15, 15 n. 7
 De Grammaticis (Gram.)
 23 - 12 n. 4
 De Rhetoribus (Rhet.)
 6 - 14 n. 5
 14 - 12 n. 3
 Tiberius (Tib.)
 45 - 13 n. 4
 Surber - 95 n. 172
 Sutton - 151 n. 381
- Talia [mit.] - 114 n. 240
 Tamiris [mit.] - 99 n. 187
 Tantáidas [patr.] - 93 n. 161, 95 n. 175, 121 n. 271
 Tântalis [top.] - 187-188 n. 526
 Tântalo, o Esimida [mit.] - 43-44, 96 n. 175, 115 n. 245, 120 n. 271, 145 n. 355, 184 n. 518, 185, 185 nn. 521, 524, 186 n. 524, 187 nn. 524, 526, 188, 188 n. 526
 Taras [top.] - 56
 Tarento [top.] - 50, 56, 109 n. 214, 173
 Golfo de [top.] - 49
 Tarn - 59 n. 107
 Tártaro [top.] - 54, 127-128
 Tauros [etn.] - 35, 47, 165
 Tauros, região dos [top. etn.] - 164
 Tebano(s) [etn.] - 35
 Tebas [top.] - 49-50, 53-54, 120 n. 269, 135 n. 315, 138, 168, 177-178, 199 n. 580, 200
 Tebas Planície de [top.] - 53, 200
 Tebas, Rei de [mit.] - 120 n. 269
 Tebas, Sete Contra [mit.] - 87 n. 136
 Tebe [mit.] - 120 n. 269
 Tégea [top.] - 51, 151
 Teia [mit.] - 136 n. 316 cf. Mirra
 Télamon [mit.] - 192
 Teléboas [etn.] - 47, 199
 Témis [mit.] - 71-72, 140 n. 334
 Temístocles
 Epistulae 283r-302r - 17 n. 11
 Temporini - 18 n. 11
 Tenagra, Porto de [top.] - 52
 Tenara [top.] - 154 n. 397
 Teopompo de Quios
 Θαυμάσια, *Thaumasias* - 57 n. 105
 Tera [top.] - 101 n. 194
 Terambo [mit.] - 84, 114 n. 245, 148 n. 366
 Terena [mit.] - 145
 Tereu [mit.] - 93 n. 158, 119 n. 261, 20 n. 267, 121 n. 271
 Térmios [mit.] - 192 n. 553
 Termópilas [top.] - 175 n. 475
 Terpiscore [mit.] - 150 n. 376
 Terra [mit.] - 67 n. 120, 71-72,

- 107, 16, 184 n. 517, 188 n. 526
- Teseu [mit.] - 93 n. 162, 160, 160 nn. 417-418, 161 n. 418, 162, 177, 177 n. 487
- Tespória [top.] - 161 n. 418
- Tesprotos [etn.] - 47, 101
- Tessália [top.] - 47-50, 52, 104, 150, 151 n. 382, 158 n. 411
- Tessália, Rei da - 157 n. 403
- Tessálios [etn.] - 47, 149
- Téstio [mit.] - 96
- Téstio, filha de [mit.] - 93
- Téstio, filhos de [mit.] - 93
- Téstio, irmã de - 192 n. 546
- Tétis [mit.] - 86 n. 132, 192 n. 546
- Teucher - 21 n. 22
- Teucro [mit.] - 97 n. 179, 194
- Teucros [etn.] - 47, 69, 97, 97 n. 179
- Teumeso [top.] - 49, 199
- Tucídides (Th.)
- 1.18.2 - 188 n. 526
- 2.29 - 119 n. 261
- 2.29.3 - 121 n. 271
- Teócrito (Theoc.)
- 1.22 - 174 n. 472
- 2.30 - 139 n. 331
- 3.6 - 195 n. 562
- 4 - 148 n. 368
- 5.88 - 86 n. 132
- 6.6 - 86 n. 132
- 11.10 - 86 n. 132
- 13 - 157 n. 405
- 13.45 - 158 n. 411
- 13.46 - 157 n. 407
- 13.73-75 - 158 n. 411
- Teófilo (Theoph.)
- 4.5.6 - 190 n. 540
- Teógnis (Thgn.)
- 19 - 87 n. 137
- 205-206 - 187 n. 526
- 702-712 - 169 n. 445
- 1022 - 187 n. 526
- Thumb - 28 n. 34
- Tias [mit.] - 68, 179, 179 n. 496, 180-181
- Tibério - 12-13 n. 4
- Tideu [de Cálidon] [mit.] - 96 n. 176
- Tideu, filho de - 189 n. 528
- Tiestes [mit.] - 121 n. 271
- Tífon/Tifeu [mit.] - 43-44, 71-72, 75, 80, 84, 166, 166 n. 427, 167
- Tigchelaar - 164 n. 423
- Tigre, Rio [top.] - 51
- Tilg - 31 n. 42
- Timandra [mit.] - 36, 46, 65, 73, 81, 104, 104 n. 201, 105
- Timandra, filho de [mit.] - 104
- Timandro [mit.] - 198 n. 572
- Timeu (Tim.)
- F.Gr.Hist.* 566 F 53 - 190 n. 539
- Tíndaro [mit.] - 104 n. 201
- Tirésias [de Tebas] [mit.] - 43, 46, 135, 135 n. 315, 136 n.

- 316, 137, 168 n. 437
- Tíria [mit.] - 37, 82, 124-125
- Tirinte [top.] - 168 n. 438
- Titãs [mit.] - 59 n. 106, 71-72,
117 n. 257, 184, 184 n. 517,
187 n. 525, 190 n. 541
- Títio [mit.] - 145 n. 355
- Tmolo da Lídia - 185 n. 521
- Toas [mit.] - 102 n. 197, 164
- Tobar - 33 n. 43
- Torico [top.] - 51, 198-199
- Tov-Ruach - 107 n. 210
- Toxeu [mit.] - 93
- Trácia [top.] - 50, 145 nn. 353-
354
- Tragasia [mit.] - 170 n. 458
- Trajano - 15 n. 9
- Tranião [mit.] - 139 n. 326
- Trassa [mit.] - 145
- Tratado Torentino - 19
- Tremelis / Tremili [top.] - 51
- Tremiti, ilhas [top.] - 53
- Tribalo [mit.] - 145
- Tricorito [top.] - 177 n. 487
- Trifílio, mãe de [mit.] - 179 n.
500
- Trifilianos - 179 n. 500
- Troca Pereira - 32 n. 42, 59 n.
107, 63 n. 117, 87 n. 137, 145
n. 356, 156 n. 401, 162 n.
418, 164 n. 422, 184 n. 518
- Troia [top.] - 47, 49, 157 n. 401,
189, 194
- Guerra de - 23, 49, 86 n. 132,
157 n. 401, 163 n. 422
- Muralhas - 96 n. 175, 97 n. 180
- Sacerdote - 156 n. 401
- Troiano(s) [etn.] - 97 n. 179, 156
n. 401
- Trumpf - 88 n. 139
- Tucídides (Thuc.)
2.29 - 120 n. 267
- Scholia
schol. Th. 1.12 - 189 n. 529
- Turco, território [top.] - 49, 52
- Túrios [top.] - 117 n. 257
- Turquia [top.] - 49, 53, 55
- Tzetzes (Tz.)
ad Lycophronem (ad Lyc.)
44 - 173 n. 467
93 - 86 n. 132
175 - 192 n. 549
183 - 160 n. 160 n. 418
323-324 - 160 n. 418
328 - 154 n. 397
355 - 67 n. 120
480 - 175 n. 475
513 - 162 n. 419
682 - 135 n. 315
696 - 173 n. 467
831 - 181 n. 501
- Historiarum variarum chiliades*
(H.)
2.151 - 57
2.787 - 150 n. 373
5.30 - 163 n. 422
7.693 - 141 n. 339
13.599 - 150 n. 376

- Ulisses [mit.] - 31 n. 40, 40 n. 86,
101 n. 197, 134 n. 311, 145 n.
355, 164 n. 423, 169 n. 445,
173 n. 467
- Urânia [mit.] - 114 n. 240, 150
n. 356
- Úrano [mit.] - 65 n. 119
- Vale do Nilo [top.] - 51
- Valério Flaco (V. Fl.)
3.545 - 158 n. 411
- Vaillant - 102 n. 197
- Valgiglio - 95 n. 172
- Vallozza - 107 n. 210
- Vaso London E224* - 86 n. 132
- Vénus [mit.] - 88 n. 139,
- Venus *Propiciens*, Templo de
[top.] - 152 n. 387
- Virgílio (Verg.) - 12-13 n. 4
Aeneis (A.)
3.570 - 167 n. 435
4.143 - 183 n. 512
4.244 - 151 n. 380
4.346 - 183 n. 512
4.377 - 183 n. 512
4.462 - 132 n. 307
5.513-516 - 86 n. 132
6.448 sq. - 135 n. 314
8.299 - 151 n. 381
8.344 - 183 n. 511
11.225-295 - 189 n. 528
11.268 - 189 n. 529
Eclogae, Bucólicas (Ecl.)
3.50 - 13 n. 4
3.64 - 86 n. 132
6.43-44 - 157 n. 405
Georgica (G.)
3.6 - 157 n. 402
4.152 - 139 n. 330
- Verheyk - 21 n. 22
- Vermaseren - 66 n. 116
- Vernant - 102 n. 198
- Vernet - 19 n. 18
- Versnel - 63 n. 116
- Vial - 36 n. 45
- Vicécia [top.] - 13 n. 4
- Vitrúvio (Vitr.)
2.1.2 - 42 n. 88
8.3.4 - 56
12 - 56
14 - 56
17 - 56
- Vollgraß - 22 n. 24
- Vóssio - 14, 15 n. 7, 156 n. 401
1.1.428 - 163 n. 422
- Walch - 21 n. 22, 107 n. 210
- Walcot - 107 n. 210
- Weilder-Stadt [top.] - 19
- Welcker - 185 n. 521, 187 n. 526
- Wendel - 20 n.20, 23 n. 26
- West - 41 n. 87, 135 n. 312, 176
n. 481
- Wetermann - 21 n. 22
- Whitmarsh - 63 n. 116
- Wilamowitz-Moellendorff - 86
n. 132, 161 n. 418

- Willetts - 146 n. 357
 Williamson - 89 n. 147, 166 n. 427
 Wilson - 18 n. 15
 Winter - 168 n. 438
 Wolfram - 102 n. 197
 Woodard - 41 n. 87
 Wormell - 112 n. 233
 Wulff - 22 n. 24, 23 n. 26
 Wüllner - 160 n. 418
 Wüst - 133 n. 308
- Xantipo [mit.] - 88 n. 140
 Xanto
 Lyciaca - 26, 182, 182 n. 513, 189 n. 527
 Xanto [top.] - 26, 49, 55, 182
 Banhos públicos de Xanto [top.] - 54, 182
 Rio [top.] - 55, 182
 Xenófanés (Xenoph.)
 Fragmenta
 fr. 1.22 DK - 90 n. 151
 fr. 11 Diels - 32 n. 43
 fr. 15 Diels-Kranz - 175 n. 480
 frs. 1, 5, 6, 16 Diels 43 n. 91
 frs. 8-10 Diels 59 n. 106
 frs. 11, 14, 15, 16 Diels - 101 n. 197
 frs. 14-16 Diels - 101 n. 197
 frs. 14, 15, 16 Diels 58 n. 106
 Xenofonte [de Éfeso] (X.)
 Anthia - 63 n. 116
 Habrocomes - 63 n. 116
 Cyropaedia (Cyr.) 5.1.16 - 61 n. 115
 Memorabilia (Mem.)
 1.4.11 - 41 n. 88
 Xerxes - 188 n. 526
 Xilandro, G. (Xylander) - 18 n. 14, 20, 20 n. 20, 21, 78, 112 n. 228, 189 n. 532
 Yalouris - 151 n. 380
 Yasumura - 136 n. 315
- Zagreu [mit.] - 59 n. 106, 117 n. 257
 Zahle - 182 nn. 504-505
 Zenão (Zen.)
 3.32. - 195 n. 563
 Zetes [mit.] - 169 n. 445
 Zeto [mit.] - 120 n. 269
 Zeus [mit.] - 23, 37 n. 63, 41 n. 87, 45, 65 n. 119, 66-67 n. 120, 68-69, 71-72, 74, 74 n. 124, 97 n. 180, 102 n. 197, 105, 107-108, 110, 112 n. 231, 114, 114-115 n. 245, 120, 120 n. 269, 122-123, 127-129, 139, 139 n. 325, 140, 140 n. 336, 145 n. 355, 146, 149, 157 n. 403, 166, 166 n. 427, 167-168, 170 n. 456, 171 n. 462, 175 n. 480, 177, 180-181, 182 n. 507, 184, 184 n. 515, 185, 185 n. 524, 188 n. 526, 190, 196, 200
 Zeus *Brontaios*, *Bronton*, *Brontesios* - 140 n. 333

- Zeus *Epopios* [epit.] - 34, 107
- Zeus *Meilichios* [epit.] - 34, 107
- Zeus Sóter (*Soter*) [epit.] - 34, 107
- Zeus Sóter (*Soter*), *Epopios* e *Meilichios* [epit.] - 107
- Zeus *Xenios* [epit.] - 146 n. 360
- Zeus, altar de - 125
- Zeus, ama de - 184 n. 515
- Zeus, cão de- 120 n. 267, 184 n. 518
- Zeus, descendente de - 186 n. 524
- Zeus, filha de - 100 n. 193, 160
- Zeus, filho de - 74, 116 n. 250, 170 n. 456, 178 n. 491, 185, 185 n. 521, 192
- Zeus, filhos de - 162 n. 419
- Ziebarth - 88 n. 141

VOLUMES PUBLICADOS NA *COLEÇÃO AUTORES*
GREGOS E LATINOS – SÉRIE TEXTOS GREGOS

1. Delfim F. Leão e Maria do Céu Fialho: *Plutarco. Vidas Paralelas – Teseu e Rómulo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
2. Delfim F. Leão: *Plutarco. Obras Morais – O banquete dos Sete Sábios*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
3. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Banquete, Apologia de Sócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
4. Carlos de Jesus, José Luís Brandão, Martinho Soares, Rodolfo Lopes: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete I – Livros I-IV*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
5. Ália Rodrigues, Ana Elias Pinheiro, Ândrea Seiça, Carlos de Jesus, José Ribeiro Ferreira: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete II – Livros V-IX*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
6. Joaquim Pinheiro: *Plutarco. Obras Morais – Da Educação das Crianças*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
7. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Memoráveis*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
8. Carlos de Jesus: *Plutarco. Obras Morais – Diálogo sobre o Amor, Relatos de Amor*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
9. Ana Maria Guedes Ferreira e Ália Rosa Conceição Rodrigues: *Plutarco. Vidas Paralelas – Péricles e Fábio Máximo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

10. Paula Barata Dias: *Plutarco. Obras Morais - Como Distinguir um Adulador de um Amigo, Como Retirar Benefício dos Inimigos, Acerca do Número Excessivo de Amigos*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
11. Bernardo Mota: *Plutarco. Obras Morais - Sobre a Face Visível no Orbe da Lua*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
12. J. A. Segurado e Campos: *Licurgo. Oração Contra Leócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH /CEC, 2010).
13. Carmen Soares e Roosevelt Rocha: *Plutarco. Obras Morais - Sobre o Afecto aos Filhos, Sobre a Música*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
14. José Luís Lopes Brandão: *Plutarco. Vidas de Galba e Otão*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
15. Marta Várzeas: *Plutarco. Vidas de Demóstenes e Cícero*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
16. Maria do Céu Fialho e Nuno Simões Rodrigues: *Plutarco. Vidas de Alcibíades e Coriolano*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
17. Glória Onelley e Ana Lúcia Curado: *Apolodoro. Contra Neera. [Demóstenes] 59*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
18. Rodolfo Lopes: *Platão. Timeu-Critias*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
19. Pedro Ribeiro Martins: *Pseudo-Xenofonte. A Constituição dos Atenienses*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2011).
20. Delfim F. Leão e José Luís L. Brandão: *Plutarco. Vidas de Sólon e Públicola*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2012).

21. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata I*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
22. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata II*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
23. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata III*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
24. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata IV*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
25. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata V*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
26. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VI*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
27. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VII*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
28. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VIII*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
29. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata IX*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
30. Reina Marisol Troca Pereira: *Hiérocles e Filágrio. Philogelos (O Gracejador)*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
31. J. A. Segurado e Campos: *Iseu. Discursos. VI. A herança de Filoctémon*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
32. Nelson Henrique da Silva Ferreira: *Aesopica: a fábula esópica e a tradição fabular grega*. Estudo, tradução do grego e notas. (Coimbra, CECH/IUC, 2013).

33. Carlos A. Martins de Jesus: *Baquíledes. Odes e Fragmentos*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
34. Alessandra Jonas Neves de Oliveira: *Eurípides. Helena*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
35. Maria de Fátima Silva: *Aristófanes. Rãs*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
36. Nuno Simões Rodrigues: *Eurípides. Ifigénia entre os tauros*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
37. Aldo Dinucci & Alfredo Julien: *Epicteto. Encheiridion*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
38. Maria de Fátima Silva: *Teofrasto. Caracteres*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
39. Maria de Fátima Silva: *Aristófanes. O Dinheiro*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
40. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega, Epigramas Ecífrásticos (Livros II e III)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
41. Reina Marisol Troca Pereira: *Parténio. Sofrimentos de Amor*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).

42. Marta Várzeas: *Dionísio Longino. Do Sublime*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
43. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega. A Musa dos Rapazes (livro XII)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
44. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega. Apêndice de Planudes (livro XVI)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
45. Reina Marisol Troca Pereira: *Antonino Liberal. Metamorfoses (Μεταμορφώσεων Συναγωγή)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).

A presente obra de Antonino Liberal, espécime único deste autor grego tardio, segue o expediente tradicional das metamorfoses. Em grego simples, os quarenta e um pequenos episódios mitológicos inscrevem-se numa tendência pragmática imposta a uma literatura que supostamente se pretenderia condensada, imediatista e de leitura rápida. Pese embora a singeleza estilística, se algum material disponibilizado pelo autor segue uma vetusta tradição mitológica, noutros pontos, Antonino inova e introduz o seu génio criativo, considerando o acervo literário da Antiguidade Clássica que subsistiu até à atualidade. As pequenas renovações imprimidas ganhariam fulgor em épocas posteriores, que, para nosso contentamento, não votariam o nome do autor ao esquecimento.

OBRA PUBLICADA
COM A COORDENAÇÃO
CIENTÍFICA



CECH

CENTRO DE ESTUDOS
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

• U



C •

I
IMPRESSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS
U